

Universidade de São Paulo
FFCLRP – Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS – USP – CNPq

Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo

RAFAEL ALVES GALLI

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências,
Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO – SP
2013

Universidade de São Paulo
FFCLRP – Departamento de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – LEPPS – USP – CNPq

Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo

RAFAEL ALVES GALLI

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP, como parte das exigências para a
obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio Dos
Santos

RIBEIRÃO PRETO – SP
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Galli, Rafael Alves

Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. Ribeirão Preto, 2013.

237 p.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP. Área de Concentração: Psicologia.

Orientador: Santos, Manoel Antônio.

1. Sexualidade 2. Transexualidade 3. Travestilidade
4. Práticas Sexuais 5. Roteiros Sexuais

Folha de Aprovação

Galli, Rafael Alves.

Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia.

Aprovado em 07/06/2013

Banca Examinadora

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos_____.

Instituição _____Assinatura_____

Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns_____.

Instituição _____Assinatura_____

Profa. Dra. Anna Paula Uziel_____.

Instituição _____Assinatura_____

Este estudo recebeu apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por meio da concessão de Bolsa de Mestrado.

*Dedico esse trabalho a meu companheiro Danilo Barbosa
– Por sempre acreditar em mim!*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço as minhas colaboradoras que tão gentilmente confiaram em mim para abrirem as portas de seus quartos e falar de sexo e me mostrar como é preciosa a busca pelo amor.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, por se mostrar disposto em mais uma vez me acompanhar nessa jornada. Sua presença e auxílio foram essenciais.

Ao Prof. Dr. Alan Giami pelo auxílio e valiosos apontamentos para o aprimoramento desse trabalho.

A Roberta Noronha de Azevedo pelos ótimos direcionamentos, pelos momentos de reflexão, pelos apontamentos sempre pertinentes e por me ajudar a atravessar e sobreviver a mais uma batalha.

A Lilian Cláudia Ulian Junqueira por ser amiga em todos os momentos e por compartilhar comigo as frustrações e dificuldades do caminho.

A Thaís da ONG Vitória Régia pelo apoio na busca por participantes para essa pesquisa e a Fernanda por me permitir entrar em sua casa.

A minha mãe, Clarise Alves Galli, e ao meu pai, Marcos Roberto Galli, pelo apoio incondicional.

As minhas irmãs, Marisa e Elisa, e aos demais membros da minha família pelos incentivos.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela concessão da Bolsa de Mestrado.

Aos amigos que aturaram meus momentos obsessivos e minhas faltas corriqueiras.

E, especialmente, a Danilo Barbosa, meu companheiro em todos os sentidos. Obrigado por acreditar, por incentivar e por apoiar toda essa minha jornada. Obrigado pelas noites em claro para realizar a revisão desse trabalho e por iluminar todos os meus caminhos, me ajudando através de todos os “pontos sem retorno” e me fazendo feliz a cada novo “dia branco”.

Galli, R. A. (2013). Roteiros sexuais de transexuais e travestis e seus modos de envolvimento sexual-afetivo. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (Orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos).

RESUMO

As diversas facetas da sexualidade estão se tornando cada vez mais visíveis na sociedade atual e duas categorias que começam a ganhar espaço e visibilidade na contemporaneidade são as das transexuais e das travestis. Transexuais são pessoas que não se identificam com seus genitais biológicos (e suas atribuições socioculturais) podendo, às vezes, utilizar da cirurgia de transgenitalização para construir suas expressões de gêneros em consonância com seu bem estar biopsicossocial e político; enquanto travestis são pessoas que se identificam com as imagens e estilos de gêneros (masculinos e femininos) contrários ao seu sexo biológico (machos e fêmeas), que desejam e se apropriam de indumentárias e adereços dessas estéticas; realizam com frequência a transformação de seus corpos por meio da ingestão de hormônios e/ou da aplicação de silicone industrial, assim como, pelas cirurgias de correção estética e de implante de próteses, o que lhes permitem se situar dentro de uma condição agradável de bem estar biopsicossocial. Diversos estudos têm sido realizados, tendo essas pessoas como alvo. No entanto, são poucos os que focalizam as necessidades, desejos e fantasias das mesmas no que tange à esfera sexual. Este estudo tem como objetivo conhecer a vida sexual de travestis e transexuais, dando ênfase às suas práticas e roteiros sexuais. A pesquisa tem enfoque metodológico qualitativo e utiliza a teoria dos roteiros sexuais de Gagnon como referencial teórico. Os dados foram colhidos mediante a aplicação de entrevistas individuais semiestruturadas. Foram entrevistadas 15 pessoas, de 19 a 58 anos, entre travestis, transexuais que já realizaram a cirurgia de redesignação sexual e transexuais que não a realizaram. As entrevistas aconteceram em situação face a face e foram audiogravadas. Também foi utilizado o diário de campo para anotações do pesquisador. Posteriormente, essas foram transcritas integral e literalmente, constituindo o *corpus* da pesquisa. Os achados foram sistematizados, de modo a capturar os modos de organização da vida sexual, os tipos de práticas e os roteiros sexuais, além dos desejos, fantasias, ações e relações que as circunscrevem. Pode-se notar a incorporação de diversos discursos pertencentes à cultura ocidental, em especial a cultura brasileira, sendo os quatro principais: o discurso do gênero, o do amor romântico, o médico-científico e o erótico. Alguns dos aspectos desses discursos são incorporados fielmente aos roteiros, enquanto outros sofrem improvisações de cada colaboradora. Esses discursos são

usados para legitimar a condição feminina de cada uma delas, assim como, para construir suas visões do sexo e de mundo. No nível interpessoal, foram caracterizadas relações unilaterais em diversos níveis e o elemento de sedução como constituinte dos roteiros das colaboradoras profissionais do sexo. As práticas de penetração (sexo vaginal e anal) foram as mais enfatizadas nos discursos, seguidas do sexo oral em detrimento de beijos e carícias, que apesar de pouco referidos, foram mencionados como de extrema importância. Acredita-se que este estudo poderá trazer contribuições relevantes para a compreensão das singularidades da vida sexual de transexuais e travestis, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde focalizadas nas questões sexuais dessas pessoas.

Palavras-chave: transexual, travesti, práticas sexuais, roteiros sexuais.

Galli, R. A. (2013). Sexual scripts of transsexuals and transvestites and their ways of affective-sexual involvement. Dissertation of Master degree for the Pós-Graduation Program in Psychology of the Philosophy, Sciences and Literature Faculty of Ribeirão Preto (Advisor: Prof.. Dr. Manoel Antônio dos Santos).

ABSTRACT

The many facets of sexuality are becoming more visible in society today and two categories that are gaining visibility in contemporary space are transsexuals and *travestis*. Transsexuals are people who do not identify with their biological genitalia (and their sociocultural assignments) and can, sometimes, use the reassignment surgery to build their expressions of gender in line with their biopsychosocial and political welfare; while *travestis* are people who identify with the images and styles of genders (masculine and feminine) contrary to their biological sex (male and female), who wish and appropriate costumes and props of such aesthetic; who perform often transformations on their bodies through ingestion of hormones and/or the application of industrial silicone, as well as by cosmetic surgery and prostheses implants, which allow them to be located within a pleasant welfare biopsychosocial condition. Several studies have been conducted with these people as their target. However, there are few that focus on the needs, desires and fantasies of this people regarding the sexual sphere. This study aims to know the sex lives of *travestis* and transsexuals, emphasizing their sexual practices and sexual scripts. The research has a qualitative methodological approach and uses the Gagnon's theory of sexual scripts. Data were collected through the application of semi-structured interviews. We interviewed 15 people, with ages between 19 and 58 years old, between *travestis*, transsexuals who already underwent sex reassignment surgery and transsexuals who didn't undergo the surgery. The interviews were carried out in face to face situation and were audio recorded. The notes filed of the researcher were also used. Later, the interviews were transcribed in full and literally, constituting the *corpus* of research. The findings were organized in order to capture the ways of organization of sexual life, the kinds of practices and sexual scripts, as well as desires, fantasies, actions and relations that circumscribe them. It may be noted the incorporation of several speeches belonging to Western culture, especially the Brazilian culture, with the top four being: the gender speech, the romantic love speech, the medical-scientific speech and the erotic speech. Some aspects of these speeches are faithfully embedded into the scripts, while others suffer improvisations of each collaborator. These speeches are used to legitimize the feminine condition of each collaborator, as well as to build their visions of sex and of the world. At the interpersonal

level, unilateral relationships were characterized at various levels and the element of seduction as a constituent of the scripts of the sex workers collaborators. Penetration practices (vaginal and anal sex) were more emphasized in speeches, followed by oral sex instead of kisses and caresses, which although rarely reported, were quoted as extremely important. It is believed that this study will bring significant contributions to the understanding of the singularities of the sexual life of transsexuals and *travestis*, as well as for the development of public health policies focused on sexual issues of these people.

Keywords: transsexual, *travesti*, sexual practices, sexual scripts.

SUMÁRIO

Capítulo 1. Minha viagem ao universo Trans	13
Capítulo 2. CENÁRIO CULTURAL - Construindo as diretrizes do pensamento	16
2.1. A transexualidade: mapeando o conceito de transexual	16
2.2. A travestilidade: mapeando o conceito de travesti	23
2.3. A pesquisa da sexualidade	29
2.4. A sexualidade conceitualizada	38
2.5. Revisão integrativa da literatura	44
2.6. O marco teórico: Os roteiros sexuais	54
Capítulo 3. JUSTIFICATIVA	62
Capítulo 4. OBJETIVO	64
Capítulo 5. MÉTODO	65
5.1. Colaboradoras	65
5.2. Procedimentos	67
5.2.1. Coleta de dados	67
5.2.2. Análise dos dados	68
5.3. Cuidados éticos	70
Capítulo 6. CENÁRIO INTERPESSOAL – Construindo as relações	71
6.1. Silvia – A gente usa o corpo um do outro	71
6.2. Bárbara – Se eu amar a pessoa eu vou querer compartilhar inclusive da AIDS dela	78
6.3. Renata – Oi, paixão, já tá chegando no motel?	85
6.4. Adelaide – Se doam, como não se doam pras mulheres... Pelo menos sexualmente	89

6.5. Alice – Bom, eu posso me considerar uma vitoriosa, né?	95
6.6. Márcia – Eu tô ficando famosa, tô dando entrevista	100
6.7. Tânia – Não era um fetiche	105
6.8. Amélia – Sexo pra mim é aquela coisa sem sentimento total	111
6.9. Melissa – Nossa, será que eu vou virar uma vadia?	116
6.10. Amanda – O que será que eles vão pensar de mim, né? Que eu sou a falsa beata	121
6.11. Agnes – Só que a minha sexualidade pede o homem machista do meu lado, entendeu? Faz de mim mais fêmea	127
6.12. Kelly – É, eu vou falar ânus. Cu é feio (risos)	134
6.13. Emília – Eu não quero ter a genitália masculina, isso me incomoda muito	139
6.14. Gisele – Putaria a gente já faz na rua, ganhando dinheiro	143
6.15. Cecília – Eu não sou pato que goza pelo cu	148
Capítulo 7. CENÁRIO INTRAPSÍQUICO – Construindo o indivíduo	155
7.1. Guerra dos sexos – O discurso normativo de gênero	155
7.2. Amor com amor se paga – A busca de um ideal	161
7.3. O sexo dos anjos – A medicalização do sexo	167
7.4. Vale tudo – O erótico e o sexual no Universo Trans	177
Capítulo 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184
APÊNDICES	201
ANEXOS	207

1. Minha viagem ao Universo Trans

Minha caminhada pelo campo de pesquisa da sexualidade, em especial no da diversidade sexual, teve início logo no começo do curso de graduação em Psicologia. Esse sempre foi um tema que aguçou minha curiosidade e quando tive a oportunidade de entrar no campo da pesquisa, sabia que essa seria a minha primeira opção. Sob a orientação do Prof. Manoel Antônio dos Santos e o auxílio dos pesquisadores do grupo VIDEVERSO – Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual comecei a levantar possíveis temas para a minha Iniciação Científica. Também comecei a frequentar o Grupo da Diversidade, um grupo de discussão junto à comunidade realizado por estagiários e uma psicóloga voluntária do VIDEVERSO. Foi em uma das reuniões desse grupo que o campo *Trans* surgiu nas minhas ideias de pesquisa. Eu nada sabia a respeito do tema e em uma das reuniões, na qual a pauta era a transexualidade, duas transexuais foram convidadas a relatarem um pouco de suas vidas. Suas histórias me pareceram fascinantes e despertaram diversas questões que serviram de insumos iniciais para a minha pesquisa.

Em meu projeto de Iniciação Científica, busquei compreender as histórias de vida, com ênfase no processo de construção da identidade sexual e de gênero de mulheres transexuais¹ (MTF – *male to female*). Ao me deparar com as inúmeras facetas que mediam essa construção, a questão da sexualidade e, em especial, da conduta e práticas sexuais chamaram-me a atenção. Nesse cenário, a sexualidade emerge acompanhada de inúmeros e diversificados sentimentos, em certos momentos bastante conflitantes e ambíguos para algumas das participantes. Os resultados do estudo de Iniciação Científica deram origem à Monografia de Conclusão de Curso, defendida junto ao Programa de Bacharelado em Pesquisa da FFCLRP – USP e corroboram que a sexualidade dessas pessoas é um tema delicado e difícil de abordar. O estudo apontou para a necessidade de investigações futuras que focalizassem especificamente a vida sexual e afetiva desses indivíduos².

Paralelamente, outro fator que fomentou o início e a escolha da temática deste estudo de mestrado foi minha aproximação com o Prof. Dr. Alain Giami, pesquisador do *Institut*

¹ Utilizo o termo mulheres transexuais por levar em consideração as reivindicações do movimento das mesmas, colocando que elas são mulheres em primeiro lugar e a condição transexual é algo secundário, caracterizando um contexto vivencial de um período da vida da pessoa e, portanto, deve vir em segundo plano (Machado, 2010).

² A monografia intitulada “Você é homem, você é mulher, eu sou transexual. Muito prazer! – A construção da identidade em transexuais femininos: Histórias de vida” foi orientada pelo Prof. Manoel Antônio dos Santos e desenvolvida com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

National de la Sante et la Recherche Medicale – INSERM – de Paris, França, e professor Livre Docente pela *Université Paris, UP5*, França. O Prof. Alain trabalha com abordagens ideológicas e clínicas da educação sexual. Seu interesse atual, que também é tema do seu mais recente projeto de pesquisa, é investigar as diferentes temáticas relacionadas à população constituída por travestis e transexuais. O referido pesquisador já havia assessorado o meu trabalho de Iniciação Científica durante as várias visitas que fez a Ribeirão Preto, interior de São Paulo, entretendo interlocuções com os pesquisadores do VIDEVERSO. Esse contato profícuo forneceu valiosas contribuições para a estruturação deste estudo, que tem por objetivo conhecer a vida sexual das travestis e transexuais, dando ênfase às suas condutas e práticas sexuais e assim lançar luz sobre o universo sexual-afetivo desses indivíduos.

Para o presente estudo, busquei na literatura um termo que pudesse utilizar para designar de maneira genérica as duas categorias estudadas por meio de um único termo. Inicialmente foi encontrado o termo **Universo Trans**, proposto por Marcos Benedetti (2005), em seu livro *Toda feita: O corpo e o gênero das travestis*. O autor coloca que utiliza esse termo por ele permitir a ampliação das definições possíveis no campo da “transformação de gênero” e que o mesmo abarca não somente travestis e transexuais, como também transformistas, *crossdressers*, *drag queens* e termos como *bicha-boy*, *caminhoneira* e *maricona*, que demonstram algum grau de transformação de gênero. Mais recentemente, foi localizado o termo **Pessoas Trans**, trazido por Alan Giami (2013). O autor define esse termo como “um grupo heterogêneo de indivíduos que, em vários campos, se autoidentificam como travestis, homens ou mulheres transexuais ou como transgêneros, além de outros grupos no que diz respeito a variações da sua identidade de gênero (tradução nossa)”. Giami ainda acrescenta que, por razão das diversas formas de se autodefinir em relação à identidade de gênero, tal termo tem de ser visto como provisório.

Como pudemos notar, não existe na literatura um termo que restringe o diverso universo das identidades de gênero aos dois grupos que são o foco do presente trabalho. Foi pensada na possibilidade de se criar um novo termo que fizesse referência apenas a travestis e transexuais, porém alguns pontos contra essa ideia foram levantados: em primeiro lugar, o campo *Trans* já se depara com uma infinidade de termos em sua alçada, tendo inclusive mais de um para designar a mesma coisa (Carvalho, 2011; Giami, comunicação pessoal, 2 de março, 2013). Portanto, a criação de mais um termo não seria profícuo para o campo. Em segundo lugar, o próprio termo transexual faz referência a homens e mulheres transexuais, fazendo com que esse termo já traga categorias não abarcadas no presente estudo, que só se refere a mulheres transexuais e travestis; e, em terceiro e último lugar, o próprio Benedetti

(2005) utiliza em seu trabalho, que tem como foco somente as travestis, um termo mais amplo.

Por todas as razões apontadas, no presente estudo proponho a utilização desses dois termos para me referir a travestis e mulheres transexuais de maneira genérica, além de também utilizar somente a palavra *Trans*, precedida do artigo “as”, posto que as pessoas referidas possuem uma identidade de gênero feminina.

Apresentarei, na sequência, os passos para a construção do presente trabalho. O **capítulo 1 – Minha viagem ao Universo *Trans*** é essa apresentação. O **capítulo 2 – Cenário cultural – Construindo as diretrizes do pensamento**, a introdução, dividida em seis partes. Na primeira delas exploro o conceito de transexual, mostrando suas variações e construção. Na segunda parte, realizo a mesma análise para o conceito de travesti. Na terceira, faço uma linha do tempo das principais pesquisas e pesquisadores da sexualidade e, como esse campo floresceu e evoluiu, cito algumas pesquisas recentes que se referem ao tema do presente trabalho. Na quarta, trago uma lista dos diversos conceitos referentes ao campo da sexualidade que encontram dificuldade de definição e tem relação com os objetivos do trabalho. A quinta parte é a apresentação de uma revisão integrativa da literatura a respeito das pesquisas realizadas sobre as práticas sexuais das pessoas *Trans* nos últimos 20 anos e a última discorre a respeito do referencial teórico utilizado para a análise dos dados, cuja base é a teoria dos roteiros sexuais de John Gagnon. No **capítulo 3**, trago uma justificativa para a realização do presente trabalho e a exploração do tema das pessoas *Trans*. Os **capítulos 4 e 5** expõem os objetivos do trabalho e a metodologia utilizada para a coleta e análise dos dados. O **capítulo 6 – Cenário interpessoal – Construindo as relações** é dividido em 15 partes, onde são analisadas de maneira individual as entrevistas realizadas, levantando os aspectos culturais, interpessoais e intrapsíquicos de cada colaboradora, assim como um esboço de seus roteiros sexuais. No último, o **capítulo 7 – Cenário intrapsíquico – Construindo o indivíduo**, é realizada uma análise horizontal a respeito dos principais elementos trazidos e que compõem os roteiros sexuais dessas pessoas.

A proposta do presente trabalho se insere em uma linha de pesquisa de Psicologia da saúde e sexualidade, desenvolvida pelo Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da FFCLRP – USP. Acredita-se que este estudo poderá trazer contribuições relevantes para compreendermos as singularidades da vida sexual do Universo *Trans*, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas de saúde focalizadas nas questões sexuais de travestis e transexuais.

2. CENÁRIO CULTURAL – Construindo as diretrizes do pensamento

2.1. A transexualidade: mapeando o conceito de transexual

No emaranhado de sujeitos possíveis da sexualidade humana, entrelaçados com seus desejos, práticas, identidades e orientações sexuais, está presente uma categoria que começa a ganhar mais espaço e visibilidade na contemporaneidade – a transexual³, que é vista como uma faceta muito complexa e de difícil compreensão da sexualidade. Tidos como deuses em civilizações antigas ou vítimas em sociedades opressoras, a transexual é uma pessoa que, anatomicamente, pertence a um sexo, mas acredita pertencer ao oposto (Alcântara, 2002). Segundo Vieira (2000, p. 2):

Transexual é o indivíduo que possui a convicção inalterável de pertencer ao sexo oposto ao constante em seu Registro de Nascimento, reprovando veementemente seus órgãos sexuais externos, dos quais deseja se livrar por meio de cirurgia.

Segundo Harry Benjamin (1966), a transexualidade é o sentimento irreversível de pertencer ao sexo contrário do geneticamente estabelecido e assumir o correspondente papel sexual, ou seja, funcionar como alguém do sexo oposto. Há também o desejo de recorrer a um tratamento hormonal e cirúrgico, encaminhado no sentido de corrigir essa discordância entre a mente e o corpo. Para Guerra e Averasturi (2001), existiriam vários tipos de sexo: o cromossômico, o gonadal, o genital, o psíquico e o social. A transexual é uma pessoa cujo sexo psíquico estaria em desacordo com todos os outros “sexos”. Como se visse um estranho diante do espelho, a transexual não reconhece a sua anatomia, pois o seu “sexo mental” equivale ao oposto. Para Abreu (2005, p. 9), “o sujeito transexual sente-se realmente como pertencente ao sexo oposto, sua anatomia é vivida como um erro da natureza”. Todos esses discursos que trazem a transexualidade como “sentimento” ou “desejo” e sempre vinculada à cirurgia são narrativas baseadas na visão médica que vê a transexualidade como patologia. Como esses foram os primeiros discursos a citarem a transexualidade, precisam ser lembrados. Todavia, atualmente existe o discurso proveniente do campo social a respeito do assunto, que coloca a transexualidade como mais uma possibilidade de construção social do

³ Será utilizado somente o artigo feminino para transexuais pelo fato do trabalho abordar apenas mulheres transexuais, respeitando assim suas identidades.

sujeito. Para Bento (2006), a transexualidade passa a ser encarada como uma experiência identitária, que possui como característica o conflito com as normas de gênero. Como é trazido por Ceccarelli (2003, p. 40), “não se trata de um “desejo” de pertencer ao outro sexo, mas, antes, de uma evidência: o sujeito “é” do outro sexo”.

Kulick (2008) sugere que a transexual atribui a si uma subjetividade feminina, mostrando essências, predisposições e estados internos biologicamente produzidos para justificar e explicar sua condição, ou seja, ela constrói socialmente o seu ser feminino. Benedetti (2005) demonstra a força do discurso médico ao corroborar que a cirurgia de redesignação sexual é o fator que caracteriza, principalmente, uma transexual, como se não pudesse haver a possibilidade de existir uma delas que não ansiasse pela cirurgia. O autor concorda com tal discurso ao colocar esse procedimento como o elemento principal de sua transformação e sem a qual elas continuariam em sofrimento e desajuste. Contudo, ele sai do campo biológico e adentra o social ao colocar a categoria transexual como nova, funcionando mais como autoidentificável do que por atribuição. Benedetti aponta que, em razão do argumento médico/patológico da categoria, muitos indivíduos buscam se reconhecer nela, haja vista que esses aspectos retiram a categoria do campo da moral e a levam ao campo do discurso científico, permitindo assim um maior grau de inserção social. Peres e Toledo (2011) também vão trazer a cirurgia como um elemento para definição, mas diferentemente de Benedetti, vão coloca-la em um caráter de opção e não de obrigatoriedade, focando mais na faceta social. Para os referidos autores:

Transexuais são pessoas que não se identificam com seus genitais biológicos (e suas atribuições socioculturais) podendo, às vezes, utilizar da cirurgia de transgenitalização para construir suas expressões de gêneros em consonância com seu bem estar biopsicossocial e político. (Peres & Toledo, 2011, p. 79)

A observação do lado social da transexualidade é válida, posto que a referência de pessoas transexuais já esteja presente na humanidade desde a Grécia Antiga. Na mitologia grega, existia uma das várias facetas da deusa Vênus, ou Afrodite para os Romanos, denominada Vênus Castina, que se simpatizava com as almas femininas presas em corpos masculinos (Gregersen, 1983).

No reino da Frígia, os sacerdotes do deus Átis, filho e amante de Cibele, se castravam em homenagem ao deus que realizou o mesmo ato devido ao romance com sua mãe. Eles não só se castravam como podiam retirar toda a genitália masculina. Vestiam-se e viviam como mulheres. Na Idade Média dizia-se que uma mulher podia se transformar maleficamente em

homem, mas o contrário não. Isso porque a mulher era vista como um homem pouco desenvolvido (Saadeh, 2004).

Não só na mitologia e na fantasia existem esses seres que habitam o imaginário coletivo desde tempos imemoriais. A história nos mostra que no Império Romano existiam os chamados eunucos, homens que se vestiam e viviam como mulheres, tendo os testículos e o pênis extirpados ou, algumas vezes, somente os testículos. O imperador Heliogábalo, casou-se com um escravo e oferecia metade do seu reino para o médico que lhe desse uma genitália feminina. Nero, após matar sua esposa, foi tomado de remorso e procurou por alguém semelhante a ela. Encontrou-a em um escravo, um jovem chamado Sporus, transformado em mulher pelos cirurgiões do imperador para que se casassem. Eles se uniram com todo praxe tradicional e o jovem viveu como mulher desde então (Gregersen, 1983; Saadeh, 2004).

Apesar de a referência ser antiga, o termo transexual como hoje é conhecido só surgiu em 1923, cunhado pelo médico e homossexual assumido Magnus Hirschfeld que usou em seus trabalhos o termo “*seelischer Transsexualismus*” (transexualismo psíquico). Alguns pesquisadores atribuem a criação do termo ao médico David O. Cauldwell, que em 1949 utilizou o termo em seu trabalho “*Psychopathia transexualis*” publicado na revista *Sexology*. Outros ainda atribuem a cunhagem do termo ao médico Harry Benjamin, que fez uso público da palavra pela primeira vez em uma palestra ministrada em 1953 (Ekins & King, 2001; Gregersen, 1983). Contudo, foi mesmo Benjamin que se dedicou, nas décadas de 40 e 50, a estudar a fundo a questão da transexualidade, tida àquela época como uma *síndrome*. Foi esse autor que criou uma espécie de classificação, uma escala da orientação sexual denominada “Escala Harry Benjamin de Orientação Sexual, Desorientação e Indecisão de Sexo e Gênero (Homens)”, que classifica seis tipos de “desorientação”, indo do pseudotravesti, passando pelo travesti verdadeiro até chegar ao transexual de alta intensidade.

Benjamin também foi o primeiro a diferenciar a transexualidade e a travestilidade⁴ (Benjamin, 1966; Saadeh, 2004). De acordo com Benjamin (1966), os dois fenômenos podem ser considerados como gradações do conflito de gênero, tendo a travestilidade um menor comprometimento em relação ao gênero, enquanto que a transexualidade teria um maior e mais profundo comprometimento. Além disso, o autor também aponta que a travesti representa o sexo oposto, enquanto que a transexual deseja ser e funcionar como o sexo

⁴ Será empregado o termo travestilidade ao invés de travestismo, posto que a terminação “ismo” remete à ideia de patologia ou perversão sexual. Além disso, o termo travestilidade indica as múltiplas possibilidades das experiências travestis (Peres, 2005).

oposto, adquirindo o maior número de características físicas, mentais e até sexuais para si (Leite Jr., 2008).

Estudos como o de Docter e Fleming (2001), que buscaram medir as diferenças comportamentais entre transexuais e travestis, encontraram que os primeiros estão menos voltados para a questão sexual do que as travestis, comprovando tal diferença empiricamente. Contudo, o mesmo estudo também corrobora que cada grupo tem suas exceções na maneira de ser. Benedetti (2005) também vai diferenciar as transexuais das travestis, levantando que as primeiras dominam uma linguagem médico-psicológica para justificar seu modo de ser, fazendo uso de argumentos fundados em noções de doença e desvio, colocando-se e crendo-se doentes e apoiando-se no tratamento e na cirurgia como forma de ajustamento do corpo com a personalidade.

Em 1980, o diagnóstico de “transexualismo” foi oficialmente introduzido na classificação psiquiátrica, como categoria do DSM-III (sigla inglesa para Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), mas sob a designação de “síndrome de disforia de gênero”. Com o DSM-IV, de 1994, o “transexualismo” passou a ser chamado de “transtorno/desordem da identidade de gênero”. Já na CID-10 (Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde, 10ª versão) o termo utilizado ainda é “transexualismo” (American Psychiatric Association [APA], 2002; Athayde, 2001; Organização Mundial de Saúde [OMS], 2008).

A definição de transexualidade da CID-10 é muito semelhante à conceituação proposta por Benjamin, uma vez que contém os mesmos pressupostos: desejo de pertencer ao sexo oposto, incompatibilidade com o sexo anatômico e desejo de submissão a tratamento hormonal e cirúrgico para adequação. A CID-10, assim como o DSM-IV-TR, propõe critérios para o diagnóstico de “transexualismo”. Ambos prescrevem que as características descritas devem ter certa persistência, e não deve haver caracterização de outros transtornos mentais (comorbidade psiquiátrica) ou qualquer anormalidade intersexual (hermafroditismo ou pseudo-hermafroditismo). A CID-10 é a única a delimitar essa persistência por um período de dois anos. Esses instrumentos diagnósticos colocam a cirurgia de redesignação sexual como um legítimo tratamento para o “transexualismo” (Abreu, 2005; OMS, 2008). Por outro lado, é preciso observar que “tal medida, ao mesmo tempo em que legitima o direito dos transexuais a esse recurso da medicina, medicaliza e torna a condição transexual desviante ou anormal, a qual deve ser tratada e corrigida” (Cardoso, 2005, p. 424). Miskolci (2002/2003) retira por completo a transexualidade do patamar de doença, posto que o elemento considerado desviante no sujeito transexual – a identidade – não passa de algo construído e o transexual,

por sua vez, só é “anormal” por ousar ser “desviante”.

Partindo da ideia até a concretização do que é ser transexual levou-se certo tempo, mas não foi surpresa a mesma passar do âmbito social e ser inserida completamente no âmbito biológico como um distúrbio. Primeiramente pelo fato da transexualidade ser desviante das normas sociais e, principalmente, pelo fato das pesquisas médicas começarem a tornar possíveis as cirurgias de redesignação sexual, a medicina pode reivindicar para si a custódia sobre a transexualidade.

Um dos primeiros transexuais conhecidos que realizou uma cirurgia de redesignação era biologicamente mulher, de nome Sophia Hedwig, que em 1882, após o tratamento, ganhou pênis, barba e adotou o nome de Herman Karl (Gregensen, 1983). Entretanto, foi só na década de 20 que relatos de operação de mudança de sexo em hermafroditas e pseudo-hermafroditas, e mais tarde em não hermafroditas começaram a ser divulgados. Em 1921, Feliz Abraham realizou a primeira cirurgia documentada em um homem sem características hermafroditas, chamado Rudolf e, alguns anos depois, em Einar Wegener. Einar, que se tornou Lili Elbe, veio a falecer alguns meses depois da cirurgia e até hoje não se sabe se era um caso de transexualidade ou de hermafroditismo. Robert Cowuell, aviador da Segunda Guerra Mundial, tornou-se Roberta Cowuell, passando aos anais da medicina como mais uma cirurgia bem-sucedida em um não hermafrodita (Arán, 2006; Goddard, Vickery & Terry, 2007).

Todas essas intervenções despertaram o interesse dos meios de comunicação de massa para o assunto, principalmente com o caso de George Jorgensen. George era um menino nascido em Manhattan que no final de sua adolescência percebeu-se diferente dos demais. Na Dinamarca, conseguiu fazer uso de hormônios e submeteu-se à cirurgia, na qual foram retirados o pênis e os testículos, mas sem a construção de uma neovagina, tornando-se Christine Jorgensen (Saadeh, 2004).

Em outros países, como na Índia e na Austrália, já existiam rituais relacionados a “troca de sexo”, alguns datando de vários anos. Na Índia, até a presente data existe a casta dos Hijras, homens que vivem suas vidas como mulheres. Essas pessoas passam por um ritual no qual tem sua genitália cortada com um único golpe de faca, resultando em um ferimento que leva 40 dias para curar, mas “transforma” esses homens em mulheres. Já entre os aborígenes da Austrália relata-se uma cirurgia primitiva chamada de “Mika”, na qual se divide a uretra para se produzir uma hipospádia artificial. É dito que o homem que realizou uma Mika possui uma vulva (Goddard et al., 2007).

No Brasil, a primeira cirurgia de redesignação sexual foi realizada no ano de 1971, pelo cirurgião plástico Dr. Roberto Farina. Apesar de a cirurgia ter sido um sucesso, essa

intervenção rendeu ao cirurgião dois processos, sendo um no Conselho Federal de Medicina e outro em nível criminal, pois a cirurgia foi considerada uma mutilação, fato que atenta contra o Código Penal e o Código de Ética Médica vigentes na época. Farina foi condenado nas duas instâncias, mas após um tempo conseguiu retornar às suas atividades profissionais (Saadeh, 2004). As intervenções cirúrgicas dessa natureza só foram possíveis no país após haver uma mudança na legislação médica. Em 1997, o Conselho Federal de Medicina regulamentou, por intermédio de uma Resolução, a prática da cirurgia de redesignação, restringindo-a a hospitais universitários ou públicos adequados à pesquisa. Essa resolução definia que a cirurgia de redesignação tem uma “intenção de beneficência” como motivo essencial, baseando-se em dois princípios: o primeiro, terapêutico, buscava a integração corpo e mente; já o segundo, referia-se ao princípio de autonomia e justiça (Arán, Murta & Lionço, 2009).

Em 2002, uma nova diretriz foi estabelecida por meio da Resolução 1652, que revogou a Resolução anterior, autorizando os médicos a realizarem o tratamento cirúrgico após um período de dois anos, tempo no qual o paciente deve contar com acompanhamento de médico psiquiatra, cirurgião, psicólogo, endocrinologista e assistente social. Nessa nova Resolução, também ficou estabelecido que as cirurgias em mulheres transexuais poderiam ser realizadas fora do âmbito de pesquisa e em qualquer hospital, público ou privado. Entretanto, no caso de homens transexuais, a cirurgia ainda é restrita a hospitais-escola e devem ter caráter estrito de pesquisa (Arán et al., 2009).

Mais recentemente, em 2008, houve um avanço na questão legal da cirurgia com uma portaria do Ministério da Saúde (portaria nº 1707) e outra da Secretária de Atenção a Saúde (portaria nº 457), que instituem, respectivamente, o processo transexualizador no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e os regulamentos de tal processo (Ministério da Saúde, 2008). Tais regulamentos incluem acesso universal ao tratamento livre de discriminação, atenção de equipe multidisciplinar, tratamento hormonal e cirúrgico. Todavia, essas iniciativas foram frustradas, em decorrência de pressões dos setores conservadores da sociedade, que insurgem contra qualquer avanço na questão (Ventura & Schramm, 2009). Atualmente são apenas quatro os hospitais no país que realizam esse acompanhamento pelo SUS, todos ligados à instituições de ensino e pesquisa (Giami, comunicação pessoal, 2 de março, 2013). Outro avanço, este bem sucedido, foi o fato de que, em 2008, o Ministério da Saúde também divulgou o direito garantido pela Carta dos Usuários da Saúde do SUS, que as travestis e as transexuais podem usar seus nomes sociais nos prontuários de atendimento do Sistema Único de Saúde – SUS (Folha de São Paulo, 2008).

Por mais que não pretendamos, no presente estudo, tratar a transexualidade como uma

doença, mas sim como uma construção identitária, não podemos fugir do fato de que atualmente essa temática é um problema para os serviços de saúde pública. Isso porque são poucas as equipes preparadas para a realização, não só da cirurgia, mas em especial do acompanhamento multidisciplinar necessário para os casos, e que ainda existe um grande preconceito por parte dos profissionais de saúde em relação às transexuais. Existem muitas discussões atualmente à respeito de se retirar ou não a transexualidade do campo médico-patológico, principalmente no que se refere à classificação de doenças. Um dos argumentos que segura a discussão é o de que, se removida do patamar de doença, a cirurgia de redesignação sexual passa a ser um procedimento estético e, portanto, não mais de responsabilidade do Estado arcar com seus custos, que giram em torno de 10 a 20 mil reais. Em contrapartida, o outro lado da discussão coloca que é preciso despatologizar, mas não desmedicalizar, ou seja, é necessário olhar para a transexualidade não como uma doença, mas como uma condição humana que pode precisar de auxílio médico.

Bento (2010) amplia mais as justificativas de porque o argumento da patologização é irreal. Segundo a autora, vivemos em um Estado-nação que nós mesmos construímos e que, em sua legislação e constituição, garante o acesso à saúde para todos os indivíduos. Por essas razões, o Estado deveria estar pronto a fornecer qualquer elemento do processo transexualizador ou todo ele, caso as pessoas precisarem desse para sua adequação biopsicossocial, deixando de observar o discurso de gênero com algo a-histórico e natural.

A referida autora ainda busca derrubar outros argumentos contra o processo de despatologização, como o saber científico existente nos documentos de categorização diagnóstica que, segundo ela e os próprios documentos, não pode ter confiabilidade, posto que não existe qualquer teste diagnóstico específico para o Transtorno de Identidade de Gênero; o discurso da naturalização dos gêneros que sabemos que são construções sociais; e a impossibilidade de flexibilização dos protocolos que são baseados em discursos normativos e não levam em consideração a diversidade das possibilidades de construção das identidades de gênero.

Arán (2010) também argumenta nesse sentido, dizendo que a transexualidade não fixa uma única posição subjetiva, posto que as identificações de gênero são processos que nem sempre conseguimos apreender, descrever e acompanhar por serem inconscientes, corporais e complexos. Além disso, a autora ainda lembra que a categoria transexualidade foi criada para regulamentar o acesso às mudanças corporais do sexo, já que tanto o sexo quanto o gênero são passíveis de determinações históricas e políticas.

O movimento para a despatologização da transexualidade ganha mais adeptos e

defensores a cada dia. Todavia, diferentemente de tudo isso, a travestilidade não é olhada por ninguém sobre nenhum ângulo, ficando restrita aos espaços públicos nos quais as travestis são vistas como seres abjetos e mercadorias.

2.2. A travestilidade: mapeando o conceito de travesti

Ao contrário da transexualidade, a travestilidade é um campo praticamente sem domínio médico, político ou social. Isso porque nenhuma instância da sociedade abarca as travestis como sua propriedade para explica-las e normatiza-las. No ambiente das pesquisas, somente os pesquisadores sociais e psicólogos é que buscam se aventurar junto à essa população, apesar da medicina defini-la como um distúrbio. A travesti contempla inúmeras definições, passando por “homem que se veste de mulher⁵” até “pessoa fisiologicamente homem, mas que se relaciona com o mundo como mulher” (Justa, 2006). Picazio, Bittencourt, Brugnera e Araujo (1998) mostram que existem dois tipos de travesti: o clássico, homens heterossexuais que se comportam de acordo com seu gênero, mas precisam vestir roupas femininas para se excitar; e o popular, homens que se sentem homens e mulheres ao mesmo tempo, e em uma visão reducionista e biologizante são muitas vezes referidos como “hermafroditas mentais”. Os mesmos autores ainda afirmam que algumas travestis populares sentem necessidade de fazer modificações no seu corpo, como o uso de silicone, para se adequar a esse lado feminino, e sua orientação sexual pode ser tanto homo, hétero ou bissexual. Para Moraes (2009, p. 1):

Travestis são pessoas que nascem com um Sexo Biológico masculino, mas que se vestem, vivem e assumem cotidianamente comportamentos femininos e podem até modificar seus corpos com injeções de hormônio, aplicações de silicone industrial e outras cirurgias plásticas, mas não sentem desconforto algum com seu Sexo de Nascimento.

Segundo Cardoso (2005), travesti é a pessoa que se veste com roupas do sexo oposto com caráter místico, festivo, religioso ou de prazer sexual. O autor divide as travestis em três

⁵ É importante apontar que a travestilidade também faz parte do universo feminino, ou seja, também existem mulheres que se vestem de homens. Contudo, essas mulheres geralmente passam despercebidas, sobretudo em uma época de moda *unissex* como a contemporânea, e são mais raras. Além disso, diferentemente de um homem com um jeito mais feminino que é facilmente categorizado como travesti, uma mulher com um jeito mais masculino continua a ser classificada como lésbica. Por essas razões, no presente estudo faremos referência apenas às travestis que são, biologicamente, homens.

categorias: as ocasionais, que vivem como homens e podem ter um casamento heterossexual – o que, atualmente, é denominado como *crossdresser*; as que têm conflitos mais estáveis, que se travestem com mais frequência e até recorrem a cirurgias para modificações corporais, mas que não desejam submeter-se ao processo de redesignação sexual; e aquelas que caracterizam o que, neste trabalho, designamos de transexuais. De acordo com Benjamin (1966), travestilidade seria o desejo de experimentar mudanças físicas, convertendo o corpo em algo próximo ao feminino, sendo que a vontade de modificar o sexo biológico não existe, ainda que tal pensamento possa aparecer em eventuais fantasias. Além disso, segundo o referido autor, a pessoa se encontra em um estágio de conflito emocional adiantado.

Pelúcio (2006a) enfatiza a presença do social ao definir a travesti como uma pessoa que é biologicamente homem, mas que busca incorporar em seu físico símbolos relacionados socialmente ao feminino, sem buscar, contudo, a modificação dos genitais. Na mesma linha de raciocínio, Peres e Toledo (2011, p. 79) definem a travesti nos seguintes termos:

Travestis são pessoas que se identificam com as imagens e estilos de gêneros (masculinos e femininos) contrários ao seu sexo biológico (machos e fêmeas), que desejam e se apropriam de indumentárias e adereços dessas estéticas; realizam com frequência a transformação de seus corpos por meio da ingestão de hormônios e/ou da aplicação de silicone industrial, assim como, pelas cirurgias de correção estética e de implante de próteses, o que lhes permitem se situar dentro de uma condição agradável de bem estar biopsicossocial.

É interessante notar que, dentre as definições apontadas, a maioria dos autores enfatiza o uso das vestimentas como principal fator para caracterização da travestilidade. No entanto, como aponta R. Ferreira (2009), para se entrar no *ethos* das travestis, as modificações corporais, tais como depilação, maquiagem, o uso de hormônios e as cirurgias plásticas, são componentes imprescindíveis. H. Silva (1993) demonstra esse fator ao definir a travesti como uma pessoa de possibilidades, que não é somente quem se veste de mulher, mas quem toma hormônios e coloca silicone e tem, junto à sociedade, papel de um ser humorístico e mitológico. Para o autor:

O principal trabalho do travesti é a correção de sua própria natureza. Ele tem do toureiro a coragem viril e intimidadora, associada a delicadas e femininas preocupações com a aparência e o vestuário (H. Silva, 1993, p. 37).

Seguindo esse raciocínio, Benedetti (2005) afirma que travesti é o indivíduo que promove mudanças corporais visando uma aproximação o mais fiel possível a um corpo biologicamente feminino, vivendo e se vestindo cotidianamente como pessoas do sexo

feminino e deixando claro que não deseja modificar sua genitália. Para Kulick (2008), a travesti não se caracteriza apenas pelas roupas femininas e o fato de traja-las. A principal característica definidora são os nomes femininos, roupas, penteados, adornos, maquiagem, pronomes de tratamento, hormônios e silicone para a formação de um corpo feminino. Contudo, o autor enfatiza que elas não se definem como mulheres, nem buscam *ser* mulheres, mas se *sentirem* como uma. Para elas, quem quer mudar de sexo é louco e precisa de ajuda profissional, posto que para gozar é preciso ter um pênis.

Ainda segundo o autor, a importância do pênis como órgão responsável pelo prazer e com um papel central na vida sexual das pessoas auxilia o surgimento de razões para não se fazer a operação, sendo que algumas chegam a beirar o absurdo, como o fato de que, com a cirurgia, o sêmen não teria mais por onde sair do corpo e, por isso, iria para o cérebro, levando à loucura. É a importância atribuída e a não rejeição do órgão sexual, e não o uso das vestimentas, que acaba sendo o ponto de maior destaque quando se busca definir o universo travesti. Azevedo Jr. (2002) deixa isso bem claro ao dizer que a travesti aprecia seu pênis e tem o cuidado de não prejudicar sua capacidade de ereção ao ingerir hormônios. Ainda segundo o autor, não é somente a presença do órgão masculino que traz determinadas características para as travestis, posto que elas se mostram masculinas no momento em que isso se torna necessário, fato também apontado por Kulick (2008). Nesse sentido o autor define:

A travesti não é mulher, tampouco é homem, e é isso que intriga. A travesti é tudo isso e nada disso - a travesti é ela. É alguém que rompe com toda a lógica construída em torno de um mundo dividido por polaridades e antagonismos. É a expressão mais concreta e viva de uma nova ordem universal, onde não existem teses ou antíteses, apenas sínteses. (Azevedo Jr., 2002, p. 93).

Definições à parte, assim como as transexuais, a referência de seres com características masculinas e femininas que coexistem no mesmo corpo ou que, sendo de um sexo, se caracterizavam como de outro, também datam da Grécia Clássica. Na mitologia grega vemos o caso de Hermafrodito, filho de Afrodite e Hermes, ambos os sexos no corpo de um só ser; ou Tirésias, o famoso adivinho que passou uma parte da sua vida como homem e outra como mulher. Citemos ainda Cécrops, que possuía uma natureza dupla, sendo a metade superior de seu corpo de homem e a metade inferior, de mulher (Abreu, 2005). Dentro da história mundial, imperadores romanos também são descritos por se travestirem. No século IX teria existido até mesmo um papa – Papa João VIII que, na realidade, seria uma mulher travestida de homem. No ano de 1150 d.C., Trotula, a maior autoridade em ginecologia da

época, teria sido um homem que se travestia de mulher para cuidar de mulheres. Na Renascença, o rei da França, Henrique III, queria ser tratado como mulher e apareceu travestido para seus deputados. Nos Estados Unidos, o Lorde Cornbury, primeiro governador colonial de Nova York, chegou ao Novo Mundo vestido de mulher (Saadeh, 2004).

No reinado de Luís XV, existiu Chevalier d'Eon, um espadachim e agente secreto do rei. Ele nasceu homem e, quando criança, sua mãe o vestia com as roupas da irmã para se divertir. Pela sua estrutura física, conseguiu enganar muitas pessoas se passando por mulher, entre elas a Madame de Pompadour e a czarina Elizabeth. Como agente secreto feminino, ajudou a relação da França com vários países e teve diversas amantes. Ao final de sua vida, passava o tempo todo vestido de mulher, após o rei Luís XV ter “comprovado” seu sexo feminino por ocasião de uma confusão. Deriva de seu nome a palavra eonismo, que significa “travestismo” (Giacometti, 2002).

Em contraponto a essas pessoas que, em diferentes períodos históricos, foram vistas com estranheza em suas épocas e culturas, há registros de membros de várias tribos (norte-americanas, africanas, siberianas, brasileiras, da Patagônia e até da Oceania) nas quais a mudança de gênero sempre foi aceita e bem assimilada socialmente (Saadeh, 2004). Em muitas dessas tribos as relações entre dois homens só se dá com um dos envolvidos travestido (Gregersen, 1983).

No âmbito da pesquisa científica, um dos pioneiros a estudar sistematicamente a travestilidade foi o professor de psiquiatria em Berlin, Carl von Westphan, que no século XIX publicou a história de um homem e de uma mulher que se vestiam com roupas do sexo oposto desde a infância. Contudo, foi novamente o médico Magnus Hirschfeld que primeiro publicou, em 1910, extenso tratado intitulado “*Die Transvestiten: eine Untersuchung über den erotischen Verkleidungstrieb*” (“Os travestidos: uma investigação do desejo erótico por disfarçar-se”) com casos clínicos de pessoas que tinham necessidade de se vestirem com roupas do sexo oposto. Foi ele também um dos primeiros a empregar o termo *travesti* ao descrever 10 variedades de “travestismo” (Moraes, 2009; Saadeh, 2004).

O termo *travesti*, de acordo com o dicionário Michaelis (2009), significa “disfarce, disfarce sob o traje de outro sexo, pessoa que gosta de vestir roupas associadas normalmente ao sexo oposto ou ator ou atriz com traje e papel próprios do sexo oposto”, e tem sua origem na língua francesa. Tal origem é proveniente do termo *travesti*, que no inglês se tornou *travesty*, que era uma forma grosseira do *burlesque* (gênero cômico do teatro) no qual um assunto nobre e digno era tratado de forma trivial, inapropriada e ridícula, com os atores vestidos com roupas do sexo oposto (fato que sempre esteve presente no teatro já que, no

início, as mulheres eram proibidas de atuar) (Wilkie, 2010). Outras fontes relatam que o termo francês correto seria *travestire* (disfarçar-se) e que data de 1543, estando também ligado aos bailes de máscaras. Para alguns pesquisadores, o termo passou a referir-se a um homem vestido com roupas de mulher no ano de 1652, enquanto para outros o ano seria 1831 (Leite Jr., 2008). Apesar de todos esses apontamentos, o termo com seu significado mais popular é proveniente do utilizado por Hirschfeld, que em sua etimologia significa algo como “vestir cruzado” ou “transpor a vestimenta” – do latim *Trans*, que significa cruzar, transpor, sobrepassar, e *vestite*, *vestire* ou *vestitus*, que significam vestir.

No campo médico, o “travestismo”, termo pelo qual é designado no DSM-IV e na CID-10, está presente na classificação psiquiátrica desde 1952, no DSM-I, na qual fazia parte dos desvios sexuais (APA, 1952). Atualmente, no DSM-IV-TR, publicado em 2002, o travestismo é denominado de “fetichismo transvéstico”; enquanto que na CID-10 existem dois tipos de travestilidade: o travestismo fetichista e o travestismo bivalente (APA, 2002; OMS, 2008).

A classificação do DSM-IV-TR e o primeiro tipo da CID-10 liga a travestilidade a um fetiche, afirmando que o ato de utilizar roupas do sexo oposto leva à excitação sexual do indivíduo. É claro que esse comportamento existe dentro da esfera humana e dos fetiches, mas não está vinculado ao caso das travestis que eventualmente vemos pelas ruas ou nas casas noturnas, e que foram definidas como objetos do presente estudo. Essa ligação com o fetichismo, segundo Leite Jr. (2008), pode estar relacionada ao fato de que no processo de criação da categoria travesti ela foi relacionada à ideia de algo verdadeiro ou não, posto que o pseudotravesti é uma categoria existente em diversas classificações. Por não ser “verdadeira” em 100% das vezes, a travesti passa a ser vista como um comportamento ligado à esfera íntima e pessoal. É somente na CID-10 que conseguimos nos aproximar mais da definição de travesti utilizada neste estudo, por meio da categoria “travestismo bivalente”:

Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual (OMS, 2008, p. 210).

Como já foi dito anteriormente, as travestis, como as definimos no presente estudo, fazem uso de artifícios cirúrgicos para a modificação do corpo, à exceção da cirurgia de redesignação sexual. Contudo, como as transexuais, as travestis também são tratadas aqui como uma possibilidade de construção identitária do sujeito, tendo as referências ao campo

médico sido trazidas por fazerem parte do histórico da construção dessa categoria. As modificações corporais, nesse caso, estão mais relacionadas com a questão social do que com a questão médico-biológica. Rosengren (2006) apresenta em seu estudo uma característica dos Matsigenka, habitantes das margens dos rios Urubamba e Manu, no sudeste do Peru, que demonstram essa relação muito bem, não só no que diz respeito as travestis, mas das pessoas *Trans*. De acordo com o autor, a população matsigenka vê as transformações corporais como uma consequência do desejo da sociabilidade do Eu – e é esse Eu quem determina a identidade. A questão da transformação colocada em relação às pessoas *Trans* se torna muito interessante, uma vez que é por meio dessas mudanças corporais que tanto transexuais quanto travestis buscam se enquadrar. Mas se enquadrar a qual padrão? Seguindo o raciocínio de Rosengren, é exatamente ao da sociedade, haja vista que o corpo é a ferramenta que temos para o contato social. Assim, poderíamos pensar que é justamente pelo desejo de sociabilidade do Eu que a busca pelas modificações corporais é constantemente reiterada. É, nesse sentido também, uma busca pela justa medida, isto é, pelo ajustamento a uma determinada norma.

Contudo, tal ajustamento é complexo e difícil, fazendo com que no seu percurso as pessoas estejam mais fora do que dentro das normas sociais. Como é colocado por Azevedo Jr. (2002), a travesti não apenas rompe com os padrões da heteronormatividade e com os padrões do masculino, também cria um novo feminino, pois como afirma Peres e Toledo (2011, p. 83) “há um feminino genuinamente travesti”. É exatamente por esses seres estarem fora da norma e se mostrarem ao mundo da maneira que elas são e se sentem bem, é que sofrem preconceitos e são vítimas de discriminação social. A travesti choca e embaralha tudo o que se considera norma e referência, bagunçando o universo inteligível (Azevedo Jr., 2002; Peres & Toledo, 2011). Os campos em que elas experimentam o preconceito são os mais variados, mas em especial no mercado profissional (Peres, 2006). A extrema dificuldade de obter emprego acaba levando a maior parte delas para o mundo da prostituição, como alternativa para que possam garantir a sobrevivência na sociedade capitalista, o que, por sua vez, acaba contribuindo para associar a imagem social da travesti à prostituição e à promiscuidade no imaginário popular. Jimenez e Adorno (2009), em estudo intitulado “O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti”, relatam a história de três irmãos que nasceram no interior do Nordeste brasileiro e que vieram para o Estado de São Paulo por terem sido expulsos pelo pai de casa e para tentar uma vida melhor. Em suas histórias de vida, os irmãos relatam o preconceito que sofriam de colegas de trabalho e dentro de empresas em que eles atuaram como empregados, por seus trejeitos mais femininos, revelando como a prostituição foi um dos poucos caminhos nos quais eles

puderam se inserir mais confortavelmente para garantirem sua subsistência. Como afirmam Peres e Toledo (2011), travesti não é sinônimo de prostituição. Essa ligação só existe por conta das desigualdades políticas, raciais, de gênero, sociais e sexuais que incidem sobre esses indivíduos. É por colocarmos a travesti no lugar da abjeção, ou seja, nos espaços sociais inabitáveis, nos quais não se tem o status de sujeito, tratando-as como monstros que essas têm como única opção a margem em todas as instâncias (Garcia, 2009; Peres & Toledo, 2011).

É por ousarem ser desviantes, posto que elas se atrevem não somente a desviarem-se da norma, como também a unirem em um único corpo todos os sinais exteriores que definem o masculino e o feminino em nossa cultura, por serem homem e mulher ao mesmo tempo (Azevedo Jr., 2002; Miskolci, 2002/2003), que as travestis, muito mais do que as transexuais, são difíceis de definir e compreender em todos os seus aspectos constituintes. Atualmente, há uma forte tendência à medicalização e à exclusão social dessas pessoas que, por serem tão diversas e controversas, “nos obrigam a repensar fundamentalmente as bases da sexualidade em geral e, conseqüentemente, da normalidade” (Ceccarelli, 1998, p. 137).

2.3. A pesquisa da sexualidade

A sexualidade está presente na humanidade desde seus primórdios. Todavia, a partir de uma perspectiva histórica, o uso do termo *sexualidade* é relativamente recente nos espaços da vida cotidiana. Esse termo foi cunhado no século XIX, na busca de se ter uma palavra que expressasse o que, dentro do sexo, extrapola o ato em si, ou seja, a sexualidade não se refere ao ato sexual, mas ao “conjunto de fantasias e ideias que cada um constrói sobre si e para si em função daquilo que supõe levar ao gozo” (Villela & Arilha, 2003, p. 98).

A sexualidade não é um dado da natureza, não é apenas um conjunto de estímulos biológicos que buscam uma liberação (Azevedo Jr., 2002), já que, segundo Bozon (2004), o homem tem que aprender o como, o quando e o com quem ser sexual e necessita dar significado aos seus atos. Isso mostra que a construção social tem um papel central na elaboração da sexualidade e que essa não se explica por ela mesma ou pela biologia. Para o referido autor, a sexualidade é uma construção social constante, na qual temos que estabelecer relações entre os fenômenos sexuais e outros processos sociais.

Segundo Villela e Arilha (2003), a sexualidade se ancoraria em dois patamares: as sensações corporais (que englobam o sexo e o prazer) e as normas referentes à proibição e/ou

permissão dessas sensações. Ou, olhando de outra forma, uma esfera privada e uma esfera pública (Gagnon, 2006). Para Giddens (1993), a sexualidade é algo que temos ou cultivamos, em contraposição a uma condição natural pré-estabelecida. É uma característica maleável do eu que conecta, assim como para Villela e Arilha, o corpo e as normas sociais. No entanto, o autor vai incluir mais um elemento que é a autoidentidade. Bozon (2004) concorda com esse terceiro elemento ao afirmar que a sexualidade é o principal fundamento da individualização e da construção dos sujeitos. Foucault (1999) vai apontar que as formas impulsionadoras da sexualidade são o corpo, o discurso (as normas) e o poder.

As normas, esses elementos que apoiam, impulsionam e fazem parte da sexualidade, nada mais são do que construções culturais que nos ditam os signos e símbolos que são aceitos e desejáveis no que se refere ao campo sexual, reforçando e concretizando o aspecto construcionista social da sexualidade. Entretanto, é importante apontar que tais normas são específicas de cada cultura e tempo histórico. Apesar de serem gerais, elas não são seguidas por todos (tome-se de exemplo a população LGBT) e estão em contínua mudança, sendo, portanto, criadas e recriadas a cada instante, o que caracteriza a sexualidade como não universal (Bozon, 2004; Heilborn, 2006; Villela & Arilha, 2003). A própria pesquisa sobre a conduta sexual acaba se tornando uma conduta sexual, no sentido em que sua forma e descobertas influenciam a sexualidade da sociedade e a cultura da mesma, criando novos conceitos e padrões a serem seguidos (Gagnon, 2006). É por razão de todas essas recriações que a sexualidade se torna um campo extremamente fértil para a pesquisa.

As primeiras pesquisas e teorias sobre a sexualidade existem desde tempos imemoriais. Os gregos já buscavam explicações para a existência de algumas práticas sexuais, como a pederastia. Heródoto, historiador grego, foi um dos primeiros a criar uma teoria do comportamento sexual ao dizer que as pessoas que viviam em climas mais quentes tinham a tendência a serem sexualmente mais ativas do que as que viviam em climas frios. Em 1980, G. P. Murdock confirmou, em uma pesquisa com 126 pessoas, que as regras de comportamento sexual mudam de acordo com as zonas climáticas, o que sustenta de certo modo a tese de Heródoto. Com o passar dos séculos, as questões referentes à sexualidade eram provenientes dos relatos de exploradores, como Marco Polo no século XIV, ou de estudos voltados a questões biológicas e de reprodução, como os desenhos anatômicos de Leonardo da Vinci. Já no Oriente, uma tradição em relação à sexualidade e às práticas sexuais mais sofisticadas surgiu, dando origem ao Kama Sutra de Vaatsyaayana. Esse livro, datado entre 200 e 400 d.C., traz gravuras e explicações relativas à diversas posições sexuais (Gregersen, 1983).

Nesse período da Idade Média, havia o pensamento de que o sexo era um só: o masculino. A mulher era tida apenas como um homem incompleto e não totalmente desenvolvido. Também nessa época, o discurso sobre sexo e as funções corporais estava mais presente na vida das pessoas, sendo falado abertamente inclusive com as crianças, além dos próprios atos serem mais explícitos. Foi somente no século XVIII que uma nova visão surgiu e o sexo passou a ser dois, cada um com seu respectivo gênero, e a sociedade passou a controlar e dissimular a esfera sexual. Ela contou com uma grande ajuda da Igreja que buscou tornar o tema seu domínio exclusivo, levando tudo para um espaço íntimo e privado, fazendo com que o discurso sexual se tornasse domínio de poucos (Bozon, 2004; Dantas, 2010; Giddens, 1993; Leite Jr., 2008).

Na visão de Leite Jr. (2008), para compreendermos todas essas mudanças a figura do hermafrodita é muito importante. Segundo o autor, essa figura esteve presente desde o pensamento grego e é a partir dela que corpos e gêneros foram questionados e limitados, removendo a ambiguidade sexual do campo biológico e cedendo espaço para pessoas sexuadas e sexualizadas. É a partir desse corpo ambíguo do hermafrodita que se cria o “normal” e as leis que naturalizam as diferenças sexuais. As leis criadas pelo discurso científico da biologia nada mais são do que as normas de gênero que se tornam a-históricas, atemporais e universais, e passam a não organizar somente o saber como também modelar a visão do indivíduo. Com isso, molda-se a sexualidade em torno dos genitais, que passam a ser o elemento definidor do verdadeiro sexo. Giddens (1993) vai dizer que essa “tirania genital” também se dá pelo fato de ter sido retirada a libido das partes do corpo necessárias ao trabalho na sociedade capitalista. Esse pensamento só vai tornar-se mais maleável com o surgimento das ciências da psique que vão interiorizar o sexo, tirando o foco do corpo e passando para o “eu sexual” (Parker, 1991).

As pesquisas sobre a sexualidade voltaram a se fazer presentes no universo científico durante a era vitoriana. Nessa época puritana poucas pessoas estudavam o sexo, posto que a repressão sexual era intensa, e elas eram perseguidas por sua ousadia. Suas obras eram proibidas e ferozmente criticadas. Havelock Ellis foi um exemplo disso, ao ter sua obra proibida na Inglaterra, tendo de ser publicada na Alemanha. Em outra vertente, Richard Von Krafft-Ebing foi aceito, apesar de compor detalhadas considerações a respeito do comportamento e das fantasias sexuais. Contudo, o mesmo autor caracterizou o sexo como uma doença repugnante e escreveu as partes mais picantes de seu tratado em latim, o que deu a ele um patamar mais respeitável (Gregersen, 1983). Krafft-Ebing também forneceu a primeira lista abrangente de aberrações sexuais, enfatizou a importância do orgasmo do

clitóris e trouxe à tona a discussão científica da homossexualidade (Love, 1997). Apesar da repressão, Ellis continuou seus estudos, pois dizia que sua principal tarefa era poupar as novas gerações das dificuldades pelas quais ele mesmo passou por não conhecer os verdadeiros fatos do sexo. Ele mantinha o fator biológico do sexo, afirmando que esse tinha claramente um imperativo fisiológico, mas incluía uma parcela social ao dizer que a sociedade acabava por controlá-lo de diversas maneiras, posto que cada pessoa diferia sexualmente da outra (Gregersen, 1983).

Um contemporâneo de Ellis, que também se dedicou à questão da sexualidade, foi Freud, pai da psicanálise. Freud não só trouxe o sexo e a sexualidade para a vida das pessoas e para o universo da criança, como também deu sentido ao papel do sexo na vida social. Ele tornou a busca pelo prazer um ponto central do indivíduo ao caracterizar as pulsões sexuais, fazendo com que as “perversões” passassem a ser a inclinação geral das pessoas e não mais uma aberração sexual e erro da natureza. Contudo, suas ideias e conceitos inovadores não deixaram de lado algumas crenças existentes, como a base biológica da sexualidade e o perigo que provinha da liberação dos instintos sexuais, ideias que sempre estiveram ligadas ao sexo tido como algo errado e pecaminoso (Bozon, 2004; Gagnon, 2006).

Freud se apoiava em uma sexualidade incorpórea e presente mais na vida psíquica, nas raízes biológicas do comportamento sexual e no papel natural da sexualidade, com seu objetivo de reprodução e exigência biológica, enfatizando a necessidade de contenção social das pulsões originais. Todos esses fatores auxiliaram na aceitação das teorias freudianas. A psicanálise, apesar de ter possibilitado que se falasse sobre sexo de modo mais arejado, disponibilizando palavras e ideias para que se pudesse tocar no assunto e tratar dele como algo pertencente à vida de todas as pessoas, não influenciou muito no pensamento sobre as atividades sexuais, que não sofreram mudanças drásticas no período do auge da psicanálise (Bozon, 2004; Gagnon, 2006).

Outro pesquisador da era vitoriana que se aventurou pelos caminhos da sexualidade, e em especial da diversidade sexual, foi Magnus Hirschfeld que, em busca da emancipação dos homossexuais fundou, em 1897, o Comitê Científico Humanitário e, em 1919, o Instituto de Ciência Sexual. Essas duas instituições coletaram um impressionante número de obras de cunho sexual, histórias sexuais e informações sobre a incidência da homossexualidade e da bissexualidade na Alemanha. Esse acervo era aberto a estudiosos de todo o mundo e assombrou a todos com a estimativa de que existiam cerca de 1000 homossexuais na Alemanha da época. O instituto chegou ao fim em 1933 com o regime nazista queimando todo seu acervo em praça pública e enviando alguns de seus membros a campos de

concentração sob a justificativa de que o instituto era não-alemão (Gregersen, 1983).

Outros pesquisadores sexuais que também se destacaram foram: Iwan Bloch, que concluiu que a pesquisa da sexualidade tinha dois pilares, a observação biológica e a pesquisa cultural, e que esses exigiam uma ciência independente e rigorosa que uniriam diversos métodos de observação; Wilhelm Reich que, influenciado pelas ideias de Freud, escreveu diversos livros sobre a sexualidade e os efeitos de um governo sexualmente repressivo sobre a saúde humana, sendo o primeiro investigador a analisar o orgasmo e a dividi-lo em quatro partes; e John Money, esse um pouco mais recente, que definiu o conceito de gênero e papel de gênero, cunhou diversos termos relacionados à sexualidade e aos distúrbios sexuais e desenvolveu estudos sobre tratamento hormonal aplicado a homens infratores sexuais, reatribuição sexual no transexualismo e a psicoendocrinologia dos defeitos de nascimento dos órgãos sexuais (Love, 1997).

Uma ênfase maior nas atividades e no comportamento sexual só viria com um dos primeiros pesquisadores a ter destaque no campo da sexualidade: Alfred Kinsey. Era um biólogo que pesquisava abelhas até ser chamado para lecionar sobre instrução sexual em um curso de orientação matrimonial. À partir daí, começou a pesquisar o comportamento sexual humano. Por meio do uso de questionários aplicados em uma vasta amostra da população norte-americana, publicou dois livros que tratavam e, principalmente, quantificavam os comportamentos sexuais da mesma. Tal novidade gerou algumas controvérsias, não somente da comunidade científica, mas também de outros setores, como o âmbito legislativo que percebeu, com os resultados da pesquisa, que a lei e a conduta das pessoas eram incongruentes, posto que diversos comportamentos tidos na época como criminosos ou anormais (como sexo oral, masturbação feminina, coito pré-conjugal e adultério) eram praticados por grande parte da população (Gagnon, 2006).

Se os seus trabalhos, por um lado, foram extremamente criticados pela sociedade científica e por clérigos de diversas religiões, por outro refletiram inúmeras mudanças que já estavam presentes na sociedade e se tornaram modelos de pesquisa no campo, o que o tornou aceitável. Contudo, essa aceitabilidade não se deu pelo fato da sociedade estar pronta para encarar o sexo e a sexualidade como eventos “normais”, mas por diversos outros fatores. Kinsey, por si só, já era um modelo do conservadorismo: mais de 40 anos, pai de família, respeitado pesquisador em outra área e que não parecia se interessar pelo sexo e pelo dinheiro por si mesmos, o que já o ajudava bastante. Além disso, Kinsey trouxe uma sexualidade desculturada, forjada em moldes científicos aceitáveis e com foco no corpo, deixando de fora a mente e sem desfazer a base biológica e naturalizada da sexualidade, ligando-a a variedade

da evolução. “O que Kinsey forneceu, sob os auspícios da ciência, foi uma legitimação da vida sexual que muitas pessoas da classe média já vinham levando” (Gagnon, 2006, p. 183).

Críticas e aceitação à parte, após essa pesquisa e seus resultados surpreendentes, não somente a maneira e os temas para se empreender a investigação no campo da sexualidade sofreram enorme influência, como também vários aspectos da sociedade, como o comportamento popular e a política pública. Os meios de comunicação, como cinema, livros e revistas, passaram a trabalhar mais com a sexualidade e a trazer imagens com maior teor sexual, chegando à pornografia tal como a conhecemos hoje. Além disso, palavras como “vagina”, “pênis”, “orgasmo” e expressões como “contato orogenital” passaram a figurar na mídia e a serem vistas como coisas apropriadas para serem faladas e discutidas socialmente. A visão de homossexualidade também foi modificada, pois a partir dos resultados de Kinsey ficou demonstrado que grande parte das pessoas já havia tido ao menos uma experiência sexual com uma pessoa do mesmo sexo. Ao apontar as relações homoeróticas como presentes na população, houve um aumento de pesquisas sobre a temática, o que contribuiu para desfazer, em partes, a figura do homossexual como indivíduo pervertido, desviante e doente, auxiliando a homossexualidade a ser colocada em um patamar de maior igualdade com a heterossexualidade, apesar do preconceito nunca ter sido extinto (Gagnon, 2006).

Outros pesquisadores que se destacaram no campo da sexualidade foram o casal Willian Masters e Virgínia Johnson, que entre a década de 60 e 70 levaram o sexo para o laboratório a fim de conduzirem pesquisas sobre a fisiologia e anatomia da resposta sexual. Por meio de observações da atividade sexual de 694 pessoas, que levaram 12 anos para serem concluídas, os pesquisadores buscavam as curas para a impotência, frigidez e outras disfunções sexuais. Eles também receberam duras críticas, em especial por sua metodologia, por utilizarem prostitutas em vários estágios da pesquisa e por sua amostra ser composta somente de americanos, em sua maioria brancos. Porém, essas críticas foram mais brandas do que as recebidas por Kinsey, pelo fato de o trabalho do casal ter um foco maior nas áreas médica e biológica, o que acabava afastando a pesquisa da vida das pessoas. Além disso, essa investigação científica abriu as portas para diversos outros estudos e trouxe ênfase ao papel natural do sexo (Gagnon, 2006; Gregersen, 1983).

Atualmente, as pesquisas sobre sexualidade se organizam sob um novo foco. Após terem passado pela ideia de um único sexo e pela ênfase na questão reprodutiva e biológica, com a ciência sendo convocada para demarcar o que era certo do errado (Leite Jr., 2008), os pesquisadores contemporâneos trabalham com a visão da sexualidade como fruto da sociedade e da cultura. Sendo assim, a sexualidade seria algo socialmente construído. Tal

concepção vai propiciar novos pontos de vista e possibilidades de análise, que deixam de estar focalizados somente no indivíduo e passam a visar às relações interpessoais e a sociedade como um todo (Villela & Arilha, 2003). Essa nova visão fica clara na indicação feita por Bozon (2004) a respeito dos vários componentes que compõem o comportamento sexual:

Nos comportamentos sexuais dos indivíduos, as práticas, os relacionamentos e os significados estão enraizados no conjunto das experiências que constituem essas pessoas como seres sociais, dentro dos cenários culturais da sexualidade dominantes em suas respectivas sociedades. Inúmeros são os fatores que contribuem para modelar essa experiência da sexualidade de maneira diferenciada de acordo com os grupos sociais: trajetórias biográficas, influência da religião, condições de vida, redes de sociabilidade, padrões de relação entre os sexos, usos do corpo e posição na estrutura social. (p. 97).

Com essa diversidade de experiências sexuais, ou pelo menos suas possibilidades, acabam por surgir o que Gagnon (2006) vai denominar de subculturas sexuais e Paiva (2008) vai chamar de cenários sexuais, que são guias singulares para a experiência sexual de um grupo, maneiras de organizar e vivenciar todos os elementos apontados por Bozon, realizados por um grupo específico que faz parte de um cenário sociocultural mais amplo, como, por exemplo, um grupo de travestis e transexuais de uma cidade do interior do estado de São Paulo. Além disso, essa diversidade toda também se torna possível devido ao uso da terminologia criada para o campo da sexualidade, trazendo conceitos como o de identidade sexual e gênero, e o de orientação sexual, que divide e individualiza o que é orientação, identidade, sexo, gênero, aparência, desejo e comportamento, ampliando o leque de possibilidades de combinações (Leite Jr., 2008).

Sem uma ênfase no biológico e na reprodução, a sexualidade se torna autônoma e passa a ser componente integral das relações sociais, virando um meio de criarmos ligações com os outros, tendo como base a intimidade, e fazendo com que a heterossexualidade se torne mais uma preferência dentro das demais e a identidade seja encarada como um estilo de vida (Giddens, 1993).

Entretanto, isso não significa que o foco biológico tenha sido abandonado por completo. Pelo contrário, a medicalização da sexualidade provém dos estudos de Master e Johnson e é um fator muito presente nos nossos dias. A visão da sexualidade como fonte de bem estar está presente atualmente nas definições de saúde e impulsionam estudos como o de Arrondo (2008) que apontam as influências positivas que a sexualidade e o sexo têm em diversos campos da vida, como a prevenção do câncer, a diminuição do estresse e a melhora na qualidade de vida. O ideal sexual, nessa visão, passa a se referir a uma satisfação do casal,

com um foco maior nas perturbações, anomalias ou disfunções que todos os indivíduos passam a ter, reais ou virtualmente (Bozon, 2004). Para Bozon (2004, p. 150):

A medicalização da sexualidade caminha lado a lado com o surgimento de uma visão funcional da atividade sexual. São feitas descrições fisiológicas ou psicológicas que definem normas técnicas de bom funcionamento sexual, fundamentando propostas de intervenções psicomédicas. Mas a influência das representações médicas do desejo, do prazer e da sexualidade responsável vai muito mais além daquele que recorrem aos tratamentos. Ela renova os cenários culturais da sexualidade, na medida em que cria, entre os indivíduos, a capacidade de avaliar seus próprios gestos sexuais e se preocupar com funcionamentos não-convencionais, de modo aparentemente técnico.

Essa visão médica ainda é forte pelo fato de que, dessa forma, a sexualidade ainda pode ser controlada e contida. Por mais que se fale a respeito de uma revolução sexual, podemos observar que as transformações no campo da sexualidade não estão todas ligadas a ela (a invenção do contraceptivo e a maior participação da mulher no mercado de trabalho tiveram grandes influências) e talvez sejam menos radicais do que se crê. Essas mudanças são mais interiorizações do que o relaxamento de um controle social (Bozon, 2004). Isso porque, segundo Bozon (2004), a sexualidade ainda é ligada a organização social das idades, ao casamento, ao sistema de relação entre os sexos e, principalmente, a cultura.

Observando a influência cultural na sexualidade, podemos pensar na brasileira, que acaba definindo o país como sexualmente desinibido e seu povo como altamente erotizado e capaz de fazer tudo na cama. Porém, ao compararmos o imaginário e as relações concretas, podemos notar discontinuidades (Heilborn, 2006, 1999). Richard Parker em seu livro “Corpos, prazeres e paixões: A cultura sexual no Brasil contemporâneo” (1991) delinea quatro sistemas que fariam parte da construção da cultura sexual do país, assim como traça a construção da história da sexualidade brasileira com todos seus contextos sociais. Segundo o referido autor, é por meio dos termos que esses sistemas de referência oferecem e das orientações que tornam essas possíveis, que realidades sexuais significativas são construídas na vida contemporânea brasileira.

Para ele, a cultura brasileira teria como referência: o discurso do gênero, que aponta as “diferenças” existentes entre homens e mulheres e tem sua origem no sistema patriarcal do Brasil colônia e que, até hoje, seria o principal sistema e a base dos outros três; o discurso religioso que introduz o conceito de pecado em contraposição a santidade do casamento, com noções que perderam um pouco de força, mas ainda se fazem muito presentes no imaginário brasileiro; o discurso científico, que traz a noção de perversão sexual e que ainda se apresenta

como justificativa para atitudes e ações preconceituosas contra a comunidade LGBT e profissionais do sexo, por exemplo; e o discurso erótico.

Esse último é, segundo o autor, um sistema presente, principalmente na cultura brasileira em contraposição a outras culturas que possuem algum dos outros três sistemas. O sistema erótico funciona dentro de quatro paredes, permitindo que tudo aconteça, contanto que seja escondido. Sendo assim, a dualidade público/privado se perde e o público, que tem em si o desvio e o imoral, invade o privado normal e moral. As práticas tidas como desvios e perversões se tornam permitidas e atrativas, já que o importante é o alcance do prazer. No erótico, a proibição abre espaço para a transgressão, tendo como foco o desejo que ganha termos próprios como a sacanagem, o tesão, o calor e fantasia para ser significado. O corpo ganha um novo papel, deixando de ser fundação para a hierarquia de gênero ou local físico para verdade do sujeito, transformando-se em objeto de desejo e fonte de prazer. Dessa forma, os genitais deixam de ser vistos como negativos e passam a ser positivos, assim como as práticas sexuais que atingem grande possibilidade para serem realizadas. A masturbação, o sexo oral, anal e vaginal passam todos a serem vistos como práticas possíveis e adquirem o mesmo valor e as mesmas chances de conseguirem levar o indivíduo ao prazer, além de possibilitarem experimentações e transgressões como as interações de cunho homoerótico.

Culturas à parte, as pessoas *Trans* se tornaram mais visíveis no mundo atual e é natural que diversas pesquisas sejam realizadas tendo como foco esses indivíduos. No contexto brasileiro, Pinto (2008), em sua tese de doutorado intitulada “A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas”, trata das relações afetivo-sexuais de mulheres transexuais que já realizaram a cirurgia de redesignação sexual, denominadas por ela como mulheres transgenitalizadas. A autora focaliza as novas maneiras de se relacionar com o cenário social e com o companheiro após a intervenção cirúrgica, além das expectativas que elas tinham a respeito da cirurgia e que foram ou não supridas. O trabalho, por ter como foco a cirurgia de redesignação, acaba por abordar em alguns pontos a questão das descobertas sexuais com a nova genitália, algumas das práticas sexuais e a conduta sexual. Contudo, essa dimensão não é muito enfatizada durante a análise dos dados e, por algumas vezes, é até deixada de lado.

As travestis também tiveram seus relacionamentos afetivos investigados por Pelúcio (2006a) em um trabalho intitulado “Três casamentos e alguma reflexões: Notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem”. Neste artigo, a autora aponta diferentes combinações conjugais que ocorrem dentro de sua amostra, que se referem não só ao sexo e à orientação sexual do parceiro, mas também à classe social do mesmo. Utilizando a Teoria *Queer* como referencial teórico, a autora destaca os mecanismos criados pelas travestis

para tentar encaixar seus relacionamentos dentro da heteronorma, trabalhando em especial com os papéis de gênero. Alguns apontamentos com referência às práticas sexuais e à conduta sexual em si, também voltada aos papéis de gênero, são trazidos por Pelúcio, mas como é dito pela própria autora, as práticas sexuais e a conduta sexual ficam em um segundo plano, tanto para as travestis em relação ao relacionamento afetivo, quanto em relação ao escopo do trabalho dessa autora.

No presente estudo, buscaremos diferentemente dos estudos anteriormente mencionados, obter uma maior abrangência em relação às pessoas habitualmente investigadas. Dessa forma, teremos como colaboradoras transexuais, cirurgiadas ou não, e travestis. Já em relação à temática, teremos um afinamento, de certo modo, ao nos propormos a estudar a vida sexual das pessoas *Trans*, focando especialmente em alguns aspectos da sexualidade, como os desejos, as fantasias, as formas de obtenção do prazer, as práticas e os roteiros sexuais, posto que são poucos os estudos que focam essa faceta da sexualidade.

Em relação às *Trans*, alguns estudos (Baqi, Shah, Baig, Mujeeb & Memon, 1999; Passos & Figueiredo, 2004; Teixeira, 2008) exploram as práticas e a conduta sexual ao tocarem em assuntos como a prostituição e os relacionamentos dentro do universo travesti. Quando eles realmente chegam ao tema das práticas sexuais, é explicitamente para focalizar comportamentos de risco para a transmissão de DSTs/HIV. Isso nos mostra que o campo do prazer e as práticas que levam as pessoas *Trans* a alcançarem esse prazer permanecem envoltos em brumas, em especial para as transexuais. É preciso dissipar essa obscuridade para que possamos avançar na compreensão das necessidades e desejos desses indivíduos, que parecem tão distantes e diferentes, mas que estão tão próximas e são tão similares a qualquer um dos nossos, posto que elas também são pessoas que buscam o contato com o próximo para se sentirem vivas e dignas.

2.4. A sexualidade conceitualizada

O campo da sexualidade é multifacetado e cercado por um universo abstrato. De acordo com Chauí (1991), o termo sexualidade surge quando os cientistas estabelecem uma distinção entre necessidade (biológica), prazer (psíquico, físico) e desejo (imaginativo), ou seja, quando se tira o sexo do contexto exclusivamente físico e biológico e se inclui nele uma

parcela psíquica e mental. Ainda de acordo com a autora:

A sexualidade não se confunde com um instinto, nem com um objeto (parceiro), nem com um objetivo (união dos órgãos genitais no coito). Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo. Não se reduz aos órgãos genitais (ainda que estes possam ser privilegiados na sexualidade adulta) porque qualquer região do corpo é suscetível de prazer sexual, desde que tenha sido investida de erotismo na vida de alguém, e porque a satisfação sexual pode ser alcançada sem a união genital (Chauí, 1991, p. 15).

Nesse sentido, a sexualidade envolve a comunicação com o eu e com o outro, reconhecendo cada um em sua individualidade e em sua relação, o que faz com que ela seja influenciada por aspectos biológicos, psicológicos, sociais, políticos, culturais, legais, históricos, econômicos, éticos e espirituais. A sexualidade seria um aspecto central do ser humano e pode ser expressa e experimentada de diversas formas: por pensamentos, desejos, atitudes, crenças, fantasias, práticas, comportamentos, condutas e papéis (Lima, 2009; R. Santos, 2006). W. Silva (2010) vai definir sexualidade como toda manifestação do sexo, sejam elas eróticas, amorosas, pornográficas ou apenas um desejo sexual.

É exatamente por essa multifacetação, multi-influência, plasticidade e múltiplas possibilidades que inúmeros dos termos que se referem ao campo da sexualidade são de difícil conceitualização. Se olhado mais de perto, o próprio termo sexualidade na definição de Chauí (1991) se torna abstrato com o uso da expressão “tem a ver com”. Alguns dos termos utilizados no estudo da sexualidade não têm apenas uma definição, enquanto outros têm uma falta de definições concretas. Buscaremos definir, à seguir, alguns dos termos que estarão presente no corpo desta investigação.

Iniciaremos com o termo mais amplo: o *sexo*. Sexo, para Villela e Arilha (2003), é uma palavra que comporta pelo menos três significados: a posição do sujeito na reprodução sexuada (macho ou fêmea), os órgãos genitais externos (pênis ou vagina) e, junto ao verbo fazer, um sinônimo para ato sexual. Segundo Picazio et. al. (1998), o sexo é constituído pelas características genótípicas e fenótípicas do corpo. Para Diamont (2001), o termo sexo está ligado à produção de gametas – espermatozoides nos homens e óvulos nas mulheres – e a existência de um sistema reprodutor apropriado para a produção desses gametas. A. Ferreira (1980) afirma que sexo é o que distingue o macho da fêmea e que lhes dá certas características e um papel determinado. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) são as características biológicas que diferenciam o ser humano em masculino e feminino (Lima, 2009).

Podemos notar que, com o termo sexo, já fica claro a dificuldade de conceitualização

que foi mencionada. Inicialmente com diferentes definições, que variam com o contexto e o interlocutor, não fica claro, pelo menos de uma forma imediata, a que “sexo” está se fazendo referência. Tal problema foi mostrado no estudo de Pinheiro (2010), que cunhou os termos “sexo característica” (referente à posição do sujeito na reprodução), “sexo órgãos” (em referência aos órgãos genitais) e “sexo prática” (em referência ao ato sexual), no intuito de sanar a possibilidade de confusão. Em algumas definições a ênfase está no biológico, ao se referirem aos termos macho e fêmea, enquanto em outras a ênfase está no social, com o uso dos termos masculino e feminino. Além disso, o sexo como referência ao ato sexual encontra diversos sinônimos, como ato sexual, atividade sexual, prática sexual e coito, entre outros, que ampliam o leque de termos que podem ser utilizados para um mesmo fim. Os próprios termos para designar o ato sexual não são completamente padronizados, como, por exemplo, o termo “sodomia”, que pode designar a penetração anal, o sexo com animais ou outros atos sexuais; ou o termo “coito”, que especificamente designa a inserção do pênis na vagina, mas é utilizado comumente para se referir à inserção do pênis em qualquer orifício ou dobra corpórea (Gregersen, 1983).

Outro termo polissêmico que também demonstra ter diversas nuances em suas definições, dificultando sua definição objetiva, é a palavra *gênero*. Gênero, para Diamont (2001), é um eufemismo para sexo (sexo característica nas categorias de Pinheiro, 2010), que mantém sua ênfase no social e no cultural, sendo o oposto do biológico. Gênero é o significado social, cultural e político que é historicamente atribuído ao sexo (Pinto, 2002; Pinto & Bruns, 2003). Rubin (1975, p. 32 citado por Saffioti, 1985, p. 159) conceitua gênero como “o conjunto de arranjos pelo qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual essas necessidades transformadas são satisfeitas”. Para Díaz e Díaz (1999), gênero se refere à construção social do papel de homem ou mulher. Já para Louro (1996), gênero remete à construção social como sujeito feminino e masculino, com ênfase na formação da masculinidade e feminilidade. De acordo com Scott (1990 p. 14), gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

O termo *prazer sexual* constitui-se como:

Experiência subjetiva apoiada em sensações corporais. Assim, a experiência sexual e os diferentes tipos de satisfação que essa experiência propicia produzem emoções e ideias e adquire sentidos distintos para sujeitos particulares em momentos diversos. O que se verifica é um processo de produção de significados que relaciona atos corporais determinados a

sensações específicas, e estas a ideias e fantasias (Villela & Arilha, 2003, p. 98).

Assim como ele, o termo *satisfação sexual* também faz referência a uma experiência individual e subjetiva e que se baseia em diversos componentes e não em um único comportamento ou aspecto específico (Paixão, 2007). Com isso, podemos considerar os dois termos como sinônimos, já que suas definições são próximas e o próprio dicionário traz como uma das definições de prazer a palavra satisfação (Michaelis, 2009). Entretanto, se pensarmos em uma situação concreta, podemos sentir prazer sem ficarmos satisfeitos ou ficarmos satisfeito sexualmente sem, contudo, termos sensações físicas de prazer.

Além desses termos, existem alguns outros que fazem parte do repertório dos estudos sobre a sexualidade e que não se encontra facilmente um trabalho que se disponha a defini-los, o que dificulta a visibilidade dos mesmos. O primeiro deles é o *comportamento sexual*, definido por Paixão (2007) como o tipo de atividades sexuais nas quais a pessoa se empenha, sejam elas beijos, penetração, fantasias, carícias, masturbação ou outras. Vincentiis (2008) vai incluir ainda a busca pelo parceiro, a interação entre indivíduos e até a intimidade emocional como componentes do comportamento sexual. Gagnon (2006) vai preferir nomear esse tipo de atividades ou atitudes pelo termo *conduta sexual*, pelo fato de que a palavra comportamento traz em si um sentido biológico, enquanto que o termo conduta traz um sentido social. Para o autor, a sexualidade é socialmente construída e o comportamento é sempre moralmente avaliado. Como não temos “um comportamento biologicamente nu, mas uma conduta sexual socialmente vestida” (p. 406), o uso do termo conduta vem indicar unicamente os estudos de comportamentos avaliados socialmente.

As *práticas sexuais* são definidas por Soares (2012) como o que se faz no sexo. Já Santos e Silva (2008) definem o termo como qualquer tipo de ação realizada com o intuito de se conseguir prazer sexual. Devor (1993) vai dizer que práticas sexuais são as atividades sexuais em que a pessoa realmente se engaja, em diferenciação daquelas em que a pessoa só fantasia. Aqui nós buscamos criar uma definição mais completa deste termo, posto que ele refere-se a um dos objetivos do presente estudo. Em nosso ponto de vista, práticas sexuais são quaisquer tipo de ação em que uma pessoa se engaja sozinha ou em companhia de outra(s) pessoa(s), onde ocorra estimulação de zonas erógenas do corpo de uma delas ou de ambas por meio de carícias, toques, contato oral, contato entre zonas erógenas ou o contato com um objeto que leve a excitação, na busca de prazer sexual.

As práticas sexuais podem ser analisadas como práticas culturais, posto que variam em cada sociedade em relação aos referenciais dos diversos segmentos sociais que compõem a

mesma. Quando constatadas essas diferenças, elas podem se referir tanto a diferenças comportamentais quanto a uma desigual legitimidade, o que resulta em propensões desiguais de aprovação da prática ou de declaração da mesma, ou seja, as práticas sexuais são criadas pela cultura e os indivíduos só legitimam determinada prática, declarando que a realizam e que a aprovam se os seus padrões culturais de comportamento e de sentimento de apropriação assim o permitirem (Bozon, 2004; Heilborn, 2006).

O *desejo sexual* se refere a impulsos inerentes ao corpo, que buscam escapar do controle racional, em busca de um objeto externo (W. Silva, 2010). Ou ainda, atividades e/ou pessoas que um indivíduo realmente quer experimentar de maneira sexual em algum momento do futuro (Devor, 1993). Segundo Kontula e Haavio-Manilla (2009), o desejo sexual é relacionado ao interesse da pessoa em ser sexual e está ligado à três componentes: o tesão, a motivação e os valores e crenças. *Atração sexual* se refere à visão de uma pessoa concernente a outras pessoas e objetos que ela ache sexualmente estimulante, abarcando fantasias e desejos, podendo ir desde um relacionamento amoroso até o sexo por si só (Devor, 1993). Apesar de, em alguns contextos, esses dois termos serem usados como sinônimos e podermos ver que eles trazem semelhanças em suas definições, como o fato de terem um objeto externo como foco, o desejo acaba por ter um componente muito mais psicológico do que a atração e até mesmo um componente mais social.

Fantasias sexuais são sonhos ou ilusões sobre experiências específicas, podendo se tornar a principal fonte de prazer para algumas pessoas. Outras pessoas mudam de fantasias com frequência, o que pode ter relação com o prazer obtido na experiência sexual. A fantasia de ser subjugado pelo(a) parceiro(a) é uma das mais comuns e ainda há quem goste de utilizar fantasias (roupas) em suas fantasias sexuais (Love, 1997). Bozon (2004) vai definir fantasia sexual como cenas imaginadas e improvisadas que levam o indivíduo a excitação. Devor (1993) vai dizer que as fantasias sexuais são imagens provenientes de qualquer fonte e que o indivíduo ache sexualmente estimulante, mas nas quais ele não deseja se engajar realmente. Esse último fator apontado pela autora pode ser verdadeiro para algumas pessoas, mas para outras não, haja vista que existe uma grande parcela de indivíduos que buscam tornar real todas as suas fantasias. Giddens (1993) vai dizer que a fantasia, quando conscientemente utilizada, pode criar uma contrarregra e um espaço de fuga do real, em especial se nela os indivíduos subvertem e misturam dicotomias, como ativo/passivo ou feminino/masculino.

De acordo com Love (1997), o termo *orgasmo* não tem uma definição amplamente aceita, mas ela o define como o clímax da satisfação sexual, que ocorre ao final do ato sexual por meio de uma excitação emocional exacerbada e intensa. A autora ainda traz uma lista de

respostas fisiológicas que ocorrem durante o orgasmo e vários exemplos de tipos de orgasmo que podem ser atingidos. Da mesma maneira, W. Silva (2010) mostra que o *erotismo* também encontra barreiras para que os estudiosos o definam. O autor sugere que algo só vai ser considerado como erótico dependendo do contexto psicológico, social e ideológico, posto que a sedução só se manifesta em um sistema de símbolos, mas o mesmo vai definir o erotismo como estado de excitação sexual e de paixão amorosa, concluindo que o erotismo é a manifestação do sentimento amoroso por meio do ato sexual.

Em contrapartida, o termo *fetichê* contém uma definição mais homogênea e de fácil compreensão. Love (1997) afirma que fetichê é qualquer objeto não sexual que desperta, de forma anormal, sensações eróticas. Segundo a autora, o fetichê substitui a pessoa como objeto de amor e pode ser dividido em dois tipos, a saber, o inanimado, que se refere a objetos, e o parcial, que se refere à partes do corpo. Ele requer um aumento progressivo de intensidade para o alcance do orgasmo e os homens estão mais propensos a dependerem de um objeto do que as mulheres para obtenção de prazer. Gregersen (1983) concorda com a maior propensão masculina ao fetichê e restringe o uso do termo à atração sexual por objetos inanimados, nomeando de parcialismo a atração sexual por partes do corpo. Todavia, o autor concorda de que o termo fetichê é regularmente empregado e mais popular, designando ambos os comportamentos.

Da mesma forma, o termo *parafilia* também tem sua definição mais delimitada e em concordância. De uma forma geral, parafilia são interesses sexuais especializados, que incluem atividades, fantasias e práticas sexuais incomuns, anormais e pessoal ou socialmente inaceitáveis. Elas são recorrentes, compulsivas e sexualmente excitantes e motivadas. O termo parafilia (*para*: ao lado ou além, defeituoso; *filia*: atração por) surgiu para substituir o termo perversão (Baltieri, 2005; Gregersen, 1983; Love, 1997).

Podemos notar que termos como orgasmo, desejo e atração têm poucas definições ou algumas bem diferentes entre si, em oposição aos termos fetichê e parafilia, que têm definições bem delimitadas. Tal fato pode estar relacionado ao aspecto biológico e natural atribuído à sexualidade, ao sexo e ao que faz referência a ambos. É natural das pessoas sentirem desejo e atração por outras e, biologicamente, todos estamos prontos para termos um orgasmo. Portanto, nada disso é instigante ou preocupante para buscarmos uma definição concreta. Por outro lado, o fetichê e a parafilia são termos que designam comportamentos que escapam do usual, que apresentam desvio, ou seja, não-naturais e, por isso, são muito bem definidos.

Tal questão abre espaço para outra discussão, teoricamente complexa, acerca do que é

normalidade e do que é desvio. Miskolci (2002/2003) assevera que essa resposta não é encontrada em nenhum lugar da ciência, posto que o que define e diferencia o normal do desviante é resultado de discursos e práticas sociais. O conceito de normalidade, segundo o autor, foi constituído ao longo de inúmeras décadas, graças à um intrincado processo histórico. O uso do termo *normal* surge da união da sociologia e da medicina, quando ambas buscavam classificar os indivíduos e discipliná-los para conformá-los com a normalidade, colocando assim, a individualidade como patológica. Essa concepção postula a função de controle social que estaria implícita na categorização do normal e do patológico.

A questão da normalidade/desvio ligada à sexualidade surgiu no século XVIII no contexto da família burguesa, especialmente relacionada às crianças. Isso evoluiu por meio da psiquiatria, até que o prazer foi relacionado às aberrações sexuais. Contudo, podemos ver que a normalidade não passa de uma construção social que é naturalizada, pois olhando de perto, cada um de nós é normal e anormal ao mesmo tempo (Miskolci, 2002/2003). Outro ponto interessante trazido à discussão por Ewald e Soares (2007) é a questão da diferença: o que nos torna igual ou diferente a outrem? Se enveredarmos pelo raciocínio seguido pelos autores, podemos dizer que todos nós temos diversos pontos em comum, não porque somos seres de uma mesma raça ou espécie, mas sim porque somos seres de uma mesma cultura. Contudo, cada qual interpreta e se mostra ao mundo de uma forma singular, o que nos torna diferentes, peculiares e únicos.

Quando se colocam esses argumentos em relação à sexualidade como um todo, percebemos que somos totalmente diferentes, peculiares e únicos, cada qual construindo sua sexualidade e sofrendo influências de vários meios. Por essa razão, olhamos para os fetiches e a parafilia como construções do sujeito, que estabelece determinado objeto ou comportamento como algo sexual. É por ser tão diverso, intrigante e controverso, que os temas relacionados à sexualidade fomentam e instigam tantas questões que os estudiosos investigam a cada dia com mais afinco, buscando alicerces para construir uma base “natural” para a sexualidade.

2.5. Revisão Integrativa da Literatura

Todos esses aspectos da sexualidade, delineados no tópico anterior, são deixados de lado em estudos que têm como foco o Universo *Trans*. Alguns estudos acabam resvalando em certas facetas que compõem a sexualidade quando se propõem a investigar temáticas como a

prostituição e a vida afetivo-sexual desses indivíduos (Baqi et al., 1999; Passos & Figueiredo, 2004; Pinto, 2008; Teixeira, 2008). Todavia, alguns desses estudos abordam de maneira superficial essas temáticas, especialmente as questões das modalidades de obtenção do prazer, das fantasias e das práticas sexuais, não proporcionando completo esclarecimento acerca dessas questões.

Ao considerar essa lacuna da literatura, propomos realizar um levantamento bibliográfico da produção científica nacional e internacional dos últimos 20 anos (1991-2011)⁶, voltadas ao estudo dos comportamentos e práticas sexuais das pessoas *Trans*, por meio do método de revisão integrativa. A revisão integrativa é uma estratégia metodológica que permite a busca de conhecimento científico, a ampliação do entendimento de metodologias de pesquisa e possibilita a inclusão de resultados e das evidências disponíveis (Galvão, Sawada & Rossi, 2002).

Para a elaboração da revisão foram consultadas as seguintes bases de dado: BVS-Psi, PsycINFO, PubMed e Sociological Abstracts. Os periódicos acessados por meio das bases de dados têm caráter multidisciplinar e divulgam conhecimento científico arbitrado, contribuindo para a construção da complexidade do saber na área da sexualidade e, de maneira específica, em relação ao Universo *Trans*, englobando as áreas da saúde, psicologia e ciências sociais.

Para alcançar o objetivo proposto pela revisão, realizou-se um levantamento sistematizado das publicações nacionais e internacionais sobre comportamentos e práticas sexuais de transexuais e travestis, em uma coleta que se estendeu no período de abril a dezembro de 2011. Utilizando-se os descritores e as combinações dos mesmos, trazidas na Tabela 1, buscou-se investigar o que foi produzido nos últimos 20 anos à respeito do comportamento sexual e das práticas sexuais de transexuais e travestis.

⁶ O levantamento bibliográfico foi uma etapa inicial do trabalho e, por essa razão, somente abarcou o ano de 2011 excluindo 2012 e 2013.

Tabela 1- Combinações de descritores utilizadas e distribuição numérica de publicações encontradas (E) e selecionadas (S) nas bases indexadoras consultadas

Combinações de descritores	BVS-Psi		PubMed		PsicINFO		Sociological Abstracts	
	E	S	E	S	E	S	E	S
Transsexualism + Transvestism + "Sexual behavior"	31	4	13	-	40	-	4	1
Transsexualism + Transvestism + "Sexual activity"	30	-	-	-	1	-	-	-
Transsexualism + Transvestism + "Sexual practices"	-	-	-	-	-	-	2	-
Transsexualism + "Sexual behavior" *	266	31	158	-	523	10	5	2
Transsexualism + "Sexual activity"	276	-	13	-	10	1	2	-
Transsexualism + "Sexual practices"	-	-	7	-	5	-	3	1
Transvestism + "Sexual behavior"	95	8	43	-	102	1	19	-
Transvestism + "Sexual activity"	94	-	2	-	1	-	-	-
Transvestism + "Sexual practices"	-	-	3	-	3	-	3	-
Transsexualism + Sexuality	113	-	415	-	182	-	20	-
Transvestism + Sexuality	101	-	119	1	40	-	49	3
Transsexuality	31	-	27	-	65	-	521	4

* Os termos que aparecem entre aspas foram utilizados desse modo nas buscas nas bases indexadoras.

Na pesquisa bibliográfica foram considerados como critérios de inclusão para busca dos artigos os seguintes parâmetros: artigos circunscritos aos comportamentos e práticas sexuais das pessoas *Trans*; artigos escritos na língua inglesa, portuguesa ou espanhola; publicados entre 1991 e 2011; com disponibilidade de resumo nas bases consultadas.

Como critérios de exclusão estabeleceram-se os seguintes limites: apresentação em formato de dissertação, tese, capítulo de livro, livro, manual, editorial, carta, resenha, comentário ou crítica; e artigos que tratassem exclusivamente de aspectos clínicos, como técnicas de cirurgia de redesignação sexual ou tratamentos hormonais ou psicológicos.

De 3437 artigos encontrados, foram selecionados 67 após aplicarmos os critérios de inclusão e exclusão. Após a leitura dos resumos, empreendeu-se a recuperação dos artigos

selecionados. Esses artigos na íntegra compuseram o *corpus* da pesquisa. Durante a leitura dos artigos na íntegra também se fez nova exclusão de trabalhos que, em seu conteúdo, não exploravam questões relacionadas aos comportamentos e práticas sexuais das pessoas *Trans*, apesar de, em seus resumos, tal ideia estar sugerida, e também os que não puderam ser encontrados na íntegra, o que resultou em um *corpus* composto de 39 artigos. A Figura 1 contempla todas as etapas de seleção de artigos com maiores detalhes.

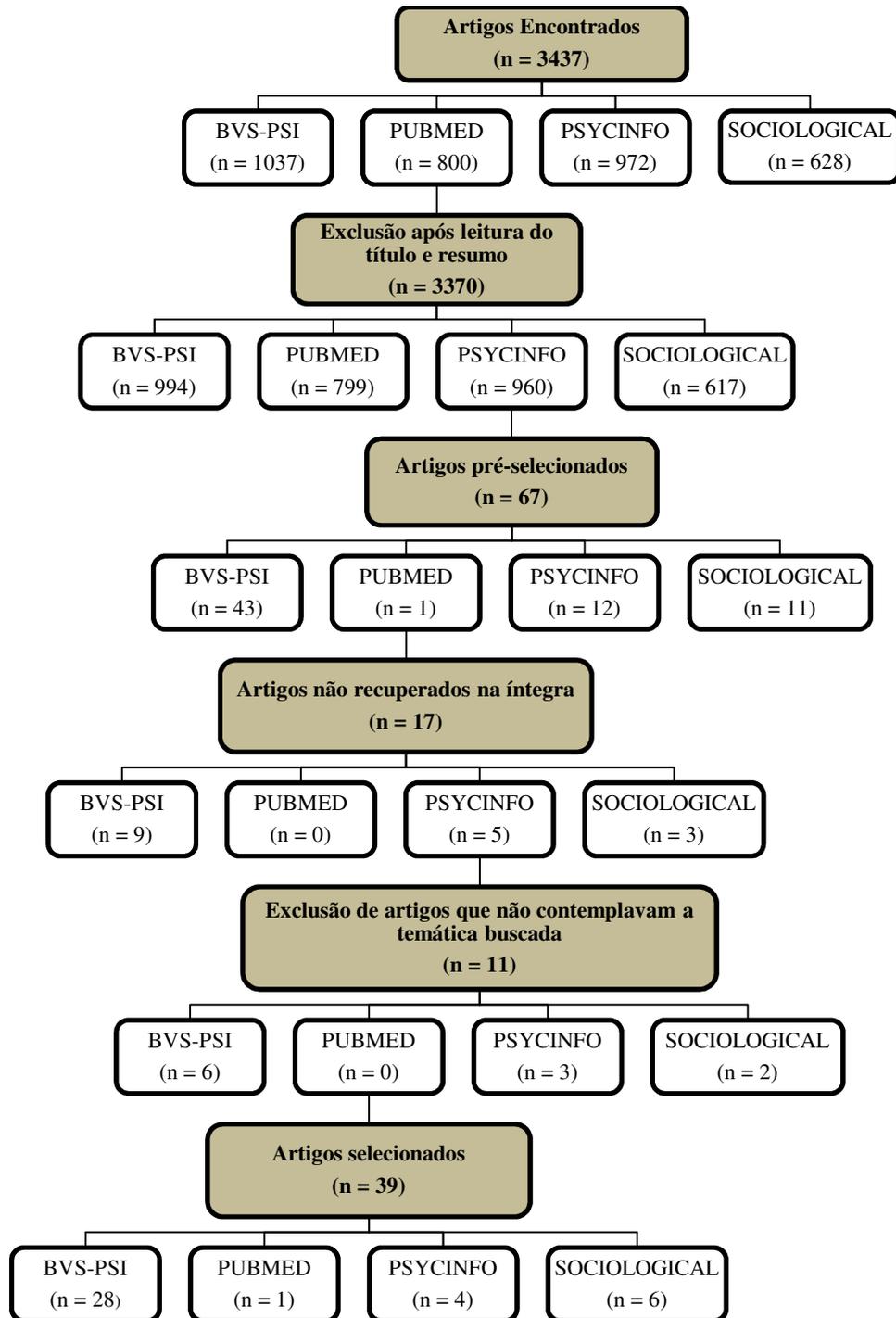


Figura 1. Fluxograma dos artigos encontrados, pré-selecionados e selecionados nas bases de dados BVS-PSI, PUBMED, PSYCINFO e Sociological abstracts.

Entre os artigos selecionados, observou-se um ligeiro aumento de produção entre os anos de 1996 e 1999 e um aumento expressivo após o ano de 2002. Os anos com maior número de publicações foram 2005 e 2010, com cinco em cada um. Verificou-se que a maioria dos pesquisadores (17) era proveniente dos Estados Unidos e que, da mesma maneira, 92,3% (36) dos artigos foram publicados na língua inglesa. É interessante notar que um dos artigos de autores brasileiros foi publicado em periódico de outro país e em língua inglesa.

Os artigos foram publicados em 23 revistas científicas distintas, sendo que o periódico *Archives of Sexual Behavior* aparece com maior número de publicações entre os artigos revisados. O fato de ser uma revista consagrada na área e voltada ao estudo das questões da sexualidade justifica a concentração desse grande número de artigos. Outro fator que pode explicar esse dado é o fato da revista ser proveniente dos Estados Unidos, país que concentra o maior número de publicações. Dentre as áreas de conhecimento das revistas, podemos observar que a maioria dos periódicos são voltados ao estudo da sexualidade, seguidos pelas revistas de saúde, DST/AIDS e da área social. Outros periódicos se referem a áreas específicas da medicina, como saúde mental ou obstetrícia e ginecologia, e apenas uma revista é de psicologia. Tal fato pode se dever às questões e temáticas abordadas pelos artigos e que serão esmiuçadas mais adiante.

Em relação aos sujeitos/participantes dos estudos, observou-se que a grande maioria estuda as mulheres transexuais, ou seja, as pessoas que nasceram biologicamente homem, mas se sentem como mulher; 26 dos 39 artigos têm essas pessoas como público-alvo de seus estudos. A maioria dos estudos que utiliza travestis recrutou as participantes nas ruas, onde buscam sua sobrevivência como profissionais do sexo. Esse dado restringe o alcance mais amplo dessa população, mas também é preciso levar em conta a questão das travestis constituírem uma parcela da sociedade ainda mais excluída do que as transexuais, o que pode refletir-se também no meio acadêmico.

Em relação às estratégias metodológicas utilizadas, 25 estudos fizeram uso de questionários ou escalas como instrumento para coleta de dados, enquanto 18 lançaram mão de entrevista semiestruturada ou em profundidade. Nota-se que há uma ênfase mais quantitativa nos estudos, que não dão voz aos participantes para falarem de uma temática tão diversa e multifacetada como é a sexualidade, considerando que são integrantes de populações excluídas da sociedade e que não têm espaços socialmente legitimados para expressarem livremente seus pensamentos e sentimentos. As informações bibliográficas de todos os artigos selecionados estão na Tabela 2 (Apêndice A).

Uma temática bastante estudada nos artigos selecionados são os relacionamentos amorosos dessas pessoas. É bastante comum os artigos focalizarem nas pessoas que se envolvem em relacionamentos afetivos, sexuais ou afetivos-sexuais, com as *Trans*. Os artigos com esse foco buscam estudar a satisfação das pessoas dentro desses relacionamentos, o papel que tal relação tem na vida das mesmas e as configurações relacionais geradas. Outro interesse é investigar quais as características dos indivíduos que se relacionam com as pessoas *Trans*, em especial sua orientação sexual. É interessante notar que alguns estudos se dedicam a determinar uma classificação das pessoas ou dos tipos de relacionamentos que um/uma transexual ou travesti pode ter. Em especial os que focam nos homens ou mulheres que se relacionam com essas pessoas, procuram destacar características que definiriam e até predisporiam uma pessoa a se relacionar com um indivíduo *Trans*. Em contrapartida, outros estudos, especialmente os que se utilizam de entrevistas como instrumento de coleta de dados, conseguem trazer aspectos mais profundos das relações, não focando somente na orientação sexual ou nos comportamentos do parceiro, mas chegando a campos mais individuais e subjetivos, como o dos sentimentos e a vida erótica. Vale destacar o estudo de Kulick (1997) que, mediante abordagem etnográfica, traça um panorama íntimo do cotidiano relacional das travestis de Salvador.

De acordo com os trabalhos selecionados, as pessoas *Trans* buscam sempre companheiros que trazem consigo, em certa medida, o estereótipo do gênero para, desse modo, poderem validar o seu próprio. Além disso, preocupações com a importância do corpo para a esfera sexual do relacionamento e para a própria formação do gênero (afinal, um corpo com características de ambos os sexos não possui um gênero definido), acabam atrapalhando ou dificultando a busca por um parceiro fixo, em especial para as mulheres transexuais.

Os estudos chegaram à conclusão de que indivíduos que se relacionam com pessoas *Trans* têm as mais diversas orientações sexuais e provêm dos mais diversos grupos sociais; eles e elas se revelam muito satisfeitos em seus relacionamentos, principalmente no quesito sexual. Vale destacar o estudo de Kins, Hoebeke, Heylens, Rubens e Cuypere (2008), que compara casais de homens transexuais com mulheres biológicas e casais heterossexuais.

Outra temática recorrente é a questão da cirurgia de redesignação sexual. Em sua totalidade, os estudos fizeram uso de questionários e escalas como método de coleta de dados e tinham como objetivo conhecer como a transexual estava se adaptando à nova genitália. Alguns estudos acabaram focando mais em aspectos da sexualidade, como excitação e satisfação com orgasmo e libido, em comparação com mulheres biológicas; enquanto outros abrangeram a questão da saúde como um todo, incluindo a sexual. É importante notar que

quase todos os estudos trazem que, em certos quesitos estudados, algumas das participantes se mostraram insatisfeitas, mas como os dados foram colhidos mediante questionário fechado, os autores não podem explicar quais são as razões das insatisfações.

De uma maneira geral, os estudos apontam que as cirurgias são bem-sucedidas e que as transexuais se mostram satisfeitas e conseguem se adaptar à sua nova condição de gênero, não se arrependendo de terem se submetido à intervenção. As questões que mais levantam insatisfações são o quesito de lubrificação e dor no ato sexual por razão do comprimento ou largura da neovagina. É interessante apontar que um dos artigos é nacional, o que sugere que o Brasil também se preocupa em aprimorar a técnica cirúrgica. Contudo, o fato de ser um único artigo, de certo modo é reflexo do fato de que ainda são poucos os lugares no país que realizam esse tipo de cirurgia, apesar do procedimento já estar aprovado para ser realizado via Sistema Único de Saúde – SUS. Uma limitação apontada pelos estudos são as amostras pequenas que acabam por não serem representativas e adequadas para generalizações. Um dos aspectos apontados para justificar tal situação é o fato de as transexuais, após realizarem a cirurgia, desejarem começar uma nova vida, esquecendo seu passado como transexual, o que faz com que muitas mudem de endereço, telefone e até mesmo de cidade. Essa informação é de extrema importância, uma vez que é apontada a necessidade de se fazer um acompanhamento psicoterapêutico pós-cirúrgico para auxiliar na adaptação à nova genitália e gênero (Rehman, Lazer, Benet, Aefer & Melman, 1999).

Uma temática de extrema importância que é levantada na amostra de artigos é a vulnerabilidade ao HIV/DSTs. A grande maioria desses artigos tem como público-alvo os/as profissionais do sexo e seus comportamentos sexuais de risco. Todos apontam, basicamente, para os mesmos fatores que levam transexuais e travestis a se envolverem em comportamentos de risco e praticarem sexo sem preservativo. O motivo mais enfatizado é o fato de sofrerem preconceito e, com isso, terem uma necessidade maior de serem aceitas, amadas e validadas em seu novo gênero. Para alcançarem tais objetivos, elas não vacilam em praticar sexo (com clientes, mas em especial com parceiro fixo) sem preservativo ou simplesmente evitam tocar no assunto com medo de afastarem ou contrariarem a pessoa com quem estão juntas. Outro fator é a questão financeira. Como o mercado de trabalho não absorve essas pessoas, elas encontram como única opção a prostituição. Com necessidades materiais constantes, como a aquisição de hormônios, uma proposta de sexo sem camisinha, que lhe trará mais dinheiro, não pode ser desperdiçada. O uso de hormônios também as leva a incorrerem em comportamentos de risco, visto que a maioria delas os conseguem nas ruas e não nos consultórios médicos e compartilham seringas para a aplicação dos mesmos.

Dependendo do contexto do local onde é realizado o estudo, as profissionais usam camisinha no sexo anal, mas não no oral, ou simplesmente não usam em nenhuma prática.

Um aspecto interessante desses artigos é que a maioria faz um levantamento das características das amostras selecionadas e dos comportamentos de risco da mesma, apontando os pontos a serem trabalhados, mas apenas um dos estudos apresenta um modelo de prevenção e ainda busca avaliar sua eficácia.

A orientação sexual das pessoas *Trans* também é observada pelos pesquisadores. Um artigo investiga essa questão em mulheres transexuais, buscando entender a mudança de orientação após o início do processo de modificação ou depois da cirurgia de redesignação sexual. Quando o foco são os homens transexuais, é discutido que, assim como qualquer outra pessoa, eles podem ser *gays* (gostarem de outros homens), *héteros* (se interessarem por mulheres) ou *bissexuais* (gostarem de ambos os sexos). A questão da mudança de orientação também aparece nos artigos com homens transexuais. As explicações mais utilizadas para tal mudança é que, ou a pessoa se relacionava com o mesmo sexo antes da transformação para aprender como agir naquele gênero, ou agora, no período pós-transformação, ela busca pessoas do sexo oposto que validem seu novo gênero, de modo que ela/ele possa se ver como uma pessoa normal.

A excitação sexual também é foco dos estudos. Eles buscam conhecê-la com um aparelho que mede a excitação sexual por meio das contrações ou do fluxo sanguíneo da vagina, comparando as transexuais com um grupo de mulheres biológicas. As discussões são focadas nas comparações e no desempenho do aparelho em medir a excitação de modo eficaz, deixando de lado alguns aspectos psicológicos e subjetivos dessa excitação.

Outros aspectos da personalidade relacionados à sexualidade ou ao funcionamento sexual das *Trans* também entram para a lista de temas de pesquisa. Para isso, a maioria dos estudos utiliza a comparação com outro grupo, podendo este ser de transexuais ou travestis ou mesmo de mulheres ou homens biológicos. Como conclusão, evidencia-se que os grupos não diferem substancialmente nos aspectos pesquisados. Nessa categoria vale a pena destacar um estudo nacional, que elege uma temática ainda pouco investigada, que é a questão das fantasias sexuais. Esse foi o único estudo que tratou dessa faceta da sexualidade, posto que tanto de maneira direta quanto indireta, nenhum outro artigo sequer mencionou a questão das fantasias. Outro aspecto interessante no estudo é o público pesquisado: as travestis. Os resultados mostram que elas costumam fantasiar com lugares luxuosos, com muita riqueza e ostentação, onde elas estariam envolvidas com rapazes bonitos e viris que as fariam felizes. Esse cenário idealizado expõe um elemento de poder, uma vez que elas relatam a vontade de

possuir um poder de sedução irresistível. Além disso, metas de vida acabam por se confundir com a fantasia (Benites, 1996).

Em outro trabalho, Kosenko (2010) foca a questão da saúde sexual. Entrevistando pessoas que enquadravam-se em várias classificações que ultrapassam as normas de gênero (transexual, travesti, *crossdresser*), ela investigou o conceito de sexo seguro para elas. É interessante perceber que, para essas pessoas, a segurança no sexo não está somente restrita ao uso do preservativo, mas também envolve aspectos emocionais e físicos. O diálogo aberto em relação ao sexo leva à obtenção de maior segurança, mas as pessoas *Trans*, por questões de validação do gênero, acabam tendo dificuldades para fazê-lo (Kosenko, 2010).

Nenhum dos artigos revisados abarca as facetas da sexualidade de um modo abrangente, até porque elas são diversificadas. Os estudos que tentam apresentar a sexualidade de maneira geral deixam de lado diversas dimensões relevantes e tendem a ser muito descritivos por fazerem uso de métodos estruturados, como questionários. É importante salientar que grande parte das investigações, seja qual for a temática focalizada, acabaram trazendo comparações com as normas heterossexuais. Tal atitude, por um lado pode ser vista como uma tentativa de aproximar o Universo *Trans* da realidade das pessoas que se enquadram na heteronormatividade, apontando as semelhanças entre ambas. Por outro lado, essa atitude também pode ter o efeito contrário, pois ao mostrar as diferenças de maneira pejorativa, reafirmam-se as normas sociais do que é tido como “normal”.

Os artigos selecionados trazem ricas contribuições para o campo da sexualidade *Trans*. Ao investigar tanto aspectos concretos quanto aspectos subjetivos dos relacionamentos afetivos-sexuais, os estudos alcançam um panorama ampliado. Ao se abordar a cirurgia de redesignação sexual, mostra-se uma preocupação dos profissionais da área da saúde envolvidos neste processo em melhorar cada vez mais os efeitos obtidos pela intervenção. Todavia, os aspectos da subjetividade de cada transexual que se submete a esse procedimento são deixados de lado pelos estudos que, ao utilizarem apenas questionários fechados, não se permitem ouvir a voz desses sujeitos. A temática das DSTs/HIV é de extrema importância para o contexto sexual atual. Entretanto, muitos levantamentos de dados realizados permitem o apontamento dos problemas cruciais, mas quase não aparecem maneiras de como resolvê-los e intervir junto a esses indivíduos que apresentam vulnerabilidades e necessidades específicas. Esses e outros temas relacionados à sexualidade, abordados nos estudos selecionados recaem na questão da normatização, por meio das comparações com os padrões hegemônicos que regem o gênero e o comportamento sexual. Os trabalhos se preocupam, em sua maioria, com os mesmos aspectos a serem estudados, deixando de lado outros que acabam

aparecendo em uma minoria de estudos, como é o caso das fantasias sexuais e das definições de sexo seguro para os atores sociais.

Essa lacuna de pesquisas que afeta a produção de conhecimento a respeito de algumas facetas da sexualidade, deve ser considerada para planejamento de futuros estudos, assim como a necessidade de mais estudos qualitativos para abordar temáticas ainda pouco exploradas.

Os resultados destacados possibilitaram lançar um olhar crítico e reflexivo sobre o acervo de conhecimentos produzidos recentemente sobre os comportamentos e práticas sexuais de transexuais e travestis, permitindo apontar limitações e potencialidades que têm implicações para a prática do cuidado na área da sexualidade e da diversidade sexual as quais o presente estudo buscará abranger dentro dos seus objetivos propostos.

2.6. Marco Teórico: Os roteiros sexuais

O conceito dos Roteiros Sexuais foi criado por John H. Gagnon, em parceria com William Simon, em 1973, e publicado no livro *Sexual conduct*. Gagnon nasceu em uma cidade do estado de Massachusetts, durante a Depressão e, por conta desse período histórico conturbado, residiu em diversos estados americanos ao longo de sua infância. Em Long Beach, começou a frequentar a biblioteca e lá se rendeu aos livros e seus ensinamentos. Ingressou na Universidade de Chicago no curso de ciências sociais, onde conheceu William Simon. Após sua formação, foi trabalhar em um presídio. Sua experiência com populações proletárias e criminais e sua formação acadêmica lhe trouxe a oportunidade de entrar em contato com Wardell Pomeroy, um dos coautores dos relatórios Kinsey, que buscava alguém com este perfil. Dessa maneira, Gagnon ingressou no instituto de pesquisa Kinsey e começou sua jornada nos estudos da sexualidade. Na década de 60, reencontrou Simon e juntos começaram a desenvolver um trabalho cujo resultado é a teoria dos *scripts* ou roteiros sexuais (Gagnon, 2006).

Gagnon e Simon desenvolveram esse conceito por entender que os comportamentos sexuais, assim como todos os outros, são construídos socialmente e marcados pela cultura, e não determinados pela biologia. Sendo assim, há pouco nos comportamentos humanos que possa ser considerado espontâneo. A conduta sexual é uma elaboração cada vez mais progressista, recebendo interpretações e reinterpretações ao longo do ciclo de vida do

indivíduo, não sendo mais uma transmissão unilateral. O sexual, com seu ar de “natural”, obscurece o fato de que, virtualmente, todas as dicas que iniciam o comportamento sexual são incorporadas do ambiente externo (Bozon, 2004; Gagnon e Simon, 1973; 1984; Paiva, Bugamelli, Leme, Ventura-Filipe, Tunala & Santos, 1998). A teoria parte do pressuposto que:

[...] os indivíduos usam sua habilidade interativa, bem como material da fantasia e mitos culturais, para desenvolver roteiros (com deixas e diálogos apropriados), como um modo de organizar seu comportamento sexual (Gagnon, 2006, p. 21).

A teoria se baseia em cinco concepções:

“(1) A conduta sexual é inteiramente determinada pela história e pela cultura”, ou melhor, a sexualidade não é um fenômeno universal que ocorre da mesma maneira em diferentes lugares do mundo e também não é um fenômeno mantido do mesmo jeito há milhares de anos.

“(2) o significado na conduta sexual não se encontra numa interpretação da atividade corporal dos indivíduos”, isso quer dizer que, em termos concretos, a introdução do pênis ereto na vagina não tinha o mesmo significado para sociedades primitivas que tem para sociedades ocidentais. Além disso, a conduta sexual também varia de significado, dependendo dos atributos e relações sociais das pessoas, como por exemplo, um homem de 30 anos ter relação sexuais com uma menina de 15 não tem o mesmo significado que este homem manter as mesmas relações com uma mulher de 30.

“(3) a ciência da sexualidade é histórica e culturalmente determinada em igual medida”, ou seja, os cientistas da sexualidade carregam consigo sua cultura de origem, seus interesses e seu modo de olhar o mundo, fatores que não podem ser retificados, e fazem com que as pesquisas aconteçam baseadas em determinada cultura e momento histórico, criando fatos sociais e promulgando-os.

“(4) a sexualidade é adquirida, mantida e desaprendida em todos os seus aspectos, e é organizada pela estrutura social e pela cultura”, ou seja, a sexualidade é aprendida dentro de uma determinada cultura, inclusive a interpretação dos acontecimentos fisiológicos como algo sexual. Se uma cultura for homogênea e se esforçar em estabelecer um único padrão de conduta sexual terá como resultado uma conformidade com os papéis sociais aceitos. Se contudo a cultura for heterogênea e não estabelecer um padrão, ela terá padrões variáveis de conduta sexual.

“(5) o gênero e a sexualidade são formas aprendidas de conduta e se ligam de maneiras diferentes nas diferentes culturas”, isso nos traz que homens e mulheres têm

condutas diferentes no campo sexual e existem experiências e comportamentos específicos ligados à conduta sexual determinados pelo gênero. As culturas ocidentais têm roteiros de gênero que são aprendidos antes e acabam por originar, em partes, os roteiros sexuais (Gagnon, 2006, p. 218).

Roteiros são metáforas para conceituar a produção de comportamentos dentro de uma vida social, são esquemas cognitivos organizados que as pessoas precisam pra saberem identificar uma situação e como agir nela. Eles funcionam como guias para significar situações, palavras, sensações e estados corporais como sexual e a como fazer para produzir uma nova situação da mesma natureza. Eles descrevem o cenário de uma sexualidade possível, sendo flexíveis, montáveis e desmontáveis (mas não sem limites), como uma resposta adaptativa para uma nova circunstância. Tal flexibilidade com as criações, reformulações e destruições do material para os roteiros está ligada ao processo de socialização do indivíduo, levando em consideração elementos como a história familiar, a etapa no ciclo de vida, as relações de gênero travadas e a classe social (Arent, 2011; Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon & Simon, 1984; S. Ferreira, 2012). A ideia dos roteiros sexuais é como se fosse um roteiro de uma peça de teatro. Nele estão as informações sobre os personagens, o lugar e o período em que a história se passa, o quê, como e porque a história acontece do jeito que acontece e as ações previstas para cada ator, como deve fazer e onde tem de estar em cada cena. Como é colocado por Paiva (2000, p. 220) “Lembrar o *script* é se referir ao personagem, cumprir o roteiro é viver o personagem, se identificar ou ser identificado com ele”.

No quesito da sexualidade, são os roteiros sexuais que informam ao sujeito o quando (período da história), com quem (personagens), onde (lugar da história), como e porque (desenrolar da trama) as experiências sexuais devem ocorrer, podendo ser adaptados segundo a necessidade dos atores sexuais. A vida social é tida como um artifício, tornando possível a absorção das performances sexuais a partir de um processo de interiorização, posto que as condutas sexuais tem maior relação com o contexto em que acontecem do que com estados internos do indivíduo. Situações potencialmente sexuais são criadas ao designarmos contextos envolvendo os elementos esperados em um cenário sexual (Arent, 2011; Gagnon, 2006; Maksud, 2007; Paiva, 2000; Rebello & Gomes, 2009). Contudo, muitas situações podem ser descritas como tendo todos os elementos para serem sexuais e, mesmo assim, nada acontecer, nem mesmo a excitação. Mesmo combinando elementos como desejo, privacidade e uma pessoa sexualmente atraente, nada de sexual vai acontecer até que um ou ambos os indivíduos envolvidos organizem seus comportamentos em um roteiro. “Sem os elementos certos de um

roteiro que defina a situação, nomeie os atores e parcele os comportamentos, nada sexual é provável de acontecer” (Gagnon & Simon, 1973, p.13).

Para percebermos o quanto são importantes os fatores sociais que vão constituir os roteiros, podemos pensar em situações nas quais os contatos corporais ocorrentes em contextos sexuais também acontecem em outras situações sem, contudo, ganhar um teor sexual, como no caso de um exame ginecológico ou urológico onde o médico manipula a genitália do paciente. Isso ocorre pelo fato da sociedade e da cultura não classificarem tal situação como sexual. Um orgasmo não vai acontecer se as pessoas envolvidas não significarem a situação como sexual. Se a parte social não estiver presente para dar um significado à ocasião, a parte biológica da excitação e do ciclo do orgasmo, descrito por Master e Johnson, não vai acontecer. Isso porque não basta ao ser humano aprender o procedimento, ele precisa dar significado à eles e para isso servem os rituais, histórias e representações da sexualidade trazidas pelo social. Na perspectiva dos roteiros, o sexual não é um aspecto intrinsecamente significante do comportamento humano, mas antes é visto como tornando-se significante quando assim colocado pela coletividade – significância sociogênica – ou quando experiências individuais ou o desenvolvimento dão significado à isso – significância ontogênica (Bozon, 2004; Gagnon e Simon, 1973, 1984; Pinto, Nogueira & Oliveira, 2010).

A interação sexual terá êxito em ocorrer se a conduta dos indivíduos envolvidos nela não se afastar demais dos roteiros pertinentes. Existem, no entanto, múltiplos roteiros utilizáveis a fim de viabilizar desempenhos sexuais adultos aceitáveis. Paiva (2000) vai dizer, no entanto, que Gagnon e Simon não vão deixar claro como se dá a dinâmica da mudança de um roteiro ao outro e nem as mudanças ocorrentes dentro de um mesmo roteiro. Essa diversidade de roteiros ocorre porque os significados simbólicos, que são fontes para os roteiros sexuais, podem ser diferentes para cada pessoa envolvida na ação. Em cada rede de relação, o roteiro é um ou a interpretação do mesmo se dá de formas diferentes. Sendo assim, a mesma atitude pode ter significados diferentes para as pessoas envolvidas, assim como a mesma sequência de atos pode ter significados diferentes para dois grupos de atores na mesma situação ou para cada ator envolvido na mesma. Além disso, as rotinas culturais presentes na formação dos roteiros colaboram com elementos verbais e não verbais, agregados e aprendidos com o tempo, refletindo padrões gerais dos estados de desenvolvimento. Esses roteiros espelham as múltiplas e diferentes socializações que o indivíduo vivencia durante seu ciclo vital e são especialmente relevantes na adolescência,

quando se dá a iniciação da vida sexual, e na fase adulta (Arent, 2011; Gagnon & Simon, 1973; Heilborn, 2006).

Roteiros estão envolvidos em aprender o significado de estados internos, organizar a sequência de atos sexuais específicos, decodificar situações novas, definir os limites de respostas sexuais e relacionar significados de aspectos não sexuais da vida à experiências sexuais específicas (Gagnon e Simon, 1973, p. 13).

O uso do termo roteiro como referência ao sexual tem duas dimensões. A primeira é interpessoal, o roteiro como a organização de convenções mutualmente compartilhadas que permitem dois ou mais atores a participarem de uma ação envolvendo mútua dependência. A segunda é intrapsíquica, onde os elementos motivacionais produzem excitação ou pelo menos o comprometimento com a atividade sexual. Além disso, os roteiros resolvem dois problemas: o de se ter acesso aos seus desejos e o de ter acesso às experiências trazidas por ele. Isso porque os roteiros são divididos em três níveis: *cenários culturais*, *roteiros interpessoais* e *roteiros intrapsíquicos*.

Os *cenários culturais* são guias instrucionais da vida coletiva, fornecendo informações a respeito dos requisitos narrativos dos papéis sociais em geral. As instruções referentes aos papéis estão inseridas nas narrativas e trazem o entendimento para a atuação no mesmo, isto é, a entrada, o exercício do papel e a saída do mesmo. Neste sentido, o indivíduo é visto como um membro da plateia a que se destinam essas instruções, podendo ser ele menos ou mais ativo, menos ou mais receptivo. As instruções culturais não existem somente nas narrativas, mas também nas instituições. A família, a escola, a igreja, a medicina, o direito e até as organizações empresariais e as forças armadas tem sistemas de instruções sobre a sexualidade inseridos na vida cotidiana dessas instituições e regulamentando o que se diz e como são organizadas. Todas as instituições e os arranjos institucionalizados são um sistema de signos e símbolos por meio dos quais os requisitos e práticas de papéis específicos são dados, assim como o que não se deve fazer enquanto no papel ou referente à sexualidade. Qualquer papel deve refletir direta ou indiretamente o conteúdo dos cenários culturais. Esses cenários raramente são preditivos do comportamento real e são muito abstratos para serem aplicados em todas as situações (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon & Simon, 1984).

Os *roteiros interpessoais* são os que preenchem a lacuna entre o cultural abstrato e o comportamento real. Eles funcionam no nível da interação social e sua utilização e aceitação constituem a base dos padrões de comportamento social. Eles modificam o ator social, de simples ator a escritor parcial ou adaptador do material do cenário para roteiros de

comportamento, atendendo as expectativas de outras pessoas e norteando sua conduta baseada na conduta alheia. Eles podem ser definidos como uma representação de si e o espelhamento implícito do outro, facilitando o acontecimento da experiência sexual, diminuindo a incerteza e aumentando a legitimidade. Os roteiros interpessoais intervêm nos encontros, estabelecimento e manutenção de relacionamentos e causa a excitação e a coordenação das relações sexuais por meio de sequências ritualizadas de atos que os compõem. Eles são “mecanismos pelos quais identidades apropriadas são feitas congruentes com as expectativas desejadas” (Gagnon & Simon, 1984, p. 53), quer dizer, a maneira de agir e de ser de uma pessoa é conectada ao que os demais, e até ela mesma, esperam dela. São esses roteiros que marcam a interface entre a vida de interação e a vida mental (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon & Simon, 1984).

Os roteiros *intrapésíquicos* são detalhes dos quais o sujeito faz uso em seus diálogos internos, com as expectativas sociais e culturais de comportamento. São o nível da vida mental resultante, em parte do conteúdo dos cenários culturais e das interações pessoais e de algo independente deles, abarcando projetos, planos, recordações, guias para a ação atual e a criação de fantasias, isto é, a reorganização da realidade de maneira simbólica para realizar as múltiplas camadas e/ou vozes do desejo do ator social. Tais elementos podem estar ordenados em uma narrativa cognitiva ou soltos em fragmentos. Contudo, ao nos aproximarmos da interação, eles tendem a se ordenar tomando uma forma semelhante à de um projeto, podendo causar a obscuridade desses elementos motivacionais e transformar o indivíduo em um dramaturgo que roteiriza sua conduta. Os roteiros intrapésíquicos conduzem a conduta sexual presente e/ou futura e auxiliam no entendimento do passado, na medida em que coordenam o comportamento social e a vida mental, reconhecendo situações sexuais e estados corporais (Bozon, 2004; Gagnon, 2006; Gagnon & Simon, 1984; Heilborn, 2006; Paiva, 2000).

A interação entre esses três níveis é dinâmica, tendo dimensões históricas, culturais e individuais e transformando o indivíduo em dramaturgo, crítico, plateia e ator enquanto os materiais viajam de um nível a outro. Todavia, a relevância dos três níveis de roteiro não são iguais para toda sociedade ou para todo indivíduo de uma mesma sociedade. Nas sociedades tradicionais, parece que os cenários culturais e alguns repertórios de improvisações ritualizadas bastam para um total entendimento. Além disso, a falta de congruência entre os níveis de roteiro torna o sexo um comportamento obscuro e abre espaço para a criação de novos significados, criando culturas sexuais privadas dentro das públicas. Isso significa que cada pessoa pode ter em seus roteiros sexuais elementos únicos, como por exemplo, o fetiche

por um objeto pertencente a determinado indivíduo, pois em seu roteiro aquele objeto ganhou um valor sexual e erótico.

De um modo geral, os roteiros sexuais permitem identificar, interpretar e estabilizar componentes sexuais, tendo uma função estruturante no imaginário sexual coletivo. Eles constituem uma unidade suficientemente ampla para abarcar elementos simbólicos e não verbais, em condutas organizadas e temporalizadas, pelas quais os indivíduos analisam seu comportamento atual e vislumbram o comportamento futuro (Arent, 2011; Gagnon, 2006). Os roteiros intervêm na produção do desejo, um importante componente na construção do sujeito, e as práticas sexuais são aprendidas por meio deles. Além disso, eles mostram mais o que pode ser realizado do que indicam proibições, podendo expressar e servir à motivos não sexuais ao mesmo tempo em que possuem a capacidade de sexualizar tudo, desde que esse sentido seja criado, sendo que nada é a princípio sexual (Bozon, 2004; Paiva, 2000).

Para Gagnon, com a teoria dos roteiros sexuais ele não oferece uma teoria do comportamento sexual, mas um aparato conceitual para examinar a experiência e o desenvolvimento do sexual. Com ela, o autor traz uma visão do sexual como algo não imperativamente biológico, mas imperativamente humano e dependente de significados sociais (Gagnon & Simon, 1984). Como o autor mesmo define:

Criamos a teoria dos roteiros na tentativa de dispor de um recurso para descrever o modo como as pessoas praticam o sexo socialmente e para demonstrar a importância dos elementos sociais na prática do sexual (Gagnon, 2006, p. 409).

A nossa sociedade atual, com suas diversidades e possibilidades no campo sexual, acaba exigindo do indivíduo um maior número de releituras dos roteiros, trazendo maiores improvisações constituídas a partir das vivências da pessoa e das representações culturais, e que o mesmo passe a significar sua própria conduta, resolvendo as contradições nela existentes (Bozon, 2004). Da mesma maneira, o campo atual da pesquisa da sexualidade também exige uma ampliação e releituras da teoria dos roteiros sexuais e com isso novos conceitos baseados na mesma são criados. Paiva (2000) vai criar dois novos termos: sujeito sexual e cena sexual. O sujeito sexual é definido pela autora como a dimensão do indivíduo que regula a vida sexual, não permitindo ao mesmo tornar-se objeto de roteiros e desejos alheios. No campo abrangido por esse novo conceito está incluído desenvolver uma relação consciente e negociada com as normas para o gênero e as atividades sexuais, assim como com os valores familiares e dos pares; explorar a sexualidade de maneira independente a iniciativa

do parceiro; ser capaz de dizer não e de articular práticas e prazeres com o consentimento dos dois integrantes do casal; e garantir o sexo mais seguro e os meios de realização do mesmo.

Já a cena sexual é relacionada ao contexto do ato sexual (o momento, o tipo de vínculo entre os parceiros, o parceiro, o lugar, entre outros) e, apesar de podermos encontrar cenas semelhantes na vida de um mesmo indivíduo ou de um grupo, refletindo um mesmo roteiro, todas as cenas são únicas (Paiva, 2000). Pensando na metáfora do teatro, a cena se encaixa exatamente no elemento com esse nome, ou seja, a encenação de uma situação que tem de ser realizada. Mesmo existindo um roteiro dizendo aos atores como a cena deve transcorrer, em cada nova apresentação a mesma cena acaba acontecendo de maneiras singulares, seja pelo esquecimento momentâneo do texto, seja pela plateia presente no dia ou mesmo pelo estado de espírito do ator no dia. Cada espetáculo sempre é único. Segundo Paiva, a decodificação de uma cena sexual aumenta as chances desta conseguir ser modificada (Paiva, 2000).

Bozon (2004) também vai criar um novo conceito, caracterizado como um tipo de roteiro interpessoal, denominado por ele de “histórias de referência”. Segundo o autor, esse termo se refere ao típico desenrolar de uma história, passado entre os pares. Por exemplo, se uma pessoa vai passar férias na praia e lá se relaciona com alguém sexualmente, já se sabe que essa história não vai gerar um relacionamento duradouro, afinal como diz o ditado, amor de verão não sobe a serra. Apesar de existir a possibilidade de o relacionamento continuar, a história de referência apresentada pela situação é exatamente o oposto. Todos esses novos conceitos também serão levados em consideração no presente trabalho e, juntamente com os roteiros sexuais, poderão ser utilizados para a análise da conduta sexual das participantes.

3. JUSTIFICATIVA

No presente estudo optou-se por explorar alguns dos inúmeros e diversificados aspectos da sexualidade, resumidos dentro da expressão “conduta sexual”. Como mostrado anteriormente, poucos dos mais relevantes estudos em sexualidade focalizaram tal faceta e, quando o fizeram, foi dentro das normas da população heterossexual, ou seja, na dimensão heteronormativa. São escassos os estudos que trazem como foco as práticas sexuais, as fantasias e os desejos pertencentes ao Universo *Trans* e que objetivam as formas com as quais esses indivíduos buscam obter o prazer sexual. O sexo, assim como as ligações estabelecidas entre essa dimensão e as demais da vida social, não é o mesmo para todas as pessoas e pouco se sabe sobre isso em relação às *Trans*. Além disso, as práticas sexuais podem ser objeto de estudo, assim como outros hábitos relativos ao corpo, como alimentação e saúde, mas são um campo negligenciado ou deixado de lado nos estudos científicos (Heilborn, 1998).

Encontramos alguns estudos perpassando essa temática, mas tendo como foco principal a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis – DSTs – e/ou o HIV/AIDS. É claro que esses últimos são de extrema importância, sobretudo no campo da saúde pública, no entanto, são raros os estudos que dão voz às formas de prazer consideradas “transgressoras”, de uma maneira mais livre de preconceitos e tabus. É essencial podermos destrinchar essa nova temática que nos auxiliará a compreender melhor as necessidades e os desejos dessas pessoas cercadas de preconceitos, estigmatização e rejeição social, para desvendar questionamentos oriundos da população em geral e auxiliar os profissionais de saúde a acolherem com respeito à diversidade sexual.

Maksud (2004) afirma que praticamente todas as instâncias da sociedade são atravessadas por “visões da heterossexualidade”, tornando relevante estudar as situações produzidas no contexto de discursos específicos, que visam a desconstruir as diversas culturas (hétero e homossexual), passíveis de serem construídas por instâncias macro de socialização, produzindo e difundindo significados e valores dominantes. Estudando o universo da sexualidade, que reflete o comportamento social traduzindo valores, crenças e outros aspectos da cultura representando uma coletividade, não apenas um indivíduo e sua faceta referente à vida sexual, poderemos contribuir para elucidar não somente o leque de diversidades, compondo o painel multifacetado da sexualidade, como também compreender que qualquer pessoa – independentemente de sua orientação ou identidade sexual – possui necessidades, desejos, ideias e fantasias que fazem parte de sua vida e podem construir um universo com

infinitas formas de relações amorosas e sociais que, por mais incomum e diverso que seja, não deve nos levar a ver essas pessoas com suspeita ou estranheza.

4. OBJETIVO

O presente estudo tem por objetivo geral conhecer a vida sexual das pessoas *Trans* (travestis e transexuais), dando ênfase às suas práticas sexuais e à conduta sexual.

Como objetivos específicos têm-se:

- ❖ Compreender como se articulam os desejos, fantasias, ações e relações desses indivíduos referentes à esfera sexual-afetiva, no que tange aos níveis cultural, das relações interpessoais e do universo intrapsíquico.
- ❖ Conhecer as práticas sexuais das participantes, que auxiliam a definir os seus itinerários sexuais-afetivos.
- ❖ Conhecer os elementos integrantes de seus roteiros sexuais.

5. MÉTODO

5.1. Colaboradoras

Participaram do presente estudo 15 mulheres transexuais e travestis, com idades entre 19 e 58 anos. As participantes da pesquisa foram selecionadas por conveniência dentre pessoas vinculadas ao grupo VIDEVERSO – Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (FFCLRP-USP) e ONGs da cidade de Ribeirão Preto – SP, como o “Rosa Vermelha” e a “Vitória Régia”, ou ainda por indicação das próprias colaboradoras, segundo o procedimento conhecido em investigação qualitativa como “bola de neve”.

Nesse tipo de investigação o número de sujeitos não é delimitado *a priori*, porque o que se visa não é sua representatividade em relação ao universo estudado, mas a possibilidade de a colaboradora reunir as qualidades de ser uma boa informante, ou seja, permitindo identifica-la como uma informante qualificada acerca da temática investigada. Para podermos alcançar os objetivos propostos buscou-se abarcar a diversidade existente no Universo *Trans*, incluindo transexuais que se submeteram à cirurgia de redesignação sexual, transexuais não cirurgiadas e travestis.

A Tabela 3 mostra o perfil sóciodemográfico das colaboradoras com os nomes fictícios atribuídos a cada uma:

Tabela 3 - Perfil sociodemográfico das colaboradoras

	Silvia	Bárbara	Tânia	Agnes	Renata
Idade	32	58	53	39	19
Ocupação	Cabeleireira	Comerciante (aposentada)	Empresária	Empresária	Profissional do sexo
Escolaridade	1º grau completo	Superior completo	Superior incompleto	Superior incompleto	2º grau completo
Estado Marital	Casada	Solteira	Casada	Casada	Namorando
Cirurgia	Não	Sim (5 anos)	Não	Sim (4 anos)	Não
Orientação sexual	Hétero	Homossexual	Homossexual	Hétero	Hétero

(Continuação Tabela 3)

	Alice	Amanda	Kelly	Gisele	Marcia
Idade	34	Mais de 30	28	21	25
Ocupação	Profissional do sexo	Estilista e costureira	Profissional do sexo	Profissional do sexo	Profissional do sexo
Escolaridade	1º grau completo	2º grau incompleto	1º grau incompleto	2º grau incompleto	2º grau completo
Estado Marital	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Namorando
Cirurgia	Não	Não	Não	Não	Não
Orientação sexual	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero

(Continuação Tabela 3)

	Amélia	Adelaide	Melissa	Emília	Cecília
Idade	19	42	24	20	35
Ocupação	Profissional do sexo	Cabeleireira	Operadora de telemarketing	Operadora de telemarketing	Confeiteira
Escolaridade	2º grau completo	2º grau completo	2º grau completo	2º grau completo	Superior completo
Estado Marital	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Início de relacionamento
Cirurgia	Não	Não	Não	Não	Não
Orientação sexual	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero	Hétero

5.2. Procedimentos

5.2.1. Coleta de dados

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas audiogravadas, realizadas em um único encontro, em ambiente com condições apropriadas de privacidade e conforto. Tais encontros se deram nas ONGs, na residência das colaboradoras ou na do pesquisador, de acordo com a preferência da cada participante.

O instrumento utilizado foi o roteiro de entrevista semiestruturada. Para Minayo (1993), a entrevista permite a obtenção de informações mediante a fala individual, a qual carrega consigo sistemas de valores, condições estruturais, normas e símbolos, assim como transmite as representações de determinado grupo por meio de um porta-voz. Segundo Gressler (2003), a entrevista semiestruturada permite ao pesquisador a exploração em profundidade da temática estudada, a partir de um corpo de questões em torno do qual a entrevista é construída. Manzini (1990/1991) afirma que a entrevista semiestruturada focaliza determinado assunto sobre o qual o pesquisador produz um roteiro com perguntas principais, podendo ser complementadas por outras questões que surjam durante o momento da entrevista. Ainda segundo o autor, tal modalidade de entrevista permite o fluxo mais livre de informações.

Como a vida sexual pode ser um assunto embaraçoso ou de difícil abordagem para algumas pessoas, tivemos uma primeira etapa na qual buscamos abordar os relacionamentos afetivos por meio da questão norteadora: *Pensando nos seus relacionamentos afetivos, eu gostaria que você me falasse como começou sua vida afetiva e sexual.*

Em um segundo momento, as colaboradoras foram solicitadas a contar sobre suas práticas sexuais, assim como seus desejos, fantasias e necessidades relativas à sua vida sexual. Para tanto, foi elaborado um roteiro com questões de aprofundamento, encontrado em anexo (Apêndice B).

O número de entrevistados só foi definido *a posteriori*, segundo o critério de saturação dos dados (Minayo, 1993), ou seja, foram feitas quantas entrevistas se mostraram necessárias até que se obtivesse a recorrência de conteúdos, permitindo supor o alcance satisfatório do universo de significados relativo ao objeto estudado. Para tal, as análises foram realizadas concomitantemente à coleta dos dados.

A sistematização dos dados e análises subsequentes obedeceram a paradigmas qualitativos de pesquisa, segundo os quais a atenção do pesquisador deve estar voltada para a averiguação dos significados que o próprio sujeito confere à situação a ser investigada (Patton, 1980).

O *corpus* da pesquisa foi formado pelas transcrições – na íntegra e literais – das entrevistas e pelo diário de campo (registro de eventos relevantes ocorridos e observados durante todo o período de coleta de dados) do pesquisador. Esse material foi lido exaustivamente à procura de pistas que remetam às particularidades da vida sexual e das práticas sexuais das colaboradoras, auxiliando a definir os seus itinerários sexuais-afetivos e sua conduta sexual.

5.2.2. Análise dos dados

A análise qualitativa inclui a interpretação dos dados como elemento intrínseco ao processo de pesquisa. Tal interpretação ocorre durante toda a produção da pesquisa, não havendo diferenças entre os momentos da coleta e interpretação dos dados, posto que o pesquisador está, durante todo o percurso, imerso nesse processo de investigação de sentidos (Pegoraro, 2002).

No presente estudo, as entrevistas realizadas foram analisadas com base no modelo proposto por Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992) que coloca como primeiro passo desse processo a imersão nas informações coletadas para, com isso, permitir aos sentidos trazidos por elas surgirem de forma espontânea. Além disso, a análise se baseia nos três níveis dos roteiros sexuais definidos por Gagnon (2006).

A análise foi realizada em duas etapas:

(1) *análise vertical*, etapa onde cada entrevista foi lida e considerada em sua individualidade, com o objetivo de identificar os roteiros e a conduta sexual de cada participante e ver os elementos presentes em cada nível dos roteiros e a dinâmica entre eles. No trajeto da análise das entrevistas foram realizadas as seguintes etapas propostas por Minayo (1993) e Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992):

- *Ordenação dos dados*: depois de transcritas na íntegra e literalmente, as entrevistas foram lidas e relidas diversas vezes para a captação dos roteiros e níveis dos mesmos.

- *Classificação dos dados*: nesta etapa da análise foram identificados os elementos existentes em cada nível dos roteiros sexuais e como se dá a dinâmica entre eles.
- *Análise final*: Foi realizada a redação final da análise dos dados, buscando a vinculação com o fenômeno investigado.

(2) *análise horizontal*, etapa na qual foram observadas as semelhanças e diferenças, convergências e divergências dos roteiros sexuais das colaboradoras e a dinâmica das condutas sexuais das pessoas *Trans* estudadas. Por meio da criação de um sistema de categorias, foram analisadas as principais temáticas que aparecem de forma transversal nas entrevistas. Para a estruturação dessas categorias, consideramos utilizar os três níveis de roteirização propostos por Gagnon (2006) como temas para organizar e estruturar as categorias criadas. Todavia, ao se buscar realizar tal divisão, pudemos notar uma grande dificuldade em separar as categorias por nível de roteiro, posto que em nenhuma delas se conseguiu definir um nível único ao qual ela pertencesse, pois os níveis se misturavam e interagiam dentro de cada temática destacada.

Notamos, porém, que as temáticas levantadas se relacionavam muito aos quatro sistemas da cultura sexual brasileira trazidos por Parker (1991) tornando possível uni-las dentro dessa referência. Portanto, foram criadas quatro grandes categorias. Elas, de certa maneira, se referem aos quatro sistemas de Parker, sendo apenas o sistema religioso substituído pela ideia do amor. Todavia, tais temas não estão completamente separados, haja vista que assim como na religião, o amor também traz a ideia da existência de uma força maior, de uma transcendência, de uma essência e até mesmo de um elemento “mágico” (maneira como pode ser visto o milagre). Além disso, o discurso religioso prega o casamento como algo baseado na ideia de amor puro, verdadeiro e eterno.

A primeira das categorias criadas, intitulada **Guerra dos sexos – O discurso normativo do gênero**, irá tratar dos modelos de homem e mulher trazidos pelas colaboradoras e como eles influenciam a sua sexualidade, assim como, a dicotomia ativo/passivo. Na segunda categoria, **Amor com amor se paga – A busca de um ideal**, será tratada a busca das colaboradoras pelo ideal de amor romântico, por um relacionamento fixo e da relação com os parceiros. Na terceira categoria chamada de **O sexo dos anjos – A medicalização do sexo**, trataremos dos termos utilizados pelo saber científico para designar esses indivíduos, assim como as questões que afetam a saúde sexual dessas pessoas, como a cirurgia de redesignação e o uso do preservativo. A quarta e última categoria **Vale tudo – O erótico e o sexual no universo *Trans***, vai trazer o olhar do lado erótico, discutindo as

práticas sexuais, fantasias e desejos das colaboradoras. A Tabela 4 mostra as categorias e seus respectivos temas.

Tabela 4 – *Temas e categorias da análise horizontal*

CATEGORIAS	TEMAS
Guerra dos sexos – O discurso normativo do gênero	Modelos de gênero e suas implicações na sexualidade. Dicotomia Ativo/Passivo. Busca do ideal de amor romântico.
Amor com amor se paga – A busca de um ideal	Relacionamentos. Conceitos utilizados (transexual x travesti).
O sexo dos anjos – A medicalização do sexo	Saúde sexual. Práticas sexuais.
Vale tudo – O erótico e o sexual no universo <i>Trans</i>	Fantasias. Desejos.

5.3. Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP – USP (Anexo A), protocolo nº 530/2010 – 2010.1.1902.59.0. Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das pessoas que concordaram com a participação no estudo (Apêndice C). As participantes foram esclarecidas sobre a natureza e os objetivos da investigação, tendo-se o cuidado de se destacar o caráter voluntário de sua participação, bem como sua liberdade para não serem incluídas na pesquisa ou mesmo de retirarem sua anuência a qualquer momento, no decorrer do processo de investigação.

No final do estudo, os resultados serão devolvidos às participantes, bem como à população LGBT, por meio de palestras especificamente direcionadas a esse público, conforme tradição estabelecida pelo grupo de pesquisa e intervenção na comunidade – VIDEVERSO.

6. CENÁRIO INTERPESSOAL – Construindo as relações

6.1. Silvia – A gente usa o corpo um do outro

Silvia é uma cabeleireira de 32 anos, natural de uma cidade do interior de São Paulo. Ela se define como transexual e, atualmente, está “casada” com um rapaz. Eles coabitam em um relacionamento de cinco anos. Ela já pensou em realizar a redesignação sexual e até buscou por isso em um período de sua vida, mas hoje não vê mais como uma necessidade.

No início de nossa conversa pergunto o seu nome e ela logo rebate questionando se seria o nome de registro. Coloco então que ela poderia se sentir a vontade para me dar o nome de sua preferência e ela me diz o nome de “*quem vive*”⁷, isso é, o feminino. Com isso, ela estabelece o sujeito do seu roteiro interpessoal, a sua porção feminina, adaptando o sujeito cultural que seria o “*do registro*” e se afastando totalmente deste nível. Contudo, quando questionada a respeito de sua orientação sexual, Silvia aí se volta para o cenário cultural e define:

Enquanto mulher, hétero, né? (risos) (silêncio) É aí que eu me perco. Que orientação sexual tem o trans? Se eu me sinto uma mulher eu me sinto hétero. Ou bi... (risos) Não, porque mulher não rola. Gay? Tanto faz...

E: Tanto faz? Hétero ou gay...?

C: É porque se eu me coloco na condição de heterossexual, eu sou hétero.

Nesse momento, ela faz o movimento oposto, buscando elementos do cenário cultural para construir seu nível intrapsíquico de roteirização como mulher, uma “mulher de verdade” que, por definição, tem de ser heterossexual. No entanto, ainda nota-se um nível de dúvida a respeito do que ela realmente seria. Como colocado por Bento (2006), é difícil para a transexual concretizar uma definição de “quem sou eu”. De acordo com a autora, elas acabam construindo suas identidades baseando-se no que “não sou” e no que “quero ser”. Aparentemente, tal dúvida se dá para Silvia pela tentativa de harmonizar os elementos dos cenários culturais, que trazem em si a definição de como deve ser uma transexual, uma mulher e um *gay*, e os elementos intrapsíquicos, trazendo a formação de um roteiro mais flexível, de um trânsito entre os elementos abstratos do gênero. Esse trânsito com um lugar de

⁷ Os termos em itálico se referem a recortes de falas retirados na íntegra das transcrições das entrevistas.

ambiguidade vai ficando mais claro ao longo da entrevista, mas logo no prosseguir da conversa, quando lhe é pedido para se definir, ela já afirma esse lugar de dualidade que vai passar a ser seu sujeito no roteiro interpessoal:

Em relação a rótulo eu me considero mulher. Ou transexual. Não me considero homem, nem gay. Porque eu sei o que é um gay e eu sei o que é um homem, né? Eu acho que eu me considero uma transexual real mesmo. Porque eu também olho pras mulheres e eu sinto que não tem uma identificação... Exata... Total. Me considero transexual mesmo.

O duelo entre cultural e intrapsíquico aparece ainda quando ela fala sobre suas razões para não querer mais realizar a cirurgia. Ela coloca uma contraposição entre o desejo e a culpa, quer dizer, a cirurgia seria apenas uma maneira de adequar seus desejos (esfera intrapsíquica) ao ditado pela sociedade como “normal” (esfera cultural) e o fato de não estar adequada cria o sentimento de culpa. Ela ainda coloca a cirurgia como uma mudança unicamente física, mas mantenedora de diversas outras questões psicológicas e de preconceito na vida da pessoa, ou seja, uma mudança que pode ter o poder de interferir drasticamente nos três níveis de roteirização vai apenas resvalar nos três, sem, contudo, trazer muitas mudanças ao roteiro existente.

Ao relatar seus primeiros relacionamentos e sua primeira relação sexual, Silvia nos mostra uma divisão feita entre o sexual e o sentimento, fato inclusive verbalizado por ela em um momento da entrevista. Para ela o sentimento, em um primeiro momento, está presente em dois níveis somente: o cultural e o intrapsíquico. No nível cultural existe o conceito de amor romântico, buscado e almejado por todas as pessoas, e no nível intrapsíquico está a relação de amor, a interpretação do que poderia e deveria ser esse amor. Na esfera intrapsíquica esse amor é, às vezes, voltado a ela mesma por não existir nenhum objeto ao qual ele pode ser direcionado, mas quando esse objeto existe, como com seus primeiros namorados, o amor é revertido à eles. Todavia, o fator interessante é que esse amor não existe na esfera interpessoal (no significado mais etimológico), pois mesmo quando há um relacionamento instaurado, esse amor é uma via de mão única, ao contrário do sexual:

A minha vida... Sexual começou de uma maneira que eu considero muito apressada, muito afoita, muito inadequada para os dias de hoje PRA MIM, né. [...] Muito vaga essa questão da primeira vez sexual. A primeira vez sentimental, os meus primeiros sentimentos foram todos sozinho... Sozinho, né. [...] O meu primeiro relacionamento que eu senti que ERA um relacionamento, mas que NÃO... Nenhum dos meus relacionamentos foram estruturados na vida... É... Foi com um cabeleireiro que eu

conheci num salão que eu entrei pra trabalhar como auxiliar, né. Ele se encantou comigo, deu em cima de mim, tudo. Novinha, solteira, doida pra arrumar alguém. Fiquei com ele. A gente acabou ficando dois anos, acabamos tendo um negócio junto, mas ele nunca me assumiu, prontamente. Pra todos os efeitos sempre eu era SÓcia dele, amiga, colega, nunca namorada. Eu abri minha família... Como todos. Eu ofereci muito, mas me ofereceram pouco. Ou então, do que me ofereceram era bem limitado... Até onde eu podia ir na vida deles. [...] Eu esperando sentimento, esperando envolvimento, esperando algo mais humano da pessoa, oferecia sexo. Eu oferecia sexo para os homens buscando ter companhia, afetividade...

A divisão entre amor e sexo e a busca desse sentimento embutido de uma aceitação, levam Silvia a criar até um termo: “pseudorelacionamentos”. Para ela, só foram relacionamentos os namoros nos quais o sujeito a aceitou na sua vida em alguma instância, mesmo que isso o levasse a ter presente em seu roteiro atitudes agressivas para com ela. Ela por sua vez, incluía em seu roteiro interpessoal a reciprocidade dessa aceitação, em níveis diferentes, ou seja, ele “*foi até o mercado comigo*” mostrando aceitação e eu me submeto ao que vier dele, mesmo que seja quando ele “*chegasse em casa e resolvesse me bater*”.

Ao descrever seus relacionamentos, ela marca a presença dos cenários culturais nos roteiros interpessoais quando relata que seus namorados, com exceção do seu relacionamento atual, buscavam sempre firmar uma masculinidade heterossexual saindo com mulheres e, com isso, demonstrando o lugar de não-pertencimento dela no papel feminino. Apesar dela buscar modificar seus roteiros para que sua feminilidade fosse legitimada, eles o foram no sentido oposto, pois no primeiro relacionamento ela afirma “*nunca tive um orgasmo*” por não se masturbar durante a relação; enquanto no segundo o namorado passou a masturba-la durante o ato sexual. Essa mudança de roteiro e, conseqüentemente, de práticas sexuais agia como legitimador, senão de uma masculinidade, pelo menos de uma dualidade, indo contra sua tentativa de se posicionar como “mulher de verdade”.

Apesar desse ato do namorado masturba-la ter sido visto com surpresa e dela ter exemplos dos roteiros de outras pessoas onde tal atitude causou asco, ela não o interpretou dessa maneira. Tal explicação, de certa forma, demonstra um primeiro momento no qual o sentimento e o sexual se aproximam, pois se existe amor eu posso me permitir explorar o sexual e uni-los dentro de um único roteiro. Isso, levando-se também em consideração o fato da dualidade já ser um elemento intrapsíquico. Contudo, quando o rompimento é relatado, essa modificação do roteiro é questionada por ela e o ex-namorado é colocado em uma posição “inferior” na hierarquia do gênero. Ele deixa de ser o homem hétero e passa a figurar como um dos “anormais”, já que a prática do sexo oral por parte dele existia:

Foi um relacionamento que me deixou profundamente abalada no rompimento por que... Eu amava muito, ele... Eu amava? Eu acho que eu amava sim. E eu era muito inocente, né. [...] Ele dizer pra mim que eu sou anormal. O cara ter... Me comido, me chupado, só faltou dar pra mim durante esses dois anos e depois o cara vem falar pra mim que EU sou anormal?

Em seu terceiro relacionamento, novamente o nível interpessoal é unilateral: enquanto o namorado a trata de maneira ruim, traindo-a com diversas mulheres e não assumindo-a como um relacionamento, ela lhe dá o amor e o roteiro de “*uma vida sensata*” o qual, segunda ela, ele consegue assimilar e utilizar em seu relacionamento recente. No relacionamento atual passamos a ver a união dessas duas esferas, em um roteiro cujo nível cultural parece possuir lugares habitados pela dualidade (ela como transexual e ele como bissexual), no nível interpessoal uma troca igualitária e no nível intrapsíquico um reconhecimento mais essencial. Como ela mesma define:

Eu grito pro abismo e volta o mesmo timbre de voz do meu, simplesmente repetindo as sílabas. Não volta nada mais de distorção. Um relacionamento que eu sinto que eu posso entrar, que eu sinto que eu posso vivenciar, uma pessoa que me assume e que não tem uma série de problemas que os outros relacionamentos anteriores tiveram.

Essa nova configuração de relacionamento parece permitir que Silvia passe no nível intrapsíquico de um papel passivo, no qual ela só colhia e assimilava para si os conteúdos provenientes dos cenários culturais, para um papel ativo, onde ela passa a filtrar esses conteúdos e interpreta-los de uma maneira própria, criando assim um novo roteiro. A base mais forte no nível interpessoal também abre uma nova possibilidade de experimentações para ela. Todavia, esse novo roteiro não é acompanhado pelo namorado, ou seja, ele não consegue adaptar e modificar seus roteiros para alcançarem uma conduta harmônica. Por esta razão eles se separaram por um tempo e ela assimilou um movimento de novamente dividir sexo e sentimento, mas dessa vez experimentando o lado do sexo por sexo.

Do sexo por sexo? Foi uma maravilha! Foi o fim da toalhinha, foi o fim do travesseiro... Na frente da genitália. Entendeu? Foi o momento em que eu comecei a exPOR mesmo “Olha, tá aqui. Ai, ficou duro? Legal, aproveita... Tá calor, pega. Aproveita que você tá aqui, você tem mão também. Tem duas, ó, tá sobrando mão”. Foi um momento de total perda de inibição. [...] Foi um momento que eu comecei a exigir algumas coisas dos homens porque eu criei perfis na internet em que eu exigia “eu preciso disso, disso e daquilo num homem”, né.

Enquanto ela experimentava o sexo, ele também fazia experiências com seus roteiros sexuais, chegando até o ponto de experimentar a transexualidade, com tomada de hormônios e utilização de um nome feminino. Tal comportamento, no entanto, é interpretado por Silvia como “*problemas de identificação entre eu e ele*”. Após experimentações e reelaborações de roteiros e condutas, os dois voltaram a se relacionar, estando agora mais flexíveis em seus roteiros sexuais, que incluíam até a possibilidade de uma performance ativa por parte dela na relação, posto que ser “ativa” durante a relação, ou melhor, tomar as rédeas da situação durante o ato sexual já era um papel presente nos roteiros sexuais de Silvia. Apesar de toda essa renovação e cumplicidade entre os dois e seus respectivos roteiros sexuais, ela ainda dá indicações de uma conduta unilateral no nível interpessoal:

Agora ele me aceita inteira, em tudo, corpo, alma, mente, tudo. Tudo que se passa por mim ele tá aceitando pra tá dentro dessa relação.

É uma coisa bem assim: eu uso o teu corpo e você usa o meu.

Ela também se utiliza de elementos dos cenários culturais heteronormativos para definir sua relação como um casamento que eles pensam em oficializar em cartório, posto que pretendem “*continuar com a vida a fora juntos*” (um ideal derivado do mito do amor romântico) e para falar da posição de não-homem adquirida por seu marido ao se incluir na categoria de ginandromorfófilo⁸. Por se colocar como alguém que sente atração por pessoas *Trans* e, conseqüentemente, atração por determinados aspectos da anatomia e do gênero masculino, exprimindo certos atributos tidos pelas normas de gênero como pertencentes ao feminino, o namorado de Silvia deixa de ser homem, com h maiúsculo, passando a ser um indivíduo dual e fora da heteronorma.

As experiências e o relacionamento trazem, contudo, uma mudança definitiva em seu roteiro sexual quando se trata de relações interpessoais. O homem hétero deixa de ser o público alvo, abrindo espaço para os homens cujos relacionamentos já incluíram outros homens. O cenário cultural que trazia a figura do homem hétero como necessário para a afirmação de sua feminilidade, dá espaço ao homem que traz consigo uma “evolução”, entrando com a parte sentimental, afinal “*vai ter uns 20, 30% aqui* [de características

⁸ O termo ginandromorfofilia surgiu na década de 1990, cunhado por Blanchard e Collins para nomear homens que se interessam sexualmente por travestis, transexuais e homens feminilizados (Soares & Bruns, 2010; Soares, 2012).

masculinas] *que você vai TER que lidar e não adianta e eu não jo... Eu não vou trancafiar parte de mim na gaveta por dificuldade sua, não*".

Entrando no campo das práticas sexuais, Silvia coloca o seu prazer somente no físico, negando ser o cérebro o maior órgão sexual do corpo e que exista um fator psicológico no prazer, não internalizando assim o cenário cultural, que afirma ser esse aspecto psíquico extremamente importante para o sexo. Porém, isso é contradito por ela mesma ao afirmar que sua maior fonte de prazer durante o ato sexual é "*o que tá na minha cabeça*". O prazer, no entanto, está totalmente ausente de sua primeira experiência sexual, ocorrida nos seus 15 anos e tida como "*algo mecânico*". Além disso, ela assimila os cenários quando o assunto é a importância do sexo para a vida, afirmando que o orgasmo é imprescindível. O mesmo ocorre quando conversamos sobre como ela imaginava sua primeira vez. Ela relata um quadro baseado no conceito de amor romântico, com trocas de olhares e flertes. Quando falamos das práticas propriamente ditas, sexo oral e anal são as mais constantemente citadas, sendo incluídas algumas práticas fetichistas relacionadas ao universo da dominação/submissão, que nos direciona novamente ao pensamento da via de mão única na esfera interpessoal.

O universo da fantasia também é mencionado, se confundindo e se mesclando com o do fetiche, tornando-se um o sinônimo do outro. Nesse universo, ela se mostra bem aberta a novas experiências, contanto que elas só aconteçam até certo ponto. A possibilidade das fantasias passarem ao plano do real se mostra aberta, porém acontecendo no momento certo:

Porque a fantasia é muito gostosa, mas ela é muito gostosa pra te levar até um certo ponto. Depois que chegou naquele certo ponto é o trivial que vai te satisfazer. Se não for o trivial que vai satisfazer você AINDA tá na fantasia. Eu acho que a fantasia não é sexo... A fantasia não é sexo... Eu acho que a fantasia é fantasia mesmo... O sexo é real, a fantasia não. Às vezes, a fantasia é boa pra te excitar, mas, às vezes, ela não é boa. [...] Então eu acho que a fantasia é muito legal enquanto ela tá lá na fantasia, lá no terreno da fantasia. Já vi muito caso de gente que tenta trazer a fantasia pra realidade e tem problemas seríssimos com isso. Então, às vezes, a fantasia é bom porque é FANTasia. Sabe?

A frequência a lugares como *dark room*, saunas e cinemas⁹, locais nos quais o corpo é exposto e explorado, é relatada como nula e não incitadora de vontade pelo fato de nesses

⁹ O *dark room* é um quarto ou sala com iluminação muito baixa ou totalmente escura que existe em alguns bares, boates ou saunas, voltado para atividade erótica e/ou sexual entre os presentes que é quase anônima por causa da escuridão. **Saunas gays** são lugares para encontros, frequentemente anônimos, de homens que buscam sexo com outros homens e que possuem além da parte de sauna propriamente dita, cabines privativas para encontros particulares. **Cinema pornô** é um cinema que passa filmes com conteúdo pornográfico e no qual as pessoas vão para assistir ao filme ou mesmo ter relações sexuais com os outros frequentadores, seja na sala de exibição ou nos banheiros.

ambientes nada ser “*humanizado*” e a pessoa passar a ser um “*pedaço de carne*”. A pornografia está presente na vida de Silvia e para ela é tida como um cenário cultural, assim como a masturbação “*Acho que todo mundo vê. Todo mundo vê. Quem não vê tá...*”. Os filmes com conteúdo *gay* atraem mais por conta dos corpos dos atores e a masturbação é definida por ela como uma relação “*perfeita*”, posto que é uma relação sem o outro, pertencente apenas à esfera intrapsíquica onde a fantasia domina a realidade. É interessante notar como a contradição aparece novamente em seu discurso quando ela afirma que a fantasia só é boa quando vai até certo ponto, mas valoriza e caracteriza como perfeita uma prática que permite às suas fantasias não terem limites. O sexo oral é tido por ela como a prática mais prazerosa e as preliminares também são colocadas em um patamar alto de importância (“*é básico... É básico*”), mas não em 100% do tempo, pois, às vezes, a famosa “*rapidinha*” se faz necessária. A interação pós-relação também é apontada como muito importante e um momento onde a afetividade se torna presente, tornando até o fluxo de pensamentos diferente.

O uso do preservativo é relatado como nulo já que o parceiro é fixo, porém tal decisão só foi tomada pelo casal depois de uma conversa e exames. Essa questão ainda levantou outro ponto durante a entrevista. Silvia relatou ter tido um episódio no qual houve a possibilidade de ela estar infectada com o vírus HIV, por conta de um relacionamento anterior e que, nesse momento, seu namorado atual trouxe de seu roteiro o cenário cultural do amor que supera todas as dificuldades da vida, dizendo-lhe que ficaria com ela mesmo se ela estivesse doente. Na questão de problemas relacionados à sexualidade, ela relata problemas de ereção devido ao uso de hormônios, colocando tal fator como um cenário cultural dentro do universo *Trans*:

Problema de ereção pra transexual [risos], vamos rir, né. Vamos rir porque todas têm problemas de ereção. Todas têm problemas de ereção.

Ela também coloca a dificuldade de falar sobre a sexualidade como outro cenário cultural do Universo *Trans*. Ao final da entrevista ela aponta dois fatores que trabalham, segundo ela, como modificadores dos roteiros sexuais: o hormônio, regulando a excitação sexual e a colocação de si no papel feminino, necessário, segundo ela, para a vivência de sua sexualidade em toda sua extensão. Esses dois fatores estão intimamente relacionados com o conceito de transexual e também com o conceito de travesti. Contudo, o papel feminino é colocado como importante para a vivência de “*tudo*”, não só na esfera sexual. Por esse fator, o

termo transexual se torna mais sensato de ser utilizado, posto que os estigmas de marginalidade não estão contidos nele.

Podemos notar que o fato de Silvia assimilar elementos de ambiguidade para suas esferas intrapsíquica e interpessoal afastam-na, em certos momentos mais, em outros menos, dos cenários culturais. Contudo, tais cenários se fazem presentes como parte de seus roteiros, passando às vezes despercebidos. Isso acarreta na criação, por parte dela, de um roteiro ambivalente onde, ao mesmo tempo em que busca assimilar o discurso cultural heteronormativo, procura também transforma-lo e remolda-lo no intuito de incluir a dualidade existente nela (transexual não operada) e no namorado (bissexual e ginandromorfófilo).

6.2. Bárbara – Se eu amar a pessoa, eu vou querer compartilhar inclusive da AIDS dela

Bárbara é uma comerciante aposentada de 58 anos, natural do interior do Estado de São Paulo. Ela se define como transexual e já realizou a cirurgia de redesignação sexual há cinco anos, fora do Brasil. Ela se coloca como lésbica, pois só se relaciona com mulheres. Ela já foi casada e tem dois filhos biológicos. Contudo, atualmente se autodenomina assexuada e não está engajada em nenhum relacionamento afetivo.

Ao iniciarmos nossa conversa, Bárbara logo me mostra os cenários culturais que compõem seu roteiro sexual ao expressar o estranhamento em relação à sua orientação homossexual. “*É difícil de explicar e é difícil de entender*” o fato de uma mulher transexual se relacionar com outras mulheres e, ainda por cima, uma transexual já submetida à redesignação sexual. O cenário cultural, como já apontado anteriormente, coloca a transexual na busca de se tornar uma “mulher de verdade”, ou seja, uma mulher heterossexual. Uma transexual que passa pela cirurgia para continuar se relacionando com mulheres é um ser abjeto (Bento, 2011).

Ao falar de seu casamento, ela novamente evoca os cenários culturais de seus roteiros para justificar sua “*tentativa de fuga da minha condição transexual, uma inaceitação da minha condição. Eu imaginava que com o casamento eu pudesse... Superar essa...*”, assim como, também faz uso dos cenários para classificar seu primeiro relacionamento como “*normal*”, pois o mesmo estava dentro da heteronormatividade.

Entretanto, Bárbara aponta para a questão de que, quando buscava uma explicação para sua condição e as peculiaridades dessa, ela não era feliz. Sendo assim, enquanto ela tentava assimilar e dinamizar os cenários culturais com os roteiros intrapsíquicos ela não conseguia ajustar sua conduta e formar um novo roteiro. Ela só encontrou a felicidade quando deixou de tentar, formando um roteiro que mantinha essas duas instâncias separadas:

Existe uma coisa que, enquanto eu queria entender, eu não era feliz. Chegou uma hora que eu falei: “seja o que Deus quiser, não quero entender”. Eu queroooo é seguir a minha intuição por que... Contrariar a tua intuição, aquilo que vem de dentro que é o complicado. Fazer diferente pra ser igual!? Não, não quero ser igual. Quero me satisfazer... Satisfazer meu/ a minha intuição. Então, me relaciono com mulheres. Nunca me relacionei com masculino.

Quando relata seus relacionamentos pós-operação, ela afirma que todas as mulheres com quem esteve sabiam de sua condição transexual, declarando que essa informação é aberta à todos. Tal fato pode estar conectado a ideia, presente em seus cenários culturais, de que uma vez realizada a cirurgia a condição dentro do gênero feminino é garantida e, portanto, pode ser divulgada.

Bárbara aponta um fator importante para a esfera interpessoal de seus roteiros. Ela declara que o fato de estar ficando mais velha a deixa mais exigente, mas seletiva em relação às pessoas com quem se relaciona. O fator idade, além de realizar mudanças nos roteiros interpessoais, também é colocado como um elementos dos cenários culturais, posto que é fato presente na vida de todo mundo:

Não sei se a gente, à medida que o tempo passa, a gente se torna mais exigente. Isso é uma realidade. À medida que o tempo passa você torna mais seletiva, mais exigente... Então... Você começa a colocar condições pra esse relacionamento, aí... Difícil, entendeu? Porque o relacionamento tem que ser muito espontâneo, um relacionamento bom, duradouro, tem que ser espontâneo. Quando você começa a colocar condições... Não é mais espontâneo, então por isso que não dura. Quer dizer, hoje não dá pra eu imaginar uma pessoa que não tenha a mesma leitura da vida, o entendimento que eu... Entendeu? Isso dificulta o relacionamento. A liberdade. Às vezes a pessoa... Tem filho, então isso já tira a liberdade de você viajar, de você... Então isso torna-se um... Um problema também, um empecilho.

Além disso, a “energia de vida” também é trazida como outro elemento que interfere nos roteiros interpessoais, essa energia de sempre estar buscando se renovar e aprender e, com isso, talvez criar novos roteiros.

Os roteiros sexuais de Bárbara, no entanto, parecem ter um foco maior no nível dos cenários culturais, posto que ela novamente traz desses, elementos por meio dos discursos médicos-psi, justificando e legitimando sua conduta de não colocar o sexo como o principal elemento de seus roteiros. Todavia, o nível dos cenários culturais se torna muito dinâmico com o nível intrapsíquico à medida que ela assimila para seus roteiros o discurso médico-psi, passando a se sentir “normal” por não necessitar do sexo após a explicação “científica”. Essa ênfase dos cenários culturais se mostra inclusive quando ela questiona o pesquisador para saber sua opinião sobre a visão exposta por ela. O entrevistador, como representante da classe científica, portadora do conhecimento, talvez sirva como mais um elemento validador para esse caminho de roteirização.

Bárbara, assim como Silvia, também demonstra uma separação entre o sexo e os sentimentos. Porém, ela demonstra uma possibilidade de que em seu roteiro tais elementos podem ser vistos juntos:

Sexo pra mim é uma forma reprodutiva. Agora, é uma forma também de afetividade, manifestar a afetividade? Sem dúvida sim. Agora, ela não é a única e nem a mais importante, a meu ver.

Na verdade, essa junção é o que ela busca formar em seu roteiro. Procura harmonizar seu *script* e possuir os mesmos elementos nos três níveis juntando o amor, elemento presente para ela no nível intrapsíquico e o sexo, elemento do nível cultural, no nível interpessoal, até agora possuidor apenas do sexo, fator que os “outros” separam do amor:

A energia da cumplicidade faz falta no sexo. Talvez seja uma coisa pouco notada, as pessoas se focam muito no prazer físico, no orgasmo, mas o sexo, a relação sexual, acima de tudo, ela tem que ter uma energia.

Ela também nos dá a entender que uma relação, para possuir a reciprocidade no nível interpessoal, terá de conter tanto o sexo quanto o amor, mas em maior grau o amor, para que a mesma possa ocorrer. Contudo, ela ainda vai mais longe e divide não só amor e sexo como também o sexo e o prazer:

A relação sexual virou sinônimo de prazer. Será que ela é sempre? Tenho dúvidas... Muitos casais fazem por obrigação. Aquilo que é espontâneo, que te deixa feliz, que te agrada, que te satisfaz... É forma de prazer. Às vezes é comum a gente dizer: “nossa, isso quase me leva ao orgasmo de tão feliz que eu tô. É quase um orgasmo”, você já não ouviu tantas vezes isso? Esse quase orgasmo é que o orgasmo se tornou sinônimo

de realização do prazer, é o ápice do prazer, né? Então tem muitas coisas “orgásmicas” que não necessariamente são relações sexuais.

E une o prazer ao sentimento de amor. Por essa razão, relata que em nenhuma de suas experiências sexuais, tidas por ela como “*tudo igual*” pelo fato de nenhuma ter tido a junção de amor e sexo, sentiu prazer. O prazer é ligado ao amor e demonstrado não só no ato sexual, mas sim na afetividade pré e pós-relação, fator também apontado como importante por Silvia:

Então é normal as pessoas mais idosas viverem a busca de um urologista porque elas não têm mais ereção... E elas acham que a vida acabou? Para com isso! Vai procurar nas inúmeras oportunidades que a vida te oferece de ser feliz. Namorar, dançar, não necessariamente... Beijar na boca, porque não? Isso é uma forma de prazer, de trazer... Uma satisfação incrível. Muitas vezes/ muita gente diz que às vezes é melhor o... [...] As preliminares muitas vezes são melhores... Do que o sexo em si.

[...] todas as pessoas precisam de um amante e de repente esse amante é o seu hobby, é o seu lazer, é o seu cachorro, é o seu... Enfim, aquilo que você escolhe como prazeroso, a sua terapia ocupacional, isso é o que você, tudo o que te faz amar é o seu amante.

Para Bárbara, uma busca desenfreada por sexo pode indicar uma busca por amor, sentimento até então não encontrado. Busca essa que parece leva-la a inúmeras ressignificações e reelaborações para a criação de um novo roteiro. Um exemplo dessas reelaborações surge quando falamos sobre suas relações sexuais pós-cirurgia. Ela descreve o ato como mais afetivo, mais essencial, quase como se retirasse o ato do campo do sexual e o trouxesse para o campo do sentimento. Pensando nesse sentido, podemos supor que o fato de não haver mais a “relação de penetração”, o conceito de ato sexual como é conhecido, no qual um indivíduo penetra e o outro é penetrado, passa a não existir mais como parte de seu roteiro. Como não existe mais o sexo, só resta o amor. Isso também é reforçado quando ela se utiliza de uma metáfora para definir as preliminares e a importância delas:

Vamos pensar na viagem: Você se prepara o ano todo pra uma viagem... No dia seguinte você tá voltando da viagem... Entendeu? Então, eu ainda fico na viagem, ainda no preparativo, naquela coisa... E... E de saber que eu quero tá sempre... De passagem. Não chegando, não ficando, não voltando. Isso aí, pra mim, é o final. E o final é sempre triste... [...] Então, nós estamos sempre na expectativa, sempre esperançosos... De que algo melhor vai acontecer. Quando você... Termina você fala: “meu Deus, aconteceu ou não aconteceu? Já passou?”. Vem a decepção muitas vezes, na grande maioria das vezes. Então, eu tô sempre no sonho, na viagem, na busca...

Ao se colocar como alguém que está sempre em preparação de algo, sempre de passagem, ela reforça a ideia de não poder mais alcançar o final, já que a penetração não existe. Não se pode mais alcançar o sexo, então resta o amor ou, pelo menos, a busca por ele. Isso também influencia seus roteiros interpessoais, sendo que se o importante é a busca e a passagem, nunca vai se querer alcançar o final, ou seja, um relacionamento propriamente dito, acabando por torná-lo ainda mais impossível de ser alcançado, o que pode apontar uma possível razão para uma fase assexuada. Esse afastamento do sexo presente hoje em seu roteiro sexual se mostra também quando ela é questionada sobre sua primeira vez. Ela relata que não se lembra, pois foi há muito tempo (ela tinha 13 anos) e só ocorreu o que ela define como “convencional”, no caso, a penetração vaginal. O sexo para ela hoje é visto como produto de prateleira, como moeda de troca.

Assim como o ato sexual e as preliminares, a masturbação também parece retirada do campo sexual. Ela passa a ser um “*autoafeto*”, um carinho que a pessoa precisa se dar. Da mesma forma, fantasias e fetiches são colocados como pertencentes ao universo infantojuvenil, período da vida no qual brincadeiras com o faz-de-conta acontecem. Ao trazer esse universo para sua narrativa sobre suas fantasias e fetiches ela infantiliza o assunto e, de certa maneira, retira-o do campo do sexual:

Ah, sempre tem as fantasias... Sempre tem. Fantasia sim, essa é gostosa. Ah, aliás, isso é comum, você brinca de faz de conta desde a infância, né? Quem que nunca brincou de Mulher Maravilha, de Batman e Robin, de... Sabe? Mocinho, bandido... Isso é fantasiar, nossa vida é uma fantasia. E eu acho que isso é ser criança, fantasiar é ser criança. Então... O meu perfil é assim, é de criança, é de... Uma pessoa até imatura eu diria com relação a fantasias... Por que não? Isso sim. Isso é muito bom, isso é parte da vida.

No relato de Bárbara podemos notar a presença de diversos cenários culturais. Uma das possíveis razões para isso é colocada por ela mesma:

Foi representar. Foi representar. Em função da cultura, em função do conservadorismo, tudo se cobrava que as coisas fossem daquela maneira. Então, você meio que representa pra satisfazer ao... A sociedade, a família... Você representa. Chega um dia que você fala: “não, não aguento mais representar”. Acho que ninguém consegue viver em cima do palco uma vida inteira, um dia você fala: “não, quero descer, quero ser eu. Chega de representar”. Então, foi exatamente isso que aconteceu comigo, foi representação uma vida inteira.

A existência de tantos cenários para a construção de um roteiro, assim como a divisão de amor, sexo e prazer acabam por causar uma mistura e a sobreposição de ideias, criando um roteiro confuso. Ao falar sobre o prazer, Bárbara coloca conceitos tidos culturalmente referentes ao amor como ligados ao sexo e vice-versa:

Que o prazer que as pessoas conhecem é o prazer do orgasmo. E pra eu chamar de orgasmo falta muita coisa. Falta exatamente essa energia e essa energia foi o que eu nunca encontrei. Então, por isso me tornei até aversa mesmo, eu diria que hoje eu não vejo motivo pra se ter relação sexual, acho até muito estranho. O que é que as pessoas buscam com isso? Mas buscam assim, a todo instante, incessantemente, cada vez mais... Fazem disso loucuras, suicidam, se matam... Por conta do sexo. Eu não consegui descobrir. Depois de tanto procurar... Não achei esse prazer na relação sexual... Como as pessoas colocam, eu não consegui. Porque eu não encontrei essa energia, essa coisa que... Eu sempre busquei. Sei lá, pode parecer uma loucura, mas, ué, eu sinto assim. Entendeu? E por essa razão tanto... Você vê tantas... Mentiras. Casamentos mentirosos, relações mentirosas... Você vê tanta... Hipocrisia em tudo isso. Entendeu? Em nome... Do machismo, em nome do conservadorismo, em nome da IGREJA que determina que as pessoas se relacionem... Casamento... Eu nunca entendi muito bem essa coisa não. Nunca entendi

Como apontado anteriormente, para Bárbara o sexo é um produto já comprado por ela mesma, não só pagando por um programa como também “a pessoa que chama uma namorada, uma pessoa, uma amiga pra... Olha, um jantar... Ele tá pagando. Entendeu? Ele tá pagando. Uma viagem, ele tá pagando. O casamento é uma forma. E sai caro”. Nesse “comércio sexual”, o exterior é repleto de detalhes sedutores, atraentes e convidativos, mas o que ela busca é o interior que, até o momento só se mostrou vazio. Nessa linha de raciocínio, Bárbara acaba por conferir ao sexo características comumente atribuídas ao amor pelos cenários culturais:

Sexo pra mim tem que ser uma coisa muito sublime junto com a... A essência... A alma...

No mesmo comércio, práticas não convencionais como o sexo a três e lugares voltados ao sexo como cinemas pornô e *dark room* são retirados da esfera do humano, da esfera do racional e embutidos no instinto animal, afinal de contas “Como é que você divide seu amor pra duas pessoas?” ou “Você esperaria encontrar um grande amor nessas situações?”.

O preservativo atualmente é relatado como não utilizado, posto que não existe a penetração e, por isso, não haveria a necessidade do uso. Além disso, o preservativo é apresentado como mais um dos componentes auxiliares na divisão amor e sexo, pois para

Bárbara “*você usa o preservativo por medo*”, por não conhecer a pessoa. Ela relata nunca ter tido nenhuma DST e que realiza exames regularmente pelo fato de ser doadora de sangue. Contudo, para ela, se o amor romântico, vencedor de todos os obstáculos, estiver presente (cenário cultural) ela iria querer compartilhar até mesmo da AIDS da parceira.

Podemos notar que Bárbara assimila diversos cenários culturais, em especial os provenientes das áreas médico-psi, não somente para legitimar sua feminilidade, mas principalmente para pensar e reinterpretar o papel do sexo em sua vida, dando vazão ao seu nível intrapsíquico e criando assim um novo roteiro que inclui a busca do amor romântico, tido como impossível de alcançar, ao invés de apenas usufruir o oferecido nas vitrines desse “comércio”:

Talvez as pessoas não saibam o que elas querem. Ou imagina que o que elas querem é alguma coisa impossível: “Não, já que é impossível eu vou... Eu não tenho isso aqui, então eu vou comer isso mesmo...”. Acho que é mais ou menos por aí. Ou eu vou me satisfazer com o pouco que eu encontro... E eu como sou uma pessoa mais exigente mais... Analista da, das... Da mente humana. Eu estudo muito essa coisa, eu leio muito sobre essa/ a mente humana, o que vai pela mente humana. Entendeu? Então, eu procuro entender melhor esse tipo de coisa. E aceitar também. E até a pensar que... As pessoas são, realmente, muito superficiais em se falando de sexo. Muito, muito, muito...

Além disso, Bárbara, no início de sua vida, buscou se enquadrar ao máximo no discurso heteronormativo, lutando inclusive contra si mesma para suprir as expectativas da família e da sociedade. Com isso, ela criou para si um roteiro no qual os elementos masculinos ganhavam destaque à força. Quando ela viu a oportunidade de abraçar sua condição, se assumindo como transexual e realizando a cirurgia, seu roteiro teve de ser repensado. Contudo, diversos elementos do roteiro anterior, por conta da sociedade e especialmente dos filhos, tiveram de ser mantidos, além de alguns fatores do seu modo de ser, como o fato de gostar de se relacionar com mulheres, não se encaixam na visão dela tão bem no roteiro de uma transexual. Por essa razão, vemos Bárbara criando um roteiro intermediário, que fica na passagem, deslocando os elementos de seus contextos e focando em algo tido como muito difícil de encontrar, senão impossível. Para justificar sua nova conduta, ela faz como sempre fez e se volta aos cenários culturais, dessa vez por meio dos discursos médico-psi, acrescentando novos elementos, como o envelhecimento que, como apontado por D. Santos (2012), traz modificações para os roteiros, buscando criar subsídios para se manter nesse roteiro e sua busca.

6.3. Renata – Oi paixão, já tá chegando no motel?

Renata é uma profissional do sexo de 19 anos, natural do interior paulista. Ela se define como travesti e diz não ter problemas com sua genitália, pois gosta também de ser ativa. Atualmente, está em um relacionamento de cinco meses com um homem casado, que já foi seu cliente.

Em todo o discurso de Renata, percebemos a presença de diversos roteiros culturais em relação aos mais variados temas. Uma possibilidade para explicar tal fenômeno se dá pelo fato do pesquisador ser da área psi. Como ela expressa ao final da entrevista, é bom ter “*quem quer conversar e entender*” elas, posto que “*são poucas pessoas que entende nossos casos*”. A presença de uma figura tida como “mantenedora do conhecimento” pode ter evocado nela os elementos culturais de seus roteiros.

O primeiro tema evocador desses elementos é o do termo utilizado para autodeterminação. Ela se coloca como travesti, posto que não nasceu querendo operar, mas se “*formou*” aos 15 anos, com o incentivo de travestis mais velhas que a aconselharam a tomar hormônios e “*batalhar como elas*”. Benedetti (2005) também traz em seu trabalho esse conceito de que uma travesti não nasce, ela se forma ou se cria. Além disso, essa autodenominação se deve também ao fato de seu gosto por ser ativa em suas relações sexuais, fator esse não relacionado com a definição de transexual, como já dito anteriormente.

Ao definir o que é sexo para ela, Renata se baseia no cenário cultural do sexo biológico (macho e fêmea) e afirma que o ato sexual se dá entre um homem e uma mulher. Quando fala sobre a prostituição traz a questão do preconceito sobre o ofício e do fato desta ser a profissão “*mais antiga do mundo*”. Além disso, assegura que está nesse meio pela necessidade do dinheiro. Algumas frases de efeito também surgem como “*o importante é ser feliz*” ou quando relata a relação com o namorado, afirma que com ele faz “*AMOR. É diferente de sexo*”. É interessante notar que algumas dessas colocações surgem fora de contexto, tornando-se outro fator sustentador da possibilidade do pesquisador ter influenciado tal surgimento. Quando questionada se está satisfeita com sua vida sexual, Renata faz um discurso onde enfatiza a ideia de ser feliz, passando por questões religiosas e não entrando em detalhes na resposta pedida:

Olha... Satisfeita? Num ponto sim, né? Por que... Eu travesti... Um ponto eu tô certa, um ponto eu tô errada... Porque eu fui evangélica, né? Eu conheço a palavra de Deus. Só que eu acho que cada um deve ter a sua opinião, né? Eu... Eu sou evangélica, a Fernanda é do Candomblé, umas são espíritas, sabe? Então, eu acho que o importante mesmo é você ser feliz, sabe? É você ser feliz, fazer o bem pra você e para os outros... Porque o que eu penso é que dessa vida a gente não leva absolutamente NADA. Então, o importante é ser bem pra você mesmo, não fazer mal pra ninguém, ter sua vida e ser feliz, que é o mais importante, né? A felicidade.

Outro tema no qual os cenários culturais são muito evocados, porém fica claro que não são parte de seu roteiro, é a questão do uso do preservativo. Quando questionada sobre o que não pode faltar no sexo, Renata logo enfatiza a presença do preservativo, desenvolvendo um discurso sobre o aumento dos índices das doenças sexualmente transmissíveis na população e o papel fundamental do preservativo na preservação da saúde e da vida das pessoas. Contudo, quando questionada se tem o costume de utilizar o preservativo, ela dá a entender que não o utilizava com regularidade e só o agora faz por conta do namorado. Ainda assim, deixa escapar o fato de não utilizar tanto a camisinha quando o membro a ser encapado é o dela. Essa variação no uso do preservativo tem diversas nuances. A primeira delas tem relação com os roteiros interpessoais, que parecem ser construídos de maneira unilateral. Dessa forma, o pensamento presente em seu roteiro parece ser o de que ela pode pegar o vírus do outro, mas o outro não pegaria dela, por isso, “*o cliente, quando quer fazer um sexo oral em mim, eu não uso camisinha*”.

Outro fator que interfere é o fato do parceiro já ser conhecido, no caso, o namorado. O preservativo é abandonado porque “*eu já conheço ele, ele me conhece...*”, tornando-o diferente dos demais, os quais ela não sabe o que “*ele faz com a outra pessoa*”. Na situação específica de Renata, seu namorado é casado e, portanto, deve ter relações com pelo menos mais uma pessoa além dela, uma pessoa sobre a qual nada sabemos. Aparentemente, na construção de seu roteiro sexual, Renata ignora as demais relações interpessoais do parceiro, que podem também afeta-la de algum modo, pelo fato do sentimento estar em cena.

O último fator desregulador do uso do preservativo para ela parece ser a associação da contaminação pelo HIV com a mudança na aparência de saudável da pessoa, o que daria pistas para identificar se a pessoa tem o vírus ou não:

Mas tem homem que eu já sei que tem uma boca porca, nojenta... Então a gente vê, né? A pessoa com mal estar na boca, né, eu ponho em mim preservativo. Aí quando eu faço nele eu uso, por causa da minha boca, do meu dente, eu tenho aparelho no dente, então às vezes dá uma infecção, dá afta, sangra minha boca...

Ainda pensando nos cenários culturais que povoam a narrativa de Renata, podemos ver em diversos momentos ela buscando legitimar sua feminilidade, apesar dela não obter muito sucesso por trazer informações contraditórias. Ao falar sobre seu namorado relata o fato de ele ser casado e afirma que ele “*é HOMEM mesmo*”, porém logo em seguida defini a orientação sexual do companheiro como bissexual pelo fato dela ser apenas uma “*quase mulher*”. Quando discursa a respeito de sua profissão, aponta o fato de muitos casais aparecerem à procura de programa e ela os realizar, ainda prestando atenção para ver se a mulher é bonita, mas sempre afirmando que só o faz por causa da presença do homem, pois “*gosto de homem mesmo*”. Sua falha de legitimação fica mais clara com o fato dela ser uma das poucas colaboradoras que assinou o termo de consentimento com o nome masculino completo, colocando o nome feminino apenas entre parênteses. O único momento no qual se torna bem sucedida em sua tentativa de legitimação é quando fala sobre seus primeiros parceiros sexuais que até hoje são “homens”.

A respeito de seu relacionamento, Renata aponta que seu namorado é muito bom para ela e enfatiza a importância do parceiro assumi-la perante a sociedade como um elemento essencial para o bem estar da relação e imprescindível no roteiro de quem se relaciona com ela. A contradição aparece novamente em sua fala, posto que o namorado, sendo casado, nunca poderá assumi-la publicamente como sua companheira. Além disso, ela relata que seu namorado a aconselha muito, “*ensina as coisas da vida, como viver*” e indica o quanto isso é valorizado por ela, classificando-o como seu homem ideal. Esse mesmo fator nos coloca a pensar novamente no caráter unilateral de relação, onde somente o namorado, por ser maduro e advogado, traz o ensinamento de como viver, enquanto ela nada parece acrescentar à relação. Além disso, podemos também pensar a respeito do discurso de gênero que coloca a mulher em uma posição inferior a do homem, o mesmo movimento que Renata parece fazer ao enfatizar esse papel de “comandante” da relação que seu namorado adquire.

Ao longo de suas respostas, Renata deixa claro que o sexo em seu roteiro é um trabalho apenas, fazendo com que ela classifique quem o faz de graça como sem-vergonha. O sexo também é tido por ela como algo fácil de aprender e de ser assimilado pouco a pouco para a criação dos roteiros. O sexo, assim como para as outras colaboradoras, também é separado do amor. Contudo, para ela é a sociedade quem se encarrega de fazer essa separação no campo *Trans*. Apesar disso, ela mesma realiza essa divisão em sua vida ao dizer que com o namorado ela faz amor e não sexo.

Porque normalmente, o que acontece, ele quer amar o travesti, ele quer um... Um relacionamento estável... [-]¹⁰ é o preconceito da sociedade. Ele tem muito medo.

Em seu relacionamento com os clientes, ela parece estabelecer um roteiro interpessoal bilateral onde ela pensa no prazer do cliente junto ao seu, buscando tornar o encontro “diferente”, “gostoso” e “liberal”. Entretanto, ela dá indícios de um novo elemento existente nesses roteiros: a sedução. Para cativar o cliente e incentivar seu retorno para um novo programa, ela o seduz, aproveitando o fato de que “o cliente que sai com a gente ele é muito carente. Então, ele precisa, ele quer carinho, quer atenção”. Essa sedução aparece mais claramente nas conversas telefônicas tidas por ela durante a entrevista com diversos clientes e que foram descritas no diário de campo do pesquisador:

Durante a entrevista seu celular tocou e ela pediu para atender, pois era um cliente. Desliguei o gravador e ela atendeu ao telefone dizendo “oi paixão, já tá chegando no motel?”, ela se mostrava muito amável e sedutora com o cliente. Em certo momento disse “o que você quiser. Uma surubinha gostosa com uma amiga minha? Claro. Têm várias aqui tenho que ver quem pode”. Eu entendi que eles haviam marcado um encontro para aquela tarde e ele estava ligando para dizer que não poderia comparecer. Ela disse “não? Amanhã? Mas você vem né paixão? Então tô te esperando”.

Em relação às práticas sexuais ela traz uma ênfase nas práticas de penetração. Apesar de durante toda a entrevista ela citar a prática do sexo oral, beijos e carícias, a penetração é a única prática citada quando ela está discursando a respeito de seus encontros sexuais com clientes ou com o namorado, ou seja, descrevendo suas cenas sexuais. Além disso, ela enfatiza a importância do parceiro ser liberal, ou seja, gostar tanto de penetrar quanto ser penetrado, como um fator para que a relação seja “gostosa” e “diferente”. Contudo, se a característica liberal deixar o campo da penetração e migrar para outros campos, como por exemplo, o fato citado por ela de alguns clientes pedirem para engolir o seu esperma durante a relação, essa liberdade passa a ser vista com estranheza e como sinal de desleixo e, portanto, não pode ser confiável.

Ao relatar sua primeira experiência sexual, Renata narra um acontecimento inusitado. Além de tal experiência ter ocorrido em uma idade muito baixa (11 anos), ela foi marcada por um acontecimento fora do roteiro dela: o menino com quem ela se relacionava acabou por urinar dentro de sua boca enquanto ela lhe praticava sexo oral. Seu relato de tal experiência também deixou claro as mudanças sofridas por seus roteiros de lá para cá, tendo nesse período

¹⁰ Esse símbolo indica que uma palavra ou parte da fala não foi compreendida durante a transcrição.

inicial o prazer estado ausente, assim como o foi para Silvia, e o medo presente, fato que atualmente foi invertido.

No roteiro de Renata podemos vislumbrar a presença maciça dos cenários culturais, buscando um encaixe perfeito com as normais sociais e do gênero. Entretanto, no caso dela, a premissa de Gagnon (2006) de que o discurso e a conduta são questões diferentes é real e podemos observar a presença desse roteiro somente no discurso. Em sua conduta vemos um roteiro possuidor do sexo com dois significados diferentes: o primeiro sendo o trabalho com o elemento da sedução muito presente e o segundo sendo o sexo que se tenta ligar ao amor dentro de relacionamentos.

6.4. Adelaide – Se doam, como não se doam pras mulheres... Pelo menos sexualmente

Adelaide tem 42 anos e trabalha como cabeleireira numa cidade do interior de São Paulo. Ela trabalhou por 15 anos como profissional do sexo, mas dá indícios em sua fala de que ainda continua fazendo algum programa de vez em quando. Ela se define como transexual, mas não quer e não vê necessidade de realizar a cirurgia de redesignação, pois de acordo com ela, tal procedimento não influencia na sua condição de transexual heterossexual. No início da entrevista, enquanto ela fala sobre os seus relacionamentos passados, ela dá a entender que só se tornou transexual para poder se relacionar com o tipo de pessoa de seu interesse:

Porque por você ser homo/ por eu ser homossexual e... Numa época, eu nasci em setenta, e depois você vê/ antes devia ser muito pior. Você: “meu Deus, eu nunca vou poder ter homem e eu gosto é de homem, não é de gay”, fui em boate gay e não gostava de gay... Nunca... Pra mim é uma mulher. Então eu falava: “vai ser tão difícil”. E quando... E quando gay, não é que é difícil... Fica mais... Aí quando vira travesti, você vê que a noite você na rua é TÃO mais fácil... É TÃO abobrinha...

E nunca gostei de homossexuais, de... De gay. Então, eu sempre tive interesse em Homenss... Então, eu teria que me transformar.

Podemos ver o cenário cultural de gênero extremamente presente na fala de Adelaide, quando ela diz buscar somente homens e não gays, definindo assim as diferenças existentes para ela entre um e outro. Atualmente ela não se encontra em um relacionamento afetivo e diz

não ter nenhum interesse em começar um, pelo fato dos homens que buscam transexuais para se relacionarem serem pobres ou “*eles têm algum problema por trás*”. Para ela, um relacionamento só valeria a pena se o homem tivesse “*algo a perder*”, perdendo a vergonha de assumi-la perante a sociedade e provando seu amor, incluindo também uma aparência física específica, relacionada a um aspecto bem masculino, forte e com um pênis grande:

A pobreza do homem que procura o transexual. A pobreza... Financeira. A pobreza... Porque você não vê um transexual aqui no Brasil, eu fui pra Europa, fiquei pouco tempo, mas eu fui. E lá também já tá... Você não vê aqui no Brasil... Um cirurgião plástico, um advogado, uma pessoa que tem... Uma situação financeira melhor, casado com um transexual. Eu cansei... Então, eu acho que... É... São pessoas mais carentes... Geralmente tem algum grau de carência... Ou é psicológica, ou é financeira, ou é afetiva... Todos nós temos, todo mundo tem, mas então, eu acho que... Ou droga, ou ele... A família não quis... É um relacionamento ferido, eu acho... Depressivo... Eu não vi nenhum que me causasse...

Vemos assim que, como as outras colaboradoras, Adelaide também traz para dentro de seus roteiros interpessoais o ideal de amor romântico proveniente dos cenários culturais. Todavia, diferentemente das demais até agora citadas, ela inclui outros elementos que, durante seu discurso, parecem ter maior importância em suas relações do que o amor e a cumplicidade de um casal.

Quando questionada a respeito de seus relacionamentos, a colaboradora afirma que eles só tiveram início depois de sua transformação corporal, ocorrida por volta dos seus 25 anos. Antes disso, ela diz só ter tido relações homossexuais e, como tal, ela só “*tinha relação SEXUAL, mas não amorosa*”. Isso novamente traz à tona seus cenários culturais, parecendo afirmar que dentro de uma relação homoerótica não pode existir um sentimento amoroso, retomando conceitos de homossexualidade de décadas, colocando o homossexual no papel de perverso, maníaco e imoral (Ceccarelli & Franco, 2010; Guimarães, 2009; Leite Jr., 2008). Além disso, ela diz que durante a infância só teve amores platônicos e paixões, se aproximando da definição de Eros, trazida do pensamento platônico e que coloca o amor como focado no aspecto físico, sendo uma idealização do amor carnal e colocando o objeto amado acima de Deus e do aspecto essencial e divino, buscado no amor propriamente dito (Oltamari, 2009). A paixão, como definida por Michaelis (2009), é um sentimento assim como o amor, mas também é definido como um movimento da alma para o bem ou para o mal, mágoa ou sofrimento prolongado. É exatamente essa ideia passada por Adelaide ao falar de seus envoltimentos sexuais-afetivos da infância, adolescência e juventude:

É assim: platônico de... De criança e de achar um rapaz bonito na escola, de... Como qualquer pessoa têm, né? De platônicos assim até... Até não ter relação sexual... Assim... Mas novinha eu já tinha uma relação sexual sim. De transar, mas esse pessoas com quem eu transava assim geralmente eu não tinha, sabe? Platônico, era paixão, sabe? Mas era coisa passageira de... Às vezes não era passageira... E me iludia... Eu achava que o homem... Essas coisas até você... Se transformar...

Seu único amor veio aos 29 anos, com um rapaz dez anos mais jovem. Eles se conheceram na rua, enquanto ela fazia programas. Ele foi um de seus clientes antes deles se engajarem em um relacionamento que durou um ano e dez meses, dentro dos quais “*praticamente nos casamos*”. O término veio por meio dela, que não o quis mais. Esta culpa ela relaciona a vida na prostituição. Para Adelaide, o fato de poder ter vários homens diferentes a cada dia causou o seu descontentamento em ter apenas um. Apesar de terem um relacionamento “*de homem e mulher*”, ele frequentar a casa dela, conhecendo a família e amigos, assumindo o relacionamento e de ela gostar “*dele como pessoa. Do caráter dele, da... Do jeito dele...*”, ela perdeu o interesse, haja vista que era “*meio infantil*” e só a despertava sexualmente às vezes. Por isso pôs fim a relação:

Você acha, você idolatra o homem... Pra mim que gostava de homem... Pra eu que gostava de homem, como uma coisa. Depois que você tem os homens que você... É... Se deita com eles e é cada dia... Três, quatro, cinco e eles te procuram, eles já cai um pouco de... De conceito, não porque é mais ou menos, se eu gosto mais ou menos, eu gosto do mesmo jeito... Mas acho fácil, acho... E aí eu... Eu... Eu não... Podia ter tantos, porque eu ia ficar só com um?

As traições e mentiras existiram dos dois lados, posto que ele a traiu com mulheres e ela continuou a fazer programas mesmo ele não querendo. É interessante notarmos que esse relacionamento de Adelaide pareceu dar-lhe tudo o considerado importante pelas demais colaboradoras até agora, em especial o fato de assumi-la perante a sociedade. Contudo, ela o rejeita terminando o namoro. Adelaide descreve todos os seus amores platônicos como “*não correspondidos*” ou que “*não dariam certo*” e que, atualmente, nem se lembram dela. Esse rapaz, no entanto, não só a correspondeu como deu certo trabalho, como definido por ela, após o termino por não aceitar essa condição. Mas se ele deu tudo isso a ela, qual a razão para pôr fim ao relacionamento? Tal atitude parece ganhar uma explicação quando Adelaide coloca que seus clientes “*se doam, como não se doam pras mulheres... Pelo menos sexualmente. Eles são o que eles são mesmo. [...] Eles são tão previsíveis...*”.

Podemos notar que, para ela, os homens só se entregam verdadeiramente na esfera sexual. Por perceber esse fator, Adelaide parece ter substituído dentro de seus roteiros o

elemento do amor, da paixão e da afetividade, pelo fator da sexualidade e do poder financeiro, fazendo desses o foco principal de seus relacionamentos e colocando para si que a única maneira de se ter um homem de verdade para uma pessoa *Trans* é por meio sexual. Como um dos principais cenários culturais, a colaboradora tem a vivência nas ruas e no mundo da prostituição, trazido e incorporado no seu roteiro intrapsíquico e, principalmente, em seus roteiros interpessoais. Esse mesmo pensamento foi demonstrado por Silvia em seus primeiros relacionamentos e definido por Bárbara como o sexo no papel de moeda de troca. Entretanto, assim como as outras colaboradoras, Adelaide parece não deixar totalmente de fora de seus roteiros o ideal de amor romântico, posto que ao definir seu homem ideal, coloca como primeira característica que ele precisa possuir um sentimento amoroso por ela.

Quando questionada sobre o que é o sexo para ela, a colaboradora o define como um “*prazer momentâneo*” e coloca que qualquer interação pós-relação só existe se for dentro de um relacionamento, quando “*o que ficou foi a pessoa que você gosta*”. Todavia ela expressa uma visão contrária à essa, demonstrando como o sexo e a parte sexual tem um papel central em seus roteiros, trazendo o prazer como algo indispensável à ela e que seu bem estar geral depende 50% de sua vida sexual.

Adelaide, assim como Bárbara, também aponta a questão da idade como elemento acarretador de modificações dentro dos roteiros sexuais:

Quando se é mais nova, não pode faltar carinho. Tem que ter um carinho... Depois de mais velha... Mesmo no sexo que é só sexo... Então, mesmo no sexo, se é mais nova, que é só sexo, aí tem que ter um carinho, a gente... Tem uma ilusão que a gente não tem quando é mais velha. Então, pra mim, o que não pode faltar... Quando... Ai, não sei... Não pode faltar... Desejo... Da minha parte. Da minha parte... A dele eu não... Não penso muito não.

Para ela, a idade faz com que as ilusões sejam perdidas e os componentes de seu roteiro sejam modificados, trocando o carinho pelo desejo, ou melhor, trocando a reciprocidade e a interação interpessoal pelo impulso, o físico pelo psíquico (Chauí, 1991; W. Silva, 2010). Além disso, ela também demonstra, assim como as demais colaboradoras, uma unilateralidade em seus roteiros interpessoais, deixando isso bem explícito ao final do recorte. Essa via de mão única aparece inclusive no seu discurso sobre sua primeira vez. Adelaide relata que teve sua primeira relação sexual por volta dos 12 ou 13 anos com um vizinho um pouco mais velho, na qual eles praticaram sexo oral e anal, com ela sempre no papel de passiva. Quando questionada se sentiu prazer nessa relação, ela consente e enfatiza: “*eu senti*”.

A questão da idade aparece novamente quando ela começa a falar sobre seu tempo trabalhando como profissional do sexo. Ela relata que atualmente não faz mais programas por não ter tempo e não estar precisando do dinheiro, mas não descarta a hipótese de voltar. Ela também conta que viajou para a Europa e fez programas em São Paulo por seis anos e voltou para o interior porque a idade foi fazendo com que os programas decaíssem:

Em vista do que era, porque quando você é nova... Nosso interesse também, nossa doação também, nosso prazer também, a nossa paciência também. Então, tem tudo que ajuda, não é só a aparência física. Que a gente muito novinha acha mais bonita, mais... E aí tem tudo isso também: nossa paciência, nossa doação, nossa... Nosso prazer... Porque aí começa a ficar mais seletiva... Tem homem que eu tinha... Eu tinha tesão, tinha prazer, hoje em dia eu falo: “meu Deus, como que eu podia...?”. Muda nosso gosto, tudo muda! Muda porque você caiu na rua, muda porque você ficou mais velha, muda porque você ficou mais chata, muda porque você ficou... Mais é... Seletiva... Muda por várias coisas. Então, aí você já não é... Eles percebem também.

O fato de que o envelhecimento traz mudanças para a vida das pessoas é uma ideia pertencente ao cenário cultural, mas acaba por afetar o nível interpessoal e, principalmente, o intrapsíquico da colaboradora, expresso quando ela relata que elementos subjetivos como a paciência e o prazer mudam com o passar do tempo.

Nesse período, no qual ela não está mais fazendo programas, Adelaide diz que está gostando e dá a entender o descobrimento de novas maneiras de se relacionar e novas formas de prazer para si. Novamente, a unilateralidade das relações interpessoais aparece em seu discurso e com bastante ênfase, no momento em que ela coloca o fato de transar com os homens sem cobrar nada deles como um “*presente*” por ela dado. É interessante notarmos o paradoxo existente também nos roteiros sexuais da colaboradora, posto que quando questionada sobre sua última relação sexual, ela relata que foi uma “*relação normal*” e detalha o fato deles “*tomaram banho juntos*”. Em seguida, ao ser questionada sobre a presença das preliminares em suas relações, coloca que essas acontecem às vezes, dependendo se o homem “*for bonito*” e se tiver os dentes bons.

Podemos observar que, ao relatar sobre o banho em sua última transa, ela nos passa a ideia de algo mais íntimo, romântico e com uma maior cumplicidade. No entanto, logo em seguida, ela coloca as preliminares (parte da relação sexual também tida como íntima e romântica) como dependente da aparência do parceiro, saindo assim da esfera romântica e amorosa e voltando a esfera somente sexual. Tais paradoxos não param por aí. Ela relata que gosta muito do “*toque*” e “*do carinho*” durante as relações sexuais, mas logo enfatiza: “*não precisa ser carinho de coisa de paixão, de namoro, porque não vai ter*”. Quando Adelaide

narra como se sente após uma transa, diz se sentir “*maravilhosa*”, mas também afirma preferir que o parceiro vá embora logo em seguida e de que costuma lavar-se e até escovar os dentes após a saída dele. Com isso, nos passa a ideia, quando dispensa qualquer interação pós-relação, de que por mais que o sexo seja prazeroso, o amor romântico não se mostra no seu nível interpessoal. Além disso, o cenário cultural que coloca o sexo como algo sujo está presente em alguma medida no seu nível intrapsíquico.

São poucos os momentos nos quais Adelaide busca legitimar sua feminilidade, dizendo ser apenas passiva durante a relação ou só se relacionar com homens. É interessante notar como ela constrói essa questão, pois quando questionada se permite que seus parceiros vejam seu pênis ou pratiquem sexo oral nela, ela consente e diz não se sentir prejudicada de forma alguma:

Não, não tenho problema. Não interfere em nada... Na minha... Na minha personalidade... “ah, mas isso aí é coisa, então, que você é travesti”. Não, não. A gente é aquilo que a gente imagina. Eu acho que... Que tá aí. E se eu não acredito na possibilidade de uma... Não concordo muito nem acredito... Chegar ao extremo da mutilação, da cirurgia pra se sentir... Mulher, feminina... Não acredito. Eu acho que... Podia passar sem essa.

Adelaide parece não se prender, nesse quesito, aos cenários culturais que definem transexuais e travestis, assim como ela não se prende aos discursos que trazem a importância do uso do preservativo em todas as práticas sexuais e dos testes para DSTs. Ela relata que não utiliza o preservativo no sexo oral e já contraiu sífilis e condiloma, mas só descobriu essas doenças depois do aparecimento dos sintomas, como verrugas na genitália. Ela também traz o mesmo pensamento unilateral que Renata colocando que o parceiro pode contaminá-la, mas ela não pode contaminar ele e por isso, quando a prática é feita nela o preservativo é dispensado.

Em relação a fantasias e fetiches ela afirma não ter atualmente nenhum dos dois e não gostar nem de realizar a fantasia de clientes por ter preguiça, mas afirma já ter realizado algumas por estar precisando de dinheiro ou alguma sua como transar com dois homens ao mesmo tempo. Ela dá a entender que não tem mais fantasias por conta da passagem do tempo, assim como também não tem mais espaço em sua vida para masturbação. Além de esse hábito ter ficado na adolescência, ela também pensa em preservar sua libido para algum cliente que eventualmente possa ligar, pensando no sexo como trabalho, assim como Renata.

Quando questionada sobre lugares voltados ao sexo ela diz já tê-los frequentado antes de sua transformação e acha esses lugares “*muito homossexual*”. Em relação ao comércio

sexual ela diz que nunca pagou por sexo, mas talvez pagaria se a pessoa não estivesse a venda e afirma que “a gente” (se referindo as *Trans* e trabalhadoras do sexo) não precisa pagar:

Talvez sim. Não... Se tivesse MUITO afim, talvez sim. Sim. Tá aí, uma vez. Não dar meu dinheiro assim porque eu tenho dó e acho que eles não valem tanto. Vale tão pouco. Mas pagaria, pagaria, uma vez, um. E depois eu não ia pagar mais porque ia sair uma vez só. Pagaria sim.

Adelaide, ao contrário de Renata, parece não valorizar o pesquisador e deixa isso bem claro ao colocar ao final da conversa que já havia participado daquela entrevista (algo impossível, pelo fato de ter sido o pesquisador quem criou o roteiro de entrevista) feita por sua cunhada, também formada em psicologia. Com isso, a colaboradora demonstra certo distanciamento dos cenários culturais que aparecem em seu roteiro de forma bem esporádica, e quando estes aparecem são muito bem coordenados com o nível intrapsíquico, podendo ser desmentidos ou retirados pela colaboradora logo após aparecer. O nível interpessoal também aparece de maneira faltosa. Além disso, seu roteiro traz o sexo com o papel único de obtenção de renda e o envelhecimento como um elemento de extrema importância, acarretador de inúmeras mudanças em sua vida.

6.5. Alice – Bom, eu posso me considerar uma vitoriosa, né?

Alice tem 34 anos e atualmente trabalha como profissional do sexo. Ela já tentou fazer a cirurgia de redesignação sexual, mas por acontecimentos que ocorreram em sua vida, a cirurgia não pode ser feita. Alice passou por todo o processo necessário para conseguir o laudo atestando sua “disforia de gênero”. Contudo, quando ela se preparava para realizar a cirurgia, sua irmã teve um problema de saúde grave e precisou de um transplante de rim. Ela foi a doadora, mas a falta de um rim acarretou problemas para a sua saúde, fato que hoje a impede de realizar a cirurgia. Ela legitima seu espaço como transexual, mesmo sem a cirurgia, narrando toda sua trajetória junto a equipe do hospital e enfatizando como foi rápido seu diagnóstico, além de trazer o laudo do médico para a entrevista. Atualmente, ela diz não desejar mais a realização da cirurgia e, talvez por essa razão, precise legitimar ainda mais seu lugar na categoria de transexual. No entanto, em sua fala ainda percebemos a esperança de um dia poder realizar tal procedimento:

Quando saiu o laudo, que foi exigido o laudo [...] já acusou, você tá entendendo? A minha identidade... Já foi acusado já. Quer dizer... Isso foi em 2001. Quando foi 2002... Quer dizer, foi muito rápido o teste final com a psicóloga... Até porque ela usou o próprio teste que foi feito... Então, foi muito rápido a minha finalização. [...] Assim, por ser assim, em caráter experimental, eu fui a única que foi muito rápido em tudo (risos).

Bom, se um dia eu não conseguir fazer a minha cirurgia, pelo menos um pedaço meu foi pra um corpo feminino (risos). E, eu não sei... Eu acredito muito na medicina, Rafael... A esperança é a última que morre por que... Enquanto a medicina avança a cada cinco minutos, a nossa lei tá parada lá em mil novecentos e bolinha. Não é verdade?

Ela é natural de uma cidade do interior de São Paulo, mas já se mudou bastante e até viajou para a Europa com um de seus parceiros. Um fator importante para ser apontado na história de Alice é o fato de ela ter sido diagnosticada com depressão e síndrome do pânico, sendo medicada para o tratamento dessas doenças. Quando questionada sobre seus relacionamentos amorosos, ela foi citando os nomes de todos os homens com quem namorou e, intercalado entre eles, apareciam as histórias trágicas de sua vida. Ela cita um motorista de ônibus pelo qual se apaixonou, mas não dá mais detalhe nenhum; dois rapazes com quem teve relacionamentos, já falecidos, e pelos poucos detalhes dados, pareceram ser relacionamentos conturbados onde ela se dividia entre os dois, que também se dividiam entre outras pessoas além dela; aos 14 anos, um rapaz inclusive a pediu em casamento, mas ela não quis continuar a relação, apesar de atualmente até se arrepender do fato, contudo não explica a causa da atitude tomada; um homem que a levou para a Europa e com o qual terminou o namoro por intromissão de seus irmãos; e por último, um outro rapaz com quem chegou a morar junto, alugando até uma casa no nome dos dois, mas posteriormente veio a terminar a relação, por conta dos irmãos.

Entre a narração desses vários relacionamentos, Alice coloca em seu discurso a frase “*eu fui muito quieta*”, dando a entender que ela é uma pessoa tímida e não atirada. Tal frase nos faz pensar em um cenário cultural evocado pela colaboradora, colocando a mulher como uma pessoa tímida e submissa. Ao trazer isso para seu roteiro, ela auxilia na legitimação de sua condição feminina ao afirmar ter comportamentos de uma “mulher de verdade”. Ainda durante a narração de seus namoros, conta suas tragédias familiares ou situações acontecidas na mesma época dos relacionamentos, mas sem muita ligação com os mesmos. Ela relata as histórias (dos relacionamentos e das tragédias) como se o entrevistador já conhecesse os

detalhes das mesmas. Isso torna seu discurso confuso e cheio de falhas, impossíveis de serem preenchidas devido a rapidez com a qual ela muda de assunto:

Teve o (nome) que veio a óbito. Teve o (nome) também que... Houve um acidente com ele... Eu acho que ele usava eu porque tinha pessoas lá em (cidade), eu e a (nome), acho que ele... Sabe? Ele não... Ele não resolvia qual das duas ele queria. Aí ele foi embora, sofreu um acidente... Infelizmente foi os dois que eu procurei, sabe, a hora que eu cheguei em (cidade) o... O (nome) eu vi/ eu cheguei em (cidade) no dia, no domingo a noite, na segunda eu já tava com o (nome), a noite conversando, na sexta-feira eu já tava com o (nome), sabe? Sempre foi os dois que eu tenho, que sempre tive muito afeto, que sempre acompanhou, que sabe tudo da minha trajetória até do hospital, de tudo... Dentro dos transplantes... Até mesmo na Europa eles escreviam pra mim... Você tá entendendo?

E: aí a relação de vocês terminou por qual razão?

C: Briga. Sempre por causa dos meus irmãos. Que aí ele falou pra mim: “não vai ligar pra sua irmã agora”, eu falei: “eu vou ligar pra minha irmã”... Por que... Até então eu não entendo, sabe? Porque a minha irmã (nome), até então, quando ela marcou o casamento, a gente tinha o carro, mas até então ele tinha um outro carro mais discreto que a gente pegava, saía a noite e a gente sempre procurava sempre lugar assim porque a gente deitava, ficava olhando as estrelas, sempre lugar afastado... Nisso o telefone tocou, minha irmã falou: “você vai no casamento?”, eu falei: “vou”... Sabe? E ele acabou dando um presente pro meu irmão, tudo e... Acabou não indo... E... Sempre assim, sabe? Sempre os meus irmãos na frente...

No decorrer da entrevista, o assunto sexo entrou mais em evidência. Quando questionada à respeito do significado de sexo para ela, Alice inicialmente não soube formular uma resposta, pedindo ao entrevistador que se “*expressasse mais*”, não antes de relatar mais um “*momento difícil*” da sua vida atual que é a espera por uma cirurgia para a retirada dos testículos. A pergunta foi colocada a ela com mais detalhes e ela então disse haver diferentes caminhos para o sexo, mas o sexo verdadeiro seria o do verdadeiro amor e este ela ainda não havia conseguido alcançar, pois para ela fora “*sempre paixão*”.

Aqui podemos observar o mesmo movimento das demais colaboradoras até aqui citadas em relação ao cenário cultural do ideal de amor romântico, trazendo consigo o melhor sexo de todos e, ao mesmo tempo, sendo este quase impossível de ser alcançado. Alice ainda define o sexo como trabalho, encerrando sua importância apenas nesse aspecto. Todavia, ela também aponta a necessidade de colocar amor em todo o trabalho realizado e diz colocar o amor na sua profissão atual. Ela, ao contrário das demais, acaba unindo o sexo aos sentimentos, mesmo não sendo de uma maneira direta, precisa e intencional. Ainda coloca

que a parcela de amor ligada à profissão está no fato desta ter proporcionado a ela formas de sair de situações difíceis em sua vida.

Ao falar sobre suas práticas sexuais, Alice, assim como as demais, foca-se mais na relação anal, deixando de lado os outros tipos de relação e só mencionando-os quando questionada diretamente. Assim como as outras, em especial as outras trabalhadoras como profissionais do sexo, ela diz buscar pelo uso do preservativo na maior parte do tempo. Entretanto, quando se trata de relações com os namorados, a camisinha é a primeira coisa a ser deixada de lado. O foco no sexo anal por ela relatado atualmente é grande, pois ela narra que por conta de um acidente em uma relação sexual devido a um cliente com um pênis de medidas fora do comum, ela ficou com o ânus machucado e, por isso, precisa se utilizar de um truque para impedir que os clientes a penetrem:

Não seria enganar e sim um truque pra que... Que me ensinaram. Quer dizer... Eu... Procuo... Comprimir bem o ânus. Então, e a pessoa/ e eu já falo pra ele: “eu sou muito apertada”. Bom, depois você vai tirar um resumo da gravação. Aí fala: “ah eu não acredito”, “eu sou apertada”, mas aquilo eu vou morrendo de medo, porque se eu não conseguir comprimir muito e entrar... Nossa... Aí, sabe, eu uso muito gel também. Porque escorrega, vai acabar escorregando, até que o cliente desiste.

Apesar de sua conduta ser compreensível, afinal de contas sem trabalhar ela não tem como se sustentar, podemos notar em seu discurso uma omissão sobre o que acontece após o cliente desistir de penetra-la. As demais práticas não são nem sequer citadas. Ainda nesse foco, Alice relata que com os clientes ela faz papel ativo na relação, trabalhando muito seu psicológico, afinal “cliente é cliente” e não vê problema em se mostrar nua para eles. No entanto, com os namorados a situação muda de contexto. Com eles, ela “jamais” fez papel de ativa e só passou a se mostrar nua sem tanta vergonha quando um dos seus parceiros trabalhou nela o conceito de que qualquer acontecimento ocorrido entre quatro paredes, fica lá dentro.

Com isso, ela novamente busca legitimar seu lugar no universo feminino, trazendo assim como as outras colaboradoras, a imagem dos namorados como “homens de verdade” e qualquer saída do ideal feminino como algo necessário para sobreviver e que não se pode ser evitado. Alice parece ir ainda mais longe quando aponta que alguns clientes já quiseram algo além de apenas sexo, passando inclusive uma noite inteira em sua companhia ou, ainda, alguns a contrataram apenas como alguém para conversar. Ao colocar tais casos em evidência, a colaboradora parece querer se retirar desse universo “sujo” do sexo, trazendo elementos de carinho e amor para suas relações com os clientes, unindo novamente o sexo e o

sentimento. Esse discurso não só auxilia na legitimação de seu ser feminino, como também se encaixa perfeitamente nas narrativas de uma “verdadeira” transexual esperadas pelos profissionais do campo médico, o que a deixaria à um passo de conseguir a cirurgia (Bento, 2006). Quando Alice fala sobre masturbação, ela deixa isso bem claro:

E: Você tem costume de se masturbar?

C: Não.

E: Nem quando era mais nova, início da adolescência?

C: Ah sim, eu me masturbava, mas assim, depois eu ficava com peso na consciência. Muito grande.

No resto da entrevista, ela ainda busca mais e mais legitimar seu pertencimento ao gênero feminino, seja ao falar sobre sua prática favorita, se referindo a posição chamada de “frango assado” na qual um parceiro fica de frente para o outro enquanto acontece a penetração anal e pode ser considerada a posição mais próxima de um intercuro vaginal; seja ao definir sua fantasia não realizada, de fazer sexo com um bombeiro, umas das fantasias bastante presentes no universo feminino. Apesar disso, Alice acaba saindo um pouco desse lugar de legitimação ao relatar fantasias já realizadas e que se encontram fora do campo do usual (como fazer sexo em um serviço funerário) ou sua ida à um *dark room*. Contudo, novamente ela retorna o mais rápido possível ao seu lugar feminino, definindo a experiência no *dark room* como engraçada, dizendo que não pagaria nunca por sexo e não se interessa por pornografia em nenhum grau (ambos comportamentos tidos como mais masculinos).

Podemos ver no roteiro de Alice a presença de discursos culturais de diversas origens, mas em especial do campo médico. Contudo, tais discursos estão tão intrincados com o nível intrapsíquico que fica difícil separá-los. Além disso, vemos a colaboradora buscando a todo o momento legitimar sua feminilidade e tendo esse aspecto como algo extremamente forte em seu roteiro, assim como o foco nos acontecimentos difíceis da sua vida. Em diversos períodos da entrevista, ela deixou de responder a pergunta feita para entrar em detalhes de uma situação pela qual havia passado ou para introduzir uma nova. Seu estado depressivo parece ter sido inserido em seu roteiro com um papel de destaque, fazendo-a ter na ponta da língua seu repertório de tragédias pessoais, colocando-a também em um lugar de vitimização onde, por sua vez, evoca o cenário cultural da mulher vítima e frágil, ajudando-a mais uma vez a legitimar seu espaço como exclusivamente feminino.

6.6. Márcia – Eu tô ficando famosa, tô dando entrevista

Márcia tem 25 anos e é natural do estado do Maranhão. Trabalha como profissional do sexo e se define como travesti “*ativa e passiva*”, mas também declara ter vontade de realizar a cirurgia de redesignação “*é, buceta*”. Ela está em um relacionamento de um ano e um mês com um rapaz que conheceu em um bar. A colaboradora relata ser esse seu primeiro relacionamento sério, pois antes ela “*não prestava mui¹¹ não tinha cabeça pra namorar*”. Entretanto, quando o entrevistador insiste em saber de relacionamentos anteriores, mesmo os não duradouros, ela revela ter tido um namoro precedente com duração de quatro meses. Ela terminou esse relacionamento pelo fato do namorado escondê-la e não assumir o relacionamento perante a sociedade, só tendo encontros em motéis e hotéis. O atual, diferentemente, a leva para barezinhos, boates, anda de mãos dadas e a deixa trabalhar, fator visto como importante para a relação funcionar entre o discurso das colaboradoras que são profissionais do sexo:

Eu gosto de sair com ele pros lugar. Num barzinho. Ele anda de mão dada comigo... Abraçar, dá um selinho... [...] Ele sai. Nossa, muito mais. Hã, Hã. Deixa eu trabalhar, normal, assim. Tem o trabalho dele também.

Ela também afirma, assim como Adelaide, de que a profissão de prostituta ajuda a visualizar o relacionamento monogâmico como algo monótono, pois esse ofício permite ter uma variedade muito grande de parceiros a cada dia. Todavia, seu relacionamento atual é tido como “*gostoso*” e é algo que ela afirma querer manter. Ao falar sobre seu namorado, Márcia legitima sua feminilidade a cada nova frase, fazendo uso de vários cenários culturais de gênero para definir o seu como o feminino. Ela inicia dizendo que seu namorado é “*bem mais hétero*” com ela, ou seja, ele faz o papel de ativo na relação. Tal fato é fruto de um cenário cultural onde foi criada a ideia de que ser ativo na relação define o indivíduo como hétero e vice-versa (Kulick, 2008). Ela também o define como “*o chefe*” pelo fato dele lhe dar muitos conselhos e, de certa forma, gerenciar sua vida dizendo-lhe como proceder ou não, porque ele é “*mais cabeça*”. Todo esse discurso também se insere nos cenários culturais de gênero, os quais definem o homem como mais racional, legitimando o lugar do namorado como homem

¹¹ Este símbolo indica que a fala foi cortada no meio pela colaboradora que logo em seguida iniciou outra frase.

e, conseqüentemente, o dela como mulher, além de demonstra o aspecto unilateral de suas relações interpessoais, assim como no discurso de Renata.

Todavia, com o decorrer da entrevista, seus roteiros intrapsíquicos começam a aparecer e ela passa a expor alguns aspectos prejudiciais à sua legitimação no universo feminino, logo seguido por uma nova tentativa de autoafirmação. Relata gostar de homens ativos e passivos, mas que não demonstrem para os demais que não são homens, ou seja, são “*bichas*”. Além disso, ela relata a relação sexual com o namorado como “*estranha*”, pois ele não manipula a genitália dela e ela também não entra em contato com o ânus dele, mas tal fato torna o sexo “*normal*”. Ao colocar seu gosto por também fazer o papel ativo durante o ato sexual, Márcia se contradiz na tentativa de se legitimar feminina. Ela busca omitir tal fato quando afirma, em toda oportunidade, de que sempre exerce o papel de passiva e esta é sua preferência. Logo em seguida, porém, ela retoma sua tentativa de legitimação ao afirmar que o homem não pode ter trejeitos, isso porque eles seriam retirados da categoria de “homem de verdade” (fato também levantado pelas participantes do trabalho de Kulick (2008) com travestis profissionais do sexo), além de enfatizar a normalidade de sua relação sexual sem toques em lugares inapropriados (o namorado no seu pênis e ela no ânus dele):

Sempre fui passiva. Porque eu sempre gostei de homem... Gostei, assim... Eu gosto de homem assim... Que... Pode ser ativo ou passivo, mas com aparência de homem, sabe? Nunca assim, com aparência de gay, assim, jeito afeminado. Mais homem masculino mesmo.

E: O que seria um homem com jeito de homem?

C: Ai, que não demonstra, né? Que não tem a voz muito fina, que não tem jeito de... Como eu vou falar? De bicha, sabe? As música, assim... Joga bola aqui, sabe? Mas sempre se esconde um pouquinho assim. Assim, eu gosto de homem assim. Que não demonstra que é viado.

Eu te falei, eu sou bem passivo, né? E ele é ativo. Então, é meio estranho por que... Ele não toca em mim, assim, nas minhas parte íntima, sabe? E eu também... Não faço nada com ele, na parte de baixo lá. Tipo assim lá... Não brinco nada com o cu dele, não faço nada. É só mais... O pinto e beijo, só. É normal.

Contudo, sua maior contradição neste quesito aparece quando o assunto tratado é o da masturbação. Quando questionada se ela tem o costume de se masturbar, Márcia diz que desde quando se tornou travesti não se masturba mais, a não ser durante a relação com os clientes. Já nas relações com o namorado ela está sempre de calcinha ou shorts porque tem vergonha de ficar nua diante dele, encobrendo assim a visão de sua genitália, simplesmente por não saber como ele reagiria a isso, pois ele costumava “*ficar com mulher*”. Ao ser

interrogada sobre suas atividades masturbatórias na adolescência, a colaboradora relata que nesta época tinha o costume de fazer sempre que via um filme pornô ou um homem bonito, completando com a frase *“coisa de homem”*. Nesse momento, como já dito, ela se contradiz em sua tentativa de se afirmar como pertencente ao gênero feminino. Contudo, podemos pensar também que, ao se referir a um tempo onde ainda não tomava hormônios ou se referia a si mesma no feminino, é natural se classificar como homem.

Quando o assunto da entrevista se tornou o sexo propriamente dito, Márcia o definiu como algo bom, mas que cansa (frase que ela repete quando se refere as coisas relacionadas ao sexo) e que sexo não é tudo isso como mencionado pela maioria das pessoas. Neste momento, ela deixa de lado o cenário cultural no qual o sexo é colocado em um patamar alto e entra com seu roteiro intrapsíquico, possibilitando a mudança de tal discurso por meio de suas experiências de vida. Márcia também coloca que no sexo não pode faltar carinho, afinal *“tem que ter beijo”*, mas não quando o parceiro trata-se de um cliente. Com os clientes o tratamento é oposto e beijo é um serviço não oferecido aos mesmos, posto que *“beijo é mais sentimento”*. Nesse momento, ela se iguala as demais colaboradoras, separando o sexo do sentimento, colocando uma maior intimidade e cumplicidade no ato de beijar. Ela também se assemelha as outras nos quesitos de idade do início da vida sexual, corrido muito cedo (12 anos no caso de Márcia) e no fato de dizer que não pagaria por sexo, por razão de consegui-lo de graça com certa facilidade.

Contudo, Márcia se diferencia de Renata, pois parece desenvolver um roteiro interpessoal unilateral com seus clientes e características de um roteiro bilateral com seu namorado. Tal fato se demonstra na presença de certa confiança quando o assunto é o preservativo. Ela relata que desde o início do namoro eles não utilizam a camisinha em nenhuma prática, pois o namorado não gosta. Ele diz *“pode ficar sossegada”* e ela confia por ele ser doador de sangue e fazer testes sempre e ele, por outro lado, confia nela no uso da camisinha com os clientes, checando sua bolsa na hora em que ela sai para o trabalho, pedindo para ela pegar mais preservativos quando vê um número pequeno no interior do acessório. No entanto, ela fura esse acordo quando *“Às vezes”* faz sexo com um cliente sem camisinha, se baseando no aspecto do pênis do mesmo para saber se ele está doente ou não (fato também muito relatado por todas as colaboradoras profissionais do sexo) ou quando faz sexo oral nos mesmos, haja vista que ela não gosta de fazer sexo oral e, por isso, a chupada é rápida e logo partem para o ato de penetração:

Eu vejo assim como é que tá o... O, o... Como fala? O pinto, sabe? Pra ver se não tem nenhum machucado assim, mas eu não sou muito de ficar chupando não. Que nem eu te falei eu não gosto de chupar, o meu negócio é dar. Chegar no motel, eu quero o cara já de pinto duro, chupo um pouquinho, aí ele põe camisinha, já me come e pronto. Que eu não gosto de ficar chupando. Não tenho paciência.

Outra coisa que ela guarda exclusivamente para o namorado diz respeito ao gozo. Para Márcia o prazer sexual é quando ela goza e, talvez por isso, ela às vezes exige o mesmo do namorado nas relações. Ela relata que em algumas ocasiões, por estar muito cansado do trabalho, o namorado não chega a gozar ao final de uma relação sexual. Quando isso acontece, a colaboradora fica com a sensação de que “*não deu conta do recado*”. Com o passar do tempo no relacionamento, ela passou a entender melhor esse cansaço dele e a não exigir tanto mais o gozo. No entanto, ela se diz aliviada quando o ato sexual chega ao fim, principalmente quando ela conseguiu fazer com que o namorado goze. Tal fato, além de nos mostrar novamente os cenários sexuais de gênero, colocando-a como a mulher cuja função é satisfazer seu marido, também nos mostra que o roteiro interpessoal bilateral não existe a todo o momento, colocando na hora do sexo o prazer dele como mais importante. Além disso, quando se trata dos clientes, ela não se mostra interessada ou preocupada se eles vão gozar ou não e possui uma lista com vários motivos para justificar o porquê do cliente não gozar. É interessante notar aqui a relação unilateral no nível interpessoal: quando o namorado não goza a culpa recai sobre ela mesma, mas quando o cliente não goza a culpa se torna dele:

Você se sente, quando o homem assim, você fica com um homem, aí você vê que o homem não gozou, assim: “ah, não vou gozar não”. Aí eu me sinto assim, sabe? Que eu não dei CONta, assim, fala “conta do recado”... [...] Não, com o cliente não. Pra mim tanto faz. Falo assim: “ó bem...”. Quando eu vejo que o cliente não gozou é porque ele pensou na mulher ou brigou... [...] Ou senão bebeu demais ou usou droga... Aí já até desisto já. Agora com o meu namorado sim, eu pego no pé.

No momento onde a entrevista começa a entrar mais profundamente na temática sexual, Márcia se mostra tímida e expressa por várias vezes estar sentindo vergonha ao dar a entrevista, fazendo, inclusive, com que o pesquisador tentasse lhe deixar mais a vontade no meio do processo. Ela diz que não costuma conversar sobre esses assuntos com as pessoas, nem com sua mãe que às vezes lhe pergunta sobre o trabalho, ela relata o que acontece. Essa atitude da colaboradora evoca novamente o cenário cultural de gênero que traz a mulher tímida, recatada e submissa. Márcia em alguns momentos parece uma adolescente tímida e inexperiente, ruborizando-se ao falar de sexo. Essa postura adolescente também fica evidente

em sua maneira de se portar durante a entrevista, registrada pelo pesquisador no diário de campo:

A entrevistada deitou na beirada da cama de barriga pra baixo e ficou apoiada nos cotovelos conversando comigo. [...] Ela se movia muito na cama, como uma adolescente. Em determinado momento da entrevista, fomos interrompidos por outra travesti que precisava pegar uma coisa no quarto. Enquanto esperávamos, uma terceira travesti apareceu na porta e perguntou a entrevistada o que ela estava fazendo, ao que ela respondeu: “eu tô ficando famosa, tô dando entrevista”.

Entretanto, ela foi se soltando com o decorrer das perguntas e quando o assunto focado foi o de fantasias e fetiches, acabou por revelar muitas coisas sobre si mesma, permitindo que seu nível intrapsíquico viesse à tona. Quando questionada se tinha algum fetiche ela, assim como outras colaboradoras, tratou o termo como um sinônimo de fantasia e disse que já realizou várias (“*com bombeiro, policial, tudo*”), mas que ainda tem a fantasia não realizada de fazer sexo com dez homens ao mesmo tempo. Falando sobre filmes pornô, ela diz que atualmente não assiste muito e quando o faz é como se fosse um filme comum, ou seja, ela não se excita. Esse fato também tem relação com sua profissão, pois os clientes gostam de assistir a filmes nos motéis durante a relação. Ela diz que na adolescência assistia muito, em especial as cenas com dois homens e uma mulher, porque tais cenas contêm o tipo de sexo que ela gosta: “*selvagem, que puxa o cabelo, que dá tapa*”.

Em suas fantasias já realizadas vemos os estereótipos de fantasias do universo feminino (homens de uniforme) e sua vergonha ao tocar no assunto parece também leva-la a esse universo feminino no qual a sexualidade é proibida. Contudo, com o andamento da entrevista ela consegue sair desse cenário cultural, permitindo surgir seu nível intrapsíquico no qual ela é uma mulher, possuidora de todo o direito de gostar de fazer sexo, incluindo algumas coisas tidas como “não usuais”. A questão da sexualidade proibida também aparece quando falamos sobre lugares voltados ao sexo.

Márcia afirma já ter entrado uma vez no *dark room* antes de se tornar travesti e define o lugar como nojento, posto que não se pode saber os tipos de prática nas quais os demais frequentadores já se engajaram, nem como aconteceu. Os cinemas e saunas também entram na mesma definição de nojento, sendo um lugar com “*todo mundo pelado, vendo e se masturbando*”. Todavia, se pensarmos na fantasia sexual por ela confidenciada poderíamos criar um cenário bem próximo: dez homens e ela, todos pelados em um ambiente, com a possibilidade dos não participantes do ato ficarem se masturbando. Com seu discurso, Márcia parece passar a ideia de que os frequentadores desses locais são pessoas depravadas e imorais,

em sua maioria homens (que tem uma libido alta e estão sempre prontos para o sexo, de acordo com o discurso de gênero (Parker, 1991)) gays (tidos como depravados e imorais pelo cenário cultural). Com esse público, o lugar não seria adequado para uma mulher (recatada e tímida, segundo o cenário de gênero).

Podemos observar no roteiro sexual de Márcia a forte presença dos cenários culturais de gênero, que acabam tomando a linha de frente. Contudo, seu nível intrapsíquico traz elementos diferentes e repensados desses cenários, mas este só começa a aparecer após ela se sentir segura e relaxada. Outra possibilidade para a demora do aparecimento do nível intrapsíquico também pode ser a presença do entrevistador e o fato deste ser alguém desconhecido, o que pode ter permitido a Márcia apegar-se ao discurso cultural para ser politicamente correta. No nível interpessoal, podemos vislumbrar uma tentativa da colaboradora de desenvolver uma relação bilateral com seu namorado, diferentemente de com seus clientes. Todavia, em diversos momentos um aspecto unilateral fica visível dentro dessa relação, surgindo baseado nos cenários culturais de gênero.

6.7. Tânia – Não era um fetiche

Tânia é uma empresária de 53 anos. Ela é natural da cidade de São Paulo, mas hoje tem seu negócio em uma cidade no interior do estado. Ela é casada com uma mulher há 28 anos e o relacionamento continua até hoje. Sua história como transexual, categoria em que ela se define, começou quando ela tinha 47 anos. Ela veio a “*aflorar*” nessa idade, começando o contato com um grupo de *crossdresser* pela internet e, mais pra frente, tomando hormônios por conta própria, tudo sem o conhecimento da esposa. Com os seios crescendo e a silhueta do corpo tomando outra forma não houve mais como esconder o acontecido e a situação veio a tona, sendo aceita pela companheira. Atualmente, Tânia se considera lésbica.

Enquanto narra sobre sua condição, Tânia afirma que é uma transexual com diagnóstico. Passou por acompanhamento psicológico e psiquiátrico para conseguir o laudo e atestar sua “disforia de gênero”. Por conta disso, vemos muito presente em seu discurso os cenários culturais do meio médico, considerando a transexualidade uma enfermidade, exigindo das pessoas que clamam pertencer a essa categoria as provas de uma condição “verdadeira”. A colaboradora se refere à eles quando coloca que suas mudanças e vontades “*não era um fetiche*”, mas sim uma “real” condição transexual. Ela busca retirar o caráter

passageiro ligado, segundo ela, a outras categorias, mas não retira sua condição do lugar de doença, incorporando o discurso médico ao seu roteiro:

Mas você sabe que a... O transtorno é tal que você não se preocupa com isso, se vai morrer ou não, você quer mudança. (se referindo a tomada de hormônios por conta própria).

Não era um fetiche, entendeu? Então, eu comecei a perceber que a coisa era diferente, eu não era um crossdresser ou um travesti ou coisa parecida. Eu me sentia... Uma... Mulher e não queria que fosse... Eu não queria mudar a situação porque era um sofrimento muito grande você ter que sair daquela... De toda aquela... Você viver o que você realmente sente pra poder fantasiar uma coisa que você já vem fantasiando uma vida inteira.

Tânia diz já ter pensado em fazer a cirurgia de redesignação sexual, mas atualmente esse pensamento não existe mais. Ela expõe algumas razões para a mudança de foco, começando pelas situações passadas durante sua jornada em busca do laudo médico. Ela relata que alguns profissionais tentaram, na visão dela, tirar a esposa “*da jogada pra eles ficarem comigo*”. Além disso, ouviu de várias fontes a inexistência do prazer pós-cirurgia, algo que ela não quer pra sua vida e, por último, por ser lésbica ela não necessita primordialmente de uma vagina para ter relações sexuais. Em suas próprias palavras: “*Se eu fosse ter uma relação com homem precisaria ter uma vagina. E como eu não tenho isso, acho que não estaria me incomodando em nada*”. Ela não vê como a cirurgia traria alguma mudança significativa em sua vida e em seus roteiros ou até qual ponto “*isso iria ajudar*”, em especial, levando em consideração a sua idade. Vemos presente aqui a ideia pertencente ao discurso de gênero de que o sexo é predominantemente heterossexual e que a genitália feminina só é necessária nesse tipo de relação.

Outra questão trazida pela colaboradora evocando os cenários culturais do discurso médico sobre transexuais é sobre a questão da sexualidade. Para Tânia, a transexual quer ser reconhecida socialmente como alguém pertencente ao sexo e gênero feminino, deixando de lado e não dando tanta importância a parte sexual. Com isso, ela assume o discurso médico, colocando a “*verdadeira*” transexual como uma pessoa assexuada (Benjamin, 1966; Leite Jr., 2008). Para tal, ela ainda se apoia na questão do uso de hormônios que, de acordo com ela, diminuiriam o desejo sexual, fazendo com que ela ficasse sem buscar a esposa para terem relações no período inicial de uso do mesmo. Porém, ela aprova os benefícios de tal conduta, naquele momento:

O objetivo do transexual, ele quer uma sociabilização com o seu sexo que ele acha/ com o seu gênero que é feminino. Ele quer apagar todos os traços masculinos. Ele quer ser reconhecido como feminino. Então... Tanto é que a parte sexual não é tão importante pro... As trans, um transexual. Pra ela é mais importante essa... Integração social. Não sei se... É o que eu sinto e o que eu percebo também... Com as outras amigas que eu tenho. Eu tenho amigas que... São transexuais e são professores de faculdade, tudo, que teve que largar tudo por causa disso. Porque o convívio social... Isso aí é complicado, né?

A questão da aceitação social para ela é marcante pelo fato da esposa ter dificuldades em lidar com sua transexualidade quando estão em público. A relação no nível interpessoal parece ser harmoniosa, mas quando ela chega ao cenário cultural, passa a ser alvo de olhares, por se tratar de uma relação fora do comum e Tânia se coloca ciente disso. Segundo ela, outras pessoas comentam sua relação e dizem que ela está buscando “*fazer um omelete sem quebrar os ovos*”, pois “*a primeira coisa que rompe é o casamento*” em casos como o dela. A mesma pressão social foi sentida por um casal italiano. Eles foram obrigados pela justiça a se separarem, apesar de quererem permanecer juntos após o marido se submeter a uma redesignação sexual e se tornar Alessandra (Menezes, 2011). Contudo, Tânia se mostra disposta a continuar com sua relação por considerar sua esposa como a parceira ideal, desejada no momento, e pelo fato de ambas se amarem muito (“*Ela também gosta, ela sente falta, ela gosta desse lado meu também*”).

Nessa situação podemos ver uma questão também trazida pelas demais colaboradoras. Para elas, o fato de serem aceitas e assumidas perante a sociedade pelo parceiro é um fator de grande importância para a manutenção da relação. Para Tânia, é nesse aspecto onde sua esposa precisa realizar uma mudança para tornar a relação mais completa e harmoniosa. Outra maneira arrumada pela colaboradora para lidar com esse lado cultural e pressão social foi relatando aos membros da sua família sua condição de transexual, tirando “*um peso das costas*” e deixando todos “*pesarosos*”. É interessante notarmos a palavra utilizada por Tânia para definir como seus parentes ficaram após saberem de sua condição. Ela parece não notar que, ao utilizar tal termo ela demonstra que agora seus familiares, assim como ela, também carregam a pressão e o preconceito, a dor e a tristeza de não ser aceito e assumido perante todos. Todos estão pesados por também terem de carregar os pesares de Tânia.

É exatamente por conta desses pesares que a colaboradora parece, em alguns momentos da entrevista, buscar defender a transexualidade como algo não ruim, pertencente ao seu ser, questão esta que ela parece ainda estar trabalhando de maneira interna e subjetiva, pelo fato de sua transexualidade ser algo ainda novo e pelos problemas que tem enfrentado

com a esposa dentro do relacionamento. Ela afirma que “*não é esse meu lado que tira todas as qualidades que eu tenho*”. E sua busca não parece ser apenas interna. Em um momento da entrevista ela começa a expressar sua opinião sobre a parada gay e a mensagem passada à população, afirmando que o “*carnaval*” feito choca “*o outro lado*” e não alcança a “*integração social*”:

Por exemplo, essas paradas gays que existe por aí, que o pessoal faz. Pra mim é mais um carnaval do que outra coisa. Porque eles querem fazer uma integração social nisso, mas acho que daquela forma vai ser muito difícil esse pessoal ter esse tipo de integração. Porque eu acho... É muita... É muita coisa depravada ainda. Que não precisa daquilo. [...] Exagera e acaba chocando. E ali choca um pouco o outro lado que vê a coisa um pouco diferenciada.

Em outro momento da entrevista é mostrado novamente essa dificuldade dela em conseguir a aceitação social tão almejada, mas podemos ver uma falta de atitude por parte dela para modificar a situação. Durante a entrevista, o celular de Tânia toca e ela pede para desligar o gravador para que possa atender. O entrevistador para a entrevista e ela atende a ligação via rádio. No diário de campo do pesquisador, temos o registro de que a conversa aconteceu com um funcionário, trabalhador na empresa pertencente a colaboradora e a ligação era referente a um pintor que fazia algum trabalho lá. Durante toda a conversa o funcionário se referiu a Tânia como “*Senhor*” e ela não mostrou nenhum desagrado em sua expressão facial e nem fez nenhum comentário depois que desligou o telefone. Aparentemente, ela busca inserir em seu roteiro um papel totalmente feminino. Contudo, seu entorno (cenário cultural) e, como mostrado, seu interno (nível intrapsíquico) ainda não conseguiram encontrar uma harmonia, mesmo porque parece que seu nível intrapsíquico ainda guarda resquícios de seus roteiros anteriores, nos quais ela desempenhava um papel masculino.

Quando o assunto da entrevista se volta para o sexo, Tânia relata as mudanças em seu relacionamento com a esposa e evoca os cenários culturais de gênero. Ela narra que, antes de passar por toda a mudança, a esposa e ela já tinham brincadeiras na cama que envolviam a inversão de papéis no ato sexual. O uso de acessórios e brinquedos sexuais também fazia parte desses eventos. Na mesma época, a colaboradora também gostava de assistir a filmes pornôis com travestis e transexuais, porém atualmente isso não ocorre mais. As inversões também são histórias do passado, já que hoje em dia a relação com a esposa é lésbica e não ocorre a penetração. No entanto, ela relata que sua esposa gosta de usar brinquedos e de desempenhar o papel de ativa na relação, mas para ela a situação de ser penetrada é incômoda

e, por isso, ela “segura” o uso de brinquedos durante o ato. Porém, diz que precisa exercitar mais esse lado para buscar trazer uma maior satisfação para a esposa durante o ato sexual:

De certo existia penetração com brinquedo, essas coisas, mas, pra falar a verdade pra você, que aquilo lá me dava prazer, não, aquilo lá até me incomodava. Não tinha assim muita... Acho que é uma fase, né? Você tá se descobrindo. Será que é? Será que não é? Não sei. Então, você vai se descobrindo nesse processo. Falar que se hoje, de repente... Porque ela gosta. Se por um brinquedinho pra ela, ela se diverte, eu que seguro um pouco porque pra mim não... Mas eu acho que eu vou ter que pegar... Exercitar um pouco mais esse lado, não tanto por mim, mas sim por ela também.

É interessante notar que, mesmo a penetração anal não sendo algo prazeroso e sim desconfortável, Tânia coloca a questão do uso dos brinquedos como uma nova justificativa para do seu lugar na categoria de transexual e mais ainda na sua orientação como lésbica. Ao colocar a experiência da penetração como uma fase passageira e de experimentação, ela parece sustentar que o papel de mulher que deve se relacionar com homens e estar no papel de penetrada, apontado pelos cenários culturais de gênero, não faz parte do seu roteiro, legitimando seu lugar como uma transexual lésbica.

Quando Tânia relata os detalhes de suas relações com a esposa, ela evoca os cenários culturais de gênero para explicar a necessidade de carinho para conseguir se excitar, ao contrário do homem, que se excita com facilidade. Além disso, ela também relata a diferença no orgasmo masculino e feminino, mesmo sem ter realizado a cirurgia, afirmando que o primeiro é algo rápido, satisfatório por um curto período de tempo e traz logo em seguida uma sensação de repulsa em relação ao parceiro ou parceira; já no segundo, a sensação de satisfação perdura e a mulher pode continuar amando o parceiro ou parceira. Tal distinção, além de trazer à tona o discurso onde a mulher é colocada como um ser mais sentimental e mais amoroso e o homem como um ser de libido alta, cuja necessidade de se satisfazer sexualmente é regular (Parker, 1991; D. Santos, 2012), também vai de encontro com a narrativa de outras colaboradoras, especialmente Bárbara.

Ela também se aproxima do discurso de Bárbara ao colocar o sexo ligado a uma essência, como algo transcendente ao corpo e qualquer tipo de rótulo, como se este fosse retirado da esfera sexual e carnal, colocado em uma esfera divina, assim como na questão do uso do preservativo, considerado inexistente pelo fato de não haver penetração. A questão do sexo como essência aparece também quando Tânia mostra recusa em fazer sexo a três porque acha que “essa mistura de energias não é legal”. Porém, ao contrário das demais colaboradoras, Tânia une o sexo ao sentimento, trazendo o primeiro como algo sagrado, que

não deve ser feito sem razão, uma necessidade que “*faz parte do ser humano*”, assim como o amor e o prazer. O sexo, para ela, é consequência do amor:

Eu acho uma relação sexual uma coisa... Tão sagrada. É uma explosão de sentimento... Que eu acho que... Não deve ser feita, assim, de uma maneira, assim, em vão. E... Eu sempre procurei respeitar muito esse lado. Ainda mais, por exemplo... Mulheres que... Você ter relações com ela, eu sempre procurei... “Puxa vida, mais é um ser humano que tá aqui na minha frente”. É diferente de você, por exemplo, de você ter... Que nem cachorro. Cachorro é puro instinto. Eu não faço coisa por instinto, eu precisava de sentimento...

Você também precisa ter o sexo, a relação sexual, porque faz parte, né? Por exemplo... Você tem que amar... Alguém. Porque, o amor, ele... [...] Porque isso faz parte de nós como seres humanos. O amor e, conseqüentemente, o sexo. Que é uma maneira de extravasar, essa explosão, né?

Tânia se aproxima mais uma vez das demais colaboradoras, em especial de Márcia, quando seus roteiros interpessoais entram em cena. Ela, assim como as outras, também cria relações unilaterais e deixa isso claro quando coloca que o gozo da parceira não pode faltar no sexo. Assim como Márcia, Tânia coloca o prazer em uma via de mão única e a mulher em um papel de submissão ao parceiro, no seu caso uma parceira. Entretanto, novamente ela se afasta do grupo ao relatar que sua primeira vez foi aos 16 anos (apesar dela citar que antes dessa idade algumas “*brincadeiras*” aconteceram); que ela não se masturbava durante a adolescência (ela só passou a fazer isso aos 18 anos quando conheceu sua mulher); e por colocar as preliminares como algo que se relaciona a convivência do dia-a-dia (“*a relação no final do dia é o resultado do dia que você teve*”).

Nesses quesitos, ela volta a abordar alguns olhares já perpassados por ela durante a entrevista, como o da transexual ser alguém assexuada, visto sua iniciação sexual ser tardia em comparação as demais e o da transexual como alguém que tem de provar não ser ruim, isso devido a sua afirmação de que na convivência diária fazer as preliminares tem de acontecer com o respeito pelo outro, afinal “*todos têm defeitos*”.

Um fato interessante na fala de Tânia é a afirmação de não ter fantasias e fetiches. Para ela, a única fantasia era a de poder ser mulher *full time* e essa agora está podendo realizar. Esse fator parece ter uma ligação muito grande com o roteiro sexual da colaboradora. Ela parece estar no processo de construir um novo roteiro para essa pessoa que é agora. Nele, busca administrar os novos papéis nos quais ela quer se incluir, mas parece ainda não ter conseguido se desvencilhar dos papéis interpretados por ela em seu período anterior de vida,

como alguém do sexo masculino, aparentemente por grande influência de sua esposa que, dentro dos cenários culturais, ainda leva ela a fazer o papel de marido e não de uma amiga ou companheira.

Além disso, Tânia parece buscar construir um roteiro no qual essa relação “fora dos padrões” possa existir. Com isso, ela está lidando com o real agora, com esse mundo no qual ela sempre buscou viver, da maneira desejada. Sem a necessidade de representar um papel masculino e ter de lidar com as adversidades presentes na vida de qualquer transexual, Tânia parece não ter tempo e muito menos espaço em seu roteiro para fantasias e fetiches, buscando introduzir nele, neste momento, coisas reais, vivas e inteiras, assim como ela mesma se sente. Nesse novo roteiro, aparentemente tudo deve estar presente e unido a fim de obter a harmonia procurada e talvez, por essa razão, ela se diferencie das demais no momento em que une o sexo ao sentimento. Aparentemente, ela precisa desse processo de unir tudo em um único roteiro, para depois poder analisar o que permanece e o que poderá ser descartado. Tal ponto fica claro nos momentos em que ela interroga o entrevistador, buscando sua opinião sobre um assunto exposto ao questioná-lo se determinado fato acontece da maneira presenciada por ela ou ainda quando afirma que com ela “*aconteceu assim*”.

6.8. Amélia – Sexo pra mim é aquela coisa sem sentimento total

Amélia tem 19 anos e trabalha como profissional do sexo em uma cidade do interior do estado de São Paulo, apesar de ser de origem mineira. Ela se define como travesti e diz não pensar em fazer a cirurgia de redesignação sexual, pois para ela “*nasceu comigo, morreu comigo*”. Ela também se autoidentifica como “*eclética*” quando se trata de sua orientação sexual. A colaboradora coloca que sente “*atração mesmo por homens*”, se colocando depois na categoria de homossexual, mas afirma gostar de experimentar de tudo para poder falar sobre, ver se é bom e saciar sua curiosidade a respeito do assunto. Na “*hora do fogo*” ela é “*bi, hétero e gay*”.

A participante diz sentir atração somente por homens, mas, diferentemente das demais, pontua que já “*catou algumas mulheres*” e gostou da experiência, mas afirma também não haver sentido nenhum afeto por elas. Neste quesito ela se compara as demais colaboradoras, pois também divide o sexo e o sentimento dentro dos seus roteiros interpessoais.

Esse aspecto fica extremamente claro em sua entrevista. Ao ser questionada a respeito de seus relacionamentos, ela relata nunca ter namorado seriamente, somente “*amores platônicos*”, pois ela sente que os homens só querem usá-la, “*aproveitar a carne no momento, enquanto está fresca e depois, a hora que a carne apodrecer, já não quer saber*”. Esses pensamentos e percepções só aparecem em sua cabeça quando ela está sozinha ou quando vai dormir, de acordo com ela. Com essa frase, Amélia se coloca no papel de objeto sexual dos homens. De acordo com a colaboradora, esse fato está ligado a sua profissão, considerando existirem, ainda de acordo com ela, clientes desejosos de simplesmente “*desceu a roupa, virou, gozou, acabou*”. Por se colocar nesse papel, ela deixa de ter o valor de um indivíduo e, portanto, não vê a possibilidade de ser alvo de uma relação interpessoal bilateral, além de colocar o homem em uma espécie de papel superior, de alguém capaz de usá-la como objeto, evocando também um cenário cultural de gênero e de colocar o sexo no lugar de algo “sujo”.

Somente quando sua fala traz o foco para ela mesma, é que a situação de ser usada parece se inverte em algum grau, mantendo, contudo, o foco unilateral. Quando questionada sobre o que não pode faltar no sexo, Amélia responde que ela tem de gozar, pois se isso acontecer com o cliente e não com ela mesma, causa um sensação de “*fiquei pra trás*”:

Eu preciso gozar. É isso. Se eu não gozar, parece que ele sentiu prazer e eu fiquei pra trás. Aí... É onde eu volto naquela questão de eu ser usada, já que eu tô sendo usada mesmo, também preciso aproveitar um pouco. Aí é onde eu preciso gozar, eu quero gozar, dependendo de qualquer forma que seja, se eu tô sendo ativa ou passiva.

A mesma visão desse roteiro interpessoal unilateral aparece quando ela vai definir o sexo: “*Sexo pra mim é aquela coisa sem sentimento total*”. Todavia, ela parece repensar sua colocação e logo depois inclui o fato de tal afirmação ser proveniente de sua experiência profissional, ou seja, na rua o sexo é sem sentimento, mas não é sempre assim. Mesmo não tendo nenhuma experiência com relacionamentos, ela traz, assim como as outras entrevistadas, a presença do amor dentro da relação e o cenário cultural do amor romântico. Contudo, esse ideal de amor não faz parte de seu roteiro atual, mas sim do seu roteiro da adolescência e do roteiro pensado para o futuro. Amélia relata que quando adolescente imaginava suas relações sexuais iguais as acontecidas nos filmes, com beijos e abraços, mas na realidade elas aconteciam de outra forma. Suas primeiras experiências sexuais aconteceram por volta dos seus 12 anos de idade e começaram com a prática de sexo oral por parte dela em colegas da escola ou vizinhos, até a relação de penetração acontecer com um vizinho e com

um primo no mesmo período. Todas essas práticas não incluíam afeto ou carinho, pois os rapazes, no auge de seus hormônios da adolescência queriam mesmo era “*ir direto ao ponto*”.

No seu futuro, Amélia almeja estar fora das ruas e vivendo uma relação de “*casal hétero*” com “*brigas, ciúmes e amor*”, sendo este último algo que ela ainda “*não sei o que é*”. Nesse momento, a colaboradora realça o amor romântico propriamente dito e apontado por Oltramari (2009) como o amor nunca correspondido, que permanece sendo buscado; o amor ligado à dor e ao sofrimento, e a necessidade de transpô-los para, à partir daí, alcançar o amor. Esse sentimento aparece por ser algo com o qual ela diz ainda não ter contato e pelo fato dela enumerar as características de uma relação “*hétero*” iniciando pelas brigas e pelo ciúme, para só então citar o amor como elemento presente.

Como dito anteriormente, seu roteiro atual parece não possuir como fator esse cenário cultural do amor, visto que ela nega o desejo de se relacionar com alguém ainda. Ela afirma não gostar de compromissos e de ser uma pessoa que gosta de alguém durante cinco vezes:

Não tenho essas coisas de compromisso não. Às vezes, cá numa ilusão de achar que eu tô gostando da pessoa... Só que... É que nem eu falo pra muitos eu sou um tipo de pessoa que gosta durante cinco vezes. A primeira... É o fato de conhecer, a segunda é maravilhosa, a terceira você já vai por ir, a quarta você já não quer, a quinta você já dá um basta, você já não quer saber.

Sua questão com relacionamentos parece estar muito ligada ao sentimento de se sentir usada pelos homens, mas também a aparência física dos mesmos, mostrando novamente a dicotomia sexo x sentimento. Ao definir o prazer como a aparência física e seu homem ideal como alguém bonito e inteligente, ela coloca a parcela sexual do seu relacionamento. Ao acrescentar ao seu parceiro ideal as características de compreensivo e que não a faça se sentir usada, ela mostra o lado sentimental. Ela parece ter dificuldades em conectar os dois lados no mundo real, para assim buscar um relacionamento, só alcançado tal façanha no campo do ideal. Seu foco atual aparenta ser somente o sexo, provavelmente por conta de sua profissão, e afirma que sem o sexo “*ia faltar uma parte de mim*”.

Um elemento bastante presente em sua narrativa é o cenário cultural que define rótulos e categorias. Ela se determina como travesti, pois “*não tenho a mínima vontade de ser transexual porque eu gosto de gozar*”. Amélia coloca aqui o discurso médico definidor da transexual como alguém assexuado e, em um nível subentendido, a ideia de que transexuais são as pessoas que realizam a cirurgia. Além disso, e em especial, a colaboradora traz a cultura popular que contém a ideia de que transexuais operadas não sentem mais prazer. Ela

não deixa de fora os discursos sobre travestis. Ao falar sobre seu início no mundo da prostituição, Amélia relata que vendia trufas para sua mãe e ao voltar para casa aceitava carona e o dinheiro em troca de serviços sexuais de alguns estranhos, pois quando eles a viam na rua logo presumiam que ela fazia programa, em razão de que para travestis “*ou é salão ou é rua*”.

A colaboradora também coloca que não teve uma fase *gay* em sua vida, ou seja, não teve relações com homens em uma condição masculina, pois começou a se travestir aos 12 anos de idade. Essa fase *gay* que uma travesti pode ter também é mencionada por outras participantes. Amélia justifica a falta dessa fase pelo fato dela ter tido, nesse momento da vida, amizades com travestis e não com *gays* e por sua vontade de ser mulher, fato colaborador na legitimação de sua condição na travestilidade:

Virei travesti já, passei já a conviver... Porque, eu falo também que não tive aquela época de homossexual, de gay, de andar normal como um homem... Porque também, eu acho um pouco, que eu não tive a convivência com gays, eu tive convivência com travesti. Eu fiz amizade com travesti primeiro. Aí eu via... Eu já tinha vontade de ser mulher. Aí eu via elas com aqueles cabelos compridos ou... Aparência afeminada, as roupas... Foi aonde me deu mais inspiração pra querer ser.

Amélia, em suas falas, abrange diversas semelhanças com as demais colaboradoras até aqui citadas, em especial as que dividem com ela o ofício de profissional do sexo. Ela, assim como Renata, coloca o cliente como uma pessoa carente e acrescenta em seu roteiro interpessoal o elemento da sedução para fisgá-lo, produzindo a sensação de uma relação com caráter bilateral. Ela deixa esse fato ainda mais claro quando afirma que só tem preliminares com o cliente quando quer “*amarrar*” o indivíduo e fazê-lo voltar a procurar os seus serviços:

A gente que vive como profissional do sexo, da mesma forma que a gente gosta de ser elogiada, eles também procura a gente por conta disso, eles querem ser um pouco agradado ou/ tem até aqueles que, realmente, vão só pra transar.

E: Você costuma ter preliminares com os clientes?

C: Quando eu tô com a intensão de amarrar o cliente pra fazer ele voltar, eu começo nas preliminares.

E: Senão...?

C: Senão não. [...]

E: E o que o homem tem que ter pra você querer prender ele como cliente?

C: Dinheiro (risos).

E: Os que pagam mais?

C: É. [...] Eu falei do dinheiro pra amarra cliente, mas também tem aqueles que me encanta, que às vezes... Paga até uma mixaria, mas pra eu poder pegar e ficar com

ele, eu fico até, se for preciso, a noite inteira... De preliminares... De beijos, abraços... Carícias, eu sentindo o calor do corpo dele, ele sentindo o meu... Tem esses também assim. Aí eu faço bastante preliminar.

Outros elementos que Amélia têm em comum com as demais colaboradoras são trazidos na área das práticas sexuais. Assim como a maior parte das profissionais do sexo entrevistadas, a colaboradora não tem como hábito a prática da masturbação pelo fato de já “gozar muito” enquanto trabalha. Ela também se coloca contra o ato de pagar por sexo, pelo fato dela estar em uma fase de sua vida capaz de “catar qualquer homem que quiser”, mas, diferentemente das demais, se coloca disposta a pagar em um futuro no qual estará velha. A participante também relata ser comum ela assistir a filmes pornôns no motel enquanto faz um programa e que o tipo de filme mais atraente para ela são os com temática *gay*, tendo em vista que o de homens com travestis “ela faz o que elas fazem”. O uso do preservativo também segue o mesmo padrão das demais: um uso descontínuo no sexo oral, um uso mais conciso, ainda com falhas, no sexo anal, e a não utilização da camisinha quando o sexo é com o namorado. No caso dela, esse namoro é substituído por um rapaz com o qual ela se “*deu bem*”.

O *dark room* é tido como um local não direcionado a ela e, por essa razão, Amélia só entra nele “*para brincar*”. Neste caso, a brincadeira consiste em colocar a luz produzida pelo celular na cara das pessoas que estão lá dentro ou levar algum homem para lá e depois sair, deixando-o sozinho. A colaboradora, assim como Alice, também apresenta algumas fantasias sexuais não convencionais, como fazer sexo embaixo d’água ou de ponta cabeça. Podemos olhar para saída do usual como consequência de sua profissão, capaz de proporcionar experiências sexuais na maioria classificadas como não convencionais, de uma maneira até corriqueira, como no caso de sexo com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, prática essa onde Amélia já esteve com seis homens ao mesmo tempo. Dessa forma, sua imaginação pode ultrapassar todos os limites e criar as mais variadas e inusitadas fantasias.

Podemos observar que no roteiro sexual da colaboradora existem os cenários culturais de gênero e, com maior presença, os de rótulos e categorias. O discurso do ideal de amor também se faz sentir como elemento presente, porém em roteiros não utilizados no momento atual. Na fase contemporânea de sua vida, Amélia parece ter dificuldades em unir o sexo aos sentimentos sob qualquer forma, talvez muito influenciada por sua profissão, focada somente no sexo, fato que acaba por prejudicar seu nível interpessoal composto de relação unilaterais. A sedução é um elemento presente e utilizado como ferramenta de trabalho.

6.9. Melissa – Nossa, será que eu vou virar uma vadia?

Melissa é uma jovem de 24 anos, natural do interior do estado de São Paulo. Ela trabalha como operadora de telemarketing e se autoidentifica como transgênero, definido por ela como “*alguém que está próximo aos dois sexos, entre o masculino e o feminino, apesar da sua aparência sexual física*”. Ao se colocar nesse local “indefinido”, a colaboradora já nos demonstra que, assim como Tânia, ela também se encontra em um processo de construção de seus novos roteiros para se adaptar a esse novo papel e a esta nova pessoa que ela é. Isso também fica demonstrado nas observações feitas pelo pesquisador durante a entrevista:

Ela me disse que eu poderia chama-la tanto pelo nome feminino quanto pelo masculino (que foi o qual ela utilizou para assinar o termo de consentimento) e no decorrer da entrevista referiu-se a ela mesma tanto no masculino quanto no feminino.

Em seu processo de adaptação, ela diz não pensar em colocar próteses de silicone e muito menos realizar a cirurgia de redesignação sexual, por esse não ser o seu perfil. Todavia, ela termina a frase com a expressão “*eu acho*”, passando a ideia que seu estágio ainda é muito recente, fazendo com que ela não veja necessidade para grandes mudanças ainda. Tais transformações também acarretariam novas mudanças em seus roteiros sexuais e na sua convivência social, além das quais ela já está tendo de lidar.

Ao que diz respeito aos seus relacionamentos, ela afirma nunca ter namorado seriamente e suas relações foram sempre rápidas e duraram pouco tempo. O mais longo aconteceu no período de um mês e ela o define como um “*ficar*”. Melissa conheceu o rapaz em uma festa e por meio de uma amiga em comum entraram em contato e começaram a “*sair juntos e ficar*”. Um mês depois, ele a pediu em namoro em uma boate e com cinco minutos passados, estava ficando com outra pessoa. Tudo isso aconteceu antes dela iniciar seu processo de modificação, quando ela ainda era “*um gay afeminado que ninguém queria*”. À partir do início de sua “*mutação*”, a colaboradora relata o aumento do assédio dos homens, em especial daqueles que se definem como héteros e, às vezes, tem um relacionamento estável com uma mulher. Afirma já ter ficado com alguns desses pretendentes, no entanto a maioria deles busca somente um contato sexual “*rápido e fácil*” e nunca um contato afetivo:

Porque a maioria das pessoas também que chegam em você com esse tipo de assédio só tem um interesse e atualmente não é esse o interesse que eu quero, né? A maioria deles buscam por sexo rápido e fácil, independente de quem seja, de preferência com travesti ou não... Mas querem só o sexo e pra mim isso não tem mais tanta importância agora.

A colaboradora, assim como Tânia, une o sexo ao sentimento, dizendo não conseguir fazer um sem a presença do outro. Para Melissa, o sexo precisa ter carinho e confiança. Ela afirma nunca ter dado importância a ficar grandes períodos sem sexo, mas mostra seu outro lado ao dizer que o sexo por sexo é possível quando se está “*muito necessitada*”, embora após esse tipo de relação ela diz sentir um vazio e enfatiza a importância da interação pós-relação. Todavia, igualmente a Amélia que parecia focada no sexo, Melissa atualmente também parece ter um só foco, de certa forma separando um do outro e ficando apenas com os sentimentos, passando por um momento definido por ela como uma “*fase carente*”. O prazer, no discurso da participante, só é bom quando carinho e respeito estão presentes, parecendo se ligar muito não só ao conceito de amor, mas o de relacionamento também. As preliminares (período da relação onde é permitido uma maior demonstração de carinho) também são necessárias para conseguir uma boa “*atuação*” durante a relação sexual. Essa união, da mesma forma que é para Tânia, parece estar relacionada com esse período onde novos roteiros estão sendo construídos e pra isso se une tudo para depois separar o necessário:

Nossa, eu não sei colocar isso em palavras. Mas assim, o prazer sexual é bom. Quando tem carinho, é bem feito... E a pessoa tem um certo respeito e ele respeita os seus limites também e te trata como... De uma forma correta, que te faça se sentir bem... Esse momento é muito bom, se torna uma coisa boa, especial, né?

Quando é assim uma coisa sem compromisso, que é a maioria das que eu tive pelo menos, me dá uma sensação de vazio, sinceramente, assim sabe? Porque você pensa: “nossa, eu acabei de transar com uma pessoa, foi bom, né? Mas e aí e agora, né? Cadê o carinho depois, a presença depois...”. Fica meio... Meio que vazio. É muito bom na hora a sensação, tranquilo, mas... Você sente muito só e vazia depois, né?

Por estar nessa fase carente, a colaboradora traz essas características mais intrapsíquicas para definir seu parceiro ideal. Melissa busca alguém carinhoso e com a possibilidade de assumi-la perante a família e amigos, fator que a aproxima das demais participantes. Além disso, a atração pelo seu jeito físico (ela é magra e não muito alta) é apontado como elemento necessário, assim como gostar de vê-la produzida e compreendê-la bem. Com essas características, ela parece buscar alguém capaz de legitimá-la na posição de

sua escolha e ainda que possa ajuda-la a compreender e organizar todos os elementos que a cercam para a formação de seus roteiros sexuais. Ela também parece adicionar um fator físico ao dizer que gosta de parceiros com “*jeito de moleque*”. Contudo, ao definir o que seria esse jeito de moleque, ela retorna aos aspectos intrapsíquicos e o coloca como brincalhão, descontraído e não tão sério. Aparentemente, Melissa define um homem sem muita maturidade, fator que parece buscar em si mesma ao se focar no “amadurecimento físico” (maneira como ela define seu processo de transformação corporal) e também no dos seus roteiros sexuais. Podemos olhar ainda essa questão por outro ângulo e enxergarmos o fato dela buscar um parceiro imaturo como uma forma de ter alguém de quem cuidar, trazendo a tona o cenário cultural da mulher cuidadora, com instinto materno.

Os cenários culturais de gênero também são levantados quando ela conta sua experiência com o uso de hormônios. Melissa incorpora em seu roteiro o discurso no qual o homem é mais ativo sexualmente, no sentido de ter uma libido mais elevada e buscar o sexo com mais frequência, enquanto a mulher tem menos vontade de transar. Ela relata que o hormônio tirou seu “*tesão masculino*” e deixou igual ao feminino, posto que uma libido baixa é uma “*coisa feminina*”. A colaboradora aponta uma queda da masturbação quando começou a administrar os hormônios por conta própria e até diz apresentar uma diferença perceptível no seu processo de excitação, dando a entender que as mulheres necessitam de uma estimulação maior para entrarem no clima da relação e sentirem prazer, diferentemente dos homens. Segundo o cenário cultural, estes ficam excitados com o menor estímulo:

Eu acho que agora com a mudança corpo/ além das mudanças físicas como o crescimento de peito e acinturamento, o prazer ele ficou diferente sim. Você fica sentindo... Uma tensão maior no momento em que você fica excitada no... Se no caso de passivas, pelo menos, a tensão fica maior, né? O prazer anal fica maior.

E, de certa forma, por tudo que eu li, pelo que eu estou convivendo nesse momento, o hormônio de certa forma ele tira um pouco também a libido da pessoa e... Assim, de distância, quando você não tem ninguém, você não fica com aquela tensão, aquela... Vontade enorme de ter alguma relação. Mas no momento que você está com alguém, a sua libido volta, pela questão do tato, né? Pela questão do físico.

Quando o assunto tem como foco principal o sexo, Melissa, ainda falando sobre o uso de hormônios, traz a tona outro cenário cultural, dessa vez em relação as pessoas *Trans*. Ela incorpora em seu roteiro o discurso onde transexuais e principalmente travestis são colocadas como pessoas depravadas, imorais e que tem uma vida sexual promíscua. Ela não destaca esse cenário em sua fala de uma forma explícita, mas relata questões nas quais demonstra fugir

desse destino. O primeiro momento tocante à esse assunto é quando Melissa relata seu período inicial com a tomada de hormônios. Ela pensava: “*nossa, será que eu vou virar uma vadia?*” e justifica tal colocação por conta do aumento do assédio masculino.

Apesar de sua justificativa, podemos pensar sua frase no sentido descrito acima se levarmos em consideração alguns detalhes. Em primeiro lugar, o foco exclusivo na questão sentimental das relações, criando uma imagem de uma mulher meiga, romântica e ingênua. Em segundo lugar, podemos apontar o relato de sua primeira vez. Melissa teve sua primeira relação sexual aos 13 anos com um amigo da escola ao qual contou sentir uma atração por homens. Ela relata ter sido bom e que sentiu prazer, mas não foi algo maravilhoso, pois não aconteceu nenhum beijo. Para ela, seu “*sonho de garota ingênua*” a levava a imaginar uma primeira vez com alguém de quem ela gostasse, envolvendo sentimentos e aos poucos. Ela, como uma “*menininha bobinha*” buscava essa primeira vez. Entretanto, ela resolveu “*jogar as favas*” e aceitar a proposta feita pelo amigo para se envolverem em um intercuro sexual. Ao se colocar nessa situação, ela perde o lugar de moça ingênua e assume o lugar da “*vadia*”, sem se importar com o amor e o romantismo. Ela ainda parece buscar retomar o papel perdido, ao tornar a primeira vez uma “*coisa infantil, adolescente*”, ou seja, uma fase de aprendizado e de inocência.

Ainda podemos apontar a questão das fantasias sexuais e de algumas práticas tidas como não convencionais. Melissa relata ter fantasias, contudo as classifica como “*bobas*”, pois são mais relacionadas à pessoas de seu convívio. Isso significa que suas fantasias envolvem apenas ter uma relação sexual com determinada pessoa pela qual ela já se sente atraída, colocando o sexo no universo do sentimento e não em situações inusitadas ou foras do comum. A respeito de uma relação à três, a colaboradora diz já ter recebido uma proposta desse tipo, mas recusou, pois “*não sou uma pessoa que aceita facilmente essa situação*”, ou seja, ela novamente se retira do papel de “*vadia*” capaz de realizar práticas sexuais “*promíscuas*”.

Todavia, quando o assunto foca no universo da prostituição, seu discurso se torna contraditório. Apesar de afirmar nunca ter recebido nada em troca de favores sexuais, ela diz não descartar a possibilidade de algum dia, caso precisasse do dinheiro e dependendo do seu “*ânimo*” na ocasião, aceitar tal proposta. Nesse momento ela se desfaz do seu papel de boa moça e abre a possibilidade de encarnar a “*vadia*”. Além disso, a sua última relação sexual também abre essa possibilidade. Aconteceu com um rapaz que ela conheceu pelo bate-papo na internet. Ela o convidou para ir até sua casa e lá praticou sexo oral nele, sem, contudo, realizar a penetração, prática que ele queria e insistiu para acontecer, mas ela não queria. A

insistência do rapaz em relação ao assunto só ocasionou a irritação de Melissa e a expulsão do parceiro. Pelo fato do encontro se dar com alguém desconhecido e sem nenhum tipo de compromisso, a boa moça sai de cena novamente. Entretanto, o fato de não ter ocorrido a penetração, assim como para Bárbara e Tânia, parece retirar a relação da esfera do sexual, pois a prática definidora de um intercurso sexual real não ocorreu, amenizando a conduta de “vadia”.

Outro elemento que apareceu da mesma forma tanto para ela quanto para as outras colaboradoras foi a questão do preservativo, utilizado com maior frequência no sexo anal do que no oral. Melissa ainda concorda com o conceito trazido por Bárbara de que a camisinha é utilizada por medo de contrair alguma doença. Um diferencial na opinião desta é a afirmação de que nas vezes em que o sexo oral ocorre sem proteção é por razão do parceiro não querer usar. Aqui Melissa evoca o cenário cultural da mulher submissa ao parceiro, além de indicar uma dificuldade de negociação da camisinha, fator apontado por Pelúcio (2010) como muito comum no meio *Trans*. O *dark room* também é tido como lugar impróprio e utilizado, assim como por Amélia, para realizar brincadeiras com os ali presentes. Apesar dela ainda se aproximar de outras colaboradoras ao dizer que só frequentou tal lugar antes de realizar sua transformação, ela se diferencia das demais afirmando que atualmente não entra no *dark room* com medo de sofrer algum tipo de agressão ou de ser forçada a realizar algo. De acordo com ela, tal fato poderia acontecer por ela estar lá dentro “*toda feminina*”, isto é, por ela ser *Trans*. Todavia, podemos ver uma aproximação na maneira de pensar das demais colaboradoras em relação aos locais voltados ao sexo como lugares exclusivamente masculinos.

Ela se aproxima mais uma vez das demais participantes ao afirmar não pagar por sexo enquanto puder “*escolher com quem*” e ao colocar a questão financeira como empecilho também. Ao se declarar incapaz de fazer *swing* devido a presença de uma mulher no ato a aproxima ainda das outras, mas ela se afasta ao ser a primeira a diferenciar fantasia de fetiche, apontando fetiches por cuecas e partes do corpo masculino. Podemos ver em Melissa, como já mencionado, um processo de construção de um novo roteiro englobando todos os elementos de sua nova condição. Nesse novo roteiro podemos ver o aspecto sentimental ganhar um valor maior do que o sexual, por razão da incorporação de cenários de gênero, para evitar a inclusão de um papel promíscuo relacionado às pessoas *Trans* por outro cenário cultural. Também podemos observar uma busca por amadurecimento ao realizar um movimento de repensar determinadas posturas e conceitos.

6.10. Amanda – O que será que eles vão pensar de mim, né? Que eu sou a falsa beata

Amanda é uma costureira e estilista, natural do interior do estado de São Paulo. Ela não quis revelar quantos anos tinha e só após alguma insistência da parte do entrevistador disse ter mais de trinta anos. Todavia, sua aparência denotava uma pessoa com mais de quarenta anos e, no decorrer da entrevista, algumas informações passadas por ela acabaram por confirmar essa idade. Podemos pensar que o fato de não revelar sua idade traz a colaboradora um comportamento tido como usual pelas mulheres, de acordo com alguns cenários culturais, auxiliando a legitimar sua posição no universo feminino.

Ela define-se como uma “*transex hétero*” que é segundo ela “*alguém que não vincula com outro parceiro a não ser seu próprio, fazendo a parte feminina*”. É interessante notar em seu discurso o modo como ela relaciona a heterossexualidade ao número de parceiros e o conceito de fidelidade, ao invés de ligá-la a atração e o interesse sexual:

Eu sou uma transex hétero. A transex hétero é aquela que não vincula com outro parceiro a não ser o seu próprio, fazendo a parte feminina. E quando fala assim: “ah, sou bissexual”. O bissexual é quando, mesmo ela sendo hétera, porque ela tem uma opção sexual só, ela se relaciona com homem e mulher ao mesmo tempo. Então, eu não me relaciono nem com homem, nem com mulher. Então, eu sou uma transex hétera. Essa é a palavra correta. Que nem, se você é gay hétero, você não é gay bi, você se relaciona com uma pessoa só.

Se pensarmos que o cenário cultural de gênero nos traz a imagem da “mulher de verdade” como hétero, então, seguindo o raciocínio da colaboradora, a verdadeira alma feminina deve ser fiel e se relacionar apenas com um parceiro. Mesmo a pessoa bissexual é tida como hétero, mas a diferença é se relacionar com mais de um indivíduo ao mesmo tempo, o quê, segundo sua visão, não a faria “verdadeira”.

Ela ainda não realizou a cirurgia de redesignação sexual, mas pretende fazê-lo. Afirma já estar em tratamento psicológico, pois o hormonal, de acordo com ela, não é mais necessário. É interessante apontar que ao final da entrevista, Amanda afirma não crer na psicologia e, que para ela, a terapia não funciona, pois não vê como pode ficar melhor apenas conversando. Ela também não acredita em religiões, como se dissesse, naquele momento, não precisar de nenhuma das duas vertentes, pois as mesmas, teoricamente para ela, vão lhe dizer o que fazer e como ser. Isso fica mais claro quando podemos ver o conflito existente em seu roteiro, explorado mais à frente.

Quando começamos a falar sobre seus relacionamentos, Amanda coloca que sua vida sexual-afetiva teve início em uma idade muito baixa, diz ter mantido sua primeira relação sexual bem antes dos dez anos de idade. Contudo, acrescenta que não foi pedofilia, mas ela mesma quem buscou. Aqui nos parece que ela busca também legitimar seu lugar como *Trans*, eliminando a possibilidade desta condição ter sido induzida por um trauma de infância, fato este presente em alguns cenários culturais, em especial aos religiosos, em relação à homossexualidade. Sua primeira experiência foi com um rapaz de 13 anos, com o qual ela praticou somente a penetração. Com suas palavras ela descreve a experiência como “*horrível*”, mas afirma sempre ter sido “*bem safada*”. Ela mantém o tom de voz baixo ao revelar tal informação, omitindo sua idade exata na época pelo fato de sua mãe estar na sala ao lado da qual a entrevista estava sendo feita. No entanto, ela afirma:

Creio eu que eu já saí do útero da minha mãe, já pra pegar na neça¹² do médico. Acharam que eu chorei porque bateram na minha bunda, não foi não. Eu já olhei aquela neça assim e falei: “hummm, é aqui mesmo que eu vou”.

A colaboradora relata que em sua vida teve muitos namorados, mas considerados como relacionamento foram apenas nove, nos quais viveu como “*marido e mulher*” com os companheiros. Aqui podemos ver o primeiro lado de seu conflito. Ao relatar como relação apenas os que viveu junto, ela restringe seus relacionamentos aqueles nos quais ela pôde vivenciar seu papel de mulher, sendo fiel, casta e verdadeira, podendo ser considerada como uma santa. Atesta a heterossexualidade de todos seus parceiros, dando ênfase ao fato de que, se algum deles passasse a demonstrar ao longo da relação qualquer comportamento mais “*afeminado*”, ela terminava o namoro, pois aquela conduta não fazia parte do “*seu cardápio*”. De acordo com ela, seu relacionamento mais duradouro aconteceu por sete anos e este marido deu muito apoio a ela, pois foi na época em que estavam juntos que ela descobriu ter contraído o vírus HIV, com o qual convive há trinta anos. O relacionamento só chegou ao fim pelo fato do companheiro tentar entrar para a política e ela não querer tornar-se algum tipo de empecilho ou arma para os oponentes atingi-lo, afinal “*vivemos em uma sociedade machista*”. Por se relacionar com uma *transex*, o rapaz, na visão dela, poderia ser considerado como um “*não-homem*”, o que também acarretaria uma deslegitimação do lugar dela como mulher.

Seu último relacionamento durou apenas seis meses e chegou ao fim por ciúmes dela. Ela relata, com surpresa na voz, que pela primeira vez sentiu ciúmes dentro de um

¹² Gíria do meio LGBT que significa pênis.

relacionamento. Tal sentimento apareceu de forma avassaladora, fazendo-a desconfiar de amigos e de gestos de amor e acabasse *“fazendo mal a mim, a ele e a quem rodeava”*. O ciúme pode estar relacionado com o medo da recusa a qual Amanda afirma sentir, motivo que a impede de tomar a iniciativa no momento da paquera. Essa falta de iniciativa, por sua vez, também pode atuar como uma nova forma de legitimar sua feminilidade, dando ao homem o papel de buscar o encontro, como apontado pelos cenários culturais.

Seus demais relacionamentos duraram tempos diversos, variando de seis meses a sete anos e foi ela quem terminou todos. Segundo a colaboradora, alguns de seus relacionamentos terminaram por uma *“incompatibilidade de pensamento”*, haja vista que ela namorou de *“policias e políticos a marginais e traficantes”*. Como ela se define como uma pessoa com *“formação família e educação”*, ela não aprovava certas condutas, o que a levou a deixar de *“levar com o coração”* e passar a *“levar com a razão”*. Sendo assim, ela retirou os sentimentos na equação do relacionamento, levando-a a não ter relacionamento nenhum (*“De jeito nenhum!”*) e a ir procurar na rua o sexo pedido pelo corpo de tempos em tempos:

Quando tá no limite mesmo, descarrego meu libido. Eu uso... O famoso bordão, né: vou pra rua, dou comida ao corpo e pronto. Só isso.

Apesar de Amanda afirmar que ninguém pode viver sozinho e todas as pessoas precisam *“de uma metade, de um motivo pra acordar e de um motivo pra ir pra cama”*, ela também diz não ser possível ter amor e dinheiro ao mesmo tempo e, por essa razão, preferiu ficar com seu trabalho e sua família, pois *“não vão me trair, não vão sentir ciúmes e não vão fazer mal a mim”*. Aqui novamente vemos a retirada do amor e do sentimento da equação, aparentemente motivada pelo seu medo de ser rejeitada. Esse mesmo medo a leva a buscar a comida do corpo em lugares específicos, nos quais os homens vão em busca de travestis e transexuais: as esquinas. Por se colocar nesses lugares para encontrar um parceiro, ela aproveita e *“une o útil ao agradável”*, cobrando pelos seus *“serviços”*. Aqui vemos o outro lado de seu conflito: a puta. Nesse momento, Amanda se coloca no papel da mulher depravada, imoral e indecente, aquela julgada e apontada por todos.

Esse novo papel parece entrar em cena quando seu subterfúgio para mantê-lo escondido perde força: o trabalho. A colaboradora afirma que vai buscar o sexo nas ruas quando tem pouco trabalho em seu ateliê e é no trabalho onde ela supre a necessidade de ter um companheiro. Aparentemente, quando o trabalho, perde sua força, ela se vê obrigada a encarar novamente seu conflito. Para ela, o trabalho é um local neutro, no qual ela não pode

ser julgada como santa ou puta, já que esses papéis nada têm a ver com sua função. Por essa razão, quando ele perde sua força, ela se vê obrigada a encarar novamente seu conflito.

Quando o foco do assunto se volta totalmente para o sexo, podemos ver claramente os dois papéis sendo alternados nas falas de Amanda. Mesmo ao definir o que seria um parceiro ideal para si, a colaboradora mostra essa dualidade, trazendo como primeira característica a inteligência e a segunda ser “*bom de cama*”, acrescentando:

Que não saia na entrevista, mas... Eu acho que Deus pôs o cu nas costas pra gente não olhar pra quem tá dando, então se tem cara bonita ou não... O importante é o que vai preencher, não é o que vem atrás, eu não olho mesmo... Beleza pra mim não é fundamental. É uma coisa essencial e é uma coisa vendida pela mídia, mas não é fundamental, mas... Às vezes a gente fica cega e acaba gostando de um homem feio, mas até agora esse parceiro ideal não chegou.

Ao pedir para a frase não sair na entrevista, busca evitar o aparecimento de sua face puta, já que a frase dita em seguida coloca esse papel em destaque. A beleza é trazida como um cenário cultural, o qual ela tenta retirar de seu roteiro, mas cai em contradição ao final da fala e deixa transparecer esse como mais um elemento incorporado por ela. Ela também traz como componentes de seu roteiro a vaidade e o envelhecimento. Ela afirma que a vaidade a impede de fazer coisas anteriormente realizáveis, como sair para paquerar, pois em seu conceito é uma situação ridícula uma pessoa mais velha correr atrás de indivíduos mais novos e o seu envelhecimento a fez mudar de espectadora para atriz principal nesse “*stand-up*” (termo usado por ela pelo simples fato de, quando mais nova, achava engraçado ver homossexuais mais velhos paquerando os novinhos).

Em seu papel de puta, Amanda vai definir o sexo como:

Loucura, fantasia, desejo, descarregar energia, trazer de dentro de você o seu... Mais sórdido ser que você tem que esconder porque muitas vezes a gente fala... Você vê o... Você olha uma mulher carola você não imagina que ela... Não faça sexo, faz! Você entendeu? Então, você pergunta a si próprio: “até que limite eu vou das minhas fantasias sexuais?”. Sexo pra mim É fundamental. E isso completa a humanidade.

E complementa dizendo que o prazer é “*TUDO*”, é o “*objetivo final*”. Contudo, a colaboradora afirma só ter descoberto o orgasmo aos 20 anos de idade, período a partir do qual ela permitiu que seus parceiros tocassem e vissem a sua genitália. Hoje ela diz ser uma “*mulher cibernética*”, vê o sexo oral realizado pelo companheiro nela algo “*essencial*” e gosta de quase todas as práticas sexuais. Afirma ainda não beijar, pois sente nojo de fluídos

corporais. A sua nova classificação de mulher parece atuar como uma justificativa para essa prática essencial, mas que a afasta do papel de “mulher de verdade”. Sendo cibernética ela pode se permitir receber o sexo oral sem com isso perder seu posto de feminina. O nojo aos fluídos, que ela chega a classificar como TOC (transtorno obsessivo compulsivo), parece ser um recurso muito eficaz também para evitar a inclusão dos sentimentos na equação do relacionamento. Essa mesma Amanda relata já ter pagado dez reais para fazer sexo com um garoto de programa, mas tal experiência foi horrível pelo fato do rapaz ser ruim no sexo, característica a qual afirma não sabia existir. Suas fantasias incluem mulheres poderosas da história, como Cleópatra e Eva Perón, e a vontade de ser como elas e viver as mesmas experiências. Tais personalidades mostraram-se mulheres fortes, capazes de buscar o que queriam, saindo dos padrões determinados para as mulheres de suas épocas, levando-as muitas vezes a serem classificadas como “putas”. Por outro lado, essas mesmas personalidades podem ser vistas como *femme fatale*, ou seja, mulheres poderosas, que não se envolvem de maneira sentimental e que tem o controle da situação (Garcia, 2008), uma figura do feminino presente nos tempos atuais e que a colaboradora parece querer para si.

Em seu papel de santa, buscando sempre legitimar sua feminilidade, a colaboradora afirma nunca ter se sentido atraída por mulheres e diz ainda possuir sua “*carteirinha de feminina*”. Segundo ela, quando mais nova chorava se algum parceiro tocasse sua genitália. Para ela, tal gesto significava a recusa dele em lhe fazer sentir prazer. Em relação às práticas sexuais, afirma que só não faz penetração por ter nojo. Tal prática é ligada a função masculina, o que a tiraria do papel feminino. A masturbação é classificada como estranha se realizada fora da relação (ação normalmente associada aos homens) e o filme pornô é visto apenas no motel para “*excitar ele*”. Amanda ainda relata como foi horrível sua experiência em fazer sexo com mais de um parceiro ao mesmo tempo, pelo fato de ficar muito difícil esconder sua genitália durante o ato:

Olha querido, é o seguinte: Eu acho que pra uma mulher não é tão difícil porque ela não tem que esconder o júnior. Quando você tá com mais de um homem contigo/ quando você tá com um só ou tem como você esconder e se realizar sexualmente e... Aquela coisa, tem como você inibir mais ele, né? Você tem tempo pra gastar a ideia dele. Agora, quando são dois, três, como já aconteceu, aí não tem como você esconder... O júnior... Então, quer dizer... Além de ser constrangedor, mas, eu não sei, em algum momento lá dentro deve ter pintado uma fantasia em mim porque eu continuei excitada o tempo todo. Então, aonde você vai esconder quase 20 e poucos centímetros de xoxota (risos)? Não dá, né?

O fato de ela definir sua genitália como uma “xoxota de 20 e poucos centímetros” nos deixa claro sua busca por legitimar seu eu feminino e, conseqüentemente, seu lado santa. Todavia, em algumas falas as duas faces aparecem alternadas, deixando o conflito cada vez mais destacado. Quando Amanda relata suas saídas em busca de sexo, afirma que cria uma personagem, alguém em busca do melhor e mais bonito parceiro. Se esse se torna quase impossível de ser encontrado, ela acaba levando pra cama (ou pro mato, como ela diz) o primeiro a aparecer, em especial se ele tiver um pênis grande. Após o ato, ela volta para casa se sentindo culpada e toma “*banho de creolina*” para se limpar. Nesse seguimento, podemos vislumbrar a tentativa de evitar um julgamento por meio da criação de uma personagem que pode ser posta na linha de fogo sem que Amanda seja atingida. Além disso, demonstra o aspecto unilateral de suas relações atuais, fato compartilhado com as demais colaboradoras. Quando a santa não consegue seu homem perfeito, entra em cena a puta que “*cata o primeiro que aparecer*”, para depois do ato a santa voltar ao palco para se sentir culpada e suja.

Quando Amanda fala de seus fetiches, ela o divide em duas categorias: no homem e nela mesma. O fetiche no homem consiste em uma aparência de trabalhador, conferindo ao mesmo um porte mais másculo e forte, auxiliando na confirmação de sua feminilidade e no seu papel de santa. Contudo, quando ela fala do seu fetiche, ela afirma que gosta de comandar a relação, dizendo ao parceiro de qual forma fazer ou não fazer, entrando no papel de puta e reforçando o aspecto unilateral das relações interpessoais.

Mas é sua experiência no *dark room* que se mostra a mais conflitante. Amanda afirma que já foi por três vezes à este local, em cidades diferentes. Em sua primeira vez, a experiência é tida como “*legal*” e torna-se um episódio engraçado por ela haver confundido no escuro uma lésbica por um homem. Na segunda oportunidade, o local já ganha um aspecto negativo, sendo comparado a um “*matadouro*” pelo tamanho do lugar e pela quantidade de gritos e gemidos ouvidos. A terceira e última é caracterizada como não surtindo nenhum efeito erótico na colaboradora e ela afirma que, pelo fato de não passar uma “*imagem promíscua*”, não deveria frequentar o lugar para não dar a impressão de ser uma “*falsa beata*”. Nesse processo, podemos visualizar a puta se metamorfoseando em santa conforme a experiência ganha um aspecto negativo. Amanda ainda coloca que não gosta de frequentar esse tipo de lugar pela possibilidade de estar sendo observada, ou seja, julgada.

Em seu roteiro sexual, Amanda vive de maneira intensa o conflito entre santa e puta, papéis femininos trazidos por cenários culturais como as duas maneiras possíveis das mulheres serem identificadas dentro da sociedade (Goldenberg, 2001; Guedes, 1995; Pereira & Costa, 2007). Ela incorpora em seu roteiro o papel de puta como algo negativo ligando-a à

esfera *Trans* e não ao universo feminino. Seu discurso perpassa um papel e outro sem que ela possa se decidir por apenas um, posto que em seu nível intrapsíquico ambos parecem ter seu valor e momento de liderar. O envelhecimento e a vaidade se tornam elementos presentes no roteiro, assim como as relações de caráter unilateral no nível interpessoal.

6.11. Agnes – Só que a minha sexualidade pede o homem machista do meu lado, entendeu? Faz de mim mais fêmea

Agnes é uma “*empresária do ramo da estética e beleza*” de 39 anos, natural do interior do estado de São Paulo. Ela é militante do movimento LGBT, em especial da causa *Trans*, mas se classifica como mulher, pois sempre se viu assim. Ela já realizou a cirurgia de redesignação sexual e isso dá mais ênfase a sua classificação, pois hoje ela se vê “*100% mulher*”. Tal procedimento foi realizado há quatro anos no Brasil, porém houve complicações e atualmente sua neovagina não é funcional. Isso quer dizer que o canal vaginal ficou muito pequeno, provavelmente por ter ocorrido um processo de cicatrização fechando-a, não permitindo o intercursos sexual vaginal.

A colaboradora se define como heterossexual e relata que antes de seu primeiro relacionamento tinha “*mania de menininha*” de se apaixonar e enviar cartas de amor. Esse papel de menina é reforçado por suas afirmações de que desde tenra idade se sentia atraída por atividades e objetos ligados ao universo feminino, discurso esperado e muito valorizado pelo campo médico ao se tratar de uma transexual. O primeiro namoro aconteceu com 17 anos e durou dois. Foi com esse mesmo parceiro com quem ela teve sua primeira experiência sexual aos 18 anos de idade, fator no qual se destaca e diferencia das demais colaboradoras que tiveram um início sexual precoce. Ela relata que buscou fazer essa primeira vez como a idealizava, com velas, um jantar e o príncipe encantado. Contudo, a bebida incluída nesse sonho acabou por ter um papel ruim para o desfecho do mesmo. Por estarem um pouco alcoolizados, não terem experiência sexual alguma e o pênis do rapaz ter proporções fora do comum, a penetração acabou sendo brusca, resultando em um machucado e sangramento no ânus de Agnes. Ela define tal experiência como um “*trauma*” e podemos pensar que essa definição não seja apenas referente ao machucado, pois foi por ocasião disso que a colaboradora diz ter sofrido sua primeira prova de preconceito proveniente do médico que a atendeu no pronto socorro:

E eu lembro que eles me colocaram numa posição ginecológica porque nós chegamos no hospital e falamos: “olha, nós fomos ter a primeira relação e machucou”. Não falamos aonde e nem o como. Me colocaram numa posição ginecológica, o médico pediu pra mim sentar naquelas cadeiras estanhas... Eu sentei e aí ele veio. Na hora que ele levantou o pano, ele viu que não era uma mulher. Nisso, ele já começou a colocar mais luvas, máscara, outra capa... “mas o que é isso? O que tá acontecendo?”. Nós falamos: “nós fizemos relação anal e machucou”, “não, mas que pouca...”, entendeu? Quer dizer, foi a minha primeira discriminação aconteceu ali dentro do SUS.

Agnes afirma que nunca havia passado por uma situação como essa pelo fato de ter “*semblante feminino*” quando era mais nova, fazendo com que as pessoas sempre a confundissem com uma mulher. Todavia, seu trauma não durou por muito tempo, já que depois ela “*sentava em cima comendo maçã*”. Nessa história de vida da colaboradora, podemos notar a presença do cenário cultural do ideal de amor romântico buscado por ela em sua primeira relação sexual. Além disso, os cenários culturais de gênero também estão presentes com o objetivo de legitimar sua feminilidade. Ao se descrever como sonhadora e apaixonada, ela evoca o discurso que prostra tais características na mulher e, conseqüentemente, nela mesma, já que sempre foi confundida com uma, além de incluir em sua história uma alegoria a perda da virgindade por essa “moça ingênua” com a qual ela se caracteriza. Ao afirmar ter sangrado após a primeira relação, chegando a dizer que teve uma “*hemorragia*”, Agnes também consegue se colocar nessa condição de moça virginal, legitimando mais uma vez seu lugar no universo feminino.

Entretanto, ela conta que esse namorado só a queria como troféu por ela ser a mais bonita e vencedora de todos os concursos de *miss gay*. Após ter conseguido seu intento, ele a abandonou. Ela, por sua vez, arrumou um novo namorado e assumiu o papel de conquistadora, vendo o novo companheiro como o prêmio, pelo fato dele ser o mais bonito e o mais difícil de conseguir. Após ter alcançado seu objetivo, ela tomou a mesma atitude do ex e terminou esse novo relacionamento. Podemos ver aqui elementos de drama, no qual a mulher usada se vinga, fazendo o mesmo com o homem mais próximo. Esses elementos novelísticos também são sempre associados as mulheres pelos cenários culturais, colocando-as como dramáticas, vingativas e traiçoeiras.

Mas nada tem mais elementos e clichês do mundo da ficção do que a história de seu próximo relacionamento, no qual ela assume o papel da mocinha, sofredora por amor, mas triunfante no final, seguindo com sua vida e sabendo que o mocinho nunca deixou de amá-la. Agnes relata que seu “*verdadeiro amor*” surgiu quando ela tinha 20 anos na forma de um

“*anjo*” de 17. Com olhos claros e cabelos dourados e cacheados, este rapaz lhe trouxe “*problemas*”, pois ela era obrigada a “ *fingir ser menino*” para poder frequentar a casa do companheiro. Quando os pais do rapaz descobriram o relacionamento, ameaçaram-na e processaram-na por “*indução de menores*”. Ele não assumiu a relação, nem brigou para que ficassem juntos, mas ajudou-a pagando os custos com advogados.

Nesse período surgiu a oportunidade dela viajar para a Europa, oportunidade agarrada por ela, deixando para trás seu grande amor. Alguns anos depois ela retornou ao Brasil, coincidentemente, na semana em que ele estava se casando. Totalmente transformada no quesito físico (cabelos compridos e seios), ela apareceu na igreja para desejar-lhe felicidades. Com o passar do tempo ele teve um casal de filhos, dos quais a menina ganhou o nome de Agnes e o menino o nome de registro da colaboradora, dando indícios de que o amor da parte dele não havia terminado. E ela afirma que até os dias de hoje eles são amigos e o rapaz lhe diz que por ela deixaria tudo, mas ela não quer mais, pois “*quando eu faço a minha escolha, eu jamais volto atrás*”.

Dramas à parte, a participante afirma que a escolha de ir para a Europa foi decidir entre seu amor e seu futuro. Assim como Amanda, Agnes também nos permite entender que o amor não pode fazer parte de uma equação, pois para alcançá-lo é preciso abrir mão de tudo, isso porque ela teria de viver esse relacionamento às escondidas, o que evidencia o ideal de amor romântico presente em seu nível cultural. Enquanto ela esteve na Europa, trabalhou como profissional do sexo até conhecer seu novo companheiro com quem viveu seu relacionamento de maior duração até então: 12 anos. Foi esse companheiro que propôs a ela que fizessem *swing*, prática da qual ela não quis tomar parte:

E: Você já fez troca de casais?

C: Não. Jamais. Eu jaMAIS permitiria o meu homem com outra pessoa na minha frente. Jamais. E eu jaMAIS faria isso com ele também. Eu acho que isso seria uma falta de respeito MUITO grande/ isso pra mim já entra na perversão, né? [...] no meu ex-relacionamento com o italiano que eu te falei teve essa proposta, né? [...] Eu falei: “não, não é pra mim isso. Vai acabar completamente o meu amor”. [...] Porque a mulher, no fim da história, sempre sai como suja da história, né? E eu não queria deixar aquela impressão dentro da família. Porque não era por dinheiro. Ali, no caso, teria que ser por prazer. Então, por prazer, não era a minha.

A colaboradora só se permitiu realizar práticas tidas como não convencionais no período em que se prostituiu, pois necessitava do dinheiro. Porém, a partir do momento em que ela se enxerga dentro de uma relação, deixa o papel de puta e a vida ligada a figura da transexual e da travesti pelos cenários culturais para se colocar no papel de “mulher de

verdade”, levando uma vida exemplar, casta e voltada a família. Esse raciocínio também a levou a fazer uma afirmativa sobre a ida ao cinema pornô com esse companheiro italiano: “*não é lugar pra mim*”. Ela ainda reafirma esse modelo cultural generificado ao dizer-se “*antigona*” e que “*não aceita certos tipos de coisa*”.

Dentre as coisas que ela não aceita está o *dark room* nas boates. A colaboradora relata que uma de suas campanhas dentro do movimento LGBT é a de banir esses locais, haja vista que lá dentro não tem como saber “*se tem prevenção, se tem sujeira, se tem infecção*”. Apesar de sua campanha em pró do uso do preservativo, Agnes diz só utilizá-lo “*quando tem penetração*”, aparentemente deixando de lado o sexo oral e se assemelhando as demais participantes:

Relações? Quando tem penetração. Eu uso sim porque eu acredito que o preservativo, no caso feminino, da mulher biológica, não é evitar simplesmente uma gravidez... Você entendeu? Tem muitos tipos de doença que até mesmo no dia a dia você pode pegar e transmitir pro seu parceiro. Então, eu prefiro usar por causa disso. E outra, ninguém é de ninguém, na verdade. A gente tá aí no mundo, qualquer/ pode acontecer de uma traição e não seria justo você trair e ainda contaminar alguém dentro de casa. Eu acho que a traição seria assim dupla e imperdoável. Então eu prefiro.

É interessante observarmos que na sua fala em defesa do uso da camisinha, Agnes parece se colocar como uma mulher biológica, chegando a um extremo no seu trabalho de legitimar sua feminilidade por meio dos cenários culturais presentes em seu roteiro. A frase em que ela cita a questão da traição também tem relação com seu parceiro italiano, pois ela descobriu que ele a traía, fato que a fez ficar, de início, apavorada com a ideia de poder ter contraído algo e, depois de feitos exames e os resultados terem sido negativos, fanática em relação ao assunto. Entretanto, ela afirma que o relacionamento dos dois teve fim motivado pelo fato de ela não ser readequada:

Só que um homem heterossexual vivendo com uma transexual ainda não readequada... Quer dizer, onze, doze anos, durou muito esse relacionamento. Até que acabou. Então, nós se deixamos, ele arrumou outra mulher, biologicamente mulher, né?

Aparentemente, o fato de o rapaz tê-la largado por uma “mulher de verdade” parece não ter dado a Agnes uma legitimação de seu lugar como mulher, pois na época ela ainda não possuía uma vagina e, por isso, não podia ser considerada como uma, fator que novamente evoca os cenários de gênero que dizem que só é mulher quem tem uma vagina. Por esse único fator, o relacionamento já parecia fadado ao fim, mesmo existindo sentimentos e carinho. Se

continuarmos por essa linha de raciocínio podemos pensar que seu relacionamento atual, com um rapaz quinze anos mais novo, só perdura até hoje pelo fato de agora ela poder se classificar como mulher e, assim, poder satisfazer um homem “*completamente hétero*” como todos os seus namorados eram. Esse cenário cultural da “mulher de verdade” presente em seu roteiro, nos mostra o quanto parece ser importante para Agnes a adequação corporal para coloca-la na categoria de mulher. Para ela, a cirurgia foi “*o último grande passo da minha vida*”, já que após o procedimento sua vida como uma mulher real teve início. “*Se tinha que fazer vida de mulher, tava na hora (de fazer a cirurgia)*”.

Outro elemento presente em seu relacionamento, também considerada uma grande influência na sua continuidade, é o fato de seu marido assumir o relacionamento publicamente, acontecimento que as demais colaboradoras também levantam como essencial. Seu marido ainda vai além e cuida dela no período de recuperação da cirurgia e durante todos os problemas decorridos do procedimento. Todavia, os elementos de maior prestígio do parceiro são sua aparência e atitude que reforçam e enfatizam a classificação de Agnes na categoria mulher:

Ele É jovem, né? Com semblante completamente masculino, musculoso, ATITUDE masculina, RESponsável, né? Assim, exige da mulher o papel dela... Não que eu queira reforçar o machismo, que eu também luto contra o machismo. Só que a minha sexualidade PEde o homem machista do meu lado, entendeu? Faz de mim mais fêmea. Então, isso pra mim seria o homem perfeito, que é o que eu tenho.

Quando o assunto da conversa se volta para o sexo, os cenários culturais de gênero e do amor romântico se tornam extremamente presentes no discurso de Agnes, sem mencionar as tentativas de legitimação do feminino surgidas a cada nova frase e novo tema proposto. Para a colaboradora, sexo não é uma prioridade, mas sim uma necessidade, uma troca de amor. Para alguém sempre em busca do amor, desde pequena, por ouvir as amigas dizendo que isso era importante (ou seja, ao se focar na mesma busca que as colegas, ela passa a ser igual a elas, uma mulher), o sexo representa apenas 40% de sua relação, sendo o sentimento mais importante. Ela classifica o sexo como algo especial e retira o orgasmo do seu papel de principal componente da relação sexual (um cenário cultural que ela não inclui em seu roteiro), haja vista que para alcançar um orgasmo ela pode tomar “*um banho e eu tenho sozinha*”.

Antes de realizar a readequação, Agnes afirma que manipulava a genitália para ter uma “*EJACUlação*”, nos levando a compreender que, enquanto ela não era mulher, ela não

sentia quase nenhum prazer. Esse pensamento se torna mais concreto quando a colaboradora relata:

Não, antes da cirurgia... Eu queria realizar o homem, eu queria dar prazer a ele porque eu precisava mostrar que eu era capaz mais que uma mulher. E, às vezes até, eu não tinha orgasmo porque eu tinha vergonha de me tocar ou então, quando o prazer era muito intenso, eu nem me tocava! Eu já tinha o orgasmo primeiro que ele. Mas eu acredito que é mais ou menos a mesma coisa. Só que com vergonha e sem vergonha.

Também antes da operação, a masturbação era uma prática inexistente em sua vida, mas suas fantasias permitiam uma maior experimentação, tendo elementos que poderiam ser vistos como promíscuos, como o sexo em locais públicos. Entretanto, ela tenta amenizar esse aspecto ao afirmar que o exercício dessas atividades só ocorria com seus namorados, ou seja, em relacionamentos estáveis e permissíveis que ela ficasse em seu papel de “moça certinha” ao invés do papel de puta que a levaria para mais perto do mundo *Trans* e mais longe do universo feminino.

Agnes também busca amenizar o período quando realmente interpretou o papel de puta, dizendo que nunca chegou ao orgasmo em relações com clientes e quando lhe era solicitado ser ativa na relação (ou seja, penetrar, fazer o papel masculino) ela não mantinha a ereção por muito tempo e passava a pensar nas contas que tinha para pagar, se “retirando” desse jeito da ação que obrigava-a a retornar a uma condição masculina. A prostituição é um campo tão masculino para a colaboradora que, quando questionada se ela pagaria por sexo, ela responde que jamais faria isso, pois a “*diminuiria como mulher*” e concorda com as demais participantes ao afirmar que as mulheres só pagam quando não tem outra opção, que na visão dela só acontece quando estão mais velhas. Diferentemente dos clientes, os namorados não tinham permissão nem de ver a genitália masculina de Agnes, mas ela complementa na busca da legitimação que “*eles também não queriam*”, pois “*eram héteros*”.

Depois de realizada a cirurgia, a colaboradora relata diversas mudanças, sem nunca deixar de lado, porém, seu discurso de legitimação de seu lugar como mulher. Ela afirma ter um orgasmo mais intenso atualmente e que o prazer para ela se caracteriza como uma “*liberação extrema*”. Suas fantasias agora são “*de mulher*”, sendo que ela deseja manter uma relação sexual com dois homens ao mesmo tempo, na qual um deles a penetra no ânus enquanto o outro o faz na vagina. Aparentemente, a fantasia ganha esse caráter feminino pelo fato de haver a penetração vaginal como elemento dela, mas ela perde a característica “promíscua” quando Agnes afirma que o amor que ela tem pelo marido a impede de buscar tal

coisa, além, é claro dos problemas relacionado a sua genitália. No entanto, a participante satisfaz seu desejo por meio de filmes pornôns que tenham dois negros fazendo a prática de sua fantasia com uma mulher branca e loira. Essa configuração específica do filme parece levá-la a enxergar a atriz como alguém frágil e submissa que se entrega aos “homens maus” e é possuída, característica que para ela é relacionada ao feminino:

Eu já... Eu deito, eu... Eu quero ser possuída, eu acho que essa é a palavra, eu quero ser a mulher! Da situação. Então, eu me deixo levar e quero ver o que o homem faz com uma mulher. E assim é. Começa pelos beijos, abraço, afetos, depois o homem começa o sexo oral, aí muda, aí fica os dois juntos, aí depois enfim, eu a única opção que eu tenho é a penetração anal e termino assim.

Para Agnes, as preliminares se fazem necessária às vezes. Em outras, o desejo fala mais rápido e entra em cena a famosa “rapidinha”. Em todo esse processo, o homem também tem o objetivo de satisfazer a mulher. É interessante notarmos a diferença de postura perante esse assunto no antes da cirurgia e no depois. Antes a colaboradora ainda precisava legitimar sua feminilidade de outra maneira, sendo que não tinha a vagina para comprovar seu lugar como mulher. Então o jeito era focar na satisfação do companheiro para se tonar melhor que uma “mulher de verdade”. A partir do momento em que ela passa a ter uma vagina, o sentido se inverte e ela pode relaxar e buscar seu prazer, em razão de não precisar provar mais nada. Todo esse processo demonstra um nível de relação de caráter unilateral em seu roteiro interpessoal.

A vagina para Agnes parece ter adquirido um papel tão central em sua legitimação, que ela parece buscar legitimá-la também, mesmo essa não sendo funcional. Quando questionada sobre sua prática sexual favorita, escolhe o sexo oral quando é ela quem está recebendo. Ela diz ser este melhor do que a penetração e trocaria “*uma língua por um pinto tranquilamente*” (na realidade, ela quis dizer o oposto, que troca um pinto por uma língua. Isso fica claro no trecho da entrevista, pois ela falava sobre o sexo nas relações lésbicas¹³). Podemos ver nessas frases uma validação de sua nova genitália. Sendo impossível a realização da penetração, a única maneira de usar a vagina durante a relação, confirmando-se

¹³ Trecho da entrevista de Agnes: *Hoje, eu faço movimento no clitóris pra mim ter um orgasmo. É prazeroso, muito prazeroso. Eu agradeço muito a Deus, apesar que não deu certo essas cirurgias, pelo menos o prazer eu ainda tenho. Então, é boa, não vou negar pra você que é porque é. Até por causa disso eu comecei a compreender as lésbicas, porque eu era meio assim com lésbica. Eu falava: “gente, mas como é que faz? Homem com homem dá certo, mas mulher com mulher, o que acontece?”. A gente sempre tem aquele x, mesmo tendo uma irmã lésbica, elas não contam. A lésbica é muito fechada. Então, hoje eu descobri que realmente o sexo oral é uma coisa de LOUco. Eu, falando o português claro, eu troco uma língua por um pinto tranquilamente (risos).*

mulher, é por meio do sexo oral. A presença e validação dessa parte do corpo é tão importante que a leva a se masturbar pela primeira vez, depois de feita a operação, para ela ver “*se conseguia*”, fazer “*um teste*” com ela mesma e confirmar se podia atingir o orgasmo e também, podemos entender, para validar e se certificar de que agora estava equipada para ser uma mulher real.

Ao final da entrevista, Agnes diz que gostou da mesma, mas achou que faltaram alguns pontos a serem abordados, como as diferenças entre as categorias. Ela relata uma situação onde encontrou uma transexual lésbica e isso a surpreendeu muito. Podemos observar que a colaboradora aponta a carência de algo realizado por ela o tempo todo durante a entrevista. Como elemento principal de seu roteiro, Agnes parece ter os cenários culturais que lhe ditam o lugar ao qual pertence cada categoria e, a partir disso, molda os outros componentes do roteiro para poder se adequar a categoria almejada, no caso a de mulher. Ela só sai desse papel, mas sem deixar de se prender a um discurso cultural, em dois momentos da entrevista. No primeiro, afirma que o número de relacionamentos tidos por ela foi baixo para uma transexual. Aqui ela se prende ao discurso de que as *Trans* são pessoas imorais e promíscuas com diversos relacionamentos, se colocando em um papel de exceção do meio *Trans*, mas não se colocando como mulher. No segundo momento, ela afirma que juntamente com o marido forma um casal “*homoafetivo*” e sua relação é normal. Dessa vez ela se prende em um discurso pertencente a uma parcela menor da população, mas que para ela é muito presente: o discurso do movimento LGBT buscando desmistificar as relações homoeróticas. Os níveis interpessoal e intrapsíquico aparecem muito intrincados em todos esses cenários culturais, o que torna difícil sua definição.

6.12. Kelly – É, eu vou falar ânus. Cu é feio (risos)

Kelly é uma profissional do sexo, natural do estado de Minas Gerais, de 28 anos. Ela diz só se relacionar com homens e que pretende realizar a cirurgia de redesignação sexual. Na realidade, ela concordou em ceder a entrevista porque queria saber mais sobre o procedimento e seus resultados e, ao final da conversa, realizamos outra na qual foram passadas a ela as informações solicitadas. Sua curiosidade à respeito da operação se devia ao fato de uma amiga tê-la realizado há alguns anos e ter ficado “*perturbada*”, não “*falando coisa com coisa*” e Kelly imaginava se esse seria um fator resultante da operação. A colaboradora acaba criando

explicações do porque realizar a cirurgia atualmente não teria riscos, sem, contudo retirar a “perturbação” como efeito colateral da mesma:

Eu acho que também tem assim, né, antigamente fazia operação, os médicos não tinha muito... Como é que eu vou falar? Não tinha muito... Ai... Pra fazer a operação antigamente, não saia certo que nem... Como hoje. Hoje os médicos tão mais estudado... Eles já são mais profissional, entendeu? Acho que naquela época que ela fez, não... Não deu certo. Entendeu? Hoje em dia é mais avançado as coisas.

Com a melhor preparação dos médicos e a cirurgia dando certo, não existe o risco, no pensamento da colaboradora, da pessoa “*não ser a mesma*” após o procedimento. Suas colocações para justificar sua vontade de se submeter a cirurgia de redesignação sexual contêm os elementos clássicos e esperados pelo cenário cultural do discurso médico: se sentir mulher desde pequena, mostrar incomodo em relação ao pênis e o fato do procedimento ser tido como um sonho. Entretanto, Kelly não se mostra concisa e consistente em sua fala, fazendo uso de frases como:

Depois que saiu essa... A operação, mudança de sexo, eu... Eu fiquei curiosa sim por que... Me incomoda um pouco o... O... O pinto debaixo das minhas pernas, não vou mentir pra você... Me incomoda muito.

Eu faço a minha operação, aí eu vou lá no centro, vou no shopping, vou em algum lugar, eles vão me ver, eles vão imaginar: “ó lá a travesti”, mas eu não sou mais. É isso que vai me realizar.

Ainda não sou satisfeita. Com a minha vida. Eu acho que eu vou ser satisfeita depois que eu fizer a operação, aí eu vou ficar realizada, vou ficar satisfeita.

Eu não sou muito fã de... De ser passivo não, por isso que eu tenho vontade de cortar. De ser ativo. Não. Por isso que eu tenho vontade de cortar, porque eu vou ficar satisfeita, porque eu não gosto de fazer ativo.

Podemos notar o uso de sentenças por parte da colaboradora para colocar sua vontade como legítima e auxiliar sua caracterização como uma transexual (como quando diz que vai estar satisfeita com a vida só depois da cirurgia, por exemplo). Ao mesmo tempo, ela também profere frases mostrando o trabalho contrário, criando dúvidas e construindo impressões de que a cirurgia é desejada em um caráter supérfluo (como quando diz que o pênis incomoda um pouco ou expressa a vontade de cortar porque não gosta de ser ativa na relação). Essa inconsistência e não concisão são elementos que fazem parte de um movimento presente em

toda a narrativa de Kelly. As contradições, dicotomias e paralelos são outros fatores que perpassam todos os assuntos tratados na conversa e acabam dando ao discurso um caráter confuso e imaturo.

Apesar de toda essa exposição referente a cirurgia, a colaboradora se define como travesti, baseando-se no cenário cultural que dita as características de cada categoria:

Eu sou travesti. Porque travesti ele tem... Ah, ele tem peito, ele tem silicone e tem um pinto debaixo das pernas, vamos falar assim, tem um pênis debaixo da perna. Aí depois que corta, depois que faz a cirurgia, aí sim eu já vou poder ser chamada de transex. Mas eu não vou querer que me chama de transex, eu vou querer, eu quero/ quando eu fazer a minha operação eu quero mudar de sexo, eu quero mudar meu RG, botar Kelly, não botar meu nome de homem e... Eu não quero que ninguém fica sabendo assim que eu fiz... Mudança de sexo. [...] Agora, se descobrir, se me perguntar, eu vou falar, mas eu chegar... Se eu operar, Eu não vou falar pro homem, eu trabalho na rua, quando o homem para pra mim, eu não vou falar pra ele. Ele vai perguntar o programa e eu vou falar quanto que é. Eu não vou falar pra ele: “ah, eu sou operada bem”. Não, vou sair com ele e ele não vai/ e não precisa saber. Aí se caso ele perguntar alguma coisa pra mim, porque tem homem que é muito vivido, inteligente, né? Aí eu vou falar pra ele, vou explicar pra ele. Agora se ele não falar nada, eu também não vou falar nada.

No recorte acima, podemos notar as contradições quando Kelly afirma não desejar que as pessoas fiquem sabendo de sua cirurgia, mas, ao mesmo tempo, diz que se for questionada a respeito não procurará esconder esse fato. Podemos pensar que tal questão não se ouve todo dia, contudo o fato dela se mostrar em um primeiro momento disposta a esconder e logo em seguida a contar, nos mostra sua inconsistência, assim como possíveis disputas e indecisões na construção de seu roteiro sexual.

Em relação aos seus relacionamentos, Kelly relata só ter namorado uma vez na vida e que a relação teve início quando ela tinha de 14 para 15 anos, sendo que ela começou a se prostituir aos 13, enquanto o rapaz tinha 22. O relacionamento durou um ano, mas de acordo com a colaboradora, o parceiro só estava interessado no dinheiro ganho por ela na rua e o que poderia ser comprado com ele. Esse perfil de companheiro é apontado como comum entre as travestis e transexuais prostitutas nos trabalhos de Kulick (2008) e Benedetti (2005). Kelly afirma que gostou muito dele, mas após o término ficou desiludida e, por essa razão, não teve mais nenhum relacionamento “*porque eu NÃO quis*”. No entanto, suas contradições aparecem novamente no momento onde afirma ser “*doida para ter um namorado*”, contanto que o mesmo seja trabalhador.

Atualmente ela só gosta de “ficar” com os homens nos quais ela tem algum interesse, posto que eles são “gananciosos” e não tem “amor dentro deles”. Ela também afirma que “na balada” busca homens interessantes e que, se o interesse for mútuo, fica com eles sem cobrar nada, mas quando está trabalhando, seu foco é no dinheiro. De uma forma ou de outra, ela demonstra um exercício de se manter longe de possibilidades de relacionamento. Ela ainda relata ter percebido que um de seus clientes fixos começou a gostar dela e ela, por sua vez, a gostar dele. Contudo, ele acabou se afastando e ela fez o mesmo e agora que ele reapareceu, Kelly afirma não querer nada com ele, e caso ele entre em contato, ela não irá encontra-lo. Além disso, a colaboradora também relata só realizar preliminares com os parceiros que a “encantam” e que gosta de fazer sexo com pessoas de quem ela “gosta” e tem um contato mais constante, como um cliente fixo.

Podemos observar que, em se tratando de seus relacionamentos, uma vez mais vemos as contradições no discurso da colaboradora. Kelly oscila entre o querer e não querer o relacionamento, entre incluir em seu nível interpessoal relações unilaterais ou bilaterais. Nesse assunto em específico, podemos pensar que o fato dela ter tido uma desilusão amorosa tão precocemente em sua vida, fez com que ela incluísse em seu roteiro uma visão negativa de relacionamentos. Porém, ao mesmo tempo, ela está incluída em uma cultura onde o discurso é que relacionamentos são bons e necessários e seu componente principal é o amor. A participante vive então o conflito entre a experiência de vida que a leva a retirar por completo os sentimentos de seu roteiro e os cenários culturais ditando que ela deve buscar um relacionamento baseada em seus sentimentos. Apoiando-se ora em um, ora em outro, Kelly desenvolve um roteiro repleto de elementos conflitantes. Além disso, a imaturidade presente em seu roteiro e, aparentemente, em seu modo de ver a vida, parece dificultar um processo crítico sobre toda essa situação para que ela possa concretizar seu roteiro.

Quando o assunto se volta para o sexo, as contradições e inconsistências continuam presentes em seu discurso. Kelly, baseando-se nos cenários culturais, diz que só sente atração por homens e eles devem se encaixar em seu conceito de beleza para serem atraentes: alto, jovem, magro, com um corpo bonito e sem exageros para mais ou para menos (nem muito magro, nem muito musculoso). Ela também afirma gostar de ser passiva e tem sorte, pois seus clientes são, em sua maioria, só ativos. Quando faz o papel de ativa na relação é porque o cliente pediu, afinal “eles tá pagando, a gente faz, né?”, mas define prazer como o momento no qual o homem está transando com ela e a colocando no papel de mulher, ou seja, quando está sendo passiva. Para ela, a correlação mulher-passiva parece ser um fator de extrema

importância para sua legitimação e definição como membro do feminino, em razão dela afirmar e reafirmar diversas vezes durante a entrevista que só gosta de ser passiva.

Kelly ainda relata que não gosta de “*confundir as coisas*” quando o assunto é sexo, expondo sua crença de que as pessoas estão confundindo os fatos quando sentem atração por mulheres e homens, ou quando travestis se envolvem sexual ou afetivamente com mulheres ou outras travestis. Para ela, se gosta de homem, é só de homem. Ela também utiliza essa linha de raciocínio para criticar um cliente que “*quis fazer tudo ao mesmo tempo*”, ou seja, inicialmente o cliente quis ser passivo, mas depois passou a ser ativo durante a mesma relação. Para a colaboradora, passivos são passivos e ativos são ativos:

Ah, ele quis dar... Depois ele não aguentou dar... Ele começou a me chupar... Depois ele queria me comer, ao mesmo tempo. Então, eu não... Não vira pra mim não. Ou faz uma coisa ou outra, entendeu? Se o homem quer ser ativo é só ativo, se ele quer ser passivo é só passivo. Eu gosto assim.

Com todas essas afirmações da colaboradora, podemos pensar que seu roteiro baseia-se em cenários culturais inflexíveis, além de buscar legitimar sua feminilidade afirmando repetidas vezes seu papel de passiva nas relações. Contudo, quando Kelly vai falar sobre masturbação, ela diz que nunca se masturbou sozinha, só durante o ato sexual, e isso, se o homem for “*liberal*”. Com essas condições, ela fica mais a vontade durante o sexo e não sente vergonha em permitir a visão de sua genitália pelo parceiro. Aqui notamos, novamente, um discurso confuso e seguindo uma direção oposta ao que estava sendo dito anteriormente. Podemos perceber também que, quando sua narrativa torna-se inconsistente com o que foi trazido por ela, em outro momento, aparecem também algumas “condições” para o acontecimento desta nova configuração. Ela parece buscar basear seu roteiro nos cenários culturais, mas algumas características trazidas pelos mesmos parecem não se encaixarem no modo de Kelly ver a vida e então seu nível intrapsíquico aparece. Contudo, ela parece lutar contra esse conteúdo intrapsíquico que acarretaria em uma falha em sua postura referente a categoria na qual ela busca se enquadrar e, por isso, cria condições cuja função é de tornar aquele acontecimento a exceção e não a regra.

Essa disputa por adequação ou não aos cenários culturais acabam criando em sua narrativa diversos níveis de incorporação do discurso. Quando o assunto é o uso do preservativo, Kelly se adequa completamente ao cenário, trazendo uma fala que defende o uso da camisinha em todos os tipos de relação. Ela também se iguala as demais colaboradoras ao confirmar já ter tido relações sem camisinha e que o fato do homem a atrair faz com que o não

uso da camisinha aconteça com mais facilidade, além de se basear na aparência física do parceiro para saber se ele tem alguma doença sexualmente transmissível ou não. Ela também se encaixa no discurso ao revelar que nunca foi a um *dark room*, por esse ser um lugar de pessoas com comportamentos promíscuos.

Todavia, na maior parte de sua narrativa, vemos encaixes pela metade ou que são revogados por meio da frase seguinte. Suas experiências iniciais no campo sexual parecem ter dificultado a criação de um roteiro sexual coeso, maduro e valorizador sobre qualquer elemento que o compusesse. Essa questão fica clara mais ao final da entrevista, quando Kelly não demonstra nenhum valor especial para os pontos questionados. Ela aponta não sentir nenhuma sensação especial depois do término do ato, afirmando que se sente “*normal*”. Além disso, as fantasias são inexistentes para ela, assim como a pornografia, e ambos só aparecem como elementos pertencentes aos clientes. O sexo para ela parece ter apenas o valor comercial imbuído dentro de sua profissão, tanto que ela afirma que só pagaria por sexo se o homem lhe interessasse muito e a relação fosse totalmente comercial e, de certa forma, fria. Pode-se pensar também, que pelo fato dos elementos concretos de seu roteiro (cenários culturais) estarem tão instáveis e volúveis, os componentes da fantasia (intrapsíquico) não tem espaço para existir.

6.13. Emília – Eu não quero ter a genitália masculina, isso me incomoda muito

Emília é uma jovem de 20 anos, originária da cidade de São Paulo e trabalha como operadora de telemarketing. Ela se classifica como transexual e homossexual, por sentir atração por homens, e afirma querer fazer a cirurgia de redesignação sexual, posto que essa “*vai me trazer mais conforto*” pelo fato de que com a genitália feminina ela não vai mais se “*sentir estranha*” e vai ser quem é. Nesse início da narrativa de Emília, podemos notar a presença maciça do cenário cultural do discurso médico. Como trazido por Bento (2006; 2008) e por Benedetti (2005), as transexuais apreendem o discurso médico que diz como elas devem ser para alcançarem um laudo que garantirá a cirurgia. Elas reproduzem esse discurso e abusam de algumas palavras-chave em suas falas para convencer não só os médicos, mas a qualquer um que a sua condição é uma “doença” cujo tratamento é a cirurgia.

A colaboradora parece ter esse discurso muito bem decorado e logo já se afirma como uma mulher de verdade (não promíscua) e uma pessoa assexuada (característica de uma

“transexual verdadeira”), dizendo que não é “*de sair com vários caras*”. Podemos pensar que, ao retirar-se do papel de promíscua, também a se diferencia de uma travesti, cuja figura no cenário cultural brasileiro é ligada a promiscuidade e prostituição.

No tocante aos seus relacionamentos, Emília diz que já tentou se relacionar com mulheres no início da adolescência, mas não sentiu atração nenhuma. Seu primeiro e único namoro foi com um amigo de infância reencontrado quando ela tinha 15 anos de idade e ele 18. Foi com ele também sua primeira experiência sexual, um ano depois. Ela diz que o rapaz sempre a tratou bem, apesar de não a chamar pelo nome feminino (fato influenciado também pela rejeição da família dela a sua condição transexual), e que se “*mostrou pra ele*” iniciando um relacionamento engrenado pelo fato deles já se conhecerem e nutrirem afeto um pelo outro:

Eu... Mais ou menos a gente já se conhecia desde pequenininho. Depois ele foi embora e com meus 15 anos ele tinha voltado. Ele tinha voltado e... Eu meio que me mostrei pra ele, tipo... Faz muito tempo que eu não conhecia ele e eu conheci muito melhor... E a gente não terminou, só que eu vim embora pra cá e ele ficou. Em questão da relação, eu acho que a gente [-] afetiva, sabe? A gente já se conhecer... Ter um pouco mais de convívio.

Aqui Emília demonstra o outro cenário cultural que rege seu discurso: o ideal de amor romântico. Sua única relação tem diversos elementos correlacionados a esse cenário como o amor de infância, o reencontro, a cumplicidade de casal e o sentimento de afeto inicial que permite ao amor florescer. Além disso, ela relata que a história dos dois não terminou e eles só não estão juntos pelo fato dela ter se mudado da cidade onde vivia. A colaboradora mostra outro elemento muito presente no discurso do amor romântico, a saber, o sentimento que nunca chega ao fim, mesmo quando os parceiros estão separados. Apesar dela não afirmar com toda a certeza se eles ainda estariam juntos caso ela não tivesse se mudado, a colaboradora constrói sua narrativa a fim de nos dar a ideia de um sentimento intacto entre os dois e se algum dia a vida prover seu reencontro, eles ainda se amarão, assim como a história novelesca que Agnes relatou.

A respeito de sua primeira relação sexual, Emília relata que não foi completa, pois ela a parou na metade. Em um momento houve a penetração anal (não houve sexo oral), mas nenhum dos dois alcançou o orgasmo, pois a colaboradora se sentiu incomodada e percebeu que faltava algo. Ela não sabe se foi bom ou ruim porque travou no meio do ato e só sentiu um grande incômodo a partir daquele instante e que o namorado foi muito compreensivo com sua situação:

Teve carícias, beijos e tudo mais... A gente chegou a fazer penetração, só que meio que... Tipo... Eu não sei explicar, por que... Não é por causa da penetração que a gente teve. A questão é que eu me incomodo com a minha parte da frente, entendeu? A questão é que eu olho pra ele e me vejo e não me sinto diferente. Não é assim que eu quero me ver.

O fato de a relação ter ocorrido três dias antes dela se mudar parece uma grande coincidência. Entretanto, se levarmos em consideração que a colaboradora afirma sempre ter imaginado sua primeira vez ocorrendo após a realização da sua cirurgia e, quando pensava que ela poderia acontecer antes do procedimento não a queria, podemos pensar que esse ato sexual tenha sido premeditado. Ao se permitir ter uma relação sexual com o namorado, já sabendo de sua partida, Emília cria essa última e mais íntima aproximação com o namorado e assim experimenta o ato sexual, fato capaz de manchar seu tão perfeito enquadramento no cenário cultural médico e ameaçar sua posição como uma “transexual verdadeira”. Realizar o ato e partir logo em seguida, permite a ela não ter mais a tentação de repetir a ação e assim sair do seu quadrado classificatório perfeito.

Tanto podemos pensar assim que, após o ocorrido, Emília afirma que não quis nem ficar com outro homem, nem mesmo quando o vizinho deu em cima dela descaradamente, deixando bem claras suas intenções ao convidá-la para sua casa enquanto estava sozinho, vestindo apenas uma cueca e ao colocar a mão dela sobre sua genitália. Os dois discursos no qual baseia seu roteiro entram em cena nesse momento para justificar tal atitude. Em primeiro lugar, a colaboradora afirma não conseguir ter contato consigo mesma, muito menos com outra pessoa, o que sustenta o discurso médico da transexual como um ser assexuado e com grande aversão a genitália e, em segundo lugar, ela diz que não consegue se envolver sexualmente com uma pessoa antes de terem uma ligação afetiva, reafirmando o ideal de amor romântico.

Quando a entrevista entra no assunto sexo, Emília repassa a primeira pergunta de volta para o entrevistador, questionando-o a respeito do que era o sexo para ele. Quando o entrevistador a interroga, querendo saber o motivo de sua pergunta, a colaboradora diz que só sabendo a opinião do entrevistador é possível a ela “saber o que eu posso dizer”. Aqui podemos observar a estratégia de Emília para não correr o risco de sair de seu papel. Pegando a definição do entrevistador, uma pessoa estudiosa da transexualidade e representante da comunidade científica e dos profissionais de saúde, ela poderia delimitar também sua resposta para não demonstrar nenhuma característica ou elementos que pudessem ser interpretados

como não pertencentes a condição transexual ou feminina. No momento em que lhe é negada essa ferramenta, Emília acaba se voltando para os discursos vistos como seguros e define o sexo como amor.

O prazer, por sua vez, é definido como “*estar confortável*”, termo utilizado inúmeras vezes durante toda a conversa, e ela não consegue definir a importância do sexo em sua vida ou algum elemento que não pode faltar para ela no sexo. Neste ponto, uma vez mais a colaboradora se apoia no discurso da transexual como assexuada, não conseguindo definir nada relacionado ao sexo. Tanto é assim que, quando questionada se sentiu prazer com a relação anal ou achava que isso só viria a partir da penetração vaginal, ela afirma “*não tenho muita... Importância pra isso não*”.

Toda a conversa sobre sexo segue no mesmo esquema durante o resto da entrevista, aparecendo aqui e ali o discurso médico ou o discurso do amor romântico. Baseada no cenário médico, Emília relata ter ficado de shorts durante a relação sexual com o namorado e sentiu-se culpada após ter se masturbado pela primeira e única vez em sua vida. Ela também diz que o homem ideal só “*seria homem*” e, para isso, deveria tratá-la como mulher. Para as mudanças que deseja para sua vida sexual é taxativa:

Eu acho que tem que fazer logo a cirurgia, né? Eu acho que é um impasse enorme. Eu não quero e só penso... Tipo, têm homens que se veste como mulher, é travesti ou... Também se veste como mulher, homossexuais... Eu não quero ser, tipo a... “O meu homem” também... Não, eu quero ser visto como uma mulher... Sabe? Quero “essa é minha esposa”. Entendeu? A relação sexual, eu não quero ter a genitália masculina, isso me incomoda muito. Eu quero ver meu parceiro e meu parceiro me ver... Entendeu? Então, eu acho que é o que mais me incomoda.

Baseando-se no cenário do amor, a colaboradora coloca que as preliminares são importantes para demonstrar carinho e não deixar o ato ser “*apenas sexo*”. Ainda diz que não frequentaria lugares voltados ao sexo ou teria qualquer prática tida como não convencional pelo fato desses não permitirem uma ligação afetiva antes de se envolver em atividade sexual ou saíam do conceito amoroso. Emília afirma ter fantasias sexuais. No entanto, quando ela a relata em detalhes, mais parece um encontro romântico, em um lugar só para o casal e longe de tudo com um piquenique na mata. O elemento do sexo só é incluído na situação quando o entrevistador a questiona sobre a presença do mesmo.

Como já apontado, podemos vislumbrar que o roteiro de Emília é dominado pelo cenário cultural do discurso médico, focando nas características de uma “*transexual verdadeira*”, seguido de perto pelo discurso do ideal de amor romântico, também auxiliando a

colaboradora a legitimizar seu lugar como mulher. Tais cenários são tão presentes que o nível interpessoal foca-se no convencimento dos outros de que ela se encaixa nos padrões médicos da transexualidade e o nível intrapsíquico fica camuflado:

Bem, eu pensei bem feminino mesmo, que ele me tratasse como mulher, que me visse como mulher, que ele me chamasse como mulher, sabe? Que ele me olhasse também e eu não sentisse incômodo, que ele ficasse fascinado, sabe? Que eu pudesse respirar fundo... Sabe? Sem nenhum incômodo. E que ele olhasse pra mim e visse que me amasse de verdade. Que me chamasse de Emília e não de Emílio.

Na parte da entrevista em que ela fala sobre sua única experiência sexual, no entanto, Emília profere a seguinte frase: “*essa segunda vez também foi em casa*”, dando a entender que o ato sexual aconteceu mais de uma vez. Se isso foi uma confusão da parte dela ao detalhar a experiência, uma má interpretação nossa ou um ato falho revelando algo que ela buscava esconder não se pode concluir, posto que essa fala não foi melhor explorada na entrevista por passar despercebida em meio a sua narrativa. Tal fato só nos mostra o quanto os cenários culturais nos quais são baseados seus roteiros estão realmente bem alicerçados.

6.14. Gisele – Putaria a gente já faz na rua, ganhando dinheiro

Gisele tem 21 anos e é natural do interior de São Paulo. Em sua caracterização, a colaboradora já deixa claro três cenários culturais incorporados em seu roteiro. O primeiro deles é o discurso conservador que surge quando ela diz sentir vergonha de revelar qual sua profissão, a de profissional do sexo, ou como ela mesmo define: “*sexo, programa*”. O segundo é o discurso político-científico que aparece quando ela afirma, após ser questionada sobre sua orientação sexual, de que isso não é uma orientação, pois ninguém se orienta, mas sim nasce dessa forma. O terceiro discurso a aparecer é um discurso de autoafirmação e autovalorização, vindo juntamente com sua tentativa de definição. A colaboradora coloca que não gosta do termo travesti, posto que qualquer pessoa vestida de algo que não é se encaixa na definição do termo, e ela não é “*qualquer coisa*”:

Assim eu não gosto do termo travesti, porque eu acho que travesti é qualquer coisa. Um homem travestido de um palhaço, é um homem... Se traveste de qualquer coi/ ele pode se travestir de qualquer coisa que ele tá se travestindo. Porque o termo travestir

ele tá sendo a outra figura que não é... Dele, né? Mas como o pejorativo do povo é esse... Também não me importo muito com o que o povo lida, [-].

Esses cenários culturais e alguns outros aparecem durante toda a entrevista de Gisele. Ao falar sobre sua atração por homens, ela afirma que não é uma atração, mas o fato de ela sempre se sentir mulher que a leva a se relacionar com homens. Isso porque, segundo ela, o homem é o complemento da mulher. Mais uma vez vemos o discurso conservador de gênero, e de certa forma religioso, aparecendo e sendo utilizado para legitimar a feminilidade da colaboradora. Esse é o único cenário cultural que ela usa para essa função. Mesmo tendo a vontade de fazer a cirurgia, ela não se utiliza do discurso médico para legitimar seu lugar como mulher ou para explicar a respeito de suas características femininas. Pelo contrário, a cirurgia não aparece tanto como uma necessidade, mas sim como mais um dos passos para a transformação corporal dela. Gisele demonstra não ter pressa para realizá-la, posto que ela pretende colocar próteses de silicone nos seios antes de partir para esse procedimento. Além disso, ela afirma que as mudanças trazidas pelo procedimento serão a retirada de um empecilho e do impacto de “*ser bem feminina e ter no documento uma coisa que você não é na verdade*”.

Gisele relata só ter tido um namorado durante sua vida e que ele era muito novo (17 anos). Eles se conheceram pela internet por meio de jogos *on-line* e começaram um relacionamento. Por ele ser do sul do país, eles se encontraram apenas duas vezes cara a cara, mas antes disso ele já havia lhe enviado uma aliança para oficializar a relação. Ela diz que o amou muito, pois ele era “*bem hétero*” e a relação entre os dois “*não foi só sexo*”. Contudo, a colaboradora teve de escolher: “*ou seguia meus objetivos ou eu tinha ele*”, isso porque o namorado não aceitava sua profissão. Ela preferiu o trabalho pelo fato deste lhe fornecer dinheiro rápido para ela sustentar seu “*luxo*”, como os hormônios e as cirurgias, e com isso o namoro chegou ao fim.

Aqui podemos notar a mesma postura de Amanda e Agnes, em afirmar que não se pode ter amor e dinheiro ao mesmo tempo e uma escolha deve ser feita. É interessante notar também que nessa escolha, o amor sempre sai perdendo, talvez por sua característica de sofrimento e de “*eterno enquanto dure*”. Gisele aponta saber que de uma hora para outra o namorado poderia largá-la e, assim, todo o tempo investido na relação seria desperdiçado. Por amar ela mesma em primeiro lugar, resolveu pelo rompimento. Podemos notar que o discurso de autovalorização aparece uma vez mais, juntamente com uma ideia de unilateralidade em seu nível interpessoal, assim como as demais participantes. Com receio de não ter de volta

tudo aquilo investido na relação, a colaboradora parece configurar seu namoro como uma relação de via de mão única, na qual recebeu muito, mas parece ter cedido pouco. Aparentemente, o medo de ser rejeitada, levando em consideração o preconceito vivido pelas pessoas *Trans* e deixando de lado o fato de que todo e qualquer relacionamento, seja heteronormativo ou não, tem em si a possibilidade de chegar ao fim a qualquer momento, fez com que Gisele não se abrisse ao rapaz e ao “amor” e considerasse o relacionamento como algo que a fez “perder tempo”:

Por mais que a gente ama a pessoa, a gente ama mais a gente, entendeu? Eu também tinha um pouco de consciência que, de uma hora pra outra, ele podia ver que não era aquilo que ele queria, que... Ele sempre foi acostumado com menina mesmo. Aliás, ele era até virgem. E só tinha beijado menina por enquanto, então já... Eu já... Já tava na minha realidade, né? Então eu já pensava um pouco que eu podia... Parar meu tempo por causa... Por ele e depois não ter retorno, sabe? Ficar parada no tempo, como eu fiquei no tempo que eu namorei ele, mas foi bom, sabe? Que eu sempre tinha uma companhia pra conversar, tudo... Ele nunca deixou faltar... Sempre quando eu precisei, tanto longe quanto perto, assim... Ele ligava todo dia, sabe? Na época em que a gente conversava, ele nunca deixou... Nunca ficou ausente, sabe? Sempre quando eu precisei ele tava ali. Então, é uma coisa que eu perdi um tempo, mas foi bom, assim, não foi totalmente perdido.

A colaboradora afirma que sempre quis ter outro namorado, mas é muito difícil encontrar alguém disposto a assumi-la como parceira e não só fazer sexo. Além disso, ela diz que está difícil achar um homem porque não existem mais homens “*nem no caráter nem na sexualidade*”, pois atualmente os homens a procuram querendo pegar e chupar seu pênis, o que pra ela é uma “*palhaçada*”. Ela ainda afirma que se realizou todas as transformações que tem é porque quer ser tratada como mulher e que o homem, na verdade, “*nunca vai ser perfeito nem para mulher, nem pra outro homem, nem pra travesti, nem pra transex, nem pra nada*”, por razão de estar “*desregulado*”.

Aqui podemos notar mais uma vez a presença do discurso conservador de gênero, definindo as características de um “homem de verdade”, personagem que ela busca para se relacionar. Assim como Kelly, ela também defende seu tratamento como mulher, aparentemente colocando a culpa de não recebê-lo nessa “desregulação” dos homens. Ainda como as outras participantes, Gisele também acaba separando o sexo dos sentimentos e mostrando que tem o primeiro e procura pelo segundo. Isso fica bem claro quando ela define o que é sexo para ela. A colaboradora coloca sexo como “*qualquer coisa sem amor*” e vai além, dizendo que o sexo não é importante para ela e só o usa para ganhar dinheiro, já que o mercado de trabalho exclui as *Trans*, deixando a elas somente a prostituição como recurso de

sobrevivência, fator esse que aparece em diversos trabalhos (Azevedo Jr; 2002; Benedetti, 2005; Kulick, 2008; Leite Jr, 2008). Gisele afirma só ter entrado no mundo dos programas porque “*caiu na realidade*” de que era somente essa opção que tinha e, nesse contexto, parece ter imbuído ao sexo um valor nulo, colocando-o no papel de uma atividade mecânica. Para alcançar tal façanha, é natural ter de dividir o sentimento do resto, ligando a ele experiências positivas e deixando com o sexo o lado sujo e imoral:

Ah, não é importante, eu vou falar assim pra você que eu só uso sexo pra ganhar dinheiro, mas eu não sou assim viciada, não tenho bolso, não sou, sabe, sem vergonha de falar assim que eu gosto de sexo, que eu gosto do que eu faço porque não, não é, entende? Pra mim não faz importância, entendeu? Eu me valorizo, eu me priorizo, assim... Mais importante eu tá bem comigo do que querer saber de homem, de sexo, mas é o que a gente precisa pra dinheiro, é o que a gente sabe fazer bem...

*E: Você tá me falando que o sexo não tem tanta importância assim pra você, que você não gosta tanto de praticar, que realmente é uma coisa...
C: Uma ferramenta que a gente sabe fazer bem e usa pro trabalho, pra ganhar dinheiro.*

Podemos notar essa divisão quando a colaboradora afirma que o prazer é ser amada e ela precisa de amor e carinho e não é viciada em sexo, pois não gosta de puxões de cabelo ou de ser “*espancada*”. Para ela, se sentir amada é a melhor coisa e “*o resto é resto*”. Tanto é que Gisele diz que nunca gozou em uma relação sexual e que atualmente, por causa dos hormônios que ingere, ela não consegue mais “*gozar líquido, de ter gozo igual homem*”, ou seja, ejacular. O fato de não ejacular mais também auxilia a colaboradora na sua legitimação do feminino, posto que a ejaculação é uma característica masculina. Gisele, no entanto, não retira outros elementos do prazer como faz com o gozo, elementos esses que também acabam sendo bem valorizados em seu ambiente de trabalho como a aparência física que foi citada por outras participantes, pois coloca que é possível sentir prazer por causa disso, mas esse prazer é tido por ela como “*ilusório*”.

Essa divisão sentimento/sexo continua até na narrativa de sua primeira experiência sexual. A colaboradora relata que sua primeira vez aconteceu quando ela tinha 15 anos com um homem de 28, conhecido por ela em um parque de sua cidade que era um ponto de encontro de homossexuais. Ela o conheceu e no mesmo dia fez sexo oral nele e permitiu que ele a penetrasse. Tal experiência é definida por ela como “*horível*” por não ter havido prazer algum, elemento que só se faz presente nas relações que tem com quem ama, apesar dela admitir que já sentiu prazer com alguns rapazes com que saiu, excluindo programas. Além do

fato de não ter havido um sentimento envolvido nessa primeira relação, parece que Gisele a considera como ruim também pelo fato de ter sido uma experiência *gay*, o que a retira do seu lugar feminino.

Quando se trata de clientes, poderíamos pensar que tal divisão não existiria, já que ela afirma buscar seduzir quem paga melhor, mostrando um lado apaixonado, um lado de ilusão para agradá-los e a inclusão do elemento de sedução no roteiro altera as relações no nível interpessoal. Todavia, Gisele deixa bem claro que não lhe agrada nem um pouco ter de lidar com os clientes de forma alguma, afirmando que não gosta de programas demorados nos quais têm de incluir preliminares (que para ela são fundamentais, pois se sente mais amada, chegando a ser melhor que a penetração, mas não no seu trabalho) ou criar certa intimidade com o cliente. Ela diz que prefere realizar seus programas em *drives*, locais que tornam a ação necessariamente rápida. Também relata que só se sente satisfeita após uma relação com cliente se este lhe pagar bem, diferentemente de quando está com a pessoa que ama que o pós-relação é sempre bom pelo fato de ter existido o prazer.

Em relação as práticas sexuais em si ela afirma que nunca foi ativa, nem mesmo com clientes, mas em compensação, ela tem o costume de se masturbar pois é a única maneira de sentir prazer, apesar de depois ela ficar se perguntando o porquê de ter feito. Quando ela fala da masturbação, ela se aproxima da fala de Bárbara, colocando esse ato como um auto afeto, algo necessário que a pessoa tem que se dar. Gisele não quis entrar em detalhes sobre nenhuma de suas relações sexuais, citando, às vezes, a prática de sexo oral e sexo anal. Para ela, seria melhor que ela tivesse nascido mulher e que pudesse fazer a penetração vaginal para ser “*normal*”:

É que eu queria fazer normal, né? Por onde fazem, mas é claro que mesmo quando eu operar eu vou fazer, que eu gosto também... Não posso dizer/ se eu não sinto prazer eu não faria, né? Mas assim, eu vou fazer, mas é aquilo, o sentimento ele importa pra tudo, ele que estimula... Sabe assim, ele que estimula tudo da pessoa ali na hora também. E com uma vagina também, né? Uma coisa que vai tá no normal ali fazendo.

Apesar de todo seu discurso sobre seu ser feminino, a colaboradora relata que mesmo com seu namorado ela não buscou esconder a genitália, só não permitindo que ele pegasse porque “*não teria senso*”. Isso novamente nos leva a ver que a questão da cirurgia não é seu foco principal. Sobre as práticas tidas como não convencionais, Gisele se apega aos discursos presentes em seu roteiro, em especial o do amor romântico e o conservador de gênero. Nas suas fantasias ela volta novamente ao cenário do amor romântico ao dizer que se faz mais

liberal nas fantasias quando está com alguém que ama, ao contrário das fantasias dos clientes que ela não gosta de realizar.

Apoiada no discurso conservador de gênero, a colaboradora afirma que nunca pagaria por sexo, posto que os homens são todos iguais, diferentemente das travestis que são uma fantasia buscada pelos homens por serem “*sexo melhor do que uma mulher em casa ou até mesmo com uma puta*”. O filme pornô é tido para ela como algo “*muito forçado*” e os locais voltados ao sexo são só “*putaria*” e isso ela só faz ganhando dinheiro. É interessante notarmos que, por mais que a colaboradora traga em si uma narrativa “puritana”, chegando a dizer “*Deus me livre*” assim que ouve as palavras *dark room* e se distanciando de todas as práticas questionadas, ela foge de seu discurso ao afirmar que gostaria muito de realizar uma dupla penetração¹⁴.

Em relação ao preservativo, Gisele se destaca das demais participantes por relatar fazer uso da camisinha em todas as suas práticas, incluindo o sexo oral. Ela afirma que já aconteceram algumas vezes sem o preservativo e que com o namorado ela não fez uso por ele ser virgem e por ela já conhecer ele, o que a aproxima das outras. Mas ela volta a ser diferente das demais ao colocar que faz exames periodicamente como “*precaução*”.

Observamos no roteiro de Gisele a presença de inúmeros cenários culturais que são muito bem costurados por ela. Para uma profissional do sexo, é um fato peculiar vislumbramos a presença de discurso conservador, mas ela acaba justificando essa dicotomia ao colocar que não teve outras chances no mercado de trabalho, apesar de dizer que tal decisão foi tomada baseada na experiência de amigas e não dela mesma. O sexo para ela parece não ter função alguma e mesmo quando ganha o papel de sustento é significado de uma forma negativa. Seu nível intrapsíquico não aparece em destaque e no nível interpessoal a natureza unilateral das relações aparece até com o entrevistador. Ao final da entrevista, Gisele diz que a conversa foi curta e questiona se não existem outras questões. Quando o entrevistador coloca que eles podem conversar sobre qualquer outro assunto que ela queira ela rebate dizendo: “*Eu gosto que a pessoa pergunte e eu vou respondendo, né?*”.

6.15. Cecília – Eu não sou pato que goza pelo cu

¹⁴ Prática sexual na qual ocorre a penetração de um único orifício (vagina ou ânus) por dois pênis ao mesmo tempo.

Cecília tem 35 anos e é natural do interior do estado de São Paulo. Ela trabalha como confeitadeira, mas aguarda ser chamada pela prefeitura de sua cidade para exercer o papel de professora de gastronomia, já que passou em um concurso público. Afirma sentir atração por homens, mas se define como “*bem resolvida*” colocando atualmente ser “*o que eu sempre quis ser*”. Em relação aos rótulos, a colaboradora não é diferente e diz ser “*anjo, que não tem sexo*”, apontando que, para ela, todos os rótulos são iguais e as pessoas se escondem atrás deles. Inicialmente já podemos perceber uma diferença entre Cecília e as demais colaboradoras. Ela não busca se definir em nada, mostrando que os cenários culturais tem um papel pouco importante em seu roteiro.

No entanto, eles aparecem também, em menor escala, quando ela define seus relacionamentos em “*normais como hétero*”. Aqui é uma das poucas vezes onde a colaboradora explicita um cenário cultural para dizer que suas relações pertencem a heteronormatividade. Mas isso logo é deixado de lado quando ela narra seu relacionamento atual, nem definido por ela como tal, pois relaciona-se com um homem pai solteiro, desconhecedor de sua condição *Trans*. Por essa razão ela deseja terminar o namoro, pois sabe que o parceiro não aceitará sua condição. Somente a presença desse “segredo” já desqualifica a relação como heteronormativa, levando em conta o cenário cultural.

Em seus outros relacionamentos, vemos a presença dos cenários culturais perdendo sua importância a cada novo namoro para a colaboradora, mas presente nas pessoas ao seu redor. Em seu primeiro relacionamento, Cecília namorou um rapaz de 19 anos, enquanto ela tinha apenas 15. Eles se conheceram em uma boate e após um tempo de relacionamento, ela foi morar com ele, isso porque seu pai descobrindo o namoro e quis interná-la em um manicômio para que se tratasse. Como a colaboradora recusou o tratamento, o pai a expulsou de casa. A sogra, por outro lado, aceitou sua condição muito bem e moraram os três juntos por dois anos, até conseguirem uma casa só para o casal. O relacionamento durou cinco anos e chegou ao fim pelo fato do rapaz ser muito ciumento e em uma de suas crises ter agredido Cecília, fazendo-a ir embora.

O segundo relacionamento durou três anos. Nele, a colaboradora, agora com 22 anos, começa a namorar um advogado de 35 anos, que conheceu em um ponto de ônibus. O relacionamento foi mais devagar e eles não chegaram a morar juntos. O mesmo acabou quando o parceiro propôs a Cecília para fazerem um *ménage à trois* com o irmão dele sendo o terceiro elemento. Ela disse que consentiria, se ele e o irmão tivessem um intercursos sexual entre eles, o que fez o namorado reagir, dando um tapa na sua cara. Ela afirma que na época, por “*ter a mente fechada*”, achou a proposta absurda.

O seu mais duradouro relacionamento foi o terceiro, que durou seis anos. A colaboradora foi trabalhar e estudar em São Paulo, onde conheceu aos 27 anos um rapaz de 29. Eles se conheceram por meio do bate-papo na internet e tiveram seu primeiro encontro. Depois disso o rapaz sumiu e eles só vieram a se reencontrar no bate-papo um mês depois. Logo começaram a namorar e foram morar juntos. Por conta de seu trabalho, Cecília ficava pouco em casa e viajava muito. Ela passou a perceber o namorado estranho na cama e logo descobriu que ele a traía com uma mulher e, inclusive, tinham um filho de três anos juntos. A colaboradora pegou as coisas do companheiro e o enviou para a casa da amante, voltando em seguida para sua cidade natal.

Seu último relacionamento sério durou três anos, entre idas e vindas. Eles também se conheceram por meio do bate-papo e ele tem 17 anos. O namoro passou por alguns términos e voltas, protagonizados pelo rapaz que, de acordo com Cecília, tem medo de que seus familiares e amigos descubram seu relacionamento com uma *Trans*. Ela afirma que na cama ele é liberal, aceitando e fazendo de tudo, mas na rua procura passar uma imagem de “homem de verdade”, sendo “*grosso e estúpido*”. Aliás, de acordo com a colaboradora, a maioria dos homens com quem se relacionou se definiam como hétero e tinham uma postura dentro dos padrões heteronormativos na rua, mas na cama eram liberais e aceitavam fazer tudo, sendo ativos e passivos durante o ato sexual.

Podemos notar que, dentro de todos os relacionamentos, algum cenário cultural esteve presente. No entanto, somente no segundo pudemos observar esse cenário partindo da fala da colaboradora, achando a proposta de sexo à três como algo fora de propósito. Nos demais relacionamentos, os cenários culturais vieram dos roteiros de outras pessoas, como do pai ou do próprio parceiro. É interessante observarmos em alguns momentos da entrevista Cecília dizendo ter possuído uma mente fechada e hoje apresenta uma mente aberta. Podemos supor que essa mente fechada signifique uma maior presença de cenário culturais em seu discurso e um maior esforço por parte dela em se adequar aos mesmos. Tal fato fica claro quando olhamos para a tentativa da colaboradora em realizar a cirurgia de redesignação sexual.

De acordo com Cecília, tal tentativa se deu por conta de uma desilusão amorosa. Ela relata ter se envolvido com um rapaz e por dois meses conseguiu “*enrolá-lo*” para não fazerem sexo. Porém, eventualmente ela baixou sua guarda e ele descobriu sua condição *Trans*. No momento ele ficou desesperado, “*chorava e batia a cabeça no capacete*” e disse que se ela operasse, ficaria com ela. A colaboradora foi então procurar o procedimento e durante dois anos fez o acompanhamento com o psicólogo e o psiquiatra exigidos. Contudo,

nesses dois anos, Cecília afirma ter visto muita coisa errada, onde percebeu que estaria “fazendo uma grande besteira” se seguisse com o intento de se operar:

Aquilo parecia um açougue! Você via as pessoas chegando de tudo quanto era jeito. E quando eu descobri que algumas operações deram errado, umas vaginas ficaram funcionais, as outras não, teve complicação, é... Em várias coisas, sabe? E quando eu vi o tamanho das cicatrizes, porque eles te mostram tudo. Eu vi o tamanho das cicatrizes, vi uma profundidade que... Que cavava e... É a coisa mais feia. É como se você pegasse um bife e virasse ele ao contrário com um corte no meio, é muito feio. Então, sabe? Pessoas que eram gordas ficaram magras, magras, magras, pareciam que tavam doentes. Os que eram magros ficaram obesos... E, é fato, aqui em (cidade) tem umas que operaram e ficaram totalmente loucas. Aí chegam as pessoas, sempre vai ter um pra fazer piada, chegam e fala: “ah, você não é mulher”. Elas chegam a arrancar a roupa e mostra. Não tem coisa mais feia no mundo. É um grau que se rebaixou e eu não me vejo nisso. Eu não quero isso pra mim.

Eu vi pessoas que eram bem equilibradas, fizeram a operação ficaram DESequilibradas, entendeu? Passaram coisas assim... Que EU não queria pra mim. Entendeu? Então, ficaram desnorteadas, outras... Algumas morreram... Outras ficaram ruins, outras... Perderam o sentido, o juízo... Então, pra mim, eu vi que aquilo não... Não iria surtir o efeito que eu esperava.

Ao buscar se encaixar no cenário cultural, Cecília quase realizou uma modificação definitiva no seu corpo para satisfazer seu parceiro enquanto ela “fica no desejo”. Ao se deparar com as dificuldades do caminho e parar para pensar, a colaboradora permitiu ao seu nível intrapsíquico manipular mais livremente o cenário cultural e definir para sua vida que, se uma pessoa fosse gostar dela, teria de ser do jeito que ela é. Outro momento de presença forte dos cenários culturais foi a sua descoberta do sexo. Sua primeira vez não foi nada agradável já que ela, com 13 anos na época, foi embebedada por um primo de 17 e em um motel “ele fez o que quis”. Para Cecília isso foi um estupro, e a levou a não falar com esse primo até seus 19 anos.

Aos 15 anos ela conheceu um vizinho que passou a ensinar-lhe todos os detalhes envolvendo o sexo, em razão de que “não tinha pai e nem mãe pra explicar o que era certo e o que era errado”. Mesmo com um professor, ela ainda achava errado tudo o que fazia:

A primeira vez que eu fiz sexo oral eu cheguei em casa chorando, lavei tanto a boca, escovei tanto a boca, vomitei tanto e não queria comer mais nada e chorava, chorava, passei uma semana chorando, minha mãe não entendia o que eu tinha... E eu ia falar como? E foi aí que, dos 15 pros 16 que... Eu fui pegando gosto (risos). Eee hoje eu... Não me vejo... Sem homem. Não importa o que ele faça.

Podemos notar aqui, em um momento inicial e, provavelmente, influenciado também pela experiência não tão agradável da primeira vez, a presença em seu roteiro de um cenário cultural conservador, trazendo o sexo como algo sujo e errado. Porém, também notamos esse cenário ser substituído por uma maior liberdade em relação ao sexo. Pode-se pensar que tal substituição não significa uma retirada dos cenários culturais de seus roteiros, podendo apontar o discurso erótico trazido por Parker (1991) como um cenário cultural brasileiro que se encaixa nessas características. Essa maior liberdade fica evidente ao observarmos a narrativa de Cecília, quando a entrevista tem seu foco voltado à temática. A colaboradora define o sexo como algo que “*não tem limite, não tem fronteira*” e faz parte da pessoa, pois “*faz bem pra pele, pro ego, a pessoa se sente desejada, amada*”. Ela afirma que, no sexo, pra ela é “*tudo ou nada*”, no sentido de ou todos os envolvidos saem satisfeitos ou ninguém se satisfaz. O prazer para ela é algo intenso, surgido na junção de duas pessoas e a masturbação não é descartada quando o desejo atinge seu pico e ela não encontra nenhum parceiro que valha a pena. Ela ainda relata ter experimentado fazer sexo a três e foi como se “*a alma ia sair do corpo*”, além de sua última relação sexual ter sido bem intensa durando quase a manhã toda, na qual ela fez de tudo com um rapaz que tinha conhecido na rua e reencontrado naquele dia.

Cecília coloca gostar mais de ser ativa na relação e que só se sente completa quando o parceiro é liberal, ou seja, ativo e passivo e que quando a relação é assim, se sente realizada após seu termino. Ela inclusive aponta que os homens precisam mudar no campo sexual passando a ser mais liberais:

Ser mais liberal. Porque é aquilo que eu falo pra eles, quando eu conheço alguém, eles viram e falam assim: “você é só passiva, né?”. Aí eu respondo: “não”. “Ah, mas você é tão bonita, você parece mulher, que não sei que tem... Por que você só não seja passiva?”. Aí eu falei: “e por que você não procura uma mulher? Que o que você vai achar aqui é o que tem igual a você”. Então, eu não sou mulher. E eu sempre brinco com eles, eles dão risada, eu falo assim: “eu não sou pato que goza pelo cu” (risos). Aí eles acabam rindo, né? E de fato é... Não sou pato, não sou galinha... Porque os órgãos são tudo num local só. Então, eu falo pra eles: “não, quer sair comigo É assim”. Então, sexo entre quatro paredes ou é tudo ou é nada. Eu penso assim. Então, eu não saio com ninguém pra satisfazer. Ou me satisfaz junto ou não satisfaz.

Ao observarmos todas essas narrativas e características apontadas por ela, poderíamos supor que os cenários culturais estão extintos do roteiros de Cecília. No entanto, ainda podemos vislumbrar alguns relances deles em suas falas, além da presença do cenário erótico, nos mostrando que eles nunca deixam de ser parte do roteiro, mas podem ser transformados

dentro dos níveis interpessoal e intrapsíquico. Podemos notar o cenário cultural do amor romântico quando a colaboradora afirma não fazer sexo, mas sim amor e que beijos, carícias e as preliminares são de extrema importância no contexto sexual para se sentir amada e poder entrar no clima da relação.

Ela se aproxima das demais colaboradoras ao trazer esses elementos do discurso do amor romântico, assim como, quando aponta o desejo de encontrar uma pessoa responsável, que a assumisse como sua companheira. Além disso, ela também reforça a visão das demais quando aponta que só se relacionou com mulheres das vezes em que manteve relações com um casal e que a figura feminina a faz broxar.

Contudo, ela se afasta das outras ao mostrar seu gosto por homens metrossexuais, ao invés da clássica figura do machão rústico, assim como ao afirmar que “*não me vejo feminina na cama*”, mostrando propensão a dar espaço ao seu lado masculino durante o sexo. Além disso, relata fantasias e fetiches que têm (fato que nem todas as colaboradoras trouxeram), dizendo que gosta de colocar sua calcinha nos homens com quem sai e tem a “*CURIOSIDADE*” de praticar a urofilia¹⁵. É interessante notar que Cecília parece buscar um patamar de igualdade entre ela e seus parceiros ao coloca-los tanto nos papéis ativo quanto no passivo e, ao fazê-los, vestir uma peça de roupa feminina, levando-os a se tornarem por um momento a “mulher” da relação. Dessa forma novamente ela se diferencia das demais ao buscar criar uma relação interpessoal bilateral, assim como, ao trazer seus parceiros para fora do estereótipo masculino. Em relação ao preservativo, ela se iguala as outras narrativas por afirmar não usar durante o sexo oral e de que não tem o costume de realizar testes preventivos. Com seus namorados, o preservativo foi usado no início da relação, mas depois como uma decisão do casal, foi retirado.

Cecília relata também que possui grande curiosidade e vontade de frequentar locais voltados para o sexo, como saunas, cinemas e *dark room*. Ela diz que já foi ao *dark room*, mas o achou incômodo pelo fato das outras pessoas não respeitarem, ficando sempre numa “*enfiação de mão, uma chupação*”. Na sauna, ela relata que as *Trans* não tem permissão de entrar, sendo ali um local exclusivamente masculino e no cinema ela afirma ter vergonha porque pode ser reconhecida por alguém. Aqui podemos ver lampejos de cenário culturais, diferentemente de quando a colaboradora declara acessar sites pornô para “*ver o que tem de diferente para fazer*” ou quando coloca que não se sentiria bem nem pagando nem recebendo

¹⁵ Prática que envolve um parceiro urinar no outro. Segundo Love (1997), os urófilos praticam atividades como urinar na genitália, no rosto, no corpo ou na boca do parceiro e essa prática pode ser usada como punição, recompensa ou humilhação.

por sexo (coisa que nunca aconteceu com ela), pelo fato de que ter o dinheiro como um novo elemento, talvez lhe tirasse o desejo em fazer sexo.

Podemos vislumbrar no roteiro de Cecília a falta de um papel central dos cenários culturais usuais (gênero e discurso médico), que acabam aparecendo apenas em pequenas porções e bem espalhadas, mas com uma presença grande do cenário erótico. Da mesma maneira que o *script* erótico, seu nível intrapsíquico aparece com bastante destaque, com a colaboradora construindo sua própria visão de mundo e do campo sexual. Tal fato talvez se deva a sua experiência dentro do hospital, enquanto buscava a cirurgia que lhe possibilitou ver muitas pessoas em busca do encaixe perfeito aos cenários e as consequências enfrentadas. Além disso, outro fato parece também exercer bastante influência nessa mudança. Cecília afirma na entrevista: “*se eu tivesse uma orientação sexual hoje eu não seria travesti. Eu ficaria gay*”. Ela diz que se aceita como está hoje e não tem problemas em ser quem e o que é, mas esse patamar foi alcançado por meio de condições que a levaram a começar a tomar hormônios com dez anos de idade. A colaboradora coloca que, se na época tivesse as informações de hoje “*jamais me colocaria no parâmetro de ser travesti ou transexual*”. Foi por estar nesse lugar de “não ser” e a necessidade em lidar com a sua própria dualidade que parece ter permitido a Cecília depositar sua visão sobre a da cultura e criar um jeito de ser “*acho que é único MEU, que eu mesma aderi*”.

7. CENÁRIO INTRAPSÍQUICO – Construindo o indivíduo

7.1. Guerra dos sexos – O discurso normativo de gênero

É difícil falarmos em um Universo *Trans* sem nos atentarmos para a questão do gênero, haja vista que esse é um conceito intrincado no âmago dessa questão, além de ser um tema muito recorrente no discurso de qualquer transexual ou travesti. Em um trabalho sobre sexualidade dessas pessoas, tal assunto não poderia passar despercebido, já que o gênero é definidor da sexualidade (Paiva, 2000).

O gênero, como já definido aqui, se relaciona com a construção social, cultural e política no que se refere a ser homem ou mulher. Contudo, não podemos encarar esse conceito como algo instituído pela cultura, pelo fato dele fazer parte da mesma e auxiliar em sua criação (Azevedo Jr, 2002). Portanto, estamos diante de uma co-construção. É o gênero responsável pela criação do que chamamos de corpos, definindo sua materialidade, grau de importância e inteligibilidade, organizando os mesmos em sexos distintos e sexualidades próprias (Leite Jr., 2008). Segundo Butler (2003, p. 25):

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos, (...) [pois] se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero.

Para essa autora, o gênero só se torna concreto através de uma performance repetida, ou seja, é somente quando construímos e reconstruímos, reencenando os atos de gênero alcançamos sua legitimidade. Para Butler, o gênero não é identidade estável, pelo contrário, é construído no tempo de maneira tênue e organizado no espaço por meio de repetições estilizadas (Butler, 2003; Leite Jr., 2008). É por meio dessa performatividade que as normas de gênero são construídas e atuam. Essas normas têm bases no dimorfismo sexual, nas idealizações dos gêneros e na heterossexualidade (Bento, 2006). O modelo do sexo dimórfico surgiu no século XVIII e trazia a ideia de uma bipartição sexual originária. Pela lógica religiosa ou biológica, se não existissem limites claros entre homem e mulher seria o fim do mundo o que levou, por essa razão, a uma naturalização de dois sexos e seus respectivos gêneros, ganhando um caráter atemporal e universal. Como aponta Leite Jr. (2008, p. 175):

O processo de naturalização de diferenças ou igualdades conceitualmente criadas encobre as relações de poder que organizam estas noções, pois classificar pessoas de acordo com o genital ou suas representações psíquicas pode revelar-se talvez tão arbitrário quanto classificar seres humanos por tipo de cabelo, cor da pele ou dos olhos. Afinal, todos estes elementos também são variantes “fisiológicas”.

Pode parecer fácil dizer que existem apenas dois sexos, o macho e a fêmea, encontrando-se separados e imutáveis. Contudo, nem mesmo o vestuário serve mais como elemento de diferenciação nos tempos atuais. Além disso, hoje sabemos que o sexo é mutável, suas fronteiras são mais borrões do que linhas perfeitas, um pode se transformar no outro e existem muitos tons de cinza entre o preto e o branco, ou melhor, existem diversas possibilidades entre o macho completo e a fêmea completa. A dualidade sexual de corpo e mente são consequências das normas de gênero, pois não existem atos de gênero verdadeiros já que tudo é performativo (Leite Jr., 2008).

Por essa dualidade ser virtual (uma construção social), chegamos à conclusão de que não existem versões originais, quer dizer, não existe “A” mulher e nem “O” homem, mas antes as mulheres e os homens. Todas as variações são válidas porque são performatividades (Leite Jr., 2008). Entretanto, elas necessitam de um único elemento para tornarem-se concretas: a aprovação social. Contudo, é exatamente isso que não encontram. Por mais que digamos serem as questões relativas a sexo e gênero construções e possibilidades, a dualidade e a divisão persistem em nossa cultura brasileira, criando o conceito do que é chamado por Butler (2003) de gênero inteligível. Esses são os gêneros organizados segundo a lógica de que se o indivíduo possui um pênis isso o denomina homem e, portanto, têm atitudes masculinas e sente atração por mulheres, posto ser hétero; porém, se o indivíduo possui uma vagina isso a denomina mulher e, portanto, têm atitudes femininas e sente atração por homens, posto que é heterossexual (Butler, 2003). Por estarem fora do campo do inteligível, as demais variações não são reconhecidas como pertencentes à esfera social e, em alguns casos, até mesmo na esfera humana (Leite Jr., 2008).

Essas categorias de gênero (pênis-homem-hétero e vagina-mulher-hétero) estão sempre presentes e concretizadas nos contextos sociais, isso porque desde a mais tenra idade todos estamos aprendendo sobre elas. Familiares e educadores são os responsáveis por inculcarem nas crianças as regras ditando o que é ser menino ou menina. (Gomes, 2006; Leite Jr., 2008). Isso é tão enraizado na nossa cultura brasileira que Paiva (2000) aponta a existência de roteiros de gênero masculino e feminino. A mesma autora ainda afirma que homens e mulheres de um mesmo grupo percebem esses roteiros de uma forma semelhante.

Podemos notar esse aspecto ao vislumbramos as diversas características comuns a todas as colaboradoras e mais ainda quando observamos o grupo das participantes profissionais do sexo e encontramos outras semelhanças. O gênero, contudo, não se restringe as normas que são passadas e ensinadas e os corpos das travestis e transexuais são a prova disso ao embaralharem as fronteiras e mostrarem como essas normas não conseguem atingir um consenso (Duque, 2012; Galli, 2009).

No entanto, mesmo essas pessoas se utilizam dessas normas para se construírem, algumas buscando imitá-las ao máximo e da maneira mais fiel possível, enquanto outras ficam no meio do caminho, aderindo a algumas partes e desprezando outras. Um grupo ainda inventa a sua própria maneira de ser mulher (Azevedo Jr, 2002; Galli, 2009). No presente trabalho encontramos elementos das três categorias. Agnes, Amanda e Melissa, por exemplo, se esforçam ao máximo e tem o discurso de gênero como um elemento importante de seu roteiro sexual. Já Renata, Kelly e Amélia, por sua vez, encontram-se no meio termo, reproduzindo os roteiros de gênero feminino, assim como do masculino. No outro extremo, temos Cecília e Silvia que estão inventando sua própria maneira de ser mulher e são poucos os vestígios desses discursos e roteiros.

Um dos pontos principais apontado pela grande maioria das colaboradoras é o modo de ser e agir de seus namorados. Expressões como “muito hétero”, “bem hétero”, “homem mesmo” e “homem de verdade” são frequentemente usadas por elas para se referirem aos parceiros com quem mantêm ou mantiveram um relacionamento. As colaboradoras se apegam a ideia de que a sexualidade é sempre masculina e a sexualidade feminina é inexistente ou então tem de ser menor: menos importante, menos impulsiva, menos urgente e menos frequente (Paiva, 2000). Essa ideia da diferença entre sexualidade masculina e feminina fica clara com Tânia e Melissa que relatam as mudanças em seu processo de excitação por estarem tomando hormônios e justificam tais alterações com o discurso de gênero. Além disso, o fato dos companheiros possuírem características masculinas auxiliam na legitimação da feminilidade delas.

Esse “homem de verdade” traz impresso em si diversas características que o discurso de gênero aponta como inerentes ao homem. Eles demonstram um grande interesse por mulheres, certa agressividade, são racionais, hipergenitalizados e incontroláveis ruiros (Paiva, 2000). Silvia relata alguns relacionamentos antigos nos quais seus parceiros lhe batiam e lhe traíam com mulheres, algumas vezes na sua própria cama. Gisele, Agnes, Adelaide e Márcia também trazem narrativas de traições ou relacionamentos anteriores de seus parceiros, que se deram com “mulheres biológicas”. No entanto, é Renata quem mais

consegue legitimar sua feminilidade ao se relacionar com um indivíduo casado. Histórias de agressões também aparecem com certa frequência e é Kelly quem traz o relato de um namorado explorador, relacionando-se com ela por dinheiro. A racionalidade aparece em especial nas histórias de Renata e Márcia, com a última colocando o namorado na posição de “chefe” na sua vida.

Outro elemento que faz parte do masculino dos parceiros e do qual a maioria do grupo estudado não abre mão é o fato dos mesmos serem ativos. Com exceção de Bárbara e Tânia que são lésbicas e Silvia e Cecília relatando não se importarem e, no caso da segunda, até mesmo preferirem que os parceiros sejam versáteis, as demais colaboradoras apontam sempre o papel ativo que os parceiros tomam nas relações sexuais. Algumas enfatizam esse fato por várias vezes e acrescentam dizendo não permitirem que o namorado veja sua genitália ou toque nela. Gisele chega a considerar ser algo sem senso a ideia de seu namorado manipular sua genitália e Amanda via o fato do namorado tocar sua genitália como uma forma de impedir que ela tivesse prazer.

Toda essa ênfase na característica ativa se dá pelo fato de que nos roteiros de gênero o passivo é sempre estigmatizado. A dicotomia ativo/passivo se relaciona diretamente a outras como macho/viado e forte/fraco. Seus parceiros ao serem ativos sempre e exclusivamente garantem seu lugar no polo masculino e confirmam sua virilidade (Azevedo Jr., 2002).

Um homem que demonstra alguma característica tida como feminina em seu comportamento exibe a interferência indevida de um sexo sobre outro, podendo ser considerado como um ser ambíguo, assim como travestis e transexuais que unem homem e mulher para formar um ser singular. Mais comumente esses homens são tachados como “viados” ou “bichas”, termos que Garcia (2009) aponta como componentes da identidade travesti, retirando esse indivíduos do patamar de homem. Parker (1991) vai indicar esses termos como contrapontos à figura do pai e do macho, ameaçando o ideal de masculinidade, sendo a bicha uma fêmea simbólica. Essa ideia de que passivos não são homens existem em diversas culturas, fator esse nomeado por Bozon (2004) como inconsciente social da sexualidade. No caso de Silvia, cujo namorado também tem o papel de passivo na relação, para que esse não perdesse drasticamente sua qualidade masculina ao ser tachado como bicha, ganha um novo termo para ser designado: ginandromorfófilo.

Os clientes das colaboradoras que trabalham como profissionais do sexo são apontados por elas como não-homens, pelo fato de lhes pedirem para serem penetrados nas relações (Azevedo Jr., 2002; Leite Jr., 2008). Gisele chega a dizer que não existem mais homens no mundo. Azevedo Jr. (2002) aponta que essa desvalorização, em alguns momentos,

parece acontecer de maneira premeditada, como forma de desmoralizar os clientes, mostrando que “homens de verdade”, casados e com posições sociais altas podem, no abrigo de quatro paredes, se colocarem em papel “inferior”.

Kelly parece fugir a essa intenção, afirmando que todos os seus clientes são só ativos. Essa manobra, contudo, pode servir para engrandecer sua legitimação como mulher. Além disso, a colaboradora aponta que, para ela, passivo é passivo e ativo é ativo, mostrando sua firme visão das normas. Por outro lado, Renata adere ao tema ao apontar seu parceiro casado como bissexual, pois ele se relaciona com ela, uma quase mulher. Todavia, podemos olhar a situação por outro ângulo se levarmos em consideração que mulheres de rua (prostitutas) não ameaçam a masculinidade do indivíduo, mas sim a afirmam, como é apontado por Paiva (2000).

Do outro lado disso tudo ficam as colaboradoras, assumindo com prazer o papel de passivas, fator que lhes confere um lugar no polo feminino. Para elas, cabe a outra parte do discurso de gênero, apontando características tidas como femininas: fragilidade, submissão, sentimentalismo, timidez e meiguice, entre tantas outras. A maioria das colaboradoras inclui em suas narrativas situações e frases que as caracterizam com essas qualidades para legitimarem seu lugar de mulher. Bárbara e Agnes, as duas participantes já cirurgiadas, demonstram que não precisam ter todo esse trabalho, visto que elas já possuem uma vagina, colocando-as no *status* de mulher. Todavia, isso não impede que Agnes traga em seu discurso repetidas referências às características femininas que possui, em especial o da mulher submissa que precisa satisfazer o companheiro na cama e deseja ser possuída. Esse discurso também é trazido por Márcia. Amanda também tenta fazer uso do artifício da genitália para se legitimar. Apesar de não possuir uma vagina, ela se refere a seu pênis como uma xoxota de 20 e poucos centímetros, além de afirmar possuir uma carteirinha de feminina. Esse foco nos genitais é apontado por Giddens (1993) como uma característica do discurso da sexualidade normativa e não é apenas uma colaboradora que aponta o sexo entre um homem e uma mulher, ou seja, entre pênis e vagina, como uma atividade sexual normal ou natural.

Outro ponto do roteiro de gênero feminino que aparece com grande frequência nas narrativas é a contraposição entre a mulher santa e a puta. Leite Jr. (2008) aponta que a mulher em busca do prazer é tida como puta, uma categoria social baixa. Giddens (1993) diminui mais um pouco essa patamar ao afirmar que a mulher em busca desse prazer é tida como anormal. Amanda e Melissa são as colaboradoras que mais se pegam vagando entre esses dois papéis, querendo alcançar um patamar alto no seu lugar de mulher em certos momentos e, em outros, querendo abraçar suas possibilidades de prazer. Amélia, por outro

lado, abraça seu lado puta (auxiliada pelo fato de ser garota de programa) e permite se entregar à busca dos prazeres, assim como é para Cecília, a participante que mais se destaca nesse aspecto.

Nessa temática é interessante destacarmos que Azevedo Jr. (2002) traz em sua pesquisa algumas travestis demonstrando se sentirem superiores, em especial às mulheres, pelo fato de serem homens e mulheres ao mesmo tempo. No entanto, dentre nossas colaboradoras com esse aspecto, tal fato se devia a elas serem putas. Isso talvez se dê ao fato da mulher santa ter de se mostrar assexuada, escondendo do parceiro seus conhecimentos no campo sexual e seu desejo para não perdê-lo ou ser considerada uma mulher da rua, passando a ser vista como inferior (Paiva, 2000; Parker, 1991). Amanda traz outra figura que poderia ser ligada a um patamar inferior do ideal de gênero feminino: a *femme fatale*. A colaboradora é a única que gosta de assumir em certos momentos o papel de uma mulher independente, dominadora e sedutora. Tais características, no entanto, são apontadas por D. Santos (2012) como qualidades das mulheres dos tempos modernos e não de uma faceta ruim do sexo feminino.

Vale a pena pensarmos dentro da questão de gênero que, por mais difícil que seja para as colaboradoras se adequarem as normas, assim também o é para os homens. Essa questão parece passar despercebida por elas, que se queixam e demonstram espanto ao se depararem com um homem fora das normas. Como aponta Giddens (1993), o agir como homem traz para o indivíduo muita pressão. Isso porque a virilidade e atividade são marcas masculinas e, para existir, precisam ser construídas a partir do grupo em um processo de masculinização, sustentando no campo sexual a figura do machão-pegador-experiente-sempre-pronto-para-o-sexo (Paiva, 2000; Parker, 1991).

Dentro desse processo de “generificação,” as colaboradoras se esforçam em todos os sentidos para alcançarem seu lugar de mulher e se encaixarem nas normas de gênero e, conseqüentemente, na heteronormatividade, com Adelaide inclusive passando a ideia de ter se tornado *Trans* mais para poder se relacionar com “homens masculinos” do que para ser mulher. Por mais que tentem, sempre aparece algum detalhe nos levando, senão ao lado masculino, a uma contradição. Mesmo nesses momentos elas ainda buscam uma solução, como a de Amanda que, para justificar as práticas sexuais fora do papel feminino, nomeou-se com o termo mulher cibernética.

Elas parecem querer se encaixar em um modelo de mulher arcaico, que não serve mais como referência nem mesmo para as mulheres “biológicas”. Contudo, é para elas a única maneira de conseguir um acesso à existência legítima, o lugar almejado, mas difícil de

conseguir por sua estética de gênero ser sempre relacionada ao do sexo oposto. Mas poderíamos considerá-las como falsas e caricatas por não alcançarem um modelo (“A” mulher) que na realidade não existe? (Benvenutty, 2010; Leite Jr., 2008). A experiência do trânsito parece ser o sofrimento, mas também o prazer e o gozo das pessoas *Trans*. Mas afinal, não somos todos a mistura do masculino (espermatozoide) e do feminino (óvulo)?

7.2. Amor com amor se paga – A busca de um ideal

O amor está presente na vida de todos. Seja o amor de mãe, de pai ou mesmo de amigo, todos nós já tivemos a oportunidade de sentir o gostinho desse sentimento. Entretanto, o amor romântico, o amor de um relacionamento não é qualquer um que consegue ter na vida. Foi somente no final do século XVIII, início do século XIX, que o ideal de amor romântico se espalhou na sociedade e ser romântico virou sinônimo de cortejar. Além disso, o amor passou a ser algo existente entre os cônjuges, liberando o casamento dos laços de parentesco aos quais ele estava preso até então e o tornando especial. À partir desse momento, o casamento por amor tornou-se regra (Bozon, 2004; Giddens, 1993). Definições do que é amor, no entanto, já existiam desde muito tempo e não foram poucas. Soares (2012) determina que o amor é a forma pela qual os apaixonados se relacionam com o mundo. Para Oltramari (2009), o amor não é um sentimento, mas sim um código simbólico, ou melhor, uma construção social. Contudo, as participantes o encaram como um sentimento e, por essa razão, não deixaremos de considerá-lo como tal.

Na Grécia, Aristóteles classificava dois tipos de relação amorosa: O Eros, caracterizado por uma emoção violenta e passageira ligada ao desejo e a vontade de adquirir o objeto desejado sem qualquer reciprocidade; e a *Philia* (amizade), caracterizada por uma benevolência mútua, fundamentada em reciprocidade entre os parceiros. A *Philia* era vista como possível de ocorrer somente entre dois cidadãos, que na época significava dois homens. O amor cortês surgiu tempos depois, como um modelo de amor igualitário. Todavia, para a época, essa igualdade só podia acontecer dentro do adultério, já que no caso masculino, o marido era o senhor da relação, o que impunha uma desigualdade. No caso feminino, a desigualdade era no campo social e financeiro, sendo a dama mais rica e importante que seu amante. Isso porque na época as diferenças entre os gêneros eram tão grandes que precisava existir outra diferença para surgir a igualdade (Bozon, 2004).

Hernandes e Oliveira (2003) também apontam a existência de dois tipos de amor, sendo o amor verdadeiro uma atividade de cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento, conservando a individualidade do sujeito, e o falso uma relação simbiótica ligada à submissão e passividade. Para Merleau-Ponty (2006, p.507, citado por Soares, 2012, p. 91) “Um amor verdadeiro termina quando eu mudo ou a pessoa amada mudou; um amor falso revela-se falso quando volto a mim”.

O amor romântico propriamente dito é caracterizado como algo que transcende a sua própria existência. É a mistura de ganhos e perdas, ilusão e realidade, avanços, paradas e recuos. É tarefa longa que acarreta confiança, compromisso, comunicação e prazer. É algo que se busca continuamente e dificilmente se alcança, acarretando, dessa forma, sofrimento e dor capazes de superar as alegrias provindas desse sentimento. Ele se difere da paixão que se caracteriza como urgente, obsessiva, irracional, invasiva e que chega a atrapalhar a rotina e as atividades sociais (Giddens, 1993; Oltramari, 2009). Agnes, Silvia e Kelly são exemplos desse sofrimento causado pelo amor. As três colaboradoras relatam histórias de relacionamentos que despertaram nelas o amor, mas no final só lhes trouxeram dor, desilusão e drama.

O amor romântico também está ligado à liberdade, posto que depois de encontrado esse sentimento em nossas vidas, ela se torna completa e podemos manipulá-la da forma que quisermos, ganhando uma maior capacidade reflexiva (Giddens, 1993). Algumas colaboradoras parecem discordar desse fator. Gisele, Amanda e Agnes descrevem em suas narrativas a impossibilidade que o amor lhes deu para seguirem com seus planos de vida, levando as três a fazerem uma escolha na qual o sentimento sempre saiu perdendo.

Outra característica desse amor é o fato de que ele depende da identificação projetiva, isso é, quando uma pessoa projeta uma característica sua no objeto (no caso, outra pessoa) e passa a percebê-lo como tendo tal característica e a se identificar com o objeto (Segal, 1975). É esse mecanismo que cria a sensação de totalidade com o outro tido dentro da relação romântica. Além disso, esse tipo de amor é considerado feminilizado, segundo Giddens (1993). O autor ainda acrescenta que o amor romântico se sustenta na hierarquia do gênero e influência de maneiras diferentes homens e mulheres. Para ele, isso fica claro quando um homem é colocado em um lugar marginalizado e tido como sonhador pelo fato de se deixar influenciar pela lógica desse sentimento. Nesses quesitos nossas colaboradoras concordam. Algumas delas que vivenciam um relacionamento, expressam uma completude trazida pelo companheiro que as apoia e as ama. Kelly, por sua vez apoiando a ideia de um amor feminino, relata que os homens não têm esse sentimento dentro de si e Adelaide

complementa, afirmando que eles só se entregam totalmente no âmbito sexual. Elas corroboram com a colocação de Soares (2012), que diz ser tendência masculina um distanciamento do campo afetivo. Esse fator, no entanto, está ligado as prerrogativas das normas de gênero.

Giddens (1993) também indica que o amor romântico rompe com a sexualidade, mas a abrange ao mesmo tempo. Isso nos mostra, segundo o autor, que buscar o amor não significa adiar a atividade sexual até encontrá-lo. As participantes expressam claramente estarem em busca de um amor e de que não esperam por ele para transarem, mas a maioria também demonstra separar o sentimento da parte sexual. Isso se mostra contrário a uma afirmação trazida por Bozon (2004) de que as mulheres conectam a parte afetiva à esfera sexual.

As colaboradoras narram acontecimentos e utilizam expressões demonstrando que em determinados contextos e lugares o sexo pode e irá existir sem o amor. Como colocado por Bárbara, o sexo passa a ser consequência e se torna sempre a mesma experiência se o amor não estiver presente. Essa característica independente do amor é apontada por Oltramari (2009) como um dos elementos do amor na contemporaneidade. Enquanto o amor é o santo graal a ser encontrado, o sexo passa a se caracterizar como produto de troca, como um campo de experimentações que, por sua vez, funciona para a construção de novos roteiros sexuais. Todavia, como ainda existe a possibilidade da união de ambas as instâncias, afinal sexo com amor é bem melhor, em alguns momentos os discursos se confundem e se misturam.

Algumas delas não realizam essa divisão e em sua grande maioria podem ser consideradas novas no Universo *Trans*. Tânia, Melissa e Érica se encontram em uma fase inicial em seus processos de transformações e a parte sexual não recebe uma atenção muito grande no momento. Além disso, elas parecem não terem passado pelos altos e baixos de relacionamentos que lhes traria experiências no assunto. Para Adelman, Ajajime, Lopes e Savrasoff (2003), as travestis e transexuais passam por frustrações em suas relações da mesma forma que pessoas hétero ou homossexuais. A autora também afirma que essas pessoas estão em busca de amor em uma relação estável e duradoura. As colaboradoras do presente trabalho também estão nessa busca. Elas procuram por relações nas quais exista a vontade mútua de cuidar e preservar o outro, o que as aproximaria mais da noção de amor confluyente (Giddens, 1993, Soares, 2012).

O amor confluyente é uma modernização do amor romântico e tem como condição a abertura em relação ao outro. Ele é ativo e entra em choque com as noções de “para sempre” e de “único” do amor romântico, noções essas trazidas por algumas participantes. Esse amor supõe igualdade na doação e recebimento emocional, modificando o foco da pessoa para a

relação. A realização do prazer sexual recíproco torna-se nessa visão um elemento-chave na manutenção da relação que não necessariamente precisa ser monogâmica. Na perspectiva do amor confluyente, quesitos referentes à relação só permanecem enquanto os dois indivíduos que compõem a mesma os enxergarem como desejáveis (Giddens, 1993).

Em sintonia com esse conceito de amor encontra-se o termo relacionamento puro, que seria o tipo de relação alcançada uma vez obtido o amor confluyente. Giddens (1993) define o relacionamento puro como:

Uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (p. 68).

Esse tipo de relacionamento ainda vincula o amor à sexualidade. Contudo, é extremamente difícil para qualquer pessoa alcançar esse patamar de relação e para as colaboradoras não é diferente. Relacionar-se é um dos dilemas mais intrigantes da contemporaneidade, já que os indivíduos o esquadrinham por julgarem haver nele a chance de tranquilidade, segurança e suporte afetivo. Além disso, os tempos modernos são marcados pela liquidez dos relacionamentos, ou seja, a busca por relações transitórias e rápidas, priorizando relações que podem ser feitas, desfeitas e refeitas com grande facilidade, evitando um contato real no sentido da intimidade (Oltramari, 2009; Soares, 2012).

Outro fator que dificulta a busca e manutenção de um relacionamento é o fato de o casal ter de suportar duas identidades individuais, dois desejos individuais, uma identidade conjugal, um desejo conjugal e um projeto de vida, além do indivíduo idealizado de cada um dos membros do par. Olhando tudo isso através das lentes do Universo *Trans*, podemos observar mais alguns empecilhos. A falta de um modelo de relacionamento *Trans* dificulta a construção de um, posto que sem um roteiro torna-se difícil saber o que fazer (Adelman et. al, 2003; Giddens, 1993; Hernandez & Oliveira, 2003; Soares, 2012). Algumas colaboradoras apontam esse fato em suas falas ao colocarem que tentam reproduzir com seus parceiros o modelo heterossexual de relacionamento. Todavia, tal atitude tem dificuldades para obter êxito se levarmos em consideração as características desses parceiros.

Soares (2012) realizou um trabalho sobre os parceiros de mulheres transexuais. Segundo a autora, esses homens têm consigo o discurso de gênero que os auxilia, criando uma figura heteronormativa para o ambiente público, o que acaba contrastando com algumas atitudes realizadas no ambiente privado. Os sujeitos da pesquisa de Soares afirmam que se

relacionam com as mulheres transexuais pelas características femininas apresentadas, mas a autora também aponta estudos que demonstram o oposto. Os homens que se relacionam com travestis, conhecidos como *T-lovers*, tendem a buscar os dois aspectos juntos. De uma forma ou de outra, esses indivíduos ainda são seres clandestinos, não se encaixando socialmente e demonstrando alguns conflitos internos em relação a sua orientação sexual (Pelúcio, 2006b, Soares, 2012).

Com essas características e dificuldades não é de espantar que as colaboradoras do presente estudo trouxessem em seus relatos diversas histórias de relacionamentos mal sucedidos. Giddens (1993) aponta que a confrontação com o que deu errado no relacionamento acabado pode transformar a dor em experiência de crescimento e desenvolver melhores habilidades para a luta que ajudarão a aprimorar a próxima relação. Todavia, nem todas parecem conseguir fazer isso. Kelly e Amanda são exemplos das colaboradoras que abominam a ideia de se engajar em novos relacionamentos, permanecendo apenas em encontros episódicos. O mesmo autor também fala que a conquista do coração do outro é, na verdade, um processo de criação e uma narrativa biográfica mútua (Giddens, 1993). Todavia, entre as participantes as biográficas mútuas são de poucas, haja vista que a maioria escreve a sua sozinha. Lewis (2002) vai apontar que os relacionamentos de mulheres transexuais são mais instáveis, comparados com os de homens transexuais, além de levarem mais em conta os discursos de gênero para as características do companheiro.

As colaboradoras não conseguem alcançar o relacionamento puro e parecem desenvolver o que Giddens (1993) chamou de relacionamento fixado ou viciado. Nesse modelo de relação, existe a dependência de um elo e uma rotina com o outro, fato que não é admitido por nenhum dos dois. Além disso, evita-se a abertura para o outro e mantêm-se as diferenças de gênero, assim como práticas sexuais não igualitárias. Hernandez e Oliveira (2003) apontam que o amor é composto pelos seguintes elementos: o precisar do outro, o cuidado, a intimidade, a confiança e a proximidade. Para as colaboradoras, parece estar faltando alguns desses componentes em seus relacionamentos, em especial a confiança e a intimidade, fator auxiliar no estabelecimento de uma relação fixada. Um elemento apontado por Bárbara, Adelaide e Amanda que dificulta o processo e afasta o alcance desses componentes é a idade. Segundo elas, com o passar do tempo nos tornamos mais seletivos e chatos para acharmos um companheiro ou mesmo desenvolver confiança ou intimidade.

Ter confiança em alguém significa renunciar as oportunidades de controlá-lo ou de forçar suas atividades dentro de algum molde particular (Giddens, 1993). As componentes do grupo estudado parecem não alcançarem tal patamar. Isso pode ser relacionado ao fato de

algumas terem experimentado traições de seus parceiros, mas o elemento mais influenciador é a certeza de que o namorado não vai assumi-la perante a sociedade. Para a grande maioria das participantes, o fato de ser assumida como companheira não é só um componente essencial para o bom desenvolvimento da relação, como também é uma grande prova de amor. Outro fator bem cotado, mas só pelas profissionais do sexo, é a aceitação do seu trabalho pelo parceiro.

A intimidade, por sua vez, é definida como a comunicação emocional com o outro e com você mesmo, em contexto de igualdade interpessoal. Ela presume uma comunicação psíquica na qual se compartilha a dimensão psicológica para conhecer as características do outro e disponibilizar as suas. É se mostrar vulnerável sem que isso signifique ser absorvido (Giddens, 1993; Soares, 2012). Hernandez e Oliveira (2003) vão apontar dez elementos da intimidade, a saber:

O desejo de promover o bem estar da pessoa amada, o sentimento de felicidade junto a ela, o respeito por ela, a capacidade de contar com a pessoa amada em momentos de necessidade, o entendimento mútuo que se estabelece entre os parceiros, entregar-se e dividir as posses com o parceiro, receber apoio emocional da pessoa amada, prover-lhe apoio, comunicar-se intimamente com ela e valorizá-la” (p. 60).

No caso das colaboradoras, parece que mostrar-se sem reservas ao parceiro é um problema. Isso porque para transexuais e travestis despir-se de todos os biombos que elas mantêm significa deixar exposta também a faceta masculina que existe nelas, tenha sido feita a cirurgia ou não, o que dificulta o diálogo necessário (Kosenko, 2010). Silvia, Tânia e Cecília parecem ser as que mais se aproximam desse movimento com seus (suas) parceiros (as). Tânia consegue isso pelo fato de ser casada há 28 anos e sua esposa ter conhecido primeiro a sua faceta masculina. Já Silvia e Cecília parecem conseguir abraçar e demonstrar essa dualidade interna sem medo algum.

Outro fator que talvez colabore para dificultar essa abertura é o cenário cultural pairando e lembrando que, como apontado por Renata, os homens querem amar as *Trans*, porém o medo do julgamento social os impede. Isso poderia leva-las a não investirem em uma intimidade maior, já que a sociedade não vai permitir tal relação. As colaboradoras profissionais do sexo parecem conseguir algum grau de intimidade com os clientes pelo fato destes virem em busca da sua dualidade e por elas terem o elemento da sedução como arma principal. No jogo de sedução, as participantes atingem o coquetismo, isso é, tornam-se atraentes ao outro e com isso decidem o que vai ser exposto, criando um clima de intimidade controlado (Oltramari, 2009).

Um relacionamento íntimo satisfatório é a fonte mais importante de felicidade pessoal. Entretanto, consegui-lo é tarefa árdua. O sexo é um elemento importante dessa equação, indispensável para a existência do casal. Mas com o passar do tempo ele perde seu papel central e é nesse momento que grande parte das relações desanda. O componente que toma o lugar do sexo é a comunicação, lembrada para a construção da relação, mas esquecida para sua manutenção. As dificuldades de diálogo aparecem para as colaboradoras por elas procurarem manter a validação do seu gênero e buscarem tudo ao mesmo tempo, ou seja, a segurança do amor com as emoções da paixão, criando assim níveis interpessoais unilaterais (Bozon, 2004; Hernandez & Oliveira, 2003; Oltramari, 2009).

7.3. O sexo dos anjos – A medicalização do sexo

A terminologia utilizada no presente trabalho para denominar os indivíduos que formaram o grupo aqui estudado levou certo tempo e travou batalhas para se fixar como a norma de nomeação referente à área. Isso porque “nomear não é apenas criar, mas também estabelecer e legitimar relações de poder que criam o que nomeiam” (Leite Jr., 2008, p. 190). Todavia, as categorias de transexual e travesti não abarcam a pluralidade existente nos indivíduos e suas identidades (Bento, 2010). Entre as colaboradoras, tivemos quem se denominasse como transexual, mas que utilizava o pênis durante a relação sexual; uma colaboradora que se autodenominava travesti, mas afirmava se sentir mulher desde pequena buscando a readequação sexual; a participante que se autodenominava transexual, mas sentia atração por mulheres e já havia sido casada; a pessoa que se autodenominava *transex* e não tinha problema algum com sua genitália; e até o uso de alguns termos que nem se encaixam na temática, como anjo. Toda essa variação identitária abre a questão: será que podemos restringir e encerrar tamanha diversidade em uma única palavra?

Transexual, travesti, transformista, *crossdresser*, *drag queen*, *drag king*, *transex*, *trans*, transgênero, viado, bicha-boy, *gayrota*, montada, menino feminino, mulher *trans*, mulher transgenitalizada, homem *trans*, bigêneros, pangêneros, *genderfuckers*, *genderbenders*. Esses são alguns dos termos encontrados na literatura e nos meios de comunicação de massa para identificar pessoas que de alguma forma transpõem, transitam ou misturam os signos referentes aos gêneros (Barbosa, 2010; Benedetti, 2005; Bento, 2008, 2011; Cardoso, 2005; Kulick, 2008; Pelúcio 2011; Pinto 2008; H. Silva, 1993; Winter, 2011).

Contudo, será que essa pequena lista dá conta da enorme diversidade e dos pequenos nuances que cada indivíduo agrega ao termo com o qual se identifica ou teremos que criar mais alguns outros? E ainda, será que conseguimos enquadrar todos em uma única categoria, “direitinho em seu cercadinho conceitual”? Ou, como um dos entrevistados de Pelúcio (2011), devemos dizer: “quem é que sabe o que é aquilo?!” (p.120).

O termo transexual, como já colocado anteriormente, tem seu fundamento no pensamento biomédico e tem como sua principal característica o desejo pela realização da cirurgia de redesignação sexual ou adequação cirúrgica genital (termo demandado pelo movimento de mulheres transexuais) (Machado, 2010). Mas essa única característica não suporta a pluralidade existente, posto que o binarismo que sustenta tal pensamento existe no mundo político, onde os seres são ficções, e não no mundo real, onde eles são diversos. Bento (2010) vai afirmar que este fator já não diferencia mais nada, posto ser possível viver uma transexualidade com pênis. No campo médico-psi, no entanto, é essa característica que prevalece para o “diagnóstico”, a característica baseada em um roteiro cultural de gênero, onde esse é determinado pelo corpo, tendo em si uma força de lei pelo seu caráter “científico” (Bento, 2011; Giami, 2011). Além disso, toda essa visão transforma o termo transexual em um signo de convencimento, ou seja, não basta se dizer transexual, é preciso convencer toda uma equipe médica e psicológica que você o é (Barbosa, 2010).

Entretanto, esses critérios estão sendo revistos para a publicação do DSM-V e muitas sugestões são dadas a respeito, partindo dos extremos de não haver nenhuma modificação ou da categoria ser retirada por completo do DSM, até chegar a diversas sugestões de mudança. Entre essas sugestões, estão a exclusão do diagnóstico do DSM e sua permanência na CID, só que fora do campo psiquiátrico; a mudança dos exemplos utilizados para mostrar como é uma/um transexual; a inclusão de novos critérios quando se trata do diagnóstico para crianças e adolescentes; a mudança da localização do diagnóstico dentro do DSM e o nome para o diagnóstico. Os dois novos nomes que são sugeridos são “Disforia de gênero” e “Incongruência de gênero” (Bouman, Bauer, Richards & Coleman, 2010; Cuyper, Knudson & Bockting, 2010; Giami, 2011, Rachilin, Dhejne & Brown, 2010).

Os dois nomes têm como intenção a retirada do foco da identidade, passando para a questão do gênero, posto que qualquer um dos nomes não indicaria mais que a identidade de alguém está em desordem. Quem defende o uso de “incongruência” argumenta que a palavra indica o coração do problema: a incongruência entre o gênero sentido e o gênero designado no nascimento. Já quem defende o uso de “disforia” argumenta que o termo aponta para a angústia sentida pela pessoa em torno da variação de gênero e critica dizendo que o termo

incongruência aponta para a existência, então, de algo que é congruente, ou seja, uma norma, de algo que seja tido como “normal” (Cuypere, Knudson & Bockting, 2010; Giami, 2011).

Apesar das mudanças terem pontos positivos, elas ainda mantêm a transexualidade com o estigma de loucura, como apontado por Barbosa (2010), movendo-a do campo da psicose para o da neurose (no significado mais amplo e geral dos termos). Além disso, as modificações ainda mantêm as travestis de fora do processo de tratamento hormonal e demais cirurgias estéticas, como a colocação de próteses de silicone nos seios. Essa questão é definida por Benvenutty (2010) como uma questão de saúde, haja vista que o fato de não estar bem com seu próprio corpo pode atrapalhar a vida de uma pessoa na esfera psicossocial. Temos como exemplo disso a colaboradora Érika, que parece ter deixado alguns aspectos da sua vida parados a espera da cirurgia.

Abandonando o olhar médico-político e entrando no campo pessoal, Barbosa (2010) vai apontar em seu trabalho diversos elementos que as colaboradoras observam na hora de se autoidentificar. Questões relacionadas à cor/raça, geração e classe social são apontadas pelo autor como tendo relativa importância para a classificação de alguém como transexual. Uma aparência mais refinada, de uma “burguesia branca”, que passa uma “naturalidade” nos caracteres tidos como femininos e sem nenhum tipo de exagero são todas características que descreveriam uma transexual. Além disso, o signo transexual é tido como novo e parece ser carregado de justificativas biológicas que direcionam o olhar das demais pessoas para verem não um ser abjeto, mas um indivíduo que sofre, é doente e “não tem culpa de ser assim”. Dessa forma, a transexual se torna o perverso, ou seja, o desviado bom porque sofre com seu transtorno, em oposição à travesti que se relaciona ao pervertido, isso é, o que sofre desvio, que é mau e busca enganar (Leite Jr., 2008). Tais justificativas figuram em pesquisas científicas (Winter, 2011) e trazem, no olhar das colaboradoras de Barbosa, um preconceito menor a respeito delas.

O conceito de travesti, como também já foi apontado, tem sua principal característica no fato de não existir um conflito com a genitália. No campo médico-político elas são deixadas de lado, na margem. Barbosa (2010) nos mostra que o movimento social de travestis busca incutir em seus discursos o incentivo e a motivação para que o indivíduo viva a travestilidade com orgulho. Isso, em parte pelo fato desse abandono da categoria pelas instâncias sociais que constroem a norma. Além disso, o uso do termo travestilidade, utilizado pelo movimento travesti e também no presente trabalho, afasta o travesti da doença, que no caso dessa categoria está relacionada a um fetiche, ao uso de vestimentas para obtenção de excitação sexual.

Tanto isso é verdade que nos países europeus e norte-americanos o termo “*transvestity*” ou “*transvestism*”, que traduzidos seriam “travesti” e “travestismo” respectivamente, são ligados somente a essa característica de parafilia (Winter, 2011). Isso também se mostra em diversos estudos encontrados na revisão integrativa. Em vários deles o termo “*transvestite*” é utilizado como definidor e sinônimo de *crossdresser* e não de travesti, o que pode levar o leitor a equívocos. As travestis, como definidas no presente estudo, são nomeadas na literatura científica por meio de termos como *transgenderist*, *transwomen* ou *queer*. Leite Jr. (2008) vai apontar que na cultura brasileira existem as travestis, mas este personagem ganha o nome de transexual secundário em outros países. Essa diversidade de nomenclaturas propostas para um mesmo fenômeno acaba por criar confusões e mal-entendidos. Compreendemos, entretanto, que tal variedade de nomes está relacionada não somente aos pesquisadores que os utilizam, mas também à cultura e ao período do qual determinado termo provém, pois a construção social da sexualidade também inclui as palavras utilizadas para defini-la e se falar sobre ela (Gagnon, 2006).

No campo pessoal, a travesti também é deixada à margem, ou melhor, nas sarjetas e esquinas. A ligação com a prostituição, marginalidade e criminalidade é fator recorrente quando se olha para essa categoria. No Brasil, essa associação se deve ao fato de que, quando o termo travesti chegou ao país com o sentido de disfarçar, logo foi absorvido pela classe artística. Nessa mesma época, a profissão de atriz era muito ligada ao conceito de prostituta e como o espaço artístico era o único lugar disponível para aqueles que buscavam mudar seu gênero, a conexão entre a prostituta e a travesti se deu rapidamente. Hoje em dia essa ligação é até oficializada, posto que na Classificação Brasileira de Ocupações a travesti aparece como um dos sinônimos que define a profissional do sexo (Leite Jr., 2008).

Dessa forma, pessoas exageradas, sem refinamento e de uma classe social mais baixa são ligadas ao universo travesti. A travesti é tida como um grau inferior na escala do autoconhecimento, como algo ambíguo e incompreensível, podendo nos levar a pensar que ali várias coisas diferentes poderiam ser encaixadas, é um feminino que não dá certo (Barbosa, 2010). Esse pensamento é expresso por Gisele. Gisele se define como travesti, mas afirma querer realizar a cirurgia e em seu discurso diversos elementos ligados a transexualidade podem ser vislumbrados. Por se ver em uma situação na qual não gostaria de estar (convivendo com seu genital masculino e trabalhando como profissional do sexo) e pelo fato do termo travesti não ajuda-la a legitimar seu feminino, posto que “é um homem”, ela não gosta de utilizá-lo. Porém, é por esse termo que ela é designada pelas pessoas que a veem se prostituindo na rua e ela acaba por absorver esse roteiro cultural da “travesti puta” e o traz para

seu roteiro interpessoal. Por mais que ela não se identifique com o termo travesti, na sua situação atual, cultural e interpessoal, esse é o signo que ela consegue para definir seu símbolo.

Os termos *trans* e *transex* são tidos como um sinônimo de transexual em alguns contextos, em outros (como o presente estudo) como uma categoria que engloba transexuais e travestis e em outros ainda como um signo intermediário, de quem não quer estar nem de um lado nem no outro ou deseja ter a possibilidade de transitar entre os dois. Barbosa (2010) nos mostra em seu trabalho que esse termo é tido, entre suas colaboradoras, como utilizado por quem não quer se assumir, principalmente uma travesti que, para fugir do preconceito, se coloca nesse meio indefinido, mesmo demonstrando em seu corpo de formas exageradas e sua maneira de agir sinais que a definiriam aos olhos do grande público como uma travesti. Podemos ter esse pensamento em relação à Amanda. Em seus traços físicos, o pesquisador pode notar traços tidos como presentes em uma travesti. No entanto, a colaboradora se define como *transex*.

Podemos olhar pra essa mesma situação, no entanto, por outro ângulo privilegiado por Barbosa (2010) e também por Pelúcio (2011). De acordo com esses pesquisadores, com o surgimento de novos conceitos e novas categorias, a experimentação de novas vivências se torna possível. Além disso, “o contato com novas classificações e convenções sobre sexualidade transformam a forma como se entendem sentimentos, desejos e preferências sexuais” (Barbosa, 2010, p. 63). É por causa dessas novas possibilidades que travestis, transexuais e quem mais se habilitar podem repensar suas biografias e reelaborar a categoria identitária a que querem, acham ou sentem que pertencem.

A participante Melissa também pode ser vista deste ângulo. Ao se definir como transgênero ou alguém que está entre os dois gêneros, juntamente com seu relato de como ocorreu essa descoberta de sua transgeneridade, podemos notar esse movimento de reelaboração. Para Kelly, até os termos travesti e transexual se tornam reelaborações passageiras que permanecem até o momento da cirurgia de redesignação: antes da cirurgia você é travesti, durante a cirurgia você é transexual e depois você se torna mulher.

Como já apontado, a proliferação de termos novos para buscarmos enquadrar a pluralidade de mundos existente entre os sujeitos e, às vezes, até mesmo dentro de um único sujeito é um fato que não cessa. Pelúcio (2011) afirma em seu trabalho que é necessária a ampliação da nossa visão de sexualidade para conseguirmos abarcar a diversidade e não a ampliação da sigla (se referindo à sigla LGBT, que pode apresentar diversas configurações, algumas contendo outras letras que representam novas categorias). No entanto, a mesma

autora coloca que ainda estamos na busca de novos signos para podermos aumentar as fronteiras das inúmeras experiências existentes fora da heteronormatividade. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Gagnon (2006) vai colocar que, pelo fato da sexualidade ser construída socialmente, isso a torna modificável por meio do tempo, da história e da cultura circundante e, junto com ela, se modificam os conceitos e signos utilizados para a designação de condutas e identidades. Os novos termos penetram na vida social e a transformam (Giddens, 1993). Antes de Hirschfeld e outros cunharem os termos que utilizamos neste trabalho, tais classificações não existiam e daqui a alguns anos, talvez, essas, que são tão naturalmente utilizadas, passem a serem termos jurássicos e sem significado algum.

Segundo Ventura (2010), a diferença entre transexuais e travestis não tem sentido para a efetivação do direito à dignidade humana. Os dois conceitos passam a ser encarados como formas de viver o gênero, já que se identificar como um ou outro pode se tornar uma questão situacional. Todavia, o movimento político LGBT e o discurso médico científico são as instâncias que mais se digladiam em torno do uso de termos. Enquanto a militância se apropria e busca despatologizar os termos criados, a medicina abandona e desqualifica os termos que foram apropriados por outros e surgem a cada dia com novos conceitos mais genéricos (Bento, 2010; Leite Jr., 2008).

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos pensar nos novos signos que surgem a cada dia, tentando cada vez mais abarcar um novo movimento identitário, um novo roteiro construído e no campo *Trans* essas possibilidades são diversas (Giami, Beaubatie & Bail, 2011). Em um movimento de certo modo globalizador, notamos mais recentemente termos que possuem como definição, ou pelo menos como uma das definições, a reunião de diversas categorias em uma única. Como exemplo, podemos citar o uso do termo HSH (homens que fazem sexo com homens) que surgiu dentro do contexto do combate ao HIV/AIDS. Ao buscarem criar programas de prevenção, os cientistas e pesquisadores começaram a observar que o grupo de risco não se formava apenas por homossexuais que se assumiam como tal, mas também por homens casados que se relacionavam sexualmente com *gays*; homens que eram clientes de travestis no universo da prostituição; michês que se classificavam como héteros, mas faziam programas com outros homens; homens dentro do sistema prisional que mantinham relações homossexuais enquanto presos e até mesmo as próprias travestis foram incluídas nesse grupo. Para abarcar tudo isso e não classificar todo mundo como *gay*, podendo assim, alcançar melhor essas outras populações para os programas de prevenção, um termo “universalizante” foi criado (Duque & Pelúcio, 2010).

No campo *Trans*, essa “universalização” também existe com o termo transgênero. O termo surgiu nos anos oitenta, cunhado por Virgínia Prince para designar os *crossdressers*. Inicialmente, ele se referia apenas aos homens que “variavam” seu gênero por meios não cirúrgicos. Foi somente em 1992 que o termo expandiu suas fronteiras e se tornou esse guarda-chuva que abriga *crossdressers*, travestis, transexuais (mulheres e homens), andrógenos, lésbicas masculinizadas, *gays* afeminados, *drag queens*, *drag kings* e quem prefere se identificar com termos novos ou com nenhum. Nos Estados Unidos e na Europa, o termo transgênero é visto por alguns como pertencente à elite acadêmica branca e por outros como a base de um progressivo e inclusivo movimento pelos direitos de gênero. Pela sua rápida expansão, tem como consequência a divisão de categorias sexuais em gênero-normativas e gênero-não-normativas (Commissioner for Human Rights [CHR], 2009; GLBTQ, 2004; Kosenko, 2010). Contudo, atualmente o termo ganhou novas roupagens e acaba sendo utilizado com diversos sentidos diferentes: como um termo que abrange todas as classes; engloba todos os trânsitos entre os gêneros, com exceção das transexuais e das travestis; representa somente as travestis e transexuais; ou ainda um termo que define aqueles que estão em trânsito entre o gênero literalmente, ou seja, aqueles que a cada dia se encontram de um lado da barreira do gênero.

Após toda essa reflexão, podemos notar o descompasso entre as rígidas classificações oficiais e a fluidez das identidades cotidianas que se interpenetram (Leite Jr., 2008). Afinal de contas, existe alguém que se encaixa completamente nessas classificações ou em qualquer outra? Como trazido por Bento (2006), muito se buscou fazer para encontrar a “verdadeira transexual” e talvez a “verdadeira travesti” também. Muitos conceitos descrevendo atos, comportamentos, vestimentas e maneiras de pensar, agir e se expressar, nos seus mínimos detalhes, foram colocados nas páginas de trabalhos científicos e lá definiram o que é preciso ter para ser. Nos livros e artigos, esses seres vivem muito bem, todavia no mundo real é muito difícil encontrá-los. Aqui o padrão se torna exceção e a “verdadeira transexual” e a “verdadeira travesti” tornam-se lendas como o Saci-Pererê, provando a sua não existência. Se pararmos para pensar, vamos perceber que não temos subsídios para definir o que é um homem ou uma mulher “de verdade”, e se esses são a norma, imagina então definir o que foge dela?

Isso tudo, então, nos mostra que a opção mais sensata e correta é classificar as colaboradoras como nem uma, nem outra categoria. Olhando-as, como coloca Barbosa (2010, p. 5) como “pessoas que foram assignadas como nascidas do sexo masculino e construíram o que consideram feminino em seus corpos”, classificando-as apenas como indivíduos.

Classificar, já que os sujeitos precisam de signos com os quais se identificam. É por meio deles que eles ganham um lugar no mundo, uma identidade e, no caso de transexuais e travestis, são esses signos que justificam sua identidade (Bento, 2011). A terminologia é importante, posto que “são os nomes pelos quais somos chamados, que justificam os paus e pedras que nos atingem” (Gagnon, 2006, p. 168).

É preciso que tenhamos nossos olhos e mentes educados socialmente para sabermos que todos somos iguais, em especial transexuais e travestis. No final das contas, quando existe uma necessidade externa e interna para se nomear e definir algo, torna-se muito difícil permanecer fora das categorias já estabelecidas ou mesmo criar novas. Contudo, no final quem se define somos nós mesmos (Benvenutty, 2010). É como aponta Almeida (2010), quando coloca que prefere manter em sua nomenclatura o termo transexual, pois enxerga que as marcas de socialização do gênero de origem são irreversíveis e profundas, configurando diferenças. Além disso, a identidade também faz parte dos roteiros sexuais de todos nós e tem influência na construção e manutenção dos três níveis de roteirização. Ao nos enquadrarmos em determinado espaço, tal atitude interferirá na nossa maneira de ser e se tornará mais um elemento que nos fará ser aquilo que somos.

Mas um foco que temos de manter dentro de toda essa discussão de termos e conceitos é o de que para algumas pessoas pertencentes ao Universo *Trans*, isso é uma questão de saúde. Kosenko (2010) vai apontar que a saúde sexual para as pessoas *Trans* engloba aspectos físicos, emocionais e sexuais. Por conta disso, é preciso que as equipes de saúde estejam preparadas para lidar com todos os aspectos das *Trans*, sejam exclusivos desses indivíduos ou não (Benvenutty, 2010). Afinal de contas, travestis e transexuais também pegam gripe. Com as colaboradoras, abordamos dois pontos que são de extrema importância para a saúde desses indivíduos: a cirurgia de redesignação e o uso do preservativo.

Em relação à cirurgia, algumas foram as colaboradoras que demonstraram interesse e vontade em realizar o procedimento. Érika e Alice foram as duas que mais circundavam essa questão com expectativas, sonhando com as mudanças de vida acarretadas pela cirurgia. Pinto (2002) aponta para a existência de expectativas muito altas em torno do procedimento, trazendo que as mulheres transexuais chegam a apostar tudo neste quesito. Contudo, a própria autora vai colocar que é preciso reduzir essas esperanças, posto que a cirurgia têm seus riscos. As colaboradoras, no entanto, não parecem extrapolar suas expectativas, ligando o procedimento apenas a um conforto maior. Gisele é a única que anseia pela cirurgia focada na questão sexual. Ela busca a possibilidade de fazer o que define como sexo normal, isso é, o intercurso vaginal. Histórias de desistências também foram comuns. Entretanto, as

colaboradoras que chegaram a buscar o procedimento, mas não o realizaram, demonstraram decisão ao afirmarem que não sentem mais a necessidade dessa modificação corporal. Como apontado por Galli (2009), o corpo é um elemento na construção da identidade. Isso nos mostra que as colaboradoras conseguem criar sua autenticidade e seu sujeito sexual sem um foco na genitália. Já as colaboradoras transgenitalizadas corroboram com as pesquisas no campo (Cuyper et. al, 2005; Lobato et. al, 2006; Rehman et. al., 1999) que mostram altos índices de satisfação e adaptação a nova genitália. Agnes e Bárbara afirmam estar satisfeitas com suas cirurgias e as mudanças acarretadas por essas em suas vidas. A primeira, até mesmo possuindo uma neovagina não funcional, conseguiu uma boa adaptação e afirma que só o fato de não ter mais um pênis já torna o resultado maravilhoso.

No quesito do uso do preservativo, as práticas de risco e os padrões de uso variam dependendo do parceiro, da fase de vida, do contexto e da cultura. Contudo, o número de coincidências entre os discursos das colaboradoras foi o maior encontrado. Sabemos que a epidemia da AIDS desvelou alguns eventos na cultura brasileira, como as relações homossexuais, a falta de poder do sujeito passivo dentro da relação e a dupla moral dos homens. Além disso, a AIDS é o produto de estruturas sociais e, por esse motivo, pertencer a um grupo discriminado reduz a capacidade de aprender e responder a epidemia (Paiva, 2000).

As colaboradoras trazem em suas narrativas muito do discurso da necessidade de prevenção e relatam em sua maioria o uso do preservativo mais voltado às práticas de penetração, no caso, o sexo anal. Todas afirmam que utilizam a camisinha em todos os seus encontros com intercurso anal, mas também confessam escorregadas nas quais o preservativo foi deixado de lado. O fato de o rapaz ser muito bonito ou possuir uma aparência saudável foram alguns dos motivos que levaram a camisinha a ser mantida guardada. Essa ideia relacionada à aparência da pessoa ou da genitália poder ser usada como evidência da ausência de doenças é muito difundida entre as participantes e apontado em pesquisas como um pensamento comum a população (Paiva, 2000). Além disso, algumas colaboradoras trazem em seu discurso uma noção de relação interpessoal unilateral, na qual fica claro um pensamento que só possibilita a infecção proveniente do outro, sendo que elas não se veem como possíveis transmissoras. As colaboradoras com orientação homossexual, por sua vez, afirmam ser nulo o uso do preservativo em suas relações. Bárbara e Tânia deixam o preservativo de lado, pois não há a relação de penetração, trazida pelo discurso cultural como “a” prática sexual, como a única prática “natural” e, portanto, a única que poderia transmitir algo (Kulick, 2008).

Quando o parceiro sexual é também o parceiro afetivo, o preservativo some de vista. São poucas as colaboradoras que afirmam efetivar esse ato somente após uma conversa entre o casal e a realização de testes preventivos. No caso de Renata e Márcia, o fato de terem namorados fez com que elas passassem a utilizar mais o preservativo com os clientes. Todavia, a camisinha não esteve presente, segundo elas, desde o primeiro momento em que passaram a se relacionar afetivamente com os rapazes. Essa tendência à retirada do preservativo em relacionamentos fixos, quando o amor e a confiança estão envolvidos, também é apontado como comum. Além disso, para as profissionais do sexo o preservativo pode ser visto como objeto de trabalho e que divide o homem de casa do homem da rua (Kulick, 2008; Paiva, 2000).

No sexo oral, a falta de preservativo é quase unânime entre as colaboradoras. As exceções aparecem com Gisele e Amanda, que afirmam fazer uso do preservativo em toda e qualquer prática sexual. Amanda tem um motivo a mais para tal – por ser a única participante que é soropositiva – mas assegura que a proteção é para ela e não para o parceiro. O mesmo fator acontece em relação aos testes preventivos. Excluindo Gisele que diz fazê-los por precaução e algumas outras colaboradoras que também realizaram testes com caráter preventivo em alguma ocasião da vida, a maioria delas só vai atrás de um teste dessa natureza se for um pedido médico ligado a outros fatores como a doação de sangue ou cirurgias plásticas. É por essa razão que Adelaide, uma das poucas colaboradoras que já teve uma doença sexualmente transmissível, só se tratou após a aparição de alguns sintomas como verrugas e manchas.

Apesar de Paiva (2000) apontar como um fator que dificulta o comportamento de prevenção a falta de acesso aos meios para se proteger, parece-nos que as participantes tem todas as condições de acesso a camisinhas e exames. Desse ponto de vista, a falta de prevenção das colaboradoras parece estar relacionada a questões comportamentais de cada uma delas. Podemos pensar nisso, em especial, quando Melissa relata que apesar de ter vontade de realizar o teste, ainda não o fez por falta de tempo e preguiça.

Sabemos, contudo, que não são somente os fatores comportamentais os influenciadores nesse tipo de situação. Cuyper (2005), Joesoef et. al., (2003) e Melendez e Pinto (2007) apontam o preconceito como um fator que pode levar as pessoas *Trans* a se envolverem em comportamentos de risco. Práticas violentas, machucados, a falta de diálogo que dificulta negociações e até mesmo a inexistência de vocabulário para se referir ao corpo *Trans* são assinalados como elementos que também podem interferir na prática do sexo seguro (Kosenko, 2010; Pelúcio, 2010). Diversos desses fatores apareceram também nas

entrevistas, seja em situações recentes ou passadas, auxiliando a evidenciar a necessidade de maiores e melhores programas de prevenção voltados a essas pessoas e mostrando as áreas nas quais as ciências médicas têm de realmente trabalhar: nas reorientações da conduta sexual.

7.4. Vale tudo – O erótico e o sexual no Universo *Trans*

O sexo é como qualquer outra atividade humana. Além de também ser construído socialmente, ele é parte presente na vida de cada indivíduo, mesmo que isso aconteça das mais diversas maneiras. Por essa razão, quando buscamos observar e compreender a dinâmica no campo sexual, não basta apenas descrevermos e numerarmos atividades e práticas sexuais, mostrando como os corpos se arranjam nelas. É preciso investigar também o grupo, o contexto, os sentidos e significados dados a cada elemento envolvido nessa esfera. É preciso saber que as práticas não existem fora do roteiro, do contexto e do personagem (Heilborn, 2006; Paiva, 2000).

Segundo o discurso de gênero, o sexo para o homem é uma necessidade física, enquanto que para a mulher é preciso existir a junção deste com o amor (Bozon, 2004; Heilborn, 2006). Mas será que é só isso? E quando nos referirmos a pessoas que tem aspectos tanto masculinos quanto femininos? As colaboradoras trazem o sexo com suas diversas facetas. Para elas, o sexo tem diversas definições e vários caminhos para ser observado. De um lado, ele é uma maneira legal de duas pessoas juntas fazerem algo divertido, gostoso e prazeroso, envolvendo amor e afetividade. É uma junção de macho e fêmea que está ligada a reprodução e na qual ela se sente mulher e ele homem. É uma troca que cria um momento íntimo entre dois indivíduos, envolvendo carinho e confiança. Entretanto, por outro lado, o sexo é uma necessidade, algo sem sentimento, feroso, quente e gostoso. É loucura, fantasia e desejo. É algo que traz de dentro de cada ser o que existe de mais sórdido. É algo sem sentido que envolve uma descarga de energia, um gozo para o alcance de um prazer momentâneo. O sexo não tem limites e, ao mesmo tempo, é limitado por cada um de nós. É, enfim tudo, complexo em sua plenitude e bom, mas que cansa. Para a grande maioria, o sexo é um componente importante em suas vidas. Contudo, esse nível de importância tem grande variação saindo do muito importante, passando pelos 50%, 40%, 30% e chegando até ao

indiferente. É interessante notar que as colaboradoras em estágios iniciais de transformações e imersão no mundo *Trans* são as que menos importância conferem ao sexo.

Diferentemente desse, o prazer para as participantes parece ter um aspecto mais homogêneo, tanto em sua definição como em seu grau de importância. O prazer só ganha aspectos positivos vindos tanto do plano físico quanto do psicológico e não somente relacionados ao ato sexual em si. Aliás, foram poucas as colaboradoras que ligaram o prazer ao intercuro sexual de maneira direta. Márcia apontou que o prazer é o momento do gozo e foi acompanhada por outras participantes, por meio de expressões como libertação, intenso e o objetivo do jogo. Contudo, todas apontaram no decorrer da entrevista que o prazer é algo buscado por elas e tem uma grande importância em suas vidas, assim como o orgasmo, apontado por algumas como um fator que não pode faltar no sexo. Além disso, as participantes profissionais do sexo demonstram atitude contrária a apontada por Kulick (2008) levando o prazer em conta com clientes e namorados e não só com os primeiros.

No meio disso tudo e como ferramentas para o desenvolvimento de todos esses fatores estavam às práticas sexuais. Elas são diferentes em cada sociedade, podendo ter caráter diversos (Heilborn, 2006). No Brasil, estudos mostram um cenário sexual bem diversificado. Barbosa e Koyama (2008) levantaram em sua pesquisa diversos aspectos dos comportamentos de homens e mulheres no nosso país. Segundo os autores, o homem tem sua entrada na vida sexual mais cedo do que a mulher, fator apontado por outros autores também (Bozon, 2004, Heilborn, 2006). A sexualidade da mulher, no entanto, mostrou um aumento maior no período de tempo pesquisado (1998-2005), em especial na prática do sexo oral. Contudo, o intercuro vaginal ainda é a prática predominante com 100% das pessoas entrevistadas relatando sua prática, sendo para grande parte exclusiva. Além disso, o número de homens que tem mais de um parceiro sexual é cinco vezes maior do que o de mulheres.

As colaboradoras também se encaixam em alguns desses aspectos apontados. Com exceção de Tânia que teve seu início sexual aos 16 anos e Agnes que teve o seu aos 18, as demais participantes começaram a vida sexual com idades inferiores aos 15 anos, sendo mais comum o intervalo dos 11 aos 13. A maioria dessas iniciações se deram com rapazes mais velhos ou adultos, fator que também é apontado por Kulick (2008). A exceção desse fator aparece com as colaboradoras lésbicas, que tiveram como primeiras parceiras sexuais mulheres com idades mais próximas da sua. Em relação às práticas propriamente ditas o sexo anal é o mais citado, seguido pelo sexo oral. Podemos considerar essa informação corroborando com o encontrado por Barbosa e Koyama, se pensarmos que a prática do sexo anal para o grupo estudado acaba por tomar o lugar do sexo vaginal (já que somente duas

delas são redesignadas, sendo uma lésbica e a outra tendo uma vagina não funcional) como a prática principal. É interessante notar que essa prática de penetração é sempre a primeira a aparecer na descrição de uma cena sexual, sendo poucas as colaboradoras que trouxeram o sexo oral ou outras práticas de forma espontânea. A maior parte delas só apontaram as demais práticas depois de questionadas diretamente a respeito da presença delas em suas cenas.

Podemos pensar que essa ênfase no intercurso anal tem relação com o discurso do gênero e com a busca de uma legitimação da feminilidade. Isso porque as posições sexuais mais comuns para a prática do sexo anal deixam o passivo em um papel de dominado em relação ao ativo, como por exemplo, a posição de quatro ou de frango assado (posições relatadas por algumas colaboradoras como suas preferidas). Além disso, elas utilizam-se de termos como “comer” e “dar”, que também passam a ideia da oposição ativo/passivo e de dominação de um sobre o outro (Bozon, 2004; Parker, 1991). Tudo isso aponta para as diferenças entre os gêneros, fato que as coloca no lugar de mulheres “de verdade”.

Como único elemento ou como o auge do ato, as práticas de penetração são aparentemente tidas, como trazido por Kulick (2008), as práticas que levariam ao prazer para as que as praticam. No caso das colaboradoras lésbicas, vemos uma reinterpretação desse prazer para algo mais essencial, como chama Bárbara, algo que parece pertencer mais a esfera psicológica do que física. Contudo, Gisele afirma possuir certo desconforto com o sexo anal, pois preferiria realizar o intercurso vaginal, prática considerada “verdadeira” para a colaboradora. Esse preconceito pode ter relação com o fato de a prática anal estar delimitada dentro do pensamento social ao sexo *gay*, o que desqualificaria a posição de Gisele na esfera do feminino (Soares, 2012).

O sexo oral, por sua vez, só ganha grande destaque no discurso de Agnes. Essa prática que antigamente era considerada como especialidade de prostitutas, mas que se banalizou nos dias atuais (Bozon, 2004), é tida por essa colaboradora como sua prática preferida quando é ela quem está recebendo, fato que legitima sua vagina não funcional. É interessante notarmos que algumas das participantes profissionais do sexo afirmaram não gostar de praticar o sexo oral.

As preliminares são destacadas por elas como essenciais. As colaboradoras não dispensam a presença de beijos e carícias antes das práticas de penetração e algumas incluem também as carícias pós-relação como importantes. Esse fato corrobora com o apontamento feito por Giddens (1993) de que as mulheres tendem a considerar como não satisfatória a atividade sexual que não envolva relações mais amplas, isso é, práticas que não se focam apenas nas genitálias. A exceção é Amanda que afirma não gostar de beijar por ter nojo de

fluídos corpóreos e por isso não apreciar nenhum tipo de contato além da penetração. Já nas mãos de Amélia, as preliminares ganham um caráter sedutor para atrair clientes.

A masturbação, por sua vez, recebe menos ênfase por parte das colaboradoras. Apesar de ser uma prática apontada como fonte importante de prazer e recomendada para a melhora das repostas sexuais (Giddens, 1993) sua frequência é bem baixa entre o grupo estudado. São poucas as que afirmam se masturbar sozinhas e com certa frequência. A maior parte das colaboradoras coloca que só se masturbam durante a relação sexual ou não se masturbam de maneira nenhuma. Enquanto uma parte das colaboradoras justifica o grande número de relação como causa da baixa frequência masturbatória, outras indicam que essa prática ficou nos tempos de adolescente e outras ainda afirmam terem se masturbado apenas uma vez na vida.

A masturbação, por sua vez, está relacionada à fantasia (Bozon, 2004) e esse campo parece ser mais fértil. A fantasia é como um sonho, uma sequência de imagens mentais relacionadas ao desejo sexual. Ela pode tanto libertar quanto prender e tem a capacidade de dissolver as repressões e restrições sociais, pois reorganiza simbolicamente a realidade na busca de realizar os desejos multifacetados (Gagnon, 2006; Giddens, 1993; Parker, 1991). Bozon (2004) coloca que as fantasias mais comuns são relacionadas aos parceiros com sexualidade transbordando ou extremamente românticos. Além disso, os homens tendem a fantasiar mais com pessoas conhecidas ou com múltiplos parceiros. O mesmo autor ainda afirma que fantasias são baseadas em experiências pessoais, cenários culturais e elaborações fantásticas e são construções sociais também.

Podemos vislumbrar todos esses elementos na lista de fantasias trazida pelas colaboradoras, confirmando a natureza diferente das levantadas por Benites (1996) em seu trabalho com travestis que apontava para conteúdos luxuosos, riqueza e ostentação além de um surpreendente poder de sedução por parte da dona da fantasia. Com temas relacionados a homens e mulheres, elas se atêm aos clássicos ou permitem a imaginação voar. Sexo com bombeiro, um encontro romântico e a utilização de fantasias (roupas) são exemplos clássicos e tidos como femininos. Contudo, a maioria das fantasias sai do comum ou contém elementos apontados pelos estudos como do universo masculino. Como exemplos, podemos citar o sexo de ponta cabeça, a transa com alguém conhecido, a mulher dominadora e o sexo com dez homens.

O sexo a três aparece por mais de uma vez como fantasia, mas grande parte delas já conseguiu realiza-la por conta do mundo da prostituição, que abre um espaço maior para experiências não convencionais. Silvia é a única a trazer um relato detalhado da realização de

uma fantasia relacionada ao sequestro dela por parte do parceiro. Talvez isso esteja ligado ao fato desta ser uma fantasia legitimadora, já que ela interpreta o papel de quem é dominado. As participantes que não relataram possuir fantasias apontaram para o fato de já terem realizado todas as suas e não apresentarem nenhuma nova. A exceção é Kelly que afirma categoricamente não ter nenhuma fantasia. Podemos pensar que, no caso da colaboradora, o fato de buscar ser uma mulher “de verdade” atua como uma grande fantasia, querendo ser realizada e não abrindo espaço para outra.

O fetiche aparece misturado à fantasia na maior parte das vezes e são poucas as colaboradoras que souberam diferencia-los. Quando independente, o fetiche mais comum se relacionava a peças íntimas masculinas. Também ligado ao mundo da fantasia estão os vídeos pornô. Pornografia quer dizer em sua etimologia “escritos sobre prostitutas e prostituição”. Ela oferece imagens estereotipadas de gênero (Bozon, 2004). Todas as colaboradoras afirmam já terem assistido a um filme pornô em algum momento da vida. Todavia, são poucas as que dizem possuir esse hábito até os dias de hoje. Uma boa parcela do grupo estudado só assiste a esse tipo de filme no quarto de motel. Entre as participantes que ainda veem filmes, o gênero preferido é o *gay*.

Poderíamos pensar que o gênero mais apontado seria o *Trans*, já que elas poderiam, assim como fazem héteros e gays, se identificarem com as pessoas atuando. Contudo, o filme com transexuais ou travestis como estrelas possuem um roteiro bem específico, como apontado por Escoffier (2011). Esse autor traz que nos pornô *Trans* a cena segue sempre o mesmo roteiro: o homem encontra uma bela mulher e a paquera, os dois começam as carícias quando o rapaz descobre a “surpresa” que a moça lhe guardava. A partir desse ponto, a transexual ou travesti toma o controle e domina o homem na cena, podendo inclusive penetra-lo no final. Esse tipo de filme é classificado como hétero pelo fato da interação se dar entre uma figura masculina e uma feminina. Para nossas colaboradoras tal filme traria uma identificação com uma figura de dominação, ou seja, masculina. Com isso, podemos pensar que o gênero *gay* é escolhido pelo fato delas poderem se imaginar interagindo com homens que mantem o estereótipo de macho e não o que se deixa penetrar pela “mulher”. Outro ponto de vista possível é que o filme *gay* também permite essa ideia de submissão do homem. Contudo, tal submissão é realizada por outro homem e não por uma transexual ou travesti como elas, fato que não quebra estereótipos dos roteiros.

Diferentemente do sexo a três, já mencionado como prática com grande presença entre as colaboradoras, o *swing* ou troca de casais é unanimemente rejeitado por elas. A razão para isso talvez esteja no fato apontado por Pelúcio (2006b) de que as pessoas *Trans* tem medo de

serem abandonadas ou substituídas em seus relacionamentos. Isso fica representado por algumas justificativas dadas para a não realização do *swing*, que incluíam a frase “o que é meu, é meu”. Da mesma forma, os lugares voltados ao sexo como *dark room*, saunas *gay* e cinemas pornô são rejeitados. O *dark room* é o local que mais foi frequentado pelas colaboradoras, mas a maioria o fez por curiosidade ou brincadeira. Esses locais são apontados por elas como nojentos, promíscuos e masculinos, fatores que não se relacionam com seu lugar como mulher. Isso fica claro na fala de Melissa que diz ter medo de sofrer violência caso entre nesses lugares toda feminina. Entretanto, algumas delas chegam a expressar curiosidade em conhecer esses locais.

Muitas das colaboradoras já receberam por sexo por estarem ou já terem atuado como profissionais do sexo e encaram isso como uma profissão igual a outra qualquer. Contudo, quando a situação é inversa, às opiniões se dividem. A maioria das colaboradoras nunca requereu esse tipo de serviço, mas elas se mostram dispostas a pagarem levando em conta algumas condições: dinheiro de sobra, falta de oferta dos homens que as procuram espontaneamente para o sexo e uma idade mais avançada. As participantes não dispostas a tal atitude argumentam que os homens são todos iguais, portanto não é preciso pagar um se este se assemelha ao homem que se consegue de graça ou então que é uma atitude feia e nada feminina. Segundo Soares (2012), a prostituição remete ao esquema de patriarcado no qual o homem submete a mulher a seu domínio para gratificação rápida. Podemos pensar que as colaboradoras que se recusam a pagar, na verdade se recusam a inversão de papéis nesse cenário, o que as retiraria de seu espaço feminino.

A maior dificuldade encontrada em analisar as práticas sexuais, foi o fato das colaboradoras não se sentirem a vontade em relatá-las com detalhes. Expressões do tipo “ah, você sabe” foram lugar comum durante as entrevistas. Esse pudor na expressão das práticas sexuais é apontado por Heilborn (2006) como comum as mulheres, enquanto os homens tendem ao exagero. Contudo, mesmo através de rubores e meias palavras pudemos vislumbrar essa faceta tão encoberta do Universo *Trans*.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das experiências sexuais e de vida relatadas pelas colaboradoras, pudemos levantar pontos pertencentes aos diferentes níveis de roteirização e que se mostraram presentes nas narrativas e nos roteiros construídos por elas. Com algumas discordâncias entre o discurso e a conduta, as colaboradoras criam suas teses a respeito da sexualidade para melhor conviverem com seus seres sociais e demonstram capacidade para manipularem e improvisarem seus roteiros. Todavia, os cenários culturais são presença esmagadora e engessam essas pessoas que buscam apenas uma validação de sua condição humana.

Assim, como entre os humanos, encontramos uma sexualidade plástica dentro do Universo *Trans*, que permite a proliferação de diferentes identidades e atitudes. As colaboradoras demonstram uma grande variedade de visões sobre o sexo e os relacionamentos afetivos, narrando desilusões, medos, alegrias, prazeres e gozos em suas experiências. Da mesma forma que existe no mundo heteronormativo, vemos transexuais e travestis que sonham com um relacionamento, que gostam de sexo, que inovam e diversificam suas práticas sexuais, que buscam o prazer e outras que se mantêm dentro de um padrão conservador, demonstrando certo pudor e cautela ao abordar essa temática.

No presente estudo, buscamos abarcar as diversas facetas do Universo *Trans* para que os dados colhidos pudessem ampliar e abrir nossa visão para nos atentarmos aos dilemas e experiências vivenciados por esses indivíduos dentro da sexualidade. Contudo, percebemos que este trabalho contém limitações. O fato de só haverem duas mulheres transexuais redesignadas compondo o grupo estudado pode ter limitado a observação dessa parcela das pessoas *Trans*, deixando de lado experiências diferenciadas que esses indivíduos com certeza vivenciam no campo da sexualidade. Por esse fato, indicamos a necessidade de estudos futuros que abranjam mais as possibilidades de existência que compõem a população *Trans* como um todo para que possamos percebê-las como simples mulheres, como as demais que perpassam por entre nossos olhares. São Marias, Joanas, Dalilas, Madalenas e Jezebéis, transviadas criaturas que transpiram para transmutarem seus roteiros, transitando entre cenários e pessoas, transcendendo ideias e conceitos na tentativa de transmitir seus sonhos “transcendentes” de sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹⁶

- Abreu, F. G. O. (2005). *Transexualismo: Um estudo sobre a representação de si no método de Rorschach*. Dissertação de mestrado, Faculdade Católica de Brasília, Brasília.
- Adelman, M., Ajajime, E., Lopes, S. B. & Savrasoff, T. (2003). Travestis e transexuais e os outros: identidade e experiências de vida. *Gênero*, 4(1), 65-100.
- Alcântara, V. L. M. (2002). *Análise jurídica de uma decisão polêmica: Poderá o transexual retificar seu registro de nome e sexo?* Projeto de pesquisa apresentado à professora Sílvia Mota como exigência da disciplina Metodologia de Estudos Universitários, do Curso de Direito da UNESA. Recuperado em 03 de abril de 2007 de <http://goo.gl/q1lupy>.
- Almeida, G. S. (2010). Reflexões iniciais sobre o processo transexualizador no SUS a partir de uma experiência de atendimento. In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 117-148). São Paulo: Oficina Editorial.
- American Psychiatric Association (1952). *Diagnostic and Statistic Manual Mental Disorders I*. Washington, DC: Amer Psychiatric Pub.
- American Psychiatric Association (2002). *Diagnostic and Statistic Manual Mental Disorders IV-TR*. Washington, DC: Amer Psychiatric Pub.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Agora*, 9(1), 49-63.
- Arán, M (2010). A saúde como prática de si: do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade. In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 75-94). São Paulo: Oficina Editorial.
- Arán, M., Murta, D., & Lionço, T. (2009). Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), 1141-1149.

¹⁶ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

- Arent, M. (2011). Gênero, desejo e erotismo: um caso de comparação entre “Clubes de Mulheres” em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. *Cuadernos de Antropología Social*, 34, 69–92.
- Arilha, M., Lapa, T. S. & Pisaneschi, T. C. (Orgs.) (2010). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos). São Paulo: Oficina Editorial.
- Arrondo, J. L. (2008). La sexualidad supone disfrutar, comunicarse, sentirse mejor y estar más sano. *Revista Internacional de Andrologia*, 6(4), 260-264.
- Athayde, A. V. L. (2001). Transexualismo masculino. *Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabolismo*, 45(10), 407-414.
- Azevedo Jr., J. H. (2002). *Travesti: o homem borboleta uma compreensão fenomenológica sobre o transvestitismo*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Frassinetti do Recife, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Recife.
- Baltieri, D. A. (2005). *Consumo de álcool e outras drogas e impulsividade sexual entre agressores sexuais*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Baqi, S., Shah, S. A., Baig, M. A., Mujeeb, S. A. & Memon, A. (1999). Seroprevalence of HIV, HBV, and syphilis and associated risk behaviours in male transvestites (Hijras) in Karachi, Pakistan. *Journal Pakistan Medical Association*, 56(Suppl 1), 17-21.
- Barbosa, B. C (2010). *Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Barbosa, R. M. & Koyama, M. A. H. (2008). Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. *Revista de Saúde Pública*, 42(Supl 1), 21-33.
- Belza, M. J., Llacer, A., Mora, R., Fuente, L., Castilla, J., Noguera, I. & Cañellas, S. (2000). Características sociales y conductas de riesgo para el VIH en un grupo de travestis y transexuales masculinos que ejercen la prostitución en la calle. *Gaceta Sanitaria*, 14(5), 330-337.
- Benedetti, M. (2005). *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade). Rio de Janeiro: Garamond.

[Benites, M. J. O. \(1996\). Fantasias sexuais dos “travestis”. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 7\(ed. especial 1\), 26-43.](#)

Benjamin, H. (1966). *The transsexual phenomena*. New York: Julian Press.

Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade). Rio de Janeiro: Garamond.

Bento, B. (2008). *O que é transexualidade*. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense.

Bento, B. (2010). Gênero: uma categoria cultura ou diagnóstico? In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 167-187). São Paulo: Oficina Editorial.

Bento, B. (2011). Política da diferença: feminismos e transexualidade. In Colling, L. (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* (pp. 79-110). Salvador: Edufba.

Benvenutty, F. (2010). Transexualidade, Travestilidade: aspirações e demandas das pessoas trans (travestis e transexuais). In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 252-257). São Paulo: Oficina Editorial.

Biasoli-Alves, Z. M. M. & Dias da Silva, M. H. G. F. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: Uma proposta. *Paidéia: Cadernos de Educação*, s/v(2), 61-69.

Bockting, W. O., Benner, A. & Coleman, E. (2009). Gay and bisexual identity development among female-to-male transsexuals in North America: emergence of a transgender sexuality. *Archives of Sexual Behavior*, 38(5), 688-701.

Bockting, W. O., Miner, M. & Simon Rosser, R. B. (2007). Latino men's sexual behavior with transgender persons. *Archives of Sexual Behavior*, 36(6), 778-786.

Bockting, W. O., Robinson, B. E., Forberg, J. & Scheltema, K. (2005). Evaluation of a sexual health approach to reducing HIV/STD risk in the transgender community. *AIDS Care*, 17(3), 289-303.

- Bouman, W. P.; Bauer, G. R.; Richards, C. & Coleman, E. (2010). World professional association for transgender health consensus statement on considerations of the role of distress (Criterion D) in the *DSM* diagnosis of gender identity disorder. *International Journal of Transgenderism*, 12, 100–106.
- Brotto, L. A.; Gehring, D., Klein, C., Gorzalka, B. B., Thomsom, S. & Knudson, G. (2005). Psychophysiological and subjective sexual arousal to visual sexual stimuli in new women. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 26(4), 237-244.
- Brown, G. R., Wise, T. N., Costa, P. T., Herbst, J. H., Fagan, P. J. & Schmidt, C.W. (1996). Personality characteristics and sexual functioning of 188 cross-dressing men. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 184(5), 265-273.
- Brown, N. R. (2010). The sexual relationships of sexual-minority women partnered with trans men: a qualitative study. *Archives of Sexual Behavior*, 39(2), 561-572.
- Bozon, M. (2004). *Sociologia da sexualidade* (M. L. Menezes, trad.). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (R. Aguiar, trad.). São Paulo: Civilização Brasileira.
- Cardoso, F. L. (2005). Inversões do papel de gênero: “Drag queens”, travestismo e transexualismo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 421-430.
- Carvalho, M. F. L. (2011). *Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travesti e transexuais*. Dissertação de mestrado, Instituto de Medicina, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Ceccarelli, P. R. (1998). Transexualismo e identidade sexuada. In: A. Viviane (Org.), *Temas da clínica psicanalítica* (pp. 137-147). São Paulo: Experimento.
- Ceccarelli, P. R.. (2003). Transexualismo e caminhos da pulsão. *Reverso*, 25(50), 37-50.
- Ceccarelli, P.R. & Franco, S. (2010). Homossexualidade: verdades e mitos. *Bagoas*, s/v(5), 119-129.
- Chauí, M. (1991). *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.

- Chew, S., Tham, K. F. & Ratnam, S. S. (1997). Sexual behaviour and prevalence of HIV antibodies in transsexuals. *Journal of Obstetrics and Gynaecology Research*, 23(1), 33-36.
- Chivers, M. L. & Bailey, J. M. (2000). Sexual orientation of female-to-male transsexuals: a comparison of homosexual and nonhomosexual types. *Archives of Sexual Behavior*, 29(3), 259-278.
- Chivers, M. L., Rieger, G., Latty, E. & Bailey, J. M. (2004). A sex difference in the specificity of sexual arousal. *Psychological Science*, 15(11), 736-744.
- Commissioner for Human Rights (2009). *Human rights and gender identity*. França: Commissioner for Human Rights.
- Crosby, R. A. & Pitts, N. L. (2007). Caught between different worlds: how transgendered women may be "forced" into risky sex. *Journal of Sex Research*, 44(1), 43-48.
- Cuypere, G.; Knudson, G. & Bockting, W. (2010). Response of the world professional association for transgender health to the proposed DSM 5 criteria for gender incongruence. *International Journal of Transgenderism*, 12, 119–123.
- Cuypere, G., T'Sjoen, G., Beerten, R., Selvaggi, G., Sutter, P., Hoebeke, P., Monstrey, S., Vansteenwegen, A. & Rubens, R. (2005). Sexual and physical health after sex reassignment surgery. *Archives of Sexual Behavior*, 34(6), 679-690.
- Dantas, B. S. A. (2010). Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 700-728.
- Daskalos, C. T. (1998). Changes in the sexual orientation of six heterosexual male-to-female transsexuals. *Archives of Sexual Behavior*, 27(6), 605-614.
- Devor, H. (1993). Sexual Orientation Identities, Attractions, and Practices of Female-to-Male Transsexuals. *Journal of Sex Research*, 30(4), 303-315.
- Diamont, M. (2001). *Sex and gender are different: sexual identity and gender identity are different*. Recuperado em 29 de Abril de 2007, de <http://goo.gl/aa9Ca>

- Diaz, M., Diaz, J. (1999). Qualidade de atenção em saúde sexual e reprodutiva: Estratégias para mudança. In L. Galvão, J. Diaz (Orgs.), *Saúde sexual e reprodutiva no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Population Council.
- Docter, R. F., Fleming, J. S. (2001). Measures of transgender behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 30(3), 255-271.
- Duque, T. (2012). Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. *Estudos Feministas*, 20(2), 489-500.
- Duque, T. & Pelúcio, L. (2010). *Homossexualidades, estigmas e o discurso preventivo às DST/AIDS no Brasil ou como os gays deixaram de ser homens que fazem sexo com homens*. Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Recuperado em 16 de Maio de 2011, de <http://goo.gl/WBMH3>
- Ekins, R., King, D. (2001) Pioneers of transgendering: the popular sexology of David O. Cauldwell. *The International Journal of Transgenderism*, 5(2), 1-5. Recuperado em 21 de Julho de 2012, de <http://goo.gl/U0ZsU>
- Escoffier, J. (2011). Imagining the she/male: pornography and the transsexualization of the heterosexual male. *Studies in Gender and Sexuality*, 12, 268–281.
- Ewald, A. P. & Soares, J. C. (2007). Identidade e subjetividade numa era de incerteza. *Estudos de Psicologia*, 12(1), 23-30.
- Ferreira, A. B. H. (1980). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferreira, R. S. (2009). A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): Uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ciência da Informação*, 38(2), 35-45.
- Ferreira, S. M. A. (2012). *A sexualidade no cuidado de enfermagem de mulheres com câncer ginecológico e mamário*. Dissertação de Mestrado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Folha de São Paulo. (2008). *GLBTT poderão usar nomes sociais em prontuários do SUS*. Recuperado em 07 de Abril de 2008, de: <http://goo.gl/BlUv>

- Foucault, M. (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque, J. A. G. Albuquerque, trads.). Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1988).
- Gagnon, J. H. (2006). *Uma interpretação do desejo* (L. R. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Garamond.
- Gagnon, J. H. & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: the social sources of human sexuality*. New Jersey: AldineTransaction.
- Gagnon, J. H. & Simon, W. (1984). Sexual Scripts. *Society*, 23(6), 53-60.
- GLBTQ (2004). *Transgender*. Recuperado em 5 de Setembro de 2012, de <http://goo.gl/h6uli>
- Galli, R. A (2009). *Você é homem, você é mulher, eu sou transexual. Muito prazer! A construção da identidade em transexuais femininos: histórias de vida*. Monografia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Galvão, C. M.; Sawada, N. O. & Rossi, L. A. (2002). A prática baseada em evidências: considerações teóricas para sua implementação na enfermagem perioperatória. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 10(5), 690-695.
- Garcia, M. R. V. (2008). O cuidado do corpo entre travestis de baixa renda. *Sexualidades*, s/v(2), 3-17.
- Garcia, M. R. V. (2009). Alguns aspectos da construção do gênero entre travestis de baixa renda. *Psicologia USP*, 20(4), 597-618.
- Giacometti, A. A. (2002). *Eonismo*. Recuperado em 27 de Abril de 2010, de <http://goo.gl/oUxsw>
- Giami, A. (2011). Identifier et classifier les trans: entre psychiatrie, épidémiologie et associations d'usagers. *L'information psychiatrique*, 87, 269-77
- Giami, A., Beaubatie, E., & Bail, J. (2011). Caractéristiques sociodémographiques, identifications de genre, parcours de transition médicopsychologiques et VIH/sida dans la population trans. Premiers résultats d'une enquête menée en France en 2010. *Bulletin Épidémiologique Hebdomadaire*, 42, 433-437

- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas* (M. Lopes, trad.). São Paulo: Editora Unesp.
- Goddard, J. C., Vickery, R. M., & Terry, T. R. (2007). Development of feminizing genitoplasty for gender dysphoria. *The Journal of Sexual Medicine*, 4, 981-989.
- Goldenberg, M. (2001). Sobre a invenção do casal. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 1(1), 1-8.
- Gomes, V. L. O. (2006). A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas. *Texto & Contexto Enfermagem*, 15(1), 35-42.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana* (A. A. T. Serra, E. Ferreira, trans.). São Paulo: Roca.
- Gressler, L. A. (2003). *Introdução à pesquisa*. São Paulo: Loyola.
- Guedes, E. F. (1995). Gênero: o que é isso? *Psicologia ciência e profissão*, 15(1), 4-11.
- Guerra, R. B., Averasturi, L. M. G. (2001). Protocolo de intervención psicológica em la transexualidad. *Hojas Informativas de las Psicólogas de Las Palmas*, 4(43), 1-15.
- Guimarães, A. F. P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567.
- Harawa, N. T., Sweat, J., George, S. & Sylla, M. (2010). Sex and condom use in a large jail unit for men who have sex with men (MSM) and male-to-female transgenders. *Journal of Health Care for the Poor and Underserved*, 21(3), 1071-1087.
- Heilborn, M. L. (1998). “A primeira vez nunca se esquece”: trajetórias sexuais masculinas. *Revista Estudos Feministas*, 6(2), 394-405.
- Heilborn, M. L. (1999). Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In G. Velho (Org.). *Antropologia Urbana* (pp. 93-102). Rio de Janeiro: Editora Zahar.

- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Hernandez, J. A.E. & Oliveira, I.M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(3), 58-69.
- Hines, S. (2006). Intimate transitions: transgender practices of partnering and parenting. *Sociology*, 40(2), 353-371.
- Jimenez, L., Adorno, R. C. F. (2009). O sexo sem lei, o poder sem rei: Sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. *Cadernos Pagu*, 33, 343-367.
- Joesoef, M. R., Gultom, M., Irana, I. D., Lewis, J. S., Moran, J. S., Muhaimin, T. & Ryan, C. A. (2003). High rates of sexually transmitted diseases among male transvestites in Jakarta, Indonesia. *International Journal of STD & AIDS*, 14(9), 609-613.
- Justa, J. F. (2006). “*Justo quando a lagarta achava que o mundo tinha acabado, ela virou uma borboleta*”: Uma compreensão fenomenológica da travestilidade, a partir de narrativas. Monografia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Khan, A. A., Rehan, N., Qayyum, K. & Khan, A. (2008). Correlates and prevalence of HIV and sexually transmitted infections among Hijras (male transgenders) in Pakistan. *International Journal of STD & AIDS*, 19(12), 817-820.
- Kins, E., Hoebeke, P., Heylens, G., Rubens, R. & Cuypere, G. (2008). The female-to-male transsexual and his female partner versus the traditional couple: a comparison. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 34 (5), 429-438.
- Kosenko, K. A. (2010). Meanings and dilemmas of sexual safety and communication for transgender individuals. *Health Communication*, 25(2), 131-141.
- Kotula, O. & Haavio-Mannila, E. (2009). The impact of aging on human sexual activity and sexual desire. *Journal of Sex Research*, 46(1), 46-56.
- Kulick, D. (1997). A man in the house: the boyfriends of brazilian travesti prostitutes. *Social Text*, 15(52-53), 133-160.

- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil* (C. Gordon, trad.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Lawrence, A. A. (2005). Sexuality before and after male-to-female sex reassignment surgery. *Archives of Sexual Behavior*, 34(2), 147-166.
- Lawrence, A. A., Latty, E., Chivers, M. L. & Bailey, J. M. (2005). Measurement of sexual arousal in postoperative male-to-female transsexuals using vaginal photoplethysmography. *Archives of Sexual Behavior*, 34(2), 135-145.
- Leite Jr., J. (2008). *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transsexual” no discurso científico*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Lewins, F. (2002). Explaining stable partnerships among FTMs and MTFs: a significant difference? *Journal of Sociology*, 38(1), 76-88.
- Lima, V. M. (2009). *Atividade sexual dos pacientes submetidos à cirurgia de valvopatia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.
- Lobato, M. I., Koff, W. J., Manenti, C., Seger, D. F., Salvador, J., Fortes, M. G. B., Petry, A. R., Silveira, E. & Henriques, A. A. (2006). Follow-up of sex reassignment surgery in transsexuals: a Brazilian cohort. *Archives of Sexual Behavior*, 35(6), 711-715
- Louro, G. L. (1996). Nas redes do conceito de gênero. In M. J. M. Lopes, D. E. Meyer, V. R. Wladow (Orgs.), *Gênero e saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Love, B. (1997). *Enciclopédia de práticas sexuais* (M. F. Rodrigues, trad.). Rio de Janeiro: Gryphus.
- Machado, C. (2010). Transexualidade, direitos e saúde: aspirações e demandas das mulheres transexuais, na visão crítica de uma mulher transexual. In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 149-166). São Paulo: Oficina Editorial.
- Maksud, I. (2004). Em torno da heterossexualidade: Notas sobre mídia e relacionamentos sorodiscordantes. In A. P. Uziel, L. F. Rios, R. G. Parker (Orgs.), *Construções da sexualidade: Gênero, identidade e comportamento em tempos de AIDS* (pp. 13-28). Rio de Janeiro: Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA.

- Maksud, I. (2007). *Casais sorodiscordantes: conjugalidade, práticas sexuais e HIV/AIDS*. Tese de Doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Manzini, E. J. (1990/1991). A entrevista na pesquisa social. *Didática*, 26/27, 149-158.
- Melendez, R. M. & Pinto, R. (2007). 'It's really a hard life': love, gender and HIV risk among male-to-female transgender persons. *Culture, Health & Sexuality*, 9(3), 233-245.
- Menezes, C. (2011). A era do pós-gênero? *Carta Capital*, s/v, p.1. Recuperado em 15 de março de 2013 em <http://goo.gl/F5dri>.
- Michaelis (2009). *Dicionário escolar português*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Minayo, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento científico: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco.
- Ministério da Saúde (2008). Portaria No- 1.707, de 18 de Agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Brasília; DF: José Gomes Temporão.
- Miskolci, R. (2002/2003). Reflexões sobre normalidade e desvio social. *Estudos de Sociologia*, 13/14, 109-126.
- Modan, B., Goldschmidt, R., Rubinstein, E., Vonsover, A., Zinn, M., Golan, R., Chetrit, A. & Gottlieb-Stematzky, T. (1992). Prevalence of HIV antibodies in transsexual and female prostitutes. *American Journal of Public Health*, 82(4), 590-592.
- Moraes, F. (2009). *Instrumentalização social contra estigmas e preconceitos*. Recuperado em 27 de Abril de 2010, de <http://goo.gl/JiRbD>
- Nemoto, T., Operario, D., Keatley, J., Han, L. & Soma, T. (2004). HIV risk behaviors among male-to-female transgender persons of color in San Francisco. *American Journal of Public Health*, 94(7), 1193-1199.

- Nemoto, T., Operario, D., Keatley, J. & Villegas, D.(2004). Social context of HIV risk behaviours among male-to-female transgenders of colour. *AIDS Care*, 16(6), 724-735.
- Oltramari, L. C. (2009) Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669-677.
- Operario, D., Burton, J., Underhill, K. & Sevelius, J. (2008). Men who have sex with transgender women: Challenges to category-based HIV prevention. *AIDS and Behavior*, 12(1), 18-26
- Organização Mundial da Saúde (2008). *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. São Paulo: Edusp.
- Paiva, V. (2000). *Fazendo arte com camisinha: sexualidades jovens em tempos de Aids*. São Paulo: Summus.
- Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade. *Psicologia em Estudos*, 13(4), 641-651.
- Paiva, V.; Bugamelli, L.; Leme, B; Ventura-Filipe, E.; Tunala, L. & Santos, N. (1998). A vulnerabilidade das mulheres ao HIV é maior por causa dos condicionantes de gênero? *Cuadernos Mujer Salud*, 3, 34-38.
- Paixão, J. S. (2007). *Comportamento sexual de mulheres com síndrome dos ovários policísticos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo* (M. T. M. Cavallari, trad.). São Paulo: Editora Best Seller.
- Passos, A. D. C., Figueiredo, J. F. C. (2004). Fatores de risco para doenças sexualmente transmissíveis entre prostitutas e travestis de Ribeirão Preto (SP), Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 16(2), 95-101.
- Patton, M. Q. (1980). *Qualitative evaluation methods*. Beverly Hills: Sage.
- Pegoraro, R. F. (2002). *Familiares que cuidam de portadores de sofrimento mental: Histórias de dor, vidas e trabalho*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Pelúcio, L. (2006a). Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Estudos Feministas*, 14(2), 522-534.
- Pelúcio, L. (2006b). *Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis*. In XII Congresso Brasileiro De Sociologia (pp. 1-33). Recuperado em 6 de fevereiro de 2013 de <http://goo.gl/di3WA>.
- Pelúcio, L. (2010). Travestilidade e saúde: desafios contemporâneos ou muito além da Aids. In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 285-290). São Paulo: Oficina Editorial.
- Pelúcio, L. (2011). É o que tem pra hoje – Os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis. In Colling, L. (Org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* (pp. 79-110). Salvador: Edufba.
- Pereira, M. H. G. G. & Costa, L. F. (2007). Santa pecadora ou execrada santa? O autocuidado em mulheres soropositivas para HIV. *Psico-USF*, 12(1), 103-110.
- Peres, W. S. (2005). *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Peres, W. S. (2006). *Subjetividades das Travestis Brasileiras: Interfaces entre estigmas e construção da cidadania*. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos (pp. 1-8). Recuperado em 9 de outubro de 2012 de <http://goo.gl/cDk34>.
- Peres, W. S. & Toledo, L. G. (2011). Travestis, transexuais e transgêneros: novas imagens e expressões da subjetividade. In Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (Org.). *Psicologia e diversidade sexual* (Cadernos temáticos, vol. 11) (pp. 78-89). Recuperado em 18 de março de 2012 em www.crpsp.org.br.
- Picazio, C., Bittencourt, E., Brugnera, R., Araujo, A. R. (1998). *Sexo secreto: Temas polêmicos da sexualidade*. São Paulo: Summus.
- Pinheiro, T. F. (2010). *A abordagem à sexualidade masculina na atenção primária a saúde: possibilidades e limites*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Pinto, M. J. C. (2002). *O corpo desvela seu drama: A vivência do transexual masculino*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pinto, M. J. C. (2008). *A vivência afetivo-sexual de mulheres transgenitalizadas*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Pinto, M. J. C. & Bruns, M. A. T. (2003). *Vivência transexual: O corpo desvela seu drama*. Campinas: Átomo.
- Pinto, P.; Nogueira, M. C. & Oliveira, J. M. (2010). Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 374-383.
- Rachlin, K.; Dhejne, C. & Brown, G. R. (2010). The future of GID NOS in the *DSM 5*: report of the GID NOS working group of a consensus process conducted by the world professional association for transgender health. *International Journal of Transgenderism*, 12, 86-93.
- Rebello, L. E. F. S & Gomes, R. (2009). Iniciação sexual, masculinidade e saúde: narrativas de homens jovens universitários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 653-660.
- Rehman, J., Lazer, S., Benet, A. E., Schaefer, L. C. & Melman, A. (1999). The reported sex and surgery satisfactions of 28 postoperative male-to-female transsexual patients. *Archives of Sexual Behavior*, 28(1), 71-89
- Reisner, S. L., B. Perkovich & Mimiaga, M. J. (2010). A mixed methods study of the sexual health needs of New England transmen who have sex with nontransgender men. *AIDS Patient Care and STDs*, 24(8), 501-513.
- Rosengren, D. (2006). Corporeidade matsigenka: Uma realidade não biológica sobre noções de consciência e a constituição da identidade. *Revista de Antropologia*, 49(1), 133-163.
- Saadeh, A. (2004). *Transtorno de identidade sexual: Um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*. Tese de doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Saffiotti, H. I. B. (1985). Posfácio: Conceituando o gênero. In H. I. B. Saffiotti, V. Munhoz (Orgs.), *Mulher brasileira é assim* (pp. 271-281). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Santos, D. B. (2012). *Sexualidade e imagem corporal de mulheres com câncer de mama*. Tese de doutorado, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Santos, D. B. & Silva, R. C. (2008). Sexualidade e normas de gênero em revistas para adolescentes brasileiros. *Saúde e Sociedade*, 17(2), 22-34.
- Santos, R. B. (2006). *Homens com câncer de próstata: um estudo da sexualidade à luz da perspectiva heideggeriana*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schrock, D. P. & Reid, L. L. (2006). Transsexuals' sexual stories. *Archives of Sexual Behavior*, 35(1), 75-86.
- Scott, J. W. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16(2), 5-22.
- Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melaine Klein* (J. C. Guimarães, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Silva, H. R. S. (1993). *Travesti a invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Silva, W. F. S. (2010). *Elementos de erotismo e sexualidade nas cantigas de escárnio e de maldizer galego-portuguesas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Soares, M. (2012). *Homens parceiros de transexuais: diálogo fenomenológico de vivências afetivo-sexuais*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Soares, M. & Bruns, M. A. T. (2010). *Vivências afetivo-sexuais de parceiros de transexuais*. Trabalho apresentado no Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Recuperado em 16 de Maio de 2011, de <http://goo.gl/8JqQZ>

- Teixeira, F. B. (2008). *L'Italia dei Divieti: Entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. Cadernos Pagu, 31, 275-308.*
- Tsoi, W. F. (1993). Follow-up study of transsexuals after sex-reassignment surgery. *Singapore Medicine Journal, 34(6), 515-517.*
- Veale, J. F., Clarke, D. E & Lomax, T. C. (2008). Sexuality of male-to-female transsexuals. *Archives of Sexual Behavior, 37(4), 586-597.*
- Ventura, M. (2010). Balanço do cenário jurídico brasileiro em relação ao tema. In M. Arilha, T. S. Lapa & T. C. Pisaneschi (Orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à saúde* (Coleção democracia, estado laico e direitos humanos) (pp. 214-218). São Paulo: Oficina Editorial.
- Ventura, M., & Schramm, F. R. (2009). Limites e possibilidades do exercício da autonomia nas práticas terapêuticas de modificação corporal e alteração da identidade sexual. *Physis: Revista de Saúde Coletiva, 19(1), 65-93.*
- Vieira, T. R. (2000). Adequação de sexo do transexual: Aspectos psicológicos, médicos e jurídicos. *Psicologia: Teoria e Prática, 2(2), 88-102.*
- Villela, W. V. & Arilha, M. (2003). Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In E. Berquó (Org.), *Sexo e vida: Panorama da saúde reprodutiva no Brasil* (p. 95-150). Campinas: Editora Unicamp.
- Vincentiis, S. (2008). *O estudo da função sexual e gonadal nas adolescentes com epilepsia.* Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Weinberg, M. S. & Williams, C. J. (2010). Men sexually interested in transwomen (MSTW): gendered embodiment and the construction of sexual desire. *Journal of Sex Research, 47(4), 374-383.*
- Weyers, S., Elaut, E., Sutter, P., Gerris, J., T'Sjoen, G., Heylens, G., Cuypere, G. & Verstraelen, H. (2009). Long-term assessment of the physical, mental, and sexual health among transsexual women. *Journal of Sexual Research, 6(4), 752-760.*
- Wilkie, L. A. (2010). *The lost boys of Zeta Psi: a historical archaeology of masculinity in a university fraternity.* California: University of California Press.

Winter, S. (2011). Transgender science: how might it shape the way we think about transgender rights? *Hong Kong Law Journal*, 41(1), 139-154.

Apêndice A

Tabela 2 - Distribuição dos artigos que constituem o corpus da revisão integrativa, segundo autores, ano de publicação, título, revista, sujeitos, metodologias e citação.

Nº	Autores e Nacionalidade	Ano	Títulos	Revista e Idioma	Sujeito	Metodologia	Citação
1	Don Kulick	1997	A man in the house: the boyfriends of Brazilian travesti prostitutes	Social Text (Inglês)	Travestis (sem número de sujeitos)	Entrevista	Kulick, 1997
2	Larissa Pelúcio (Brasil)	2006	Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem	Estudos Feministas (Português)	Travestis e homens (3 casais)	Entrevista	Pelúcio, 2006
3	Sally Hines (Reino Unido)	2006	Intimate transitions: transgender practices of partnering and parenting	Sociology (Inglês)	MtF ¹ , FtM ² e Travestis (3)	Entrevista	Hines, 2006
4	Walter Bockting, Autumn Benner e Eli Coleman (EUA)	2009	Gay and bisexual identity development among female-to-male transsexuals in North America: emergence of a transgender sexuality	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	FtM (25)	Questionário e Entrevista	Bockting, Benner et al., 2009
5	Nina T. Harawa, Jeffery Sweat Sheba e George Mary Sylla (EUA)	2010	Sex and condom use in a large jail unit for men who have sex with men (MSM) and male-to-female transgenders	Journal of Health Care for the Poor and Underserved (Inglês)	MtF e Homens Gays (101)	Questionário e Entrevista	Harawa, Sweat et al., 2010
6	Holly Devor (Canadá)	1993	Sexual orientation identities, attractions, and practices of female-to-male transsexuals	Journal of Sexual Research (Inglês)	FtM (46)	Questionário e Entrevista	Devor, 1993

¹ Transexual de homem para mulher (male to female)

² Transexual de mulher para homem (female to male)

7	Frank Lewins (Austrália)	2002	Explaining stable partnerships among FTMs and MTFs: a significant difference?	Journal of Sociology (Inglês)	MtF e FtM (sem número de sujeitos)	Teórico	Lewins, 2002
8	Jamil Rehman, Simcha Lazer, Alexandru E. Benet, Leah C. Sch Aefer, e Arnold Melman (EUA/Israel)	1999	The reported sex and surgery Satisfactions of 28 postoperative male-to-female transsexual patients	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF (28)	Questionário e Entrevista	Rehman, Lazer et al., 1999
9	Don Operario, Jennifer Burton, Kristen Underhill e Jae Sevelius (EUA/Inglaterra)	2008	Men who have sex with transgender women: challenges to category-based HIV prevention	Aids Behavior (Inglês)	Homens (46)	Entrevista	Operario et al., 2008
10	Rita M. Melendez e Rogerio Pinto (EUA)	2007	'It's really a hard life': love, gender and HIV risk among male-to-female transgender persons	Culture, Health & Sexuality (Inglês)	MtF (20)	Entrevista	Melendez & Pinto, 2007
11	Walter O. Bockting, Beatrice E. Robinson, J. Forberg, Karen Scheltema (EUA)	2005	Evaluation of a sexual health approach to reducing HIV/STD risk in the transgender community	Aids Care (Inglês)	MtF e FtM (181)	Questionário	Bockting, Robinson et al., 2005)
12	Tooru Nemoto, Don Operario, JoAnne Keatley, D. Villegas (EUA)	2004	Social context of HIV risk behaviours among male-to-female transgenders of colour	Aids Care (Inglês)	MtF (48)	Grupo Focal	Nemoto, Operario et al., 2004
13	Nicola R. Brown (Canadá)	2010	The sexual relationships of sexual-minority women partnered with trans men: a qualitative study	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	Mulheres (20)	Entrevista	Brown, 2010

14	George Brown, Thomas N. Wise, Paul T. Costa, Jeffrey H. Herbst, Peter J. Fagan e Chester W. Schmidt (EUA)	1996	Personality and characteristics and sexual functioning of 188 cross-dressing men	The Journal of Nervous and Mental Disease (Inglês)	MtF, Travestis e Homens (188)	Questionário	Brown, Wise et al., 1996
15	Kami A. Kosenko (EUA)	2010	Meanings and dilemmas of sexual safety and communication for transgender individuals	Health Communication (Inglês)	MtF, FtM, Travestis e Homens (41)	Entrevista	Kosenko, 2010
16	Maria Inês Lobato, Walter Jose Koff Carlo Manenti, Debora Da Fonseca Seger, Jaqueline Salvador, Maria Da Graca Borges Fortes, Analídia Rodolpho Petry, Esalba Silveira, Alexandre Annes Henriques. (Brasil)	2006	Follow-up of sex reassignment surgery in transsexuals: a Brazilian cohort	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF e FtM (19)	Questionário	Lobato et al., 2006
17	Anne A. Lawrence, Elizabeth M. Latty, Meredith L. Chivers, e Michael Bailey (EUA/Canadá)	2005	Measurement of sexual arousal in postoperative male-to-female transsexuals using vaginal photoplethysmography	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF (11) e Mulheres (72)	Questionário	Lawrence et al., 2005
18	Walter Bockting, Michael Miner, B. R. Simon Rosser (EUA)	2007	Latino men's sexual behavior with transgender persons	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	Homens (244)	Questionário	Bockting, 2007
19	Anne A. Lawrence (EUA)	2005	Sexuality before and after male-to-female sex reassignment surgery	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF (232)	Questionário	Lawrence, 2008
20	Jaimie F. Veale, Dave E. Clarke e Terri C. Lomax (Nova Zelândia)	2008	Sexuality of male-to-female transsexuals	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF (234) e Mulheres (127)	Questionário	Veale, Clarke et al., 2008

21	M R Joesoef, M gultommd, I D Iranamd, J S Lewis, J Smoran, T muhaiminmd e C A Ryan (Indonésia)	2003	High rates of sexually transmitted diseases among male transvestites in Jakarta, Indonesia	International Journal of STD & AIDS (Inglês)	Travestis (296)	Questionário	Joesoef, Gultom et al., 2003
22	Maria José Belza; A. Llácer; R. Mora, Luis De La Fuente; Jesús Castilla; Isabel Noguer e S. Cañellas (Espanha)	2000	Características sociales y conductas de riesgo para el VIH em um grupo de travestis y transexuales masculinos que ejercen la prostitución em la calle	Gaceta Sanitaria (Espanhol)	MtF e Travestis (132)	Questionário	Belza, Llaer et al., 2000
23	Lori A. Brotto, Darlynn Gehring, Carolin Klein, Boris B. Gorzalka, Sydney Thomson, e Gail Knudson (Canadá)	2005	Psychophysiological and subjective sexual arousal to visual sexual stimuli in new women	Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology (Inglês)	MtF (15)	Questionário	Brotto, Gehring et al., 2005
24	Stephen Chew, K. F. Tham, e S. S. Ratnam (Singapura)	1997	Sexual behaviour and prevalence of HIV antibodies in transsexuals	Journal of Obstetrics and Gynaecology Research (Inglês)	MtF e FtM (227)	Questionário	Chew, Tham et al., 1997
25	Meredith L. Chivers, Gerulf Rieger, Elizabeth Latty e Michael Bailey (Canadá)	2004	A sex difference in the specificity of sexual arousal	Psychological Science (Inglês)	Homens (69) e Mulheres e MtF (52)	Questionário	Chivers, Rieger et al., 2004
26	Meredith L. Chivers e J. Michael Bailey (Canadá)	2000	Sexual orientation of female-to-male transsexuals: a comparison of homosexual and nonhomosexual types	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	FtM (39)	Questionário	Chivers & Bailey, 2000
27	Richard A. Crosby e Nicole L. Pitts (EUA)	2007	Caught between different worlds: how transgendered women may be "forced" into risky sex	Journal of Sexual Research (Inglês)	MtF (17)	Entrevista	Crosby & Pitts, 2007

28	Griet De Cuypere, Guy T'Sjoen, Ruth Beerten, Gennaro Selvaggi, Petra De Sutter, Piet Hoebeke, Stan Monstrey, Alfons Vansteenwegen e Robert Rubens (Bélgica)	2005	Sexual and physical health after sex reassignment surgery	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF e FtM (55)	Questionário	De Cuypere, T'Sjoen et al., 2005
29	Christopher T. Daskalos (EUA)	1998	Changes in the sexual orientation of six heterosexual male-to-female transsexuals	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF e FtM (20)	Entrevista	Daskalos, 1998
30	Adnan A. Khan, N Rehan, K Qayyum e A Khan (Pasquitão)	2008	Correlates and prevalence of HIV and sexually transmitted infections among Hijras (male transgenders) in Pakistan	International Journal of STD & AIDS (Inglês)	MtF (409)	Questionário	Khan, Rehan et al., 2008
31	Evie Kins, Piet Hoebeke, Gunter Heylens, Robert Rubens e Griet De Cuypere (Bélgica)	2008	The female-to-male transsexual and his female partner versus the traditional couple: a comparison	Journal of Sex & Marital Therapy (Inglês)	Mulheres (18)	Questionário	Kins, Hoebeke et al., 2008
32	Baruch Modan, Reuven Goldschmidt, Ethan Rubinstein, Ami Vonsover, Manon Zwz, Rachel Golan, Angela Chetrit e Tamar Gottlieb-Stematzky (Israel)	1992	Prevalence of HIV antibodies in transsexual and female prostitutes	American Journal of Public Health (Inglês)	MtF (36) e Mulheres (108)	Questionário	Modan, Goldschmidt et al., 1992
33	Tooru Nemoto, Don Operario, Joanne Keatley, Lei Han, e Toho Soma (Inglaterra)	2004	HIV risk behaviors among male-to-female transgender persons of color in San Francisco	American Journal of Public Health (Inglês)	MtF (332)	Questionário	Nemoto, Operario et al., 2004

34	Sari L. Reisner, Brandon Perkovich e Matthew J. Mimiaga (EUA)	2010	A mixed methods study of the sexual health needs of new england transmen who have sex with nontransgender men	Aids Patient Care And STDs (Inglês)	FtM (16)	Questionário e Entrevista	Reisner, Perkovich et al., 2010
35	Douglas P. Schrock e Lori L. Reid (EUA)	2006	Transsexuals' sexual stories	Archives of Sexual Behavior (Inglês)	MtF (9)	Entrevista	Schrock & Reid, 2006
36	Wing Foo Tsoi (Singapura)	1993	Follow up study of transsexuals after sex-reassignment surgery	Singapore Medical Journal (Inglês)	MtF (45) e FtM (36)	Questionário e Entrevista	Tsoi, 1993
37	Steven Weyers, Els Elaut, Petra De Sutter, Jan Gerris, Guy T'Sjoen, Gunter Heylens Griet De Cuypere e Hans Verstraelen (Bélgica)	2009	Long-term assessment of the physical, mental, and sexual health among transsexual women	Journal of Sexual Medicine (Inglês)	MtF (50)	Questionário	Weyers, Elaut et al. 2009
38	Maria José De Oliveira Benites (Brasil)	1996	Fantasia sexuais dos "travestis"	Revista Brasileira de Sexualidade Humana (Português)	Travestis (12)	Entrevista	Benites, 1996
39	Martin S. Weinberg e Colin J. Willians (EUA)	2010	Men sexually interested in transwomen (MSTW): gendered embodiment and the construction of sexual desire	Journal of Sexual Research (Inglês)	Homens (43)	Entrevista	Weinberg & Williams, 2010

Apêndice B

Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Nome
 Idade
 Profissão
 Cidade de origem
 Escolaridade
 Orientação sexual
 Como se define (mulher, homem, travesti, transexual)?
 Fez a cirurgia de redesignação sexual? Se não, pensa em fazer?

Relacionamentos afetivos

Questão norteadora: “Pensando nos seus relacionamentos afetivos, eu gostaria que você me falasse como começou sua vida afetiva e sexual.”

Questões de aprofundamento:

Já teve namorados/as? Quantos?
 Já foi casada? Se sim, quanto tempo?
 Como seu parceiro/cônjuge se definia?
 Qual era a orientação sexual dele/a?
 Tem relacionamento atualmente. Se sim, há quanto tempo? Como se conheceram?
 Como seu/sua parceiro/a se define?
 Como seria seu parceiro/a ideal?

Sexualidade

O que é sexo pra você?
 Qual a importância da sua vida sexual no seu bem-estar?
 O que é prazer sexual pra você?
 O que não pode faltar em relação ao sexo?
 Você está satisfeito com sua vida sexual atualmente? Se não, o que mudaria?
 Você já se sentiu atraída por pessoas do mesmo sexo?

Relações e práticas sexuais

Quando foi sua primeira relação sexual? Com quem? Como foi?
 Você sentiu prazer em sua primeira relação sexual?
 Você chegou ao orgasmo na sua primeira relação sexual?
 Que práticas sexuais você teve na sua primeira relação sexual?
 Como você imaginava que seria a sua primeira relação sexual?
 Quando foi sua última relação sexual? Com quem? Como foi?
 Que práticas sexuais teve na sua última relação sexual?
 Você sentiu prazer na sua última relação sexual?
 Você chegou ao orgasmo na sua última relação sexual?
 Você costuma ter preliminares nas suas relações sexuais?
 Qual a importância das preliminares para você? E para seu parceiro?
 Que prática sexual dá mais prazer a você?
 Como você se sente após uma relação sexual?
 Você se masturba? Com que frequência?
 Fora os atos sexuais, quais são os sentimentos ou as sensações que lhe dão prazer?

Fantasias e fetiches

Qual foi a fantasia sexual que você já realizou?
Você tem alguma fantasia sexual que ainda não realizou?
Você tem algum fetiche? Se sim, qual?
Você já fez sexo com duas (ou mais) pessoas ao mesmo tempo?
Você já pagou por sexo?
Já te pagaram por sexo?
Você já viu um filme pornô? Que tipo de filme costuma assistir?
Você já fez uso de *sites* pornôs?
Você já fez troca de casais?
Você já frequentou *dark room* (quarto escuro em boates)?
Você já frequentou saunas?
Você já frequentou cinemas pornôs?

Saúde sexual

Você usa preservativo no sexo anal? (quando recebe? quando penetra?)
Você usa preservativo no sexo oral? (quando recebe? quando faz no parceiro?)
Você usa preservativo no sexo vaginal (para trans operada)?
Você já teve uma doença sexualmente transmissível? Se sim, qual e como descobriu?
Você já fez teste para AIDS?
Você já teve algum problema relacionado à sexualidade (problemas de ereção, dor, dificuldade de atingir o orgasmo, ejaculação precoce, falta de desejo sexual)

Apêndice C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu me chamo Rafael Alves Galli, sou mestrando do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) e, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, que é psicólogo e professor da FFCLRP-USP, estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer melhor a vida sexual de transexuais e travestis.

A finalidade deste estudo é gerar conhecimento para auxiliar o desenvolvimento de serviços assistenciais e políticas públicas de saúde voltadas para a população LGBT. Ao aceitar participar você estará contribuindo para que se saiba mais sobre os sentimentos, desejos e necessidades das/dos transexuais e das travestis, com isso, os profissionais poderão ajudar melhor você e outras pessoas que vivem tal experiência.

Faz parte do estudo conhecer a vida sexual e afetiva de cada participante, por meio de uma conversa individual. Caso esteja de acordo, você participará de uma entrevista com perguntas relacionadas à sua vida sexual e afetiva. Eu gravarei essa conversa, se for permitido por você. O motivo de estar gravando é para não se perder nada do que me for dito, evitando passar despercebido algum detalhe importante.

Tudo o que você disser será utilizado apenas para os fins de estudo científico e você não será identificada em momento algum, podendo até escolher outro nome (fictício) caso desejar.

Mesmo depois de começarmos a entrevista você poderá desistir a qualquer momento de participar do estudo, caso não concorde ou não se sinta mais à vontade para prosseguir.

Você não corre nenhum risco significativo ao participar dessa pesquisa. Contudo, alguns conteúdos abordados pela pesquisa podem trazer algum tipo de desconforto psicológico. Caso aconteça de você experimentar algum tipo de desconforto, poderá conversar comigo, que sou psicólogo e psicoterapeuta. Se necessário, será oferecida a possibilidade de você ser encaminhado para receber atendimento psicológico vinculado ao Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual (VIDEVERSO), da FFCLRP-USP.

Eventuais despesas que você tiver para participar dessa pesquisa, tais como custos com transporte e refeições, serão ressarcidas pelo pesquisador.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Diante do exposto, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, recebendo uma cópia desse Termo, o que me permitirá entrar em contato com os pesquisadores em algum outro momento, caso eu deseje ou sinta necessidade de obter novos esclarecimentos a respeito do estudo.

Eu recebi uma cópia deste termo e a possibilidade de lê-lo.

Ribeirão Preto,..... de de 2013.

Nome da Participante:..... RG:.....

Assinatura da Participante:.....

Assinatura do Pesquisador-responsável:

Fone para contato: (16) 3602 3645, de 2ª a 6ª feira, das 8 às 17 horas (telefone do trabalho).

Endereço: FFCLRP-USP. Departamento de Psicologia e Educação. Centro de Psicologia e Pesquisa Aplicada. Bloco 5. Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901 - Ribeirão Preto - SP.

Anexo 1

Aprovação do Comitê de Ética da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP**

Of.CEtP/FFCLRP-USP/014/-jsl

Ribeirão Preto, 29 de março de 2011.

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "**VIDA SEXUAL-AFETIVA E PRÁTICAS SEXUAIS DA POPULAÇÃO TRANS**" foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 530/2010 - 2010.1.1902.59.0.

Atenciosamente,


Prof.^a Dr.^a ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

Ilustríssimo Senhor
Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos
Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP